

A polícia não pode ajudá-lo.
A imprensa irá destruí-lo.
Só lhe resta uma saída.

JAMES PATTERSON

PRIVATE

AGÊNCIA INTERNACIONAL DE INVESTIGAÇÕES

& MAXINE PAETRO



A polícia não pode ajudá-lo.
A imprensa irá destruí-lo.
Só lhe resta uma saída.

JAMES PATTERSON

PRIVATE

AGÊNCIA INTERNACIONAL DE INVESTIGAÇÕES

& MAXINE PAETRO

PRIVATE



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

JAMES PATTERSON



& MAXINE PAETRO



Título original: *Private*
Copyright © 2010 por James Patterson
Copyright da tradução © 2012 por Editora Arqueiro Ltda.
Publicado mediante acordo com Little, Brown and Company, New York, New York, USA.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob
quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Débora Isidoro
preparo de originais: Rachel Agavino
revisão: Ana Lúcia Machado e Caroline Mori
diagramação: Abreu's System
capa: Karen Horton
design de título: James Montalbano / Terminal Design
imagem de capa: Veronica Gradinariu / Trevillion Images
adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

P597p

Patterson, James, 1947-
Private [recurso eletrônico] / James Petterson e Maxine Paetro; [tradução de Débora Isidoro]. São
Paulo: Arqueiro, 2012.
recurso digital

Tradução de: Private
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-096-9 (recurso eletrônico)

1. História de suspense. 2. Ficção americana. 3. Livros eletrônicos. I. Paetro, Maxine. II. Isidoro,
Débora. III. Título.

12-5611

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Suzie e John, Brendan e Jack

PRÓLOGO

VOCÊ ESTÁ MORTO, JACK

capítulo 1

DE ACORDO COM MINHAS LEMBRANÇAS compreensivelmente prejudicadas, a primeira vez que morri foi mais ou menos assim:

Os morteiros explodiam à minha volta, produzindo o que parecia uma chuva de lâminas de barbear. Eu carregava nos ombros o cabo da Marinha Danny Young. Eu adorava aquele cara. Era o soldado mais corajoso ao lado do qual eu já havia lutado, divertido como nenhum outro e, acima de tudo, *cheio de esperança* – a esposa o esperava, no Texas, grávida do quarto filho do casal.

O sangue de Danny encharcava meu uniforme, respingando nas botas como água saindo de um cano furado.

Eu corria pelo terreno rochoso no escuro.

– Peguei você – falei para Danny, com a voz abafada. – Continue comigo, *está ouvindo?*

A alguns metros do helicóptero, eu o pus no chão. De repente houve uma explosão violenta, como se o solo se abrisse à nossa volta. Senti um forte impacto no peito e esse foi o fim.

Morri. Passei para o outro lado. Nem sei quanto tempo fiquei desacordado.

Mais tarde, Del Rio me contou que meu coração havia parado.

Só me lembro da dor, de flutuar para a luz e do cheiro horrível de combustível de aviação.

Abri os olhos e vi o rosto de Del Rio perto do meu, suas mãos pressionando meu peito. Ele ria e chorava ao mesmo tempo.

– Jack, seu filho da mãe, você voltou – disse ele.

Uma densa cortina de fumaça preta nos cercava. Danny Young estava deitado ao meu lado, as pernas dobradas em ângulos estranhos. Atrás de Del Rio estava o helicóptero, ardendo em chamas vibrantes, prestes a explodir.

Meus companheiros ainda estavam lá. Meus amigos. Homens que arriscaram a vida por mim.

Quase sufocando, consegui dizer algumas palavras:

– Temos que tirá-los de lá.

Del Rio fez o que podia para me deter, mas consegui acertar uma cotovelada em seu queixo, fazendo-o cair para trás. Comecei a correr para o pássaro de metal cuja pele de magnésio pegava fogo.

Havia fuzileiros navais lá dentro e eu precisava salvá-los.

O ruído pavoroso de uma metralhadora calibre 50 chegou aos meus ouvidos.

Munição explodia dentro da aeronave.

– *Para o chão, seu idiota! Jack, para o chão!* – gritou Del Rio.

Senti cada um de seus 85 quilos quando ele se atirou sobre mim e me derrubou, enquanto o helicóptero desaparecia numa bola de chamas vorazes. Eu não estava morto, mas muitos de meus amigos estavam. Juro por Deus que teria trocado minha vida pela deles.

Acho que isso diz muito sobre mim – e não sei se são coisas boas. Você vai ver e poderá julgar.

Sente-se. A história é longa, mas é boa.

capítulo 2

FAZIA DOIS ANOS QUE EU voltara do Afeganistão e da guerra. Não via meu pai havia mais de um ano e não tinha motivo para querer vê-lo de novo. Mas ele telefonou e disse que tinha algo importante para me contar. Falou que era urgente e que essa revelação mudaria minha vida.

Meu pai era um desgraçado mentiroso e manipulador, mas conseguiu despertar minha curiosidade. Por isso lá estava eu, passando pelo imponente portão de visitantes da Prisão Estadual da Califórnia, em Corcoran.

Dez minutos depois, estava sentado diante da divisória de vidro e vi meu pai se acomodar do outro lado, sorrindo para mim, mostrando os dentes falhados. Ele fora bonito no passado, mas agora parecia um Harrison Ford viciado em metanfetamina.

Ele pegou o fone, e fez a mesma coisa do meu lado da divisória.

– Você parece ótimo, Jack. A vida deve estar sendo gentil com você.

– Você emagreceu – falei em resposta.

– A comida aqui é para ratos, filho.

Meu pai retomou a conversa do ponto em que havíamos parado na última vez que eu o visitara. Estava me dizendo que não havia mais ladrões cavalheiros, apenas criminosos.

– Matam balconistas de lojas de conveniência. Transformam um assalto numa sentença de morte. E por quê? Para roubar 100 dólares?

Ouvi-lo me dava dor de cabeça e me deixava com as costas e a nuca rígidas. Ele xingava negros e hispânicos de idiotas, mas estava lá dentro cumprindo prisão perpétua por extorsão e assassinato. A mesma pena, no mesmo lugar onde estavam os criminosos. Eu me envergonhava de todos os anos que o tomara como exemplo, fazendo o impossível para ganhar um “boa, garoto!”, em vez de uma bofetada.

– Quer saber de uma coisa, Tom? – falei. – Vou ter uma conversa com o carcereiro.

Vamos ver se consigo transferi-lo para um hotel cinco estrelas.

– Prometo que não vai se arrepender – respondeu ele, rindo.

Finalmente sorri.

– Você não muda.

Meu pai deu de ombros e retribuiu o sorriso.

– Por que mudaria, Jack?

Notei que havia novas tatuagens em seus dedos. Meu nome na mão esquerda e o de meu irmão gêmeo na direita. As mesmas mãos que ele usava para bater em nós. Tamborilei no balcão de madeira.

– Estou incomodando você? – perguntou meu pai.

– Ah, não. É que estacionei o carro na frente de um hidrante.

Meu pai riu outra vez e disse:

– Olho para você e me vejo. Quando eu era um idealista.

Narcisista filho da mãe. Ele ainda acreditava que era meu ídolo, o que não poderia estar mais distante da verdade.

– Jack, preciso lhe fazer uma pergunta séria. Você gosta de trabalhar para aquele tal de Pinkus, um detetivezinho particular inútil e patético?

– Prentiss. Aprendi muito com ele. Estou satisfeito. Sou bom no que faço.

– Está perdendo seu tempo, Jack. E tenho uma oferta melhor. – Ele parou, certificando-se de que havia chamado minha atenção. Depois prosseguiu: – Quero que assuma o comando da Private.

Imagino que ele tenha chegado à parte que deveria mudar minha vida.

– Pai. Você esqueceu? Tudo o que sobrou da Private foi um monte de armários de arquivos num depósito.

– Você receberá uma encomenda amanhã – continuou meu pai, como se eu não tivesse falado nada. – É uma lista de todos os meus clientes e o que descobri sobre cada um deles. E também um documento passando para o seu nome minha conta bancária nas ilhas Cayman. Quinze milhões de dólares, Jack. É tudo seu. Faça o que quiser com eles.

Arqueei as sobrancelhas. A Private já fora uma agência de investigações de alto nível, com clientes que incluíam estrelas de cinema, políticos, multimilionários e até a Casa Branca. Meu pai cobrava tão caro quanto podia por seus serviços. Mas 15 *milhões*? Como ele ganhara tanto dinheiro? Será que eu realmente queria saber?

– Qual é a pegadinha? É nisso que está pensando, não é? – disse ele. – Simples. Não conte a seu irmão sobre o dinheiro. Ele cheirou ou perdeu no jogo tudo o que lhe dei. Essa é a sua herança, Jack. Estou tentando fazer o que é certo pelo menos uma vez na vida.

– Você não me ouviu dizer que estava satisfeito na Prentiss?

– Queria que você pudesse ver a sua cara, Jack. Escute. Pare de bancar o “gêmeo bonzinho” por um segundo e pense nisso. Não existe dinheiro bom e dinheiro ruim. É tudo igual. Não passa de um instrumento de troca. E essa é uma grande oportunidade. Uma chance de 15 milhões de dólares. Quero que a Private seja lembrada como a melhor. Você é um garoto esperto, tem boa aparência e, ainda por cima, é um herói de guerra. Traga a Private de volta à vida. Faça isso por mim e, mais importante, por você mesmo. Não dê as costas para algo tão bom. Faça da Private a melhor do mundo. Você tem o dinheiro, o talento... e a paixão para isso.

Um guarda tocou no ombro de meu pai. Ele pôs o fone no gancho, olhou para mim com uma ternura que eu não via desde os 5 ou 6 anos e disse:

– Tenha a vida que merece, Jack. Faça coisas grandiosas.

Ele tocou na divisória de vidro com uma das mãos e depois se virou.

Uma semana após minha visita a Corcoran, meu pai levou uma facada no fígado. Três dias depois, Tom Morgan estava morto.

PARTE UM

**CINCO ANOS DEPOIS E
TUDO SAINDO CONFORME
O PLANEJADO**

capítulo 1

NÃO SEI EXATAMENTE POR QUÊ, mas as pessoas confiam a mim seus segredos. Deve ser alguma coisa na minha cara, provavelmente meus olhos. Guinevere Scott-Evans resolveu se arriscar e, há dois meses, confiou a mim sua vida e sua carreira.

Ela agora segurava minha mão, enquanto eu a ajudava a descer do meu Lamborghini azul. Guinevere movia o quadril estreito com elegância, ajeitando o vestido preto de caimento perfeito. Ela era linda, uma grande estrela de cinema, além de genuinamente divertida e inteligente o bastante para ter se formado na Universidade Vanderbilt.

Esta noite eu era o acompanhante de Guin na cerimônia de entrega do Globo de Ouro. Era sua maneira de me agradecer por ter desmascarado seu marido, um astro do rock que a traía com outro homem.

Eu sabia que Guin estava sofrendo, embora exibisse uma expressão alegre durante a cerimônia. Ela queria ser vista com um *gato*, como ela mesma dissera, e eu sabia que também queria se sentir desejável.

– Vai ser divertido, Jack – disse ela, apertando de leve meus dedos. – Nossa mesa é excelente. Estaremos acompanhados do pessoal da Columbia Pictures e de Matt, é claro.

Guin concorria ao Globo de Ouro de melhor atriz coadjuvante por seu papel como par romântico de Matt Damon. Eu acreditava que ela tinha chances de ganhar. E é claro que estava torcendo por ela. Gostava muito de Guin.

Os fãs na frente do Beverly Hilton se divertiam com o programa que antecedia a premiação, gritando o nome de Guin enquanto nos dirigíamos à área restrita.

As câmeras disparavam freneticamente. Um fã virou seu telefone celular na minha direção, perguntando se eu era alguém importante.

– Está brincando? Sou só um acompanhante – respondi, rindo.

Guin soltou minha mão para abraçar Ryan Seacrest, que a levou para baixo dos holofotes. Era *ela* que os fãs queriam, mas Guin passou um braço em torno da minha cintura e me puxou para seu lado.

Seacrest foi em frente, elogiou o corte do meu smoking e perguntou meu nome. Ele franziu a testa enquanto tentava lembrar se me conhecia, mas então Scarlett Johansson chegou, disse “Oi, Jack”, e Guin e eu fomos convidados a seguir pelo tapete vermelho que se estendia entre as fileiras de espectadores na entrada do Beverly Hilton.

Péssima hora para meu celular tocar.

– Não atenda, Jack – disse Guin. – Você está de folga. Esta noite, você é só meu, certo? – Seu sorriso perdeu parte do brilho e vi a preocupação cobrir seus belos traços. – Certo, Jack?

Olhei para a tela do celular.

– Vai levar só um segundo.

Eu mal podia acreditar nisso, mas era o número de Andy Cushman. Ele era uma fortaleza, mas a voz do outro lado da linha estava embargada pelas lágrimas.

– Jack, preciso que você venha à minha casa. Você tem que vir aqui imediatamente.

– Andy, de verdade, este não é um bom momento. O que aconteceu?

– Shelby... *Ela está morta, Jack.*

capítulo 2

MMORTA? SHELBY NÃO PODIA estar morta. Devia haver algum engano. Mas como isso seria possível?

Fui eu quem apresentara Shelby a Andy. Fora padrinho do casamento deles menos de seis meses antes. Jantara com os dois no Musso & Frank na semana anterior. Andy me contara que eles chamariam o primeiro filho de Jack. Não John, nem Jackson. Jack. Apenas Jack.

Será que Shelby tivera um infarto? Tão jovem? Ou teria sido um acidente de carro? Andy não dissera, mas estava devastado. E o que feria Andy também me atingia.

Pus algumas notas na mão de um manobrista, conduzi Guin, visivelmente aborrecida, até o salão principal enquanto pedia desculpas, e a deixei aos cuidados de Matt Damon. Quando voltei à rua, meu carro já estava à minha espera.

Em choque, dirigi para a casa dos Cushman em alta velocidade, tirando proveito da potência do motor de meu incrível carro esportivo. O veículo havia sido presente de um cliente cujo terrível segredo eu guardara. Quando não estava na oficina para reparos, o carro era um ímã para os policiais.

Reduzi a velocidade ao entrar em Bluffs, no bairro de Pacific Palisades, bem policiado e com pequenas lojas e residências à beira-mar. Dez minutos depois, parei na entrada de veículos da casa de Andy.

A noite se aproximava. Não havia nenhuma luz acesa e a porta da frente estava aberta, com o batente quebrado.

Será que alguém tinha invadido a casa? Eu não acreditava nisso, mas peguei minha arma no porta-luvas antes de entrar.

Três anos no comando de um CH-46 em tempos de guerra haviam aguçado minha acuidade visual. Eu tinha me acostumado a me manter atento à leitura dos instrumentos e, no instante seguinte, checar o solo em

busca de movimento, poeira, fumaça, reflexos, silhuetas humanas ou flashes de luz.

Como investigador, tinha outra aplicação prática para minha capacidade incomum de perceber anomalias. Era capaz de olhar para uma cena e ver quase instantaneamente o que estava fora do lugar: uma gota de sangue aleatória, uma mancha numa parede pintada, um fio de cabelo no tapete.

Quando entrei na casa dos Cushman, analisei a sala de estar em busca de sinais. As almofadas estavam em ordem. Os tapetes estavam perfeitamente esticados. Livros e quadros estavam em seus devidos lugares.

Chamei Andy e ele respondeu.

– Jack? *Jack*. Estou aqui no quarto. Venha, por favor.

Mantive a arma preparada. Eu empunhava minha Kimber .45 personalizada enquanto percorria os aposentos amplos a caminho da suíte principal, que ficava numa ala exclusiva nos fundos da casa.

Tateei a parede em busca do interruptor e acendi a luz. Andy estava sentado na lateral da cama, inclinado para a frente, segurando a cabeça entre as mãos ensanguentadas.

Meu Deus! O que havia acontecido?

Ao contrário da sala de estar, parecia que um furacão tinha passado pelo quarto. Abajures e porta-retratos foram quebrados. A televisão havia sido arrancada da parede, mas o fio ainda estava preso à tomada.

As roupas e os sapatos de Shelby estavam espalhados pelo quarto, jogados aleatoriamente. *Oh, meu Deus do céu!*

Shelby estava deitada de costas no meio da cama, nua e morta.

Tentei absorver todos os detalhes, mas era impossível compreender a cena. Ela havia levado um tiro na testa. Considerando o acúmulo de sangue nos lençóis de cetim branco, parecia que levara também um segundo tiro, no peito.

O choque fez meus joelhos tremerem. Lutei contra o impulso de correr para Andy, de correr para *Shelby*. Eu não podia; não devia fazer isso. O simples fato de entrar naquele quarto poderia contaminar a cena do crime.

– Andy, o que aconteceu aqui?

Ele levantou a cabeça e olhou para mim, seu rosto redondo estava muito pálido, os olhos injetados, os óculos tortos. Seu rosto e suas mãos estavam ensanguentados. Quando falou, a voz soou trêmula:

– Alguém matou Shelby. Atirou nela assim, sem mais nem menos. Você tem que descobrir quem fez isso, Jack. Tem que encontrar o desgraçado que matou Shelby.

Em seguida, meu melhor amigo desabou e chorou como uma criança. O mais difícil era que eu também tinha visto Andy chorar quando era um menino.

capítulo 3

SENTI O CHÃO SE MOVER sob meus pés, mas sabia que Andy precisava que eu pensasse por nós dois. Manter a cabeça fria em casos de emergência, essa devia ser minha principal característica profissional. Eu era Jack Morgan, certo?

Pedi que Andy ficasse onde estava, fui até o carro e voltei com uma MD 80, a melhor câmera para fotografar cenas de crimes que já havia sido fabricada.

Contava com lente de visão noturna, GPS e o menu estava disponível em diversos idiomas – para o caso de eu precisar ser avisado em farsi ou mandarim sobre um deslize qualquer, como, por exemplo, ter me esquecido de remover a tampa da lente.

Parado à porta do quarto, tirei uma dúzia de fotos, capturando todos os detalhes em que pude pensar.

Enquanto batia as fotos, tentei imaginar o que poderia ter acontecido ali no momento do assassinato.

Além do sangue na cama e em Shelby, não havia nenhuma outra pista óbvia: nada de respingos ou marcas nas paredes nem rastros ou pingos no chão. Era praticamente certo que ela tinha sido morta na cama. Imaginei Shelby se encolhendo contra a cabeceira no momento em que o invasor apareceu no quarto.

Ele deve tê-la obrigado a se deitar e ficar quieta. Depois disparou duas vezes –no peito e na testa. Ela perdeu muito sangue e então morreu.

Qualquer que tenha sido o motivo distorcido do invasor, estava claro que não havia sido um assalto. Shelby ainda estava com o anel de noivado no dedo e um diamante ainda maior pendia de uma corrente em seu pescoço. Sua bolsa Hermès estava sobre a cômoda, fechada.

Se não fora uma tentativa de assalto, o que havia sido?

Ocorreu-me uma ideia que qualquer investigador de homicídios teria. Será que Andy matara a esposa? Foi por isso que me chamara? Porque eu provavelmente seria a melhor pessoa em Los Angeles para lidar com a situação, apagar os rastros.

Comecei a falar com meu amigo num tom calmo, dizendo que sentia muito e estava chocado. Depois, pedi a ele que deixasse Shelby onde ela estava e que me acompanhasse.

– Precisamos conversar sobre o que aconteceu, Andy. E tem que ser agora.

Ele se dirigiu à porta, gemeu e caiu sobre mim.

Amparei Andy e o conduzi até a sala de estar, onde o acomodei numa cadeira. Sentei-me no sofá, me mantendo deliberadamente afastado de meu amigo. Os dez minutos seguintes seriam ruins para nós dois.

Comecei pelas perguntas mais fáceis:

– Você chamou a polícia?

– Eu... não queria a polícia aqui antes de falar com você. Por isso não chamei ninguém.

– Andy, você tem alguma arma em casa?

Ele negou com a cabeça.

– Não. Nunca tive. Tenho pavor de armas. Você sabe disso.

– Tudo bem. Muito bom. Notou se está faltando alguma coisa?

– O cofre fica na biblioteca. Entrei pela garagem. Passei pelo escritório e deixei minha pasta na biblioteca antes de ir até o quarto... Tudo parecia normal. Eu não sei, Jack. Não estava pensando na possibilidade de ter havido um assalto. Não consigo me concentrar agora...

Fiz mais perguntas. Andy respondeu a todas elas olhando para mim como se eu fosse um bote salva-vidas e ele, um naufrago perdido no mar revolto. Contou que vira Shelby pela última vez naquela manhã, ao sair para o trabalho, e que falara com ela ao telefone quando estava no carro, cerca de uma hora antes. Tudo parecia bem.

– Preciso fazer uma pergunta difícil – avisei. – Você ou ela estavam envolvidos com outra pessoa?

Andy me olhou como se eu tivesse enlouquecido e depois disse:

– Eu, Jack? Não. E Shelby? Ela me amava. Não tinha motivos para se envolver com outra pessoa. Estávamos completamente apaixonados. Nunca pensei que pudesse sentir por alguém o que sentia por Shelby. Estávamos tentando ter um filho.

Respirei fundo para manter a calma e então prossegui:

– Alguém ameaçou você ou Shelby?

– Pelo amor de Deus, sou só um contador, Jack. E quem iria querer matar Shelby? Ela era um amor. Todos a adoravam...

Aparentemente não.

– Você precisa me dizer a verdade, Andy. Teve alguma coisa a ver com isso? – tive que perguntar.

Em cerca de cinco segundos, a expressão de Andy passou da tristeza ao choque e, depois, à fúria.

– Está mesmo me perguntando *isso*? Você sabe quanto eu a amava. Vou lhe dizer agora e espero nunca mais ter que repetir: *Eu não matei Shelby, Jack*. E não sei quem foi. Não consigo imaginar esse absurdo acontecendo. Não consigo, Jack.

A noite caía. Estendi a mão para acender um abajur. Andy olhava para mim como se eu tivesse lhe dado um soco no rosto.

Meu Deus, eu era seu melhor amigo.

– Acredito em você – falei. – Mas a polícia vai submetê-lo a um interrogatório duro. Está entendendo? O marido é sempre o suspeito número um.

Ele fez que sim com a cabeça e voltou a chorar.

Eu me levantei e fui até o hall de entrada. De lá, telefonei para a casa do chefe de polícia Michael Fescue. Nós tínhamos nos tornado amigos nos últimos anos. Ele estava deprimido por causa do trabalho, mas era um bom homem e eu confiava nele.

Fiz um resumo do caso para Fescue, expliquei que Andy e eu éramos amigos de infância, que tínhamos pertencido à mesma fraternidade na Universidade Brown e que seria capaz de pôr minha mão no fogo pelo caráter dele.

Fiquei ao lado de Andy quando a polícia e a perícia chegaram. Ouvi quando ele disse ao detetive que Shelby não tinha nenhum inimigo.

Porém, quem a matara havia deixado claro uma coisa importante.

Aquilo não fora apenas uma execução.

Era uma questão pessoal.

capítulo 4

JUSTINE SMITH ERA UMA ELEGANTE morena de trinta e poucos anos, com uma inteligência brilhante e uma seriedade indiscutível. Psiquiatra especialista em traçar perfis de criminosos, ela era o braço direito de Jack Morgan na Private. Os clientes confiavam nela quase tanto quanto em Jack. Todos a adoravam.

Naquela noite, ela estava jantando com o procurador do distrito de Los Angeles, Bobby Petino. Os dois eram melhores amigos e amantes. Ele viera transferido de Nova York e era grande conhecedor da culinária italiana. Havia feito uma surpresa a Justine ao buscá-la após o trabalho e levá-la ao Giorgio Baldi's, em Santa Mônica.

O restaurante, de administração familiar, era aconchegante e casual e um dos favoritos de Bobby. As mesas iluminadas por velas ficavam próximas umas das outras, confortavelmente íntimas. Vários clientes ali reunidos eram grandes celebridades, mas Bobby não tinha olhos para ninguém além de Justine. Nem mesmo para Johnny Depp e Denzel Washington, que entraram rindo e brincando, como se a vida fosse só um filme divertido.

Quando Giorgio serviu a fumegante massa caseira, Bobby brindou, tocando a taça de vinho de Justine com a sua. *Não havia ninguém ali além deles dois.*

– Sabe de uma coisa? – começou Justine. – Adoro uma surpresa capaz de melhorar um dia muito ruim. Isso tudo é perfeito. Obrigada.

– Se concentrar só no trabalho, sem diversão, a deixaria deprimida. E isso não pode acontecer.

– Agora é oficial. Meu dia horroroso ficou para trás. Estive ajudando em um caso terrível do escritório em San Diego, mas por hoje já chega de trabalho.

Justine sorriu, mas Bobby baixou um pouco o olhar, como se houvesse alguma coisa que não quisesse dizer a ela. Normalmente, eram bons em ler as intenções um do outro, mas, nesse momento, Justine não tinha ideia do que o incomodava.

– O que está acontecendo? Por favor, não me obrigue a adivinhar.

– Recebi um telefonema do chefe de polícia. Eu ia lhe contar *depois* do jantar. Juro. Outra colegial foi morta. Acabaram de encontrar o corpo.

Justine estava a ponto de perder a cabeça. Ela esbarrou na taça de vinho e não tentou evitar que a bebida se derramasse sobre a mesa. O brilho desapareceu de seus olhos, os pensamentos voltaram aos dias horríveis de um passado recente.

Imagens de autópsias invadiram sua mente: adolescentes assassinadas nos dois últimos anos. Todas estavam no ensino médio e moravam em Los Angeles, a maioria nos bairros da região leste. A última garota fora encontrada morta um mês antes.

A polícia e a mídia tinham dado tanta atenção ao caso que Justine chegara a acreditar que o assassino desapareceria por um tempo, ou até mesmo desistiria. Talvez estivesse preso. Ou morto. Não seria ótimo?

Mas Bobby acabara de destruir essa fantasia – e pelo menos mais uma que ela tivera para essa noite, que apresentava algumas possibilidades aos dois.

capítulo 5

— **P**RECISO TELEFONAR PAR JACK IMEDIATAMENTE – disse Justine para Bobby. – Tenho que ligar. Droga. *Droga!*

Ele esticou o braço e afagou a mão dela sobre a mesa.

– Já liguei para ele. Sua carona vai chegar em 20 minutos. E você vai passar boa parte da noite acordada, Justine. Coma um pouco, querida. Por favor. Vai me agradecer por tê-la obrigado a comer.

Um garçom pôs um guardanapo limpo na mesa e encheu novamente a taça de Justine com vinho, ela, porém, não notava mais o que acontecia à sua volta. Pegou o garfo e espetou um *tortellini* para satisfazer Bobby e para que não precisasse falar nada enquanto repassava o caso mentalmente.

As 11 garotas foram mortas por métodos diferentes. Isso era *muito* incomum.

As armas do assassino haviam sido retiradas das cenas dos crimes, bem como bolsas e mochilas das vítimas. O criminoso sempre levava algum troféu: uma mecha de cabelo, lentes de contato, uma calcinha, um anel. A polícia chamava isso de “lembrancinhas de assassinato”.

Então, numa manobra bizarra e audaciosa, o assassino enviara ao prefeito um e-mail impossível de rastrear, assumindo a autoria de um dos crimes.

Ele escreveu que havia enterrado os troféus de seu último crime num canteiro do lado de fora de um prédio comercial na esquina da rua Sunset com a Doheny.

Assinou a mensagem como “Steemcleena”, um nome que não revelava nada e ainda era uma incógnita.

O e-mail levou algum tempo para chegar ao servidor e mais tempo ainda para ser levado a sério.

Entretanto, três dias depois de a mensagem criptografada ter sido enviada, o canteiro foi escavado. Acharam uma sacola plástica. Dentro foram encontrados objetos da última vítima. Não havia material genético nos objetos, nem digitais ou qualquer outra pista. A única coisa que o assassino deixou para a polícia foi a humilhação de saber que ele ria a sua custa.

Justine se oferecera para prestar consultoria ao Departamento de Polícia de Los Angeles, o que foi prontamente aceito. Agora lembrava-se de como se sentira mal ao ver os objetos pessoais daquela garota. O assassino os manipulara, limpara e depois os mandara de volta à polícia com uma assinatura sem significado e um desafio.

Justine elaborou um plano. Para ter alguma chance de sucesso, uniu Jack Morgan e Bobby Petino.

Assim, num arranjo polêmico que havia insultado a divisão de homicídios da polícia de Los Angeles, a procuradoria distrital aceitara que a Private trabalhasse no caso como forma de serviço público, mas sem remuneração – *pro bono*.

E agora outra garota estava morta.

Bobby estava ao telefone celular e, ao mesmo tempo, tentava atrair a atenção dela:

– Justine. *Justine*. Sua carona chegou.

capítulo 6

DROGA! JUSTINE SE AGARROU À alça da porta do Mercedes S65 preto incrivelmente veloz quando Emilio Cruz, seu colega de trabalho, investigador na Private, virou à direita na Hyperion Avenue, na área de Silver Lake, leste de Los Angeles.

A pista de quatro faixas era ladeada por lojas e lanchonetes de todos os tipos, todas muito próximas da John Marshall High School, onde duas das vítimas do assassino estudavam.

– O que você sabe sobre essa última garota? – Justine finalmente perguntou a Cruz, olhando para ele.

Emilio Cruz não precisava se esforçar para ter uma boa aparência. Prendia o cabelo preto para trás com um elástico, vestia a velha jaqueta de couro sobre nada e ainda assim parecia um astro do cinema tentando passar despercebido.

Sua voz era muito suave.

– O nome da vítima é Connie Yu, tinha apenas 16 anos. Estava no terceiro ano e era uma espécie de gênio.

– Tão inteligente... Por que estava andando sozinha nessa rua? – questionou Justine.

– Esta é a *minha* área, Justine. As meninas daqui são corajosas demais para se comportar como se sentissem medo.

– Desculpe, Emilio. Estou me deixando levar pela frustração. Sinto-me desesperada e culpada. Por que não consigo pegar esse desgraçado?

– Nem me fale. Estou nisso com você, certo? *Pro bono*. Odeio trabalho voluntário.

Cruz também odiava perder. Odiava de verdade. Talvez até mais que Jack. Já havia sido um bem-sucedido caçador de recompensas, depois policial e então investigador especial da procuradoria distrital, sob o

comando de Bobby Petino. Após três anos de trabalho conjunto, Petino o apresentou a Jack, que o contratou como investigador da Private. Justine ficara fascinada com a tenacidade inabalável do colega quando se tratava de buscar a verdade. Isso e seu charme natural faziam de Cruz um profissional talentoso. E só os talentosos permaneciam na agência.

– O que mais sabemos sobre Connie Yu? – perguntou Justine.

– Justine, me desculpe. Você tem razão. A garota era inteligente, então... Tem alguma coisa errada nisso. Sobre tudo depois de você ter ido a todos os colégios para prevenir os alunos. Não devia se sentir culpada... Você está fazendo mais do que todo mundo.

Cruz reduziu a velocidade e estacionou entre duas viaturas que bloqueavam um beco a dois quarteirões da Hyperion Bridge.

Justine desceu do carro, enfiou as mãos nos bolsos da jaqueta e seguiu na direção das fitas amarelas que isolavam o beco. Avistou a tenente Nora Cronin, chefe da equipe de investigadores que cuidava do “caso das colegiais”.

Nora Cronin era esperta e animada, talvez tivesse atitude em excesso. Tinha uma paixonite por Cruz e olhou furiosa para Justine. Seu corpo – todos os 90 quilos – irradiava o ódio que ela sentia pelo fato de a Private estar envolvida em seu caso.

– A procuradoria nos mandou– avisou Justine antes que o clima ficasse mais tenso.

– Hãhã. Seu namorado telefona e você corre para uma cena de crime. Que coisa mais perversa!

Justine se afastou daquela mulher desagradável, assinou o registro em seu nome e no de Cruz, depois passou por baixo da fita que isolava o local, aproximando-se da médica-legista, a Dra. Madeleine Calder, sua boa amiga.

– Ei, Madeleine. Precisamos dar uma olhada na vítima.

– Como vai, Justine? E você, Cruz? – cumprimentou a Dra. Calder. Ela era pequena e delicada, mas forte o bastante para manusear o corpo de uma vítima de homicídio sempre que necessário. Ela se afastou para o lado, deixando Justine ver o corpo caído entre latas de lixo, junto à porta dos fundos do restaurante Taco Bell.

Justine parou ao lado de Connie Yu, olhando a poça de sangue em torno da cabeça da garota. Também havia um brinco de ouro em sua orelha esquerda.

– Justine, veja isso – chamou a Dra. Calder.

Não havia brinco na orelha direita da vítima.

Não havia nem mesmo a orelha.

– A orelha desapareceu – explicou a legista. – Já reviramos as lixeiras. A equipe inteira já vasculhou o beco de cima a baixo. Não foi encontrada em lugar nenhum. Acho que o assassino vai nos dizer onde está a orelha dentro de alguns dias.

Gritos angustiados perto do cordão de isolamento policial chamaram a atenção de Justine. Ela olhou para Cruz.

– A família de Connie Yu chegou. Vamos sair daqui, Emilio. Não podemos ajudar essas pobres pessoas. Não aqui, pelo menos.

capítulo 7

JUSTINE SEGUIRA PARA O NECROTÉRIO com o corpo da garota. Já passava das duas da manhã quando ela telefonou para o criminalista-chefe da Private, Seymour Kloppenberg, apelidado de Dr. Science – ou Sci –, e disse que precisava dele imediatamente.

Sci disse à namorada, Kit-Kat, que precisava ir ao escritório da Private, preparou um lanche para Trixie, seu bichinho de estimação nada comum, e saiu do apartamento levando o capacete embaixo do braço.

Sua moto reformada, uma linda courier dos tempos da Segunda Guerra Mundial, equipada com um *sidecar*, ficava na garagem, no subsolo do edifício. Ele ligou o motor e subiu a rampa que saía na Hauser, depois seguiu pela Sixth até o escritório da Private, no centro de Los Angeles.

Apresentou o crachá de identificação para o segurança e pegou o elevador até o porão, onde ficava seu laboratório.

Justine já estava lá à sua espera.

– É sobre a colegial número 12? – perguntou Sci, destrancando a porta e imediatamente ligando o rádio. A música era o tema de *Sweeney Todd*.

– É – confirmou Justine. – E é de embrulhar o estômago. Bem, talvez não o seu.

Sci fez uma careta debochada, imitando um monstro com dentes enormes. Depois, acompanhou Justine pela câmara de pressão negativa do laboratório, seu “playground”.

Reconhecido pela Organização Internacional de Padronização, o laboratório multimilionário de Sci era o centro das operações da Private, bem como sua célula lucrativa. O local era usado por várias agências da lei sediadas na Costa Oeste, pois era mais bem equipado e mais rápido que quaisquer dependências da polícia de Los Angeles ou do FBI.

A equipe de Sci, composta de 12 técnicos, atuava em várias áreas da ciência legista: análise, sorologia, identificação pericial e identificação digital e de digitais latentes. O mais recente orgulho de Sci era a nova tecnologia de manipulação holográfica que ele utilizava para estudar células com um microlaser sob um microscópio altamente poderoso.

Sua equipe fora a primeira a testar o uso de satélite em tempo real, um método chamado de teleperícia. Com uma microcâmera, os investigadores da Private podiam enviar imagens da cena do crime diretamente ao laboratório, economizando tempo e dinheiro, e impedindo a contaminação das provas.

Justine seguiu Sci pelo amplo espaço subterrâneo até o escritório e centro de controle. Cartazes de filmes de terror enfeitavam as paredes: *Todo mundo quase morto*, *Carrie, a estranha*, *O albergue* e *Zumbilândia*.

Sci puxou um banco para Justine, depois se acomodou em sua cadeira e girou, como faria uma criança.

– Desculpe afastá-lo de Kit-Kat – disse Justine, com um sorriso –, mas preciso que você dê uma olhada no que temos *antes* de entregarmos o material à polícia de Los Angeles pela manhã.

Ela deixou Sci a par de todos os detalhes que sabia sobre o crime: a localização, a mutilação, a causa da morte. Depois entregou a ele a mochila de Connie Yu.

– Emilio a encontrou não muito longe da cena do crime. O filho da mãe finalmente cometeu um erro... a menos que ele *quisesse* que a mochila fosse encontrada.

– Vocês têm sangue e tecidos da vítima? – perguntou Sci.

– Na bolsa, junto com os objetos pessoais. Você vai ver.

Sci abriu a bolsa. Estudou os objetos dentro dela. Já estava pensando em testar o sangue, descosturar a carteira, rastrear o telefone. Se houvesse alguma coisa ali, ele a encontraria a tempo de apresentar os resultados na reunião de equipe, às nove da manhã.

– Vou trabalhar – declarou e aumentou o volume da música a um nível quase ensurdecedor.

capítulo 8

JUSTINE ATRAVESSOU O VASTO GRAMADO bem aparado, de onde se tinha uma vista estonteante do cânion – uma linda imagem sob a luz perolada e as sombras das *5h15 da maldita manhã*.

Ela se despiu, ficando apenas de calcinha e sutiã. Em silêncio, abriu o portão da quadra de tênis.

Pegou uma raquete em cima do banco e treinou seu saque, forçando as bolas sobre a rede, descontando toda a sua frustração nas pequenas bolinhas amarelas e felpudas.

Dez minutos depois de ter começado a treinar, viu algo que a surpreendeu. Girando sobre os calcanhares, Justine deu de cara com Bobby de pé ao lado da cerca, os dedos entrelaçados nos elos da grade.

– Você está bem, Justine? Quero dizer, são cinco da manhã. O que está acontecendo, meu bem?

– Estou extravasando minha agressividade, assim não faço uma besteira – respondeu ela, olhando para a quadra e gemendo ao disparar mais um saque forçado.

– Largue a raquete e venha aqui. Por favor.

Justine cruzou o portão e se deixou envolver pelos braços de Bobby. Ele a abraçou por alguns minutos, tocando suas costas com uma firmeza que quase a fez entrar em transe.

– O que você prefere: banho quente, café da manhã ou cama? – perguntou ele após o longo momento de silêncio.

– Os três. Nessa ordem.

Bobby tirou o roupão, colocou-o sobre os ombros de Justine e a conduziu na direção da varanda.

– Descobriu alguma coisa interessante?

– Além de termos nas mãos mais uma merda de uma *tragédia*?

- Sim.
- Nada que eu possa lhe contar. Ainda não.
- Muito bem, Justine. Então vamos pôr as coisas em outros termos. Tem alguma teoria nova? Qualquer coisa? Conseguiu progredir no caso?

Justine subiu os degraus de madeira até a banheira, despiu o roupão e as peças íntimas e segurou a mão de Bobby ao entrar na água quente.

Ela se sentou e reclinou o corpo, sentindo os braços do namorado a envolvê-la. De olhos fechados, respirou fundo.

- Você deve ter uma teoria – insistiu Bobby.
- Acredito que o assassino sofra de distúrbio de personalidade múltipla.
- Ela suspirou. – E que todas elas sejam psicopatas.

capítulo 9

MEUOS SONHOS NÃO ERAM EXATAMENTE idênticos, mas sim variações do mesmo tema perturbador. Havia uma explosão: às vezes era uma casa, noutras, um carro ou um helicóptero. Eu sempre carregava alguém para longe do fogo em direção a uma área segura: Danny Young, Rick Del Rio, meu pai ou meu irmão gêmeo. Às vezes a pessoa em meus braços era eu mesmo.

Nunca saía vivo da área incendiada. Nem uma vez sequer.

Meu celular vibrou sobre a mesa de cabeceira e me acordou do pesadelo daquela manhã, como vinha fazendo quase diariamente havia cerca de três anos.

Fui subitamente tomado pelo pânico, aquela sensação horrorosa que chega antes mesmo de sabermos por quê.

Então o cérebro se sobrepôs ao instinto e percebi que, se não atendesse o telefone, ele tocaria sem parar.

Esse era meu pesadelo da vida real.

Peguei o telefone e o levei à orelha, depois de abrir o flip.

– Você está *morto* – disse ele do outro lado.

A voz chegou aos meus ouvidos por um filtro eletrônico. Chamei de “ele”, mas poderia ser uma mulher, poderia ser qualquer coisa. Às vezes ele ligava de manhã: uma espécie de despertador. Às vezes ligava no meio da noite ou pulava um dia só para me deixar nervoso – e funcionava.

Sempre que meu telefone celular tocava, eu era tomado por uma nova onda de ansiedade. Quando a ligação era daquele locutor odioso, frequentemente eu atendia perguntando:

– O que você quer, merda?

De vez em quando tentava usar a razão e dizia num tom calmo:

– Diga o que você quer.

Mas nessa manhã, quando a voz disse “você está morto”, respondi apenas:

– *Ainda não.*

Em seguida, fechei o celular com um estalo.

Havia reduzido minha lista de inimigos a 100 pessoas, talvez 110.

Fosse quem fosse que me telefonava, usava telefones públicos. Isso mesmo. *Telefones públicos*. Eles ainda existem nos saguões de hotel, nas estações de trem e em quase todas as ruas de todas as cidades. Mais ou menos uma vez por ano eu mudava o número do meu celular, mas não podia mantê-lo em segredo. Minha equipe, meus amigos, meus clientes na Private, todo mundo precisava me encontrar. Principalmente os clientes. Eu estava sempre disponível para eles.

Mais uma vez tentei imaginar quem ligava me ameaçando de morte.

Eu o conhecia? Ele fazia parte do meu círculo de conhecidos mais próximos? Ou era um dos bandidos que eu havia derrotado durante minha carreira como investigador particular?

Perguntei-me se a ameaça era *real*.

Será que ele estava me observando, me seguindo, planejando me matar algum dia? Ou apenas se divertia à minha custa?

É claro que eu avisara a polícia, mas eles perderam o interesse no caso havia anos. Afinal, eu nunca sofri um atentado nem vi meu perseguidor.

De repente, voltei a pensar em Shelby Cushman.

Imaginei o horror de seus últimos momentos de vida e pus as mãos sobre os olhos. Queria me lembrar de Shelby viva. Nós havíamos namorado no passado.

Eu passava os fins de noite em teatros improvisados e sombrios nos quais ela se apresentava, depois saíamos juntos pela porta dos fundos. Terminamos porque eu era eu – e Shelby se aproximava dos 40 anos. Ela queria uma família, queria ter filhos. Andy também queria. Pelo que soube, eles se apaixonaram logo no primeiro encontro.

Agora Shelby estava morta e Andy estava sozinho e desolado. Em breve ele seria suspeito de assassinato aos olhos da polícia de Los Angeles.

Sentei-me na cama. *Que diabo era isso? Onde eu estava?*

Os lençóis eram floridos e havia um tapete felpudo ao lado da cama. As paredes eram pintadas de verde. Tudo bem, entendi. Eu estava bem.

Aquela era a casa de Colleen Molloy.

Um bom lugar para se estar.

capítulo 10

SAI DO QUARTO. COLLEEN ESTAVA sentada à mesa da cozinha, de costas para mim, com os olhos fixos na tela do laptop, estudando para o exame de cidadania. Ela já havia bebido todo o chá de sua xícara. *Sim, este era um bom lugar para se estar.*

Afastei sua longa trança escura para o lado e beijei sua nuca. Ela se virou, fechou os olhos azuis e ergueu o rosto. Eu a beijei novamente. Adorava beijar Colleen Molloy. Nunca me cansava disso.

Mas será que eu realmente amava Colleen? Às vezes eu tinha certeza de que sim. Mas depois me perguntava se era capaz de amar alguém de verdade. Ou se era muito egocêntrico, muito traumatizado e amargurado pela convivência com meu pai.

– Você podia ter dormido mais um pouco, garotão – disse ela.

Percebi seu sotaque, observei seus traços tipicamente irlandeses, senti seu cheiro de água de rosas.

– Vou me atrasar para meu café revigorante com Fescue.

Beijei Colleen mais uma vez e levei sua xícara para a pia, enxaguei com água quente e servi mais um pouco de chá. Ainda não havia parado de pensar no assassinato. Mas precisava parar.

– Cuidado para ninguém se aproveitar de você – disse ela.

– Do que está falando?

– Bem, você está aí parado, nu como um recém-nascido, dizendo que vai sair para trabalhar, trabalhar, trabalhar.

Eu ri e Colleen me abraçou, apertando meu traseiro com suas mãos pequenas.

Eu queria deixar que as coisas rolassem.

– Vou trancar a porta – disse Colleen, apertando minhas bochechas. – É sério, Jack.

Ela já havia me convencido. Como conseguia? Excitado em apenas cinco segundos.

– Você é uma bruxa – falei, deslizando o roupão pelos seus ombros.

Peguei-a nos braços. Suas pernas envolveram minha cintura e então a empurrei contra a porta da geladeira. Ela gritou ao sentir o metal frio nas costas.

Colleen inspirou profundamente. Nós ofegávamos e o parco conteúdo do refrigerador dançava e tilintava acompanhando nosso ritmo.

– Desculpe, atrasei você – disse ela quando terminamos. Seu sorriso doce revelava que ela não estava nem um pouco arrependida.

Dei uma palmada no traseiro dela.

– Desde que eu não tenha atrasado *você*...

Deixei Colleen tomando uma ducha bem quente, cantarolando um rock que ela adorava, “Come on, Eileen”.

Acionei o alarme da casa, tranquei a porta ao sair e desci a escada correndo. Na verdade não fora nada mau ela ter tirado proveito de mim. Mas agora eu precisava trabalhar, trabalhar, trabalhar.

capítulo 11

A CAMINHO DA PRIVATE, PAREI NA delegacia de polícia. Até o momento, não havia nenhuma acusação contra Andy Cushman. Eu já estava atrasado, por isso corri para o escritório.

A “sala de guerra” na Private tem formato octogonal. No centro há uma mesa redonda, preta e envernizada – o único objeto ali que pertencera a meu pai e à *antiga* Private. Cadeiras giratórias estofadas cercam a mesa e gigantescas telas planas foram instaladas nas paredes.

Quando entrei, 20 minutos atrasado, todos estavam à minha espera. Fui recebido por um silêncio aturdido, exatamente como esperava.

– Sinto muito por Shelby – disse Del Rio. – Ela era um doce. Não consigo acreditar, Jack. Ninguém aqui acredita.

As condolências foram repetidas pelas demais pessoas reunidas em torno da mesa. Colleen Molloy entrou, trazendo a agenda do dia e uma lata de Red Bull. Não sei bem o que isso diz sobre mim, mas, com exceção de Andy, todos de quem eu mais gostava no mundo estavam ali. Isso incluía meia dúzia dos meus investigadores, nosso criminalista, Sci, e uma cinquentona que era um gênio dos computadores, Maureen Roth, a quem todos chamavam de Mo-bot.

– Precisa de mais alguma coisa? – perguntou Colleen.

Ela era minha secretária havia dois anos; foi assim que nos conhecemos. Depois tudo se tornara muito mais complicado.

– Não, obrigado, Molloy. Tudo bem.

Dei uma olhada na agenda e vi que Andy havia ligado duas vezes desde que eu saíra da delegacia, meia hora antes. Ele estava preocupado – e não era para menos. Os policiais tinham apenas um suspeito, e era ele.

Liguei meu laptop e abri as fotos que havia tirado da cena do crime na casa dos Cushman. Elas apareceram nas telas que ocupavam todas as paredes da

sala de reuniões.

– Fiz essas fotos ontem à noite.

Havia closes do batente da porta quebrado, do quarto revirado, dos ferimentos de Shelby e até uma imagem de Andy soluçando, com as mãos ensanguentadas, digna da primeira página de um jornal.

– Tenho que lhes dizer uma coisa – anunciei ao grupo. – Shelby e eu já fomos muito próximos. Isso foi antes de Andy e ela se conhecerem. Então, caso ouçam alguma fofoca por aí, quero que saibam que Shelby era minha amiga. Uma grande amiga.

A atmosfera na sala permaneceu sombria e silenciosa. Justine olhava para mim, conseguia enxergar dentro de mim. Eu sabia que ela estava tentando encaixar Shelby na linha do tempo da minha vida. E havia um bom motivo para que fizesse esse esforço.

– Deem uma olhada nas fotos – pedi. – Estudei as imagens, mas até agora não vi nada além do óbvio.

– Suponho que a resposta seja *não*, mas alguma coisa foi tirada da casa? – perguntou Justine.

– Só a vida de Shelby.

– Um dos dois tinha relações com traficantes? – indagou Del Rio. – Desculpe, Jack, mas você sabe que essas perguntas precisam ser feitas.

Respondi que não. Os Cushman não usavam drogas nem as comercializavam. Eu sabia que Andy ganhava dinheiro suficiente administrando fundos monetários para garantir conforto a ele e à mulher. Tinha certeza disso. Andy administrava parte do meu dinheiro e foram os investimentos que ele fizera que me ajudaram a abrir filiais da Private no mundo todo, inclusive em Nova York e, mais recentemente, em San Diego.

– Tudo bem, vamos supor que as joias de Shelby sejam verdadeiras. Então o quarto foi revirado apenas para causar impacto – declarou Justine. – O tiro nos seios parece a marca de um maníaco sexual. O outro tiro grita “execução”. Sendo assim, por que Shelby era um alvo?

– Talvez o objetivo tenha sido jogar as suspeitas sobre Andy – sugeriu Emilio Cruz.

Concordei com a cabeça e disse:

– Se era essa a intenção do assassino, funcionou.

Repeti para o grupo o que o chefe de polícia Fescoe havia me contado. A polícia de Los Angeles trabalhava com a teoria de que a morte de Shelby era um crime passional, de que Andy atirara nela e depois me chamara para ter um álibi – um álibi muito bom, devo admitir.

– Tem certeza de que não foi ele? – perguntou Cruz.

– Sim, tenho certeza. Sei que alguns aqui não gostam muito de Andy, mas ele era apaixonado por Shelby. E agora é nosso cliente. A polícia de Los Angeles não identificou os fluidos recolhidos pela perícia no corpo de Shelby e, antes de sair, o assassino limpou todas as superfícies tão bem que elas pareciam ter sido polidas.

Pedi a Sci que entrasse em contato com o laboratório de criminologia da polícia de Los Angeles e arrancasse deles tudo o que pudesse. Falei para Cruz levar outro investigador com ele à casa dos Cushman, conversar com os vizinhos, tentar descobrir se a polícia deixara passar alguma coisa. Éramos muito melhores que eles e não tínhamos que seguir seus procedimentos e regras. Além disso, eu podia pôr mais gente trabalhando no caso.

Virei-me para Rick Del Rio, que é como um irmão para mim. Depois de voltar do Afeganistão, Del Rio havia tomado algumas decisões ruins. Pagara por elas com quatro anos na cadeia – o que o tornara muito valioso para a Private.

Enquanto cumpria sua sentença, Del Rio estudara direito penal, a princípio para ajudar a si mesmo, mas acabou se tornando um advogado de porta de cadeia e fez amigos em lugares pouco recomendáveis.

– Procure suas fontes – falei para ele. – Tenho certeza de que o assassino conhecia a rotina dos Cushman. Para começar, arrombou a porta, o que significa que sabia que Shelby nunca acionava o alarme. Provavelmente também sabia quando Andy não estava em casa. E limpou tudo antes de sair.

– Olhei para todo o grupo e declarei: – A partir de agora, encontrar o assassino de Shelby Cushman é nosso objetivo mais importante. Todos estão no caso. Isso é tudo o que tenho no momento.

Levantei-me e fechei meu laptop.

– Espere um minuto, Jack – pediu Justine. – Tenho novidades sobre o caso das colegiais.

capítulo 12

JUSTINE ME CONHECE MELHOR QUE ninguém, até mesmo que Del Rio e meu irmão gêmeo. Moramos juntos por dois anos e, mesmo depois que terminamos, continuamos muito próximos – confidentes, grandes amigos. Conteí a ela sobre os telefonemas ameaçadores que recebia quase todos os dias. É a única pessoa que sabe. *Você está morto, Jack.*

Ela pegou uma mochila azul embaixo da cadeira e a colocou em cima da mesa de reuniões.

– É a mochila de Connie Yu? – perguntei.

Justine assentiu e disse:

– Vou entregá-la à polícia de Los Angeles assim que terminarmos com ela por aqui. Podemos tirar mais proveito dela que os policiais. Não sabemos se o assassino cometeu um erro ou se fez isso de propósito.

Em seguida, descreveu minuciosamente a jovem vítima e a cena do crime, ficando mais agitada a cada palavra. Então sentiu um nó na garganta e parou de falar. Balançou a cabeça, engoliu em seco e pediu desculpas. Mas conseguiu prosseguir.

Era horrível ver como esse caso a perturbava e isso já era motivo suficiente para eu querer pegar o assassino quase tanto quanto ela. Todos nós queríamos.

– Jack, sei que estou sendo repetitiva, mas esse psicopata, seja ele quem for, não é o primeiro a usar “métodos diferentes”, embora isso seja raro. A maioria dos serial killers segue um padrão que descreve sua disposição, talvez até sua personalidade. Esses assassinatos são todos diferentes. É uma loucura. Nunca vi nada assim antes. – Ela fez uma pausa, aturdida. – Atirar em alguém demonstra distanciamento. Atear fogo é um crime sexual. Estrangular é pessoal. Temos esses três métodos e alguns outros. Esse mistério não se desenrola e ainda não consigo imaginar o assassino. Ele não

se encaixa em nenhum perfil que eu conheça. A única boa notícia é que Emilio encontrou esta mochila.

– Estava caída em uma das margens do rio, embaixo de uma ponte – disse Cruz. – Talvez o assassino tenha entrado em pânico por alguma razão e a tenha jogado fora. Talvez haja alguma testemunha sobre a qual ainda não ouvimos falar.

O Dr. Sci usava uma camisa vermelha com estampa havaiana, short cáqui e chinelo – um de seus trajes-padrão. Ele continuou de onde Cruz havia parado:

– Verifiquei as digitais de tudo o que havia dentro da mochila. Encontrei marcas na carteira de Connie e uma digital parcial bem nítida, mas ela não bate com nenhuma do nosso banco de dados. Pode ser de qualquer pessoa, de um amigo de Connie ou do assassino. De qualquer forma, quem quer que a tenha deixado lá nunca foi preso, nem lecionou em uma escola, trabalhou com as forças da lei ou serviu no Exército.

– Que pena – respondeu Cruz. – Esperava algo melhor que isso.

– Nem tudo está perdido – prosseguiu Sci. – O celular é nossa grande aposta, meus amigos. Mo-bot chegou às quatro da manhã e conseguiu recuperar todos os dados.

– Encontrou alguma coisa, Mo? – perguntou Justine.

– Havia um monte de mensagens de texto – revelou Maureen Roth, além de gênio da informática, mãe adotiva da família Private.

Maureen tinha 50 e poucos anos, mas não aparentava. Tinha tatuagens, usava roupas modernas e o cabelo espetado. No entanto, havia os *bifocais*, que seriam mais adequados ao rosto de uma vovozinha.

– Encontrei centenas de mensagens – continuou ela –, todas de endereços de IP e celulares rastreáveis, exceto a última, enviada de um telefone pré-pago. Vocês vão querer ver o que tenho para mostrar.

Mo-bot inseriu um *flash drive* no laptop e digitou um comando no teclado. Mensagens começaram a rolar na tela central, na parede da frente.

Li a primeira. Havia sido enviada no dia anterior.

connie, minha mãe pegou meu celular. estou na maior encrenca e preciso falar com você. pode me encontrar atrás do taco bell? por favoor. não conte a

ninguém! linda

– Vamos partir do princípio de que Connie recebe a mensagem que diz que sua amiga Linda está com graves problemas – continuou Mo. – Ela ainda não tem por que tomar cuidado. Vai encontrar Linda e cai na armadilha.

– Está dizendo que a mensagem era falsa? Uma isca?

– Exatamente. Qualquer um poderia saber o nome de uma das amigas de Connie, comprar um telefone pré-pago sem identificação e atraí-la para a morte. Mas até agora temos 12 garotas mortas. Elas estudavam em colégios diferentes e não se conheciam. Por isso acho provável, quase certo, que cada uma tenha sido atraída para a armadilha por uma mensagem falsa. É tão simples que chega a ser ingênuo.

– Então um hacker consegue o número de telefone de uma menina, descobre em quem ela confia e envia mensagens fazendo-se passar por essa pessoa – disse Justine.

Sci assentiu.

– É o que acho. Mas isso ainda não nos leva ao assassino. Não temos nada além de uma suposição. Nada além de um fantasma.

capítulo 13

JUSTINE SE LEVANTOU, TROCOU DE lugar com Mo-bot e digitou um comando no laptop.

– *Não acredito em fantasmas* – falou. – Se o psicopata das colegiais anda e respira, deixou impressões digitais e células de cabelo e de pele. Quanto mais vezes ele matar, maiores serão as chances de cometer um erro.

Ela pressionou algumas teclas e projetou um resumo do caso das colegiais nas telas planas.

A linha do tempo mostrava que os assassinatos vinham acontecendo ao longo dos dois últimos anos, a cada dois meses aproximadamente, mas recentemente os intervalos tinham ficado menores. Ao lado do gráfico havia um mapa do leste de Los Angeles, com bandeirinhas representando os locais onde as vítimas tinham sido encontradas.

O rosto de cada menina apareceu em outra tela. Tinham características variadas. Claras. Morenas. Algumas bonitas. Outras sem graça. Nerds. Atletas. Algumas magras. Outras nem tanto. Todas estudantes do ensino médio. Todas irracionais e tragicamente assassinadas.

– Devíamos avisar sobre essas mensagens enviadas de telefones não identificados – sugeriu Mo. – Vamos falar com os diretores dos colégios de novo. Vamos fazer uma campanha na TV prevenindo sobre falsas mensagens de texto contendo informações pessoais.

– Partindo do princípio de que essa pista seja verdadeira – ponderou Justine –, assim que emitirmos um alerta sobre as mensagens, o assassino vai mudar seu padrão. E então voltaremos à estaca zero. Ele pode até acelerar ainda mais o ritmo dos assassinatos. Sabemos que ele gosta de publicidade.

– Sobre o que você falou, Justine... – disse Sci, com seu habitual tom nasalado.

– Os perfis diferentes... Como um homem capaz de atear fogo a uma menina poderia fazer isso uma vez só? Como essa mesma pessoa pode atirar em alguém a 50 metros de distância?

– No que está pensando, Sci?

– E se houver mais de um lunático? Se houver mais de um assassino?

capítulo 14

RUDOLPH CROCKER ESTACA ESCONDIDO NO reservado do banheiro masculino no oitavo andar da Wilshire Pacific Partners, uma empresa de fundos de investimento, quando seu celular vibrou. Estava fantasiando com uma nova funcionária, Carmen Rodriguez, que tinha uma bunda perfeita, lindos olhos castanhos e praticamente nenhum cérebro. Pensava em convidá-la para sair, de preferência para passar a noite com ele.

Tirou o celular do bolso do paletó e viu que a ligação estava sendo encaminhada do seu número direto na empresa. Crocker atendeu. Era Franklin Dale, sócio majoritário, um dos “anciões”, que o convidou para tomar um drinque depois do expediente.

Crocker era analista de fundos de investimento havia mais de um ano. Trabalhava com dedicação e, ao mesmo tempo, mantinha a cabeça baixa. Sua intenção era ser um daqueles jovens brilhantes com um futuro promissor na captação de contas, um funcionário discreto e de confiança, que mantinha uma carteira de clientes segura, os lucros em ascensão e seu brilho pessoal cuidadosamente escondido.

Agora tinha que tomar um drinque com o chato do Franklin Dale.

Às sete da noite, Crocker trancou a porta de seu escritório e foi encontrar Dale no hall dos elevadores. Eles desceram juntos. Crocker se perguntava se o velho era gay e pretendia assediá-lo.

Dois drinques e uma tigela de castanhas mais tarde, Dale dissera que estava impressionado com o excelente desempenho de Crocker no trabalho. Também dissera que o considerava uma promessa, alguém com talentos ocultos, que seria recompensado no futuro se permanecesse em sua boa e velha empresa.

Como se isso fosse suficiente. Como se Crocker estivesse interessado no que Franklin Dale pensava sobre ele ou seu trabalho.

Quando Crocker chegou em casa, eram nove e meia. Tinha o resto da noite pela frente – e seria uma ótima noite.

Trocou de roupa e, 10 minutos depois, corria pela Marina del Rey, com a mente voltada para aquele evento recente, em que seu grupo havia incluído Connie Yu na contagem.

Suado e ofegante, Crocker parou diante de uma das garagens de barco da marina. Com as mãos apoiadas nos joelhos, tentou recuperar o fôlego.

Quando teve certeza de que estava sozinho, tirou do bolso um saco hermético de meio litro e começou a enfiá-lo no meio de um monte formado por uma corda pesada, toda enrolada.

Terminada a tarefa, concluiu a corrida tranquilamente. Entrou em seu prédio, acenou para o porteiro e subiu a escada.

Depois de tomar uma ducha, tirou o celular pré-pago do carregador. Enviou uma mensagem para o prefeito de Los Angeles, Thomas Hefferon, informando onde ele poderia encontrar a orelha de Connie Yu.

E assinou “Steemcleena”.

capítulo 15

TRÊS DIAS TINHAM SE PASSADO desde o assassinato de Shelby Cushman. Ainda não havia nenhuma acusação e eu não conseguia encontrar nada no escritório da procuradoria.

Tomei café da manhã com Andy no escritório dele, num prédio novo e requintado da Avenue of the Stars.

Andy instruiu a secretária a não transferir nenhuma ligação. Depois, fechou a porta de sua sala. Eu mal reconhecia seu rosto tenso. Havia bolsas sob seus olhos e estava evidente que ele parara de se barbear.

– Não tenho dormido – disse meu amigo. – Caso não tenha notado, Jack.

Enquanto engolia o café, Andy destrancou seu arquivo de ferro, retirou dele algumas pastas e me explicou o que um administrador de fundos de investimento muito bem-sucedido fazia para defender sua posição em Los Angeles.

– Essas pessoas por aí, atores, agentes, chefes de estúdio, advogados das estrelas – começou, abrindo os braços como se quisesse englobar todo o distrito de Hollywood –, ganham dezenas de milhões. Não sabem o que fazer com o dinheiro, por isso o entregam a mim. Faço investimentos para eles e ganho uma porcentagem. Em geral, cinco por cento.

– E se o investimento der prejuízo? – perguntei, pensando em todas as pessoas que haviam perdido suas casas, na redução do crédito, no dinheiro escoando pelo ralo, na recessão que atingia ricos e pobres da mesma maneira.

– As pessoas culpam o administrador quando perdem dinheiro, mesmo que a culpa não seja dele.

– Então você tem clientes insatisfeitos.

– Quer a verdade, Jack? – perguntou Andy, com um suspiro.

– Não, pelo amor de Deus. Minta para mim, Andy. Quanto mais você mentir, maior será a probabilidade de ser levado a julgamento. Conheço o procurador. Ele jogará contra você um de seus jovens tubarões, que vai destroçá-lo, rasgá-lo em pedaços com seus dentes afiados e...

– Pare.

– Se alguém queria prejudicar você, preciso saber. Por favor, Andy. Você tem que me contar tudo.

– Eu estava desviando dinheiro – declarou Andy sem rodeios. – Não sou santo nem monstro, por isso não me olhe desse jeito. Eu cobrava uma taxa, depois tirava um pouco do valor inicial e investia por conta própria. Era cuidadoso. Mas acidentes acontecem e não se pode deixar o cliente perceber, é claro.

– Estou ouvindo.

– Meus investimentos deram prejuízo. Lembra-se de quando Lehman quebrou? Tentei dobrar o valor investido, recuperar as perdas e acabei perdendo ainda mais. Dois clientes ficaram sem nada.

– Quero os arquivos, Andy. Quero saber quem são os clientes que perderam mais. Preciso saber exatamente quem são. Não pode mais guardar segredos.

capítulo 16

P*RIVATE. PRIVADO. CONFIDENCIAL. QUANDO VOCÊ* vê essas palavras numa porta quer saber o que tem do outro lado. Quando as vê num envelope, imediatamente tem vontade de abri-lo.

Entrei na Private pela recepção, acenei para Joanie atrás do balcão e subi a grande escada em espiral que circunda a parte aberta do átrio. A escada sempre me anima. Ela me faz pensar na parte interna de uma concha.

Estava a caminho do meu escritório no quinto andar quando Colleen me deteve.

– Você tem visita – avisou. – Muitas visitas. Ternos. E dos caros.

Fui até o limiar da porta e vi três homens sentados na minha sala de estar, um espaço que eu havia mobiliado com poltronas estofadas, um sofá azul-escuro e um tronco polido de sequoia que servia de mesinha de centro. *Era até ali que as pessoas levavam seus segredos e era ali que esses segredos eram guardados em segurança.*

Dois dos visitantes inesperados fumavam como presidentes de indústrias do tabaco.

– Os cavalheiros disseram que não queriam ser vistos na recepção – disse Colleen. – Que surpresa!

O terceiro homem virou-se para nós e percebi, assustado, que estava diante de Fred Kreutzer, irmão de minha mãe. Tio Fred sempre me dissera para procurá-lo quando precisasse de um amigo. Ele havia ensinado a Tommy e a mim a jogar futebol americano quando éramos crianças e me incentivou a fazer parte do time do colégio e, mais tarde, do da faculdade.

Resumindo, tio Fred era o bom pai, o substituto do homem que me dera a vida. Fred tinha ido mais longe que eu no futebol. Muito mais longe. Ele era um dos dirigentes do Oakland Raiders.

O grande homem de rosto corado se levantou, me deu um abraço apertado e depois me apresentou aos seus sócios, homens que eu sabia que conhecia de algum lugar.

Evan Newman era refinado na mesma medida em que Fred Kreutzer era rústico. Seu terno era feito à mão. O cabelo era mantido no lugar por laquê e as unhas brilhavam tanto quanto os sapatos, também feitos à mão. Ele era o dono do San Francisco 49ers.

O terceiro homem era David Dix, um empreendedor legendário, o tipo de homem sobre o qual os estudantes de administração escrevem na faculdade. Dix obtivera grande sucesso em Detroit durante os anos 1980, deixara a indústria automobilística antes da crise de 2008 e investira no Minnesota Vikings. Lembrei-me de alguma coisa que havia lido sobre ele, algo sobre sua aparente felicidade encobrir uma essência cruel, uma grande falta de compaixão. Para mim, isso soava como um epitáfio.

Evan Newman levantou-se e se aproximou de mim com a mão estendida e um sorriso convincente.

– Desculpe invadir seu escritório dessa maneira – Desculpe invadir seu escritório dessa maneira – disse ele. – Fred garantiu que você nos receberia.

– Temos um problema – anunciou tio Fred. – É urgente, Jack. Uma grande emergência, na verdade.

– Gostaríamos de estar enganados – falou Dix. – O fato é que, se estivermos certos, o futebol americano profissional pode estar seriamente ameaçado. – Ele fez um gesto para que eu me sentasse e prosseguiu: – Temos dinheiro. Você tem o melhor pessoal para isso. Sente-se que vamos lhe apresentar o pesadelo.

capítulo 17

EVAN NEWMAN LIMPOU UMA POEIRA invisível da calça e disse:

– Temos motivos para suspeitar de trapanças nas apostas da nossa liga, Jack. E isso pode ser tão ruim para o futebol americano quanto o escândalo do Black Sox foi para o beisebol.

Eu estava aborrecido com a invasão ao meu escritório, mas também estava curioso. Dentro da minha pasta, o inventário dos antigos clientes de Andy estava à minha espera, Justine precisava de mim no caso das colegiais e, em 20 minutos, eu teria uma conferência telefônica com o escritório de Londres, para tratar de um escândalo na Câmara dos Lordes sobre o qual ninguém sabia ainda.

Consultei meu relógio de pulso e disse:

– Por favor, me contem resumidamente. Se eu puder, ajudarei.

Foi Fred quem falou pelo grupo:

– Jack, acreditamos que essa história tenha começado há dois anos, num importante jogo das preliminares. Teoricamente, o New York Giants deveria vencer com facilidade. O adversário, Carolina, era bom, mas alguns jogadores da defesa ficariam fora da partida. O *quarterback* havia sofrido uma fissura no indicador da mão que usava para arremessar. O jogo não poderia ser mais fácil. Mas você deve se lembrar, Tommy...

– Jack.

– Jack, me desculpe. Enfim, no terceiro quarto, Cartwright marcou um *touchdown* avançando por uma brecha que deixaria passar um caminhão, mas a jogada foi anulada. O juiz marcou uma falta e, no último quarto, quando os Giants tentavam o chute que levaria o jogo para a prorrogação, houve outra falta que os levou para fora da área de gol. – O rosto de Fred ficava cada vez mais vermelho. – Os Giants perderam por três pontos. Na época, a repercussão foi apenas ruim. Houve toda aquela comoção na

imprensa esportiva, mas, com a continuação das preliminares, a história foi esquecida.

– O.k., Fred – interrompeu-o Dix. – Vamos direto para o terceiro jogo da última temporada entre os Vikings e os Cowboys. Circunstâncias diferentes, mas basicamente o mesmo cenário.

Meu tio retomou a palavra. Ele queria contar a história jogada por jogada.

– Dessa vez os Vikings tiveram um passe de 40 jardas anulado no final do segundo quarto, uma jogada que lhes daria 17 pontos de vantagem.

Fred gesticulava furioso, contando que outra falta duvidosa acabou com aquela vantagem no placar.

– Quando eles se alinharam no final do último quarto para o que teria sido o gol da vitória, os Vikings foram penalizados por uma movimentação que ninguém viu. *Ninguém*, exceto o juiz. Mais uma vez, eles foram impedidos de chutar para o gol, o jogo foi para a prorrogação e eles perderam.

Eu já previa aonde essas histórias nos levariam. Arbitragem ruim não é algo incomum. Em geral, as pessoas gritam e xingam os juízes e depois esquecem. Para Fred Kreutzer, Evan Newman e David Dix terem me procurado, deveria haver algo mais que algumas faltas mal marcadas em duas ou três partidas.

– Assistimos às gravações incansavelmente – disse Newman –, inclusive a do jogo do domingo passado, em São Francisco. Encontramos um padrão. No geral, 11 jogos parecem ter sido manipulados, ao longo de dois anos e meio. Nove dos times prejudicados tinham históricos vitoriosos e sete deles participaram das preliminares.

– Muita gente perdeu dinheiro com esses jogos – emendou tio Fred. – Somas altas. E essas pessoas estão começando a se perguntar se não tem algo estranho acontecendo.

– Por que vieram me procurar? – perguntei. – Por que não levaram o problema à Confederação?

– Porque não temos nenhuma prova – explicou Dix. – E, francamente, Jack, se *de fato* aconteceu alguma coisa, não queremos que a Confederação, a imprensa e o *público* fiquem sabendo. *Nunca*.

capítulo 18

EMILIO CRUZ FOI O PRIMEIRO a entrar em meu escritório e Del Rio chegou cerca de cinco minutos depois de os dirigentes esportivos terem ido embora. Convidei os dois a se sentar.

– Três dirigentes de times da NFL vieram me procurar – contei. – E podem estar representando mais uma dúzia de colegas. Um deles é Fred Kreutzer, irmão da minha mãe.

Cruz arqueou as sobrancelhas.

– Fred Kreutzer é seu tio?

– É. Ele e outros empresários do futebol americano acreditam que os jogos estão sendo manipulados. Os mesmos times têm tido vitórias frequentes e eles identificaram um padrão nessas partidas: todas elas tiveram arbitragem questionável.

– Isso é loucura – argumentou Cruz, franzindo a testa. – Não é possível manipular jogos de futebol. Não se pode prever uma jogada capaz de mudar o resultado de uma partida e, além disso, há câmeras registrando todos os movimentos. Cada segundo é analisado por uma espécie de microscópio.

– Se for assim, teremos clientes satisfeitos – respondi – e uma ótima remuneração.

Eles se propuseram a pagar o dobro da nossa taxa por um trabalho rápido, eficiente e altamente confidencial.

– Eles estão sugerindo que os atletas entregam o jogo? – perguntou Del Rio.

Del Rio tem a mesma idade que eu, mas os anos que passou na cadeia envelheceram seu rosto e acabaram com sua fé na humanidade. Acho que a santidade dos jogos de futebol é uma das poucas coisas em que ele ainda acredita.

– Fred disse que não encontraram nenhuma infração de verdade por parte dos jogadores, apenas arbitragem comprada. Ou então os juízes estão sofrendo ilusões de óptica.

– Antes de tomarmos qualquer decisão com relação a essa proposta, vamos conversar sobre os Cushman – falei. – Estive com Andy hoje de manhã. A imprensa está em cima dele. Andy não foi indiciado e quer sair da cidade. Sugeri que se hospedasse num hotel e não revelasse a ninguém além de mim onde vai ficar.

– Ele tem bons motivos para se preocupar – disse Del Rio. – Quem matou Shelby entrou e saiu da casa deles com uma habilidade incrível. Estou investigando assassinos de aluguel. Tenho duas pistas. Vamos pegar o culpado, Jack.

Perguntei a Cruz e a Del Rio se eles poderiam trabalhar nos dois casos e ambos concordaram. Essa era a resposta habitual na Private. Contratávamos os melhores, pagávamos salários altos e eles esperavam dias cheios e casos difíceis.

– Quero que façam uma investigação detalhada do passado de Shelby e de Andy – falei.

– O que podemos encontrar que você já não saiba, Jack?

– A resposta a uma pergunta simples: por que alguém mataria Shelby Cushman?

– Tudo bem – disse Del Rio. – Dois casos pelo preço de três? Posso lidar com isso.

Todos rimos. Depois Cruz e Del Rio saíram e foram trabalhar. Fiquei sozinho em meu escritório por cerca de 60 segundos, até Colleen entrar na sala e fechar a porta.

– Os clientes das onze horas chegaram, Jack. E não gostei da cara deles.

– Não? Mas são só advogados – respondi.

Colleen fez uma careta.

– Só advogados. Sei. São advogados mal-encarados. Advogados que cheiram mal.

Um minuto depois, ela conduziu dois homens à minha sala. Eu já conhecia a reputação deles.

Ferrara e Reilly representavam Ray Noccia, chefe da família de criminosos Noccia.

capítulo 19

CUMPRIMENTEI OS VISITANTES COM APERTOS de mãos e os convidei a se sentar.

O advogado Ed Ferrara usava um terno escuro de três peças. Seu sócio, John Reilly, estava de jeans preto e um suéter de cashmere da mesma cor. Os olhos de Reilly percorreram o escritório, procurando câmeras escondidas nas prateleiras. *Duvido que ele as tenha encontrado.*

Foi Ferrara quem começou a falar:

– É um prazer conhecê-lo, Jack. Você foi muito bem recomendado por várias fontes.

– É sempre bom saber disso – respondi. – Em que posso ajudá-los?

Reilly enfiou a mão no bolso e pegou a fotografia de uma mulher muito bonita, loura, com 20 e poucos anos. Era Elizabeth alguma coisa, uma atriz. Eu a vira em Craig Ferguson uma ou duas vezes.

– A jovem na foto é Beth Anderson. Ela é atriz de cinema – contou Ferrara. – E também é uma boa amiga do Sr. Noccia.

Ray Noccia tinha pelo menos 70 anos. Depois de esperar por duas gerações, recentemente ocupara o posto mais alto da organização, assumindo o comando até então exercido por seu tio Antonio, agora morto. E ele era “um bom amigo” de Beth Anderson, uma mulher linda e jovem.

– Beth não é vista há uma semana – disse Reilly. – Não retorna os telefonemas do Sr. Noccia e ele quer ter certeza de que não aconteceu nada de grave com ela.

– Esse parece um trabalho para a polícia de Los Angeles – sugeri. – Recomendo que liguem para lá.

Ferrara sorriu e explicou:

– Queremos manter isso em sigilo. A publicidade em torno dessa história poderia prejudicar a carreira de Beth. Por isso estamos aqui, Jack.

Perguntei-me se Beth Anderson saía da cidade ou se estava morta. De qualquer maneira, eu não queria que a Private tivesse qualquer ligação com a família Noccia.

– Lamento, mas não faço esse tipo de investigação. E também não faço negócios com a Máfia.

Houve um momento de silêncio tenso, depois Reilly e Ferrara se levantaram ao mesmo tempo.

– Você está cuidando do caso de Andy Cushman – comentou Ferrara. – E, se ainda sou capaz de reconhecer um mulherengo pervertido, também está trabalhando para Killarney, ou ele não estaria sentado na sala de espera.

Reilly parou na porta para desferir o seu golpe:

– E não vamos esquecer que seu pai cumpria pena de morte por assassinato quando morreu. Você é um homem corajoso, Jack.

Sim, eu sou. E acho que essa é uma das razões para o sucesso da Private.

capítulo 20

ÀS TRÊS DA TARDE, JASON PILSER estava em seu escritório na Howard Public Relations esperando o início da reunião dos consultores, quando recebeu uma mensagem de texto que o deixou muito agitado.

A mensagem era do próprio Steemcleena, transmitindo os detalhes da próxima “noite na cidade”. No texto, Pilser era chamado por seu pseudônimo, “Scylla”. A mensagem dizia: “Prepare-se. Você é o cara.”

Puta merda, aquilo estava acontecendo mesmo, seu batismo de fogo. Havia semanas que vinha pensando nessa noite. Na verdade, não pensava em mais nada. Havia conhecido “Morbid” durante uma partida de Commandos of Doom, um jogo de guerra on-line. Juntos, haviam travado dúzias de batalhas bem-sucedidas nos últimos dois anos.

Quando Morbid o recrutou para um grupo muito mais seletivo de jogadores, Pilser ficou muito entusiasmado. Sua apresentação a Steemcleena havia sido virtual e ele tivera que esperar até que Morbid achasse que era o momento ideal. Agora Steemcleena estava a bordo. E em breve Jason, como Scylla, sairia de trás do monitor para viver um pouco de ação na vida real.

Pilsen trabalhou como um robô durante as três horas seguintes. Ele nem se abalou quando a vadia da chefe o culpou do fracasso de uma proposta que ele nem chegara a preparar. Ela que fosse para o inferno. Às seis em ponto, Pilser vestiu o paletó e saiu do escritório.

Foi direto para uma loja de ferramentas no oeste de Hollywood.

Percorrendo sem pressa os estreitos corredores com prateleiras que iam do chão ao teto, comprou dois metros de fio, um rolo de fita adesiva e um par de luvas de algodão. Nada muito incomum. Pagou em dinheiro, mantendo a cabeça baixa para que a câmera de segurança não registrasse nenhuma imagem de seu rosto.

Estava tão agitado que suas mãos suavam.

A grande noite era dali a três dias. E ele seria “o cara”. No sábado, mataria uma garota em algum lugar de Los Angeles.

capítulo 21

ISSO NÃO ERA DORMIR DE verdade, era? Mais parecia que eu ia à guerra todas as noites e era bombardeado de volta à realidade ao amanhecer.

Dessa vez, no meu pesadelo, eu corria pelo campo de batalha em chamas, carregando Colleen nos braços, com seu sangue respingando em meus sapatos. O coração bateu forte em meu peito quando ela disse: “Salve minha vida, Jack. Sou a mãe de seu filho.”

A explosão de um morteiro me jogou no chão. Meus olhos se abriram e, por um breve instante, tive a forte sensação de que ainda estava no campo de batalha, em meu último dia no Afeganistão.

Eu me lembrava da maior parte daquele dia, mas alguma recordação crucial estava faltando, criando uma lacuna de memória que ia do momento do pouso do helicóptero ao instante em que eu morria.

Eu havia enterrado essa lembrança tão profundamente em meu inconsciente que ela se perdera.

Agora eu precisava desenterrá-la. Tinha que descobrir a verdade sobre aquele dia. Se pudesse recuperar a lembrança, talvez conseguisse dormir de verdade.

Ainda tentava diferenciar as imagens do sonho dos fragmentos de memória quando meu celular vibrou na mesinha de cabeceira.

Olhei para o identificador de chamada. “Número desconhecido.”

Deixei o telefone na mesinha, pulei da cama e liguei os monitores de segurança da casa.

Analisei as imagens das seis telas e não vi nada de incomum, por isso as deixei de lado e fui pessoalmente dar uma olhada na área. Lá fora, carros passavam pela Pacific Coast Highway. Cercas altas separavam minha propriedade da dos vizinhos. A praia atrás da casa estava vazia.

Eu estava sozinho.

O telefone finalmente parou de tocar. A luz penetrava pela vidraça e o Pacífico quebrava na praia do lado de fora da janela do meu quarto.

Eu comprara esta casa com Justine.

Às vezes, as lembranças podem nos assombrar. Eu ainda via Justine neste mesmo quarto, seu cabelo escuro espalhado sobre o travesseiro branco, os olhos fixos nos meus, cheios de amor. E eu olhava para ela do mesmo jeito.

Tomei uma ducha, vesti uma calça de algodão e uma camisa azul. O telefone voltou a tocar. Peguei o aparelho e o levei à orelha.

– Você está *morto* – disse a voz mecânica.

– *Ainda* não – respondi.

Preparei um café bem forte e passei cerca de uma hora e meia fazendo telefonemas para confirmar compromissos agendados.

Quando fui encontrar Del Rio no aeroporto de Santa Monica, eram quase dez da manhã.

Hora de voar.

capítulo 22

EMBARCAMOS EM UM CESSNA SKYHAWK SP, um monomotor rápido e confiável. Del Rio ocupou seu lugar ao meu lado, como nos velhos tempos.

Olhei para Del Rio. Ele retribuiu o olhar e eu soube que estávamos pensando nas mesmas coisas: Afeganistão, nossos amigos mortos no helicóptero, a manobra de ressuscitação bem-sucedida que Del Rio fez e o fato de eu dever minha vida a ele.

Talvez ele pudesse me contar mais sobre o que acontecera naquele último dia em Gardez. Eu havia sido condecorado com uma medalha por ter carregado Danny Young para fora do helicóptero em chamas, mas não podia ignorar os sonhos recorrentes.

Minha mente estava operando numa via de mão dupla – me protegendo de uma lembrança insuportável e, ao mesmo tempo, me incentivando a lembrar?

- Rick, sobre aquele último dia em Gardez...
- O helicóptero? *Por que*, Jack?
- Quero saber o que aconteceu.
- Já contei tudo de que me lembro.
- Mas ainda não ficou claro para mim. Falta alguma coisa, algo de que estou me esquecendo.

Del Rio suspirou.

– Estávamos levando as tropas para Kandahar. Era de noite. Você era o líder, eu era o copiloto. Não vimos o homem de turbante com seu míssil antiaéreo no fundo de um caminho. Ninguém o viu. Nossa aeronave foi atingida em cheio. Ninguém teve culpa, Jack. Você pousou o Phrog. O helicóptero queimava de dentro para fora. Lembra? Eu saí pela porta lateral e você escapou pela dos fundos. Os caras da tropa dois corriam pelo campo. Comecei a procurar você e o encontrei com Danny Young nos braços.

Sempre o herói, Jack. Sempre o cara com quem todos podem contar. Logo depois a bomba explodiu.

– Vejo cenas em flashback, mas não consigo ver o filme inteiro.

– Porque *você estava morto*! Esmurrei seu peito até você voltar. E isso é tudo que tenho para lhe contar.

As imagens não fluíam em sequência, não formavam um conjunto. Vi a explosão. Lembrava-me de ter corrido com Danny Young no ombro. E de ter acordado.

Mas faltava alguma coisa.

O que eu não sabia? O que mais havia acontecido naquele campo de batalha?

Eu continuava olhando para Del Rio. Ele sorriu para mim.

– Querido, vai dizer que me ama?

– Sim, seu idiota. Eu amo você.

Del Rio gargalhou e puxou os óculos para baixo, tirando-os da cabeça. Eu me ocupei com a verificação dos instrumentos.

A torre autorizou o voo, empurrei a válvula de pressão e taxiei o Cessna pela pista. Virei o nariz da aeronave para a direita, de modo a mantê-lo sobre a faixa central. Quando o indicador de velocidade chegou aos 60 nós, puxei a alavanca gradualmente e o avião decolou, subindo para o céu azul e ensolarado de Los Angeles.

Suave e tranquilo.

Pelos 100 minutos seguintes, pilotei o avião como se ele fosse uma extensão do meu corpo. Voar é uma série de procedimentos e eu conhecia todos de cor. Ouvia as transmissões do rádio pelo fone de ouvido e a voz bania os pensamentos que me atormentavam.

Esqueci o sonho e me perdi no prazer de voar.

capítulo 23

POUCO DEPOIS DO MEIO-DIA, ATERRISSAMOS no Metropolitan Airport, na baía de São Francisco.

Alugamos um carro e pegamos um tráfego pesado em Harbor Bay Parkway, chegando ao campo de treino do Oakland Raiders meia hora depois do horário combinado com Fred.

Entreguei meu cartão ao segurança no portão principal e Del Rio e eu fomos conduzidos pelo campo de grama natural onde os atletas estavam treinando passes e jogadas ensaiadas. Do outro lado, dois *placekickers* se revezavam treinando chutes da linha de 40 jardas.

Fred estava em pé na lateral do campo, perto da linha mediana, e veio nos cumprimentar. Apresentei Del Rio e expliquei que ele trabalharia comigo no caso.

Meu tio chamou alguns dos jogadores mais famosos dos Raiders – Brancusi, Lipscomb e o *tailback* Muhammed Ruggins –, atletas que ganhavam milhões de dólares por ano. Eles eram enormes. Falamos sobre o jogo seguinte, contra o Seattle, e depois acompanhamos o treino do talentoso *quarterback* do Raiders, Jermayne Jarvis, que estava praticando intercepções.

– É incrível a precisão com que ele decide o momento de interceptar um passe – comentei. – É como se soubesse exatamente quando o adversário vai tentar receber.

– Você se saiu bem na Brown, Jack – disse tio Fred. – Podia ter tentado se tornar um profissional. Mas acho que foi melhor assim.

Eu jamais teria me profissionalizado. Não tinha tamanho para isso. Além do mais, a Ivy League não é moleza.

Uma luz se acendeu nos olhos de Fred.

– Talvez você e Rick queiram jogar um pouco com os rapazes?

– Ficou maluco? – protestei. – Pensei que você gostasse de mim.

Mas Del Rio parecia uma criança que acabara de ganhar um brinquedo novo.

Fomos para o campo e nos revezamos treinando passes de 10 jardas, com Jermayne Jarvis arremessando para nós.

Depois de aquecido, acabei entrando no clima. Porém, ao correr para tentar pegar um arremesso mais forte de Jarvis, trombei com Del Rio e nós dois caímos.

Fred aproximou-se depressa, pôs as mãos nos joelhos e, rindo para mim, disse:

– Isso foi lindo, Jack. Poesia em movimento. Agora tenho algo bem menos divertido para lhe mostrar.

Saímos do campo e percorremos um longo corredor de concreto, passando por uma série de portas trancadas, até finalmente chegarmos ao escritório de Fred. Ele destrancou um armário e retirou dele um cofre com os DVDs dos últimos 28 meses de jogos da NFL.

– Marquei os 11 jogos que levantaram as suspeitas. Estude-os bem e depois vamos comparar nossas impressões.

Em seguida ele me disse onde eu deveria começar a procurar os canalhas que ameaçavam acabar com a liga profissional de futebol americano.

– Nunca lhe pedi nada antes, Jack, mas desta vez estou pedindo. Preciso da sua ajuda.

capítulo 24

JÁ ESTAVA ESCURO QUANDO VOLTEI para casa. A lua crescente iluminava o telhado, que mal podia ser visto por cima do portão alto, de aço reforçado.

Eu estava entrando com o Lamborghini na garagem quando vi faróis pelo retrovisor.

As luzes estavam bem atrás do meu carro, piscando – alguém sinalizava para mim. Freei, desliguei o motor e saltei do carro. Vi um sedã preto parando na entrada da minha garagem. Quem poderia ser?

Esperei ao lado do Lamborghini até que uma das portas dianteiras do sedã se abriu. O motorista desceu. Ele desabotoou o paletó enquanto caminhava na minha direção.

– Sr. Jack Morgan?

Respondi que sim e ele anunciou:

– O Sr. Noccia quer conversar com você. É importante.

– Não quero falar com ninguém agora – retruquei sem hesitar. – Por favor, tome muito cuidado ao sair de ré. Não vai querer causar um acidente na estrada.

– Tem certeza de que é essa a resposta que devo dar a ele?

Eu tinha certeza absoluta. Fiquei firme enquanto via o motorista voltar ao carro. Esperei que ele fosse embora, mas, em vez disso, a porta do passageiro se abriu. Um segundo homem saltou e abriu a porta traseira para um terceiro homem sair. Os três caminharam na minha direção.

Reconheci Ray Noccia.

Ele vestia uma jaqueta esportiva cinza e tinha cabelos grisalhos, pele acinzentada e um nariz que projetava uma sombra sobre seu rosto. A realidade me atingiu em cheio. Um chefe da Máfia, um homem que havia ordenado diversas execuções, estava parado na entrada da minha garagem. Era noite. Ninguém o vira chegar. Ninguém o veria partir.

Ele estendeu a mão.

– Ray Noccia – disse. – Prazer em conhecê-lo.

Mantive a mão no bolso até ele abaixar a dele. Seu rosto ficou sombrio, como se eu tivesse lhe dado uma bofetada ou mijado em seus sapatos.

Depois de um instante, Noccia sorriu.

– Seu pai e eu fizemos alguns negócios – contou. – Por isso mandei meus advogados procurarem você. Aparentemente, eles o ofenderam de alguma maneira. Sei que devo me desculpar e vim fazer isso pessoalmente.

– Não é necessário se desculpar – respondi.

Não havia humor no sorriso dele.

– Que bom. Então vai procurar Beth para mim? Conheço as regras. Pago seu preço mais um bônus quando encontrá-la. E só faço essa proposta porque você é o melhor.

Era hora de acabar com aquilo de uma vez por todas.

– Seus homens sabem onde a enterraram. Guarde seu dinheiro. Eles já têm a resposta que procura.

Houve um momento de silêncio carregado. Noccia não desviou seus olhos dos meus e, quando falou, suas palavras foram quase encobertas pelo barulho do tráfego e das ondas do Pacífico.

– Você é muito mais educado que seu pai, mas não tem metade da esperteza dele. E veja só como ele acabou.

Ele se virou e voltou para o carro.

Provavelmente eu havia ultrapassado os limites da ousadia, mas não me importava. Ray Noccia já me dera a pior notícia que podia: ele e meu pai tinham feito negócios.

Minha mão tremia quando eu introduzi a chave na fechadura da porta de casa. Esperava nunca mais ver Ray Noccia nem ouvir falar dele.

Mas sabia que as coisas não seriam tão fáceis.

PARTE DOIS

NÚMERO TREZE

capítulo 25

A LUZ DA MANHÃ BANHAVA AS montanhas de lixo com um brilho rosado. Gaivotas anunciavam o assassinato sobrevoando o lixo no aterro de Sunshine Canyon. O café da manhã estava servido.

Justine parou o Jag no acostamento e olhou a paisagem. Sintonizei seu rádio na frequência da polícia, ajustando o dial até obter um sinal claro. Ela abriu a garrafa térmica, passou-a para mim e tomei um gole.

Era café puro, sem açúcar. Justine gostava de tudo assim: simples, direto e sem frescura.

Havia mais de dois anos que não trocávamos um toque mais íntimo, mas, sentado ao seu lado no carro, achei difícil conter o impulso de segurar sua mão. Sempre fora confuso, mesmo quando estávamos juntos.

– Como estão as coisas? – perguntou-me Justine.

Policiais vasculhavam o lixo do outro lado da estrada. Odiávamos ouvi-los falando com a base pelo rádio.

– Andy Cushman tem mais ou menos 20 ex-clientes furiosos. Todos eles têm os meios, a oportunidade e, sobretudo, um motivo para matá-lo. Então, por que Shelby foi assassinada, e não ele? Não fiz nenhum progresso com o caso.

– Lamento ouvir isso, Jack. Mas o que eu queria saber era como você está.

Na verdade, ela queria saber como estavam as coisas entre mim e Colleen, mas eu não queria discutir esse assunto com ela.

– Estou trabalhando num caso novo. É importante e pessoal. Deve se lembrar de ter me ouvido falar sobre meu tio Fred.

– O cara do futebol americano.

– Sim. Ele está preocupado, acha que alguns jogos têm sido manipulados. Isso pode provocar o maior escândalo no mundo dos esportes

desde o caso do Black Sox.

– Uau.

– E tenho tido pesadelos novamente.

Ela levantou as sobrancelhas. Eu queria conversar com ela, mas agora teria que falar *mesmo*. Contar a uma psiquiatra que você tem tido pesadelos é como jogar uma bola de lã na frente de um gatinho.

– Que tipo de pesadelos? Os mesmos?

Então contei a ela. Descrevi as explosões que pareciam reais, a corrida pelo campo com alguém que amo nos braços, sem nunca conseguir chegar a um lugar seguro.

– Pode ser culpa de sobrevivente. O que você acha, Jack?

– Queria parar de sonhar.

– Você ainda é engraçado – disse ela. – Sempre com essas respostas curtas e práticas.

Peguei uma pasta no chão do carro, a abri e olhei para a fotografia que Bobby Petino mandara para o e-mail de Justine naquela manhã. Era uma foto do arquivo escolar de uma linda menina de 16 anos chamada Serena Moses. Seu desaparecimento havia sido reportado na noite anterior. Serena morava em Echo Park, um bairro da zona leste de Los Angeles, uma área que Justine chamava de “a zona vermelha”, *a área do caso das colegiais*.

Duas horas depois de os pais de Serena terem ligado para a polícia, uma ligação anônima e impossível de rastrear informara que o corpo da menina estava ali no lixão.

De repente, vozes soaram na frequência da polícia, uma mais incisiva e mais baixa que as outras.

– Encontrei alguma coisa. Pode ser humano. Ai, Deus...

– Vamos – decidi, abrindo a porta do carro.

– Não, Jack. Tenho que cuidar disso sozinha. Se você for comigo, vou perder a credibilidade nas ruas. Espere aqui.

Concordei. Vi Justine atravessar a estrada vazia e seguir para perto dos policiais, que já isolavam a área.

capítulo 26

JUSTINE LEVANTOU A MÃO E acenou para a tenente Nora Cronin, que lhe lançou o habitual olhar hostil antes de se voltar para o grande saco de lixo preto a seus pés.

Justine sentiu um aperto no peito ao se lembrar de outra colegial encontrada naquele mesmo lugar um ano antes, num saco preto parecido com aquele. O nome dela era Laura Lee Branco e ela morrera com uma facada no coração.

Nora cortou a amarra com um canivete e o saco se abriu.

Um braço caiu para o lado de fora, quase em câmera lenta, a mão e os dedos distendidos. Justine levou um momento para entender o que via. Era chocante.

– Mas o que... – começou Nora, abrindo mais o saco para revelar um manequim, que dois outros policiais tiraram de lá.

Nora virou a boneca e a inspecionou. Não havia nenhuma inscrição, nenhum bilhete dentro do saco preto.

– Então, qual é a grande mensagem? – perguntou a tenente, sem se virar.
– Você é psiquiatra, não é?

– O meio é a mensagem – respondeu Justine. – É um boneco, não é? A insinuação é clara: estão brincando com a gente.

– Ah, não diga! Muito obrigada, Justine. Muito esperto da sua parte – disparou Nora, irônica. – Isto aqui é perda de tempo, isso sim! E, definitivamente, não é Serena Moses.

Justine foi tomada por uma onda de alívio que logo se transformou em tristeza.

Serena Moses continuava desaparecida. Eles ainda não conheciam seu paradeiro nem sabiam se estaria viva ou morta.

Ela encarou Nora.

– Então, onde está Serena, tenente? Parece que vai ter que continuar procurando. Espero que seja tão competente quanto acredita ser.

capítulo 27

JUSTINE SUBIU AO PALCO DO auditório e agradeceu à diretora Barbara Hatfield a apresentação.

A recém-reformada Roybal High School tinha 5 mil alunos, mas só as meninas do segundo e do terceiro anos assistiam à palestra naquela tarde. A diretora achara que a apresentação de Justine era ilustrativa e assustadora demais para as alunas mais novas.

Justine até entendia, mas as meninas precisavam estar bem informadas e o susto era uma consequência inevitável. Além disso, a maioria das vítimas estava no início do ensino médio. Mesmo assim, a diretora permanecera irredutível.

– Sou psicóloga – disse Justine às alunas reunidas no auditório. – Mas também estou investigando os assassinatos de colegiais que todas vocês devem ter visto na internet e na televisão.

Alguém espirrou numa das fileiras da frente. Houve uma série de risadinhas nervosas. Justine esperou que voltassem a fazer silêncio.

– Primeiro, quero que saibam que Serena Moses está em *segurança*. Ela foi atropelada por um carro e levada ao hospital. Quando acordou hoje de manhã, informou seu nome aos médicos. Ela quebrou um braço, mas está bem e logo voltará para a escola.

As meninas aplaudiram. Justine sorriu. Mas a segurança de Serena levantava uma questão: como o assassino tinha informações sobre ela para enviar o e-mail falso? Ele estaria observando a garota? *Eles* estariam atrás dela?

– É um grande alívio – prosseguiu, sentindo os olhos marejarem. – Mas precisamos conversar sobre outras garotas desta região que não tiveram tanta sorte.

Justine olhou para a professora assistente que operava o projetor.

As luzes se apagaram e o rosto doce e sorridente de uma adolescente surgiu no telão.

– Essa é Kayla Brooks. Ela era aluna do primeiro ano da escola John Marshall. Queria ser médica, mas, antes mesmo de concluir o ensino médio, levou quatro tiros sem motivo algum. Sua vida, seu futuro, os filhos que poderia ter tido, a médica que poderia ter se tornado... tudo isso acabou.

Então as fotos do corpo de Kayla apareceram e o grito das adolescentes quase dilacerou Justine. Mas ela precisava continuar. Em seguida mostrou a foto de Bethany, depois de Jenny, que estudava na Roybal, e de todas as outras vítimas, inclusive Connie Yu, morta havia apenas cinco dias.

– Sabemos que a pessoa que matou essas meninas tinha informações sobre elas e usou esses dados para conquistar sua confiança.

Justine falou sobre o celular de Connie e a mensagem de texto enviada por um número não identificado.

– Meninas, a amiga de Connie *não* enviou mensagem alguma. Aquilo foi uma armação, um truque... e funcionou. Então, como podem saber se alguém está tentando enganar vocês? Se alguém, qualquer pessoa, pedir que vocês vão sozinhas a algum lugar, não obedçam. E digam isso às alunas do primeiro ano, nenhuma de vocês deve ir sozinha a lugar nenhum. Entenderam?

Um coro baixo e sibilante respondeu que sim.

– Quero que todas fiquem em pé – continuou Justine – e repitam o que vou dizer agora.

Imediatamente ouviu-se o barulho de milhares de meninas se levantando, os assentos batendo contra o encosto das cadeiras, alguns livros caindo no chão.

As vozes entoaram em uníssono as palavras que Justine dizia:

– *Eu prometo que não irei a lugar nenhum sozinha.*

Justine esperava ter impressionado as meninas. Mas ainda estava com medo. Temia que uma daquelas garotas se considerasse especial, achasse saber mais do que Justine e acreditasse que nunca iria morrer.

capítulo 28

JUSTINE SAIU DA ESCOLA E seguiu pela West Second Street. Ela havia acabado de pegar o celular quando um carro preto parou perto da calçada. A janela se abriu um pouco.

– Precisa de carona, moça?

– Bobby. O que está fazendo aqui?

– Cuidando da minha namorada, só isso. Entre, Justine. Vou levá-la para o escritório.

– Eu já ia chamar um táxi. Você chegou bem na hora. Obrigada.

Ela se sentou no banco do passageiro do Beemer e se inclinou para beijar Bobby.

– Como foi a palestra para as meninas? – perguntou ele, pisando o acelerador.

– Bem, eu acho. Espero que elas deem ouvidos a uma mulher com mais de 30 anos.

– Você não parece ter mais de 30, amor. Nem um minuto a mais.

– O que você quer, Bobby? O que *mais* você quer?

– Bem, tem uma coisa... Humm... Justine, queria que você fosse a primeira a saber. Estou pensando em me candidatar a governador. O Comitê Nacional Democrata me procurou. Já tenho a verba para a campanha se eu aceitar. Não seria fácil, mas valeria a pena se eu ganhasse. Quero dizer, os poderosos acham que tenho chances. Bill Clinton me ligou.

– Isso é meio repentino, não é?

– Venho pensando no assunto há um tempo. Não queria dizer nada até que tivesse amadurecido a ideia.

Justine não demonstrou, mas estava perplexa com a novidade. Disse a Bobby que ele seria um excelente governador e realmente acreditava nisso, mas seu coração estava apertado. Gostava de Bobby. Ele era o primeiro

homem em quem conseguira confiar desde que terminara com Jack. Se Bobby fosse eleito governador, teria que se mudar para Sacramento. O que aconteceria então? Como ela ficaria?

– Seria ótimo se pudéssemos encontrar o desgraçado que está matando as colegas – disse Bobby. – Na verdade, temos que pegá-lo. Uma condenação me ajudaria muito nesse momento.

– É claro – concordou Justine. Sentiu um arrepio por causa do ar-condicionado, por isso o desligou. Tinha a impressão de que Bobby ainda não dissera o que realmente queria. Qual era a verdadeira mensagem?

Se eleito, ele iria querer que ela o acompanhasse para Sacramento? E o que ela seria dele? Justine lembrou que Bobby havia tirado boa parte da pressão sobre o comissário de polícia ao contratar a Private para trabalhar no caso das colegas. Ela não havia questionado seus motivos nem por um segundo. Na verdade, chegara a pensar que Bobby envolvera a Private porque o caso era importante para *ela*.

Mas agora parecia que seu intenso envolvimento no caso interessava exclusivamente a *ele mesmo*.

Bobby parou num sinal vermelho e comentou:

– Você está tão quieta, Justine.

– Só estou visualizando você como o governador Petino. Seria um bom governante.

Ele se inclinou para o lado e a beijou.

– Você é maravilhosa, sabe? É uma mulher maravilhosa e sou um homem de sorte.

– Não tenho como discordar.

capítulo 29

COLLEEN E EU ESTÁVAMOS TRABALHANDO até tarde, estudando os arquivos e os registros financeiros de Andy Cushman. Muitos deles já estavam marcados e separados para uma análise mais aprofundada.

Colleen usava um cardigã de seda mista azul sobre uma blusa de renda e calça de corte masculino. Seus cabelos pretos balançavam soltos em torno do rosto toda vez que ela se abaixava para pôr mais uma pilha de papéis sobre a mesinha de centro.

– Por que não vai para casa? – sugeri. – São quase nove da noite. Posso continuar sozinho.

– Vamos acabar de uma vez, Jack. Deixar para amanhã vai ser pior.

– Venha aqui – falei, batendo na almofada ao meu lado no sofá.

Ela se sentou, recostou-se e bocejou.

– Mais uma hora deve ser suficiente – falou.

Passei um braço em torno de seus ombros e a puxei para mim.

– Não complique as coisas, Jack.

Ela estava me dizendo para ficar longe, mas sem muita convicção. Finalmente, apoiou a cabeça em meu peito. Acariciei seu cabelo e ela levantou o rosto.

Nós nos beijamos.

– Tudo bem, Jack. Pode fazer o que quiser comigo. *Por favor.*

– Espere aí. – Levantei-me e fui trancar a porta do escritório, apaguei a luz e voltei ao sofá. – Levante-se, Molloy. Por favor.

Ela ficou de pé.

Desabotoei seu cardigã, abri o zíper da calça e, quando ela estava apenas de lingerie, deitei-a no sofá e me despi.

Ela me observou tirar a roupa, depois cobriu o rosto com o braço enquanto eu a tocava. Colleen gemeu quando fizemos amor, mas chorou

depois que terminamos.

Eu a abracei, mantendo-a entre meu corpo e as costas do sofá, para que não sentisse frio.

– O que foi, meu bem? Qual é o problema?

– Faço 25 anos – respondeu em voz baixa.

– Você quer dizer... hoje?

Ela assentiu e cantou:

– Parabéns para mim...

– Por que não me disse que era seu aniversário?

– Eu disse.

– Não! Eu esqueci.

– Não tem importância. Não ligo muito para aniversário.

– É claro que é importante – insisti e ergui seu queixo para que ela olhasse para mim. – É importante. E vou compensá-la por isso.

Ela deu de ombros, depois me empurrou para o lado, passou as pernas nuas por cima de mim, levantou-se e pegou suas roupas no chão.

– Há algo que não devo dizer, Jack. E não vou dizer.

Eu já sabia. Nada de presente de aniversário, nada de flores, nada de jantar. Sexo no sofá.

– Vá em frente e diga. – falei. – Você merece mais do que isso.

– Qualquer pessoa merece – disparou Colleen.

capítulo 30

QUANDO CHEGUEI PARA TRABALHAR NA manhã seguinte, havia não apenas um, mas dois casais de celebridades à minha espera na recepção. Seu empresário havia ligado marcando um horário.

De todos os quatro, a estrela do rock Jane Hawke era a mais impressionante em termos de visual. Ela ostentava vários piercings, muitas tatuagens e se vestia com cinco tons de roxo. Seu marido, o astro de filmes de ação Ethan Tau, estava à direita de Jane e se vestia como um caubói, inclusive com botas Lucchese.

Sentados diante dos dois estavam os astros do tênis Jeanette Colton e Lars Lundstrom: cabelos dourados, musculosos e bronzeados, uma ponte entre a Europa e Los Angeles.

Quando me acomodei, Colleen conduziu os casais à minha sala, ofereceu café e chá, depois sorriu para mim e perguntou:

- Precisa de mais alguma coisa, Jack?
- Não, obrigado. Estamos bem – respondi. Mas *nós* estávamos mesmo?

Ela saiu e fechou a porta com um ruído quase imperceptível.

- Como posso ajudá-los? – perguntei. E me preparei para ouvir.

Jeanette Colton foi a primeira a falar:

- O assunto é um pouco delicado.

Seu marido, campeão sueco de tênis, parecia frio e mantinha as mãos juntas sobre as pernas.

Jane Hawke adoçou o café e disse:

- Vá em frente, Jeanette. De todos nós, você é a única capaz de contar essa história de um jeito conciso e claro.

Uma expressão de sofrimento tomou o rosto de Jeanette Colton. Eu não conseguia nem imaginar o que ela tinha a dizer. O que os quatro estavam fazendo na Private?

– Ethan e eu estamos apaixonados – declarou ela, referindo-se ao marido de Jane Hawke.

Olhei para a estrela do rock, que bebia seu café segurando a xícara com mão firme. Eu evitava casos de divórcio. Havia muitos investigadores particulares que gostavam deles e eram muito melhores do que eu na arte da bisbilhotagem.

Lars Lundstrom falou em seguida:

– Isso é só uma parte da história, Sr. Morgan. Agora é que começa a ficar interessante: Jane e eu também queremos ficar juntos. – Apesar de seu sotaque carregado, eu tinha certeza de que havia entendido corretamente.

Os olhos de Jane Hawke brilharam sob a sombra roxa.

– Somos vizinhos há anos. Agora queremos trocar de parceiros.

Ethan Tau ainda não abrira a boca. Ele sorriu sem reservas e finalmente comentou:

– Vejo que não se choca com facilidade, Sr. Morgan. Gosto disso.

– Não com muita frequência, pelo menos.

– Estamos todos interessados na troca de parceiro – continuou Tau. – Jane vai morar com Lars e Jeanette irá morar comigo. Mas não somos tão idiotas quanto o senhor deve estar imaginando. Queremos que você investigue todos nós. Queremos tudo às claras. Sem surpresas. Há crianças envolvidas nessa história.

– Entendo – respondi. – Lamento ter que dizer isso, mas estamos tão ocupados que não poderemos ajudá-los por algumas semanas, se é que conseguiremos. Sinto muito.

Eu *sentia* mesmo. Teria adorado um trabalho como o que eles me ofereciam. Sem sangue, sem entranhas, sem tiros, só vigilância e investigações do passado. *Muita* vigilância. Seriam necessários quatro agentes a postos 24 horas por dia.

Dei ao quarteto o telefone de Haywood Prentiss e contei que não só havia trabalhado em sua agência como ele me ensinara tudo o que eu sabia. Em seguida os acompanhei até a porta.

Tinha outro compromisso e não queria me atrasar.

capítulo 31

CAMINHEI SEIS QUARTEIRÕES ATÉ o endereço que tio Fred me dera, no centro de Los Angeles. O prédio tinha três andares, paredes cor-de-rosa cuja pintura estava descascando e um toldo verde e queimado de sol na entrada.

À esquerda havia uma loja de bicicletas. À direita, uma mercearia. Um portão de metal trancado impedia o acesso ao segundo andar.

Pelo interfone, anunciei meu nome, forneci uma senha numérica e falei que tinha sido enviado por Fred Kreutzer. Uma voz masculina me pediu que esperasse, que ele já iria descer.

Um minuto depois, um homem magro de pele escura e rosto fino abriu o portão e disse:

– Barney Sapok. É um prazer conhecê-lo, Sr. Morgan.

Segui Sapok pelas escadas até o terceiro andar. Ele abriu uma porta recém-pintada e me conduziu por um espaço cheio de estações de trabalho, cerca de 20 delas, todas ocupadas por um homem ou uma mulher com um fone de ouvido, um bloco de notas e um computador.

Eles anotavam as apostas.

O local parecia um centro de comando policial ou um escritório de telemarketing, mas era um centro clandestino de apostas que arrecadava dezenas de milhões de dólares ao ano. Só nesta filial.

Apostar em partidas esportivas é ilegal em todos os estados, menos em Nevada. Portanto, a atividade se transformou num grande negócio para o crime organizado. Barney Sapok ou era membro da Máfia, ou repassava a ela uma quantia considerável pelo direito de manter o negócio clandestino e lucrativo.

O escritório de Sapok ficava em um canto e tinha vista para a rua.

– O Sr. Kreutzer me garantiu que posso confiar em você. Disse para eu lhe mostrar umas coisas. Mas nada poderá sair deste escritório.

– Entendo – respondi.

Ele abriu uma gaveta, retirou de uma pasta uma folha de balancete e a colocou sobre a mesa.

– Puxei esses dados de nossa rede criptografada. Os apostadores têm codinomes e senhas. Passei a noite inteira decodificando essas informações para você.

– Tenho certeza de que serão muito úteis, Barney. Obrigado.

Puxei uma cadeira para perto da mesa e comecei a examinar a lista. Nomes familiares me chamaram a atenção imediatamente: jogadores de pelo menos uma dúzia de times das duas ligas.

– Estas são as apostas feitas no ano passado – disse Sapok, deslizando um dedo pelas colunas sob os nomes. – Notou algo estranho?

– Notei algumas apostas de 50 mil dólares num único jogo.

– Mais alguma coisa?

– Nenhum jogador aposta na própria partida.

Sapok assentiu.

– Se os jogadores estão manipulando as partidas, eu não sei. – Ele jogou a lista num balde com água ao lado da mesa.

Todos os documentos no escritório de apostas eram impressos em papel de arroz. Vi as páginas e a tinta se dissolverem na água.

Sapok voltou a falar:

– O Sr. Kreutzer é seu tio, não é?

– Na verdade, ele é mais como um pai.

– Tem mais uma coisa que ele achou que você deveria saber: temos um cliente que nos deve mais de 600 mil dólares. Está bem encrencado. Isso pode acabar em tragédia.

– Um jogador de futebol? – perguntei.

Sapok escreveu com letras de forma num bloco de papel, virou o bloco para que eu pudesse ler o que estava escrito nele, depois arrancou a página e a jogou no mesmo balde com água.

O papel de arroz se dissolveu, mas a imagem daquelas letras parecia dançar diante dos meus olhos.

Sapok escrevera o nome de meu irmão.

Tom Morgan Jr.

Tommy devia mais de 600 mil dólares à Máfia.

capítulo 32

AGRADECI A BARNEY SAPOK E, furioso, deixei seu escritório. Não estava chateado com ele. Sapok tentava ajudar, por isso me contara sobre a dívida de Tommy.

É claro que tio Fred queria que eu soubesse que Tommy estava encrocado e que ele não podia ajudar meu irmão.

Fred e Tommy não se falavam havia mais de 10 anos. Eu não sabia o motivo da briga, mas meu irmão guardava muitos ressentimentos e um dos maiores era de nosso tio. Acho que Fred havia tentado impedir que ele se metesse numa confusão como essa em que estava metido agora e Tommy, é claro, se ressentira.

Eu estava furioso com meu irmão. Decepcionado. E não sabia o que fazer.

Com ele, eu havia conhecido o ciclo da doença. Apostadores jogam pela adrenalina. Passam da compulsão à dependência. Ganham e apostam novamente. Perdem, o que é mais provável, e a euforia se transforma em desânimo. Então apostam novamente para tentar recuperar o prejuízo. Não importa o que aconteça, continuam apostando.

Pequenas perdas vão se somando nos registros do corretor. Se a dívida não for paga, os tubarões da Máfia às vezes interferem. Os juros são obscenamente altos e cobrados semanalmente. É muito comum o apostador não obter a quantia necessária para cobrir a dívida. Quando ele não consegue arcar com a amortização semanal, as ameaças começam. Depois vêm as surras. Quando o devedor percebe, alguém da Máfia já é o novo dono de seu negócio.

Tommy tinha um negócio. Ele ia bem, com algum sucesso. Mas um pagamento semanal de 20% sobre uma dívida de 600 mil dólares? Isso dava 120 mil por semana. E isso sem amortizar nada do valor inicial.

Será que Tommy dera a casa como garantia? Ou o negócio? Estava se segurando no abismo com a ponta dos dedos ou já havia despencado para o buraco sem fundo? Sapok dissera que aquilo poderia acabar em tragédia.

Subi correndo a escada para meu escritório e disse a Colleen que não queria ser interrompido.

Passei algumas horas ao telefone, fazendo várias ligações. Por fim, liguei para o escritório de Tommy.

Disse à secretária que me atendeu:

– Não quero ouvir desculpas idiotas, Katherine. Passe a ligação para ele.

A voz de meu irmão soou do outro lado da linha. Embora relutante e irritado, ele aceitou almoçar comigo à uma da tarde.

capítulo 33

TOMMY, QUE SEMPRE FORA OBCECADO por controle, escolheu onde nos encontraríamos: o Crustacean, um restaurante euro-vietnamita bastante conhecido e que fica muito perto do escritório dele, em Santa Monica.

Prometi que estaria lá em 20 minutos e exatamente 20 minutos depois entrei no restaurante.

Dei meu nome à recepcionista, que me conduziu por um corredor de vidro sobre um rio de carpas vivas e me acomodou com o cardápio na “mesa do Sr. Tommy”, perto da fonte.

Estudei o menu e, quando levantei a cabeça, meu irmão vinha ziguezagueando pelo salão, apertando mãos pelo caminho, como se fosse um candidato em plena campanha política.

Se há algo importante em Beverly Hills é manter as aparências, e Tommy fazia um excelente trabalho nesse sentido.

– Meu irmão – disse ele quando se aproximou da mesa.

Eu me levantei. Nós nos abraçamos sem muito entusiasmo. Ele deu tapinhas nas minhas costas.

– E então, como vai? – perguntei.

– Muito bem – respondeu Tommy, acomodando-se à mesa. – Não posso demorar muito. Vou fazer o pedido.

A garçonete se aproximou, parou requebrando o quadril, notou que éramos gêmeos idênticos e flertou com Tommy. Ela levou nosso pedido para a “cozinha secreta”. Durante todo esse tempo, eu refletia, tentando decidir qual seria a melhor maneira de revelar a Tommy o que eu sabia.

– Ouvi dizer que seu amigo Cushman está muito bem para quem matou a esposa – disse Tommy.

– Não foi ele – retruquei.

– Quer apostar quanto?

A empresa de Tommy, a Private Security, era uma agência que fornecia serviço de guarda-costas a celebridades e empresários que queriam proteção, status ou as duas coisas. Tommy havia tirado muito mais proveito do que eu da longa lista de contatos de nosso pai. Ele olhou em volta e disse:

– Por mais que papai tenha sido um bosta, sem ele teríamos demorado muito mais para alcançar o sucesso.

– Você está bem mesmo, Tommy? É bom saber disso.

– É claro. Pelo amor de Deus, metade dessas pessoas faz parte da minha clientela.

Tommy reclinou-se na cadeira e olhou para mim com desconfiança. A garçonete serviu os pratos de caranguejo e macarrão ao alho, depois perguntou se precisávamos de mais alguma coisa.

– Está tudo bem, querida – respondeu meu irmão. Depois me perguntou:

– Então, o que significa isto?

– Soube que você tem jogado – falei sem rodeios.

– Quem contou? Annie, aquela...

– Não falei com ela.

– ...vaca – concluiu ele, referindo-se à esposa paciente e compreensiva demais, mãe de seu filho. – Por que foi falar com ela, Jack?

– Não falo com Annie desde o Natal.

– Ela devia me agradecer pela vida que tem – prosseguiu Tommy, quebrando um caranguejo ao meio com as mãos. – Roupas. Carros. Aonde quer que ela vá, é tratada como uma rainha. Vou ter que conversar com ela de novo sobre essa mania de falar demais.

– Ela sabe que você deve 600 mil dólares à Máfia, Tommy? Porque aposto que não contou essa parte.

– Não é da conta dela. E também não é da sua. Seja qual for a encrenca em que eu me meta, sairei dela sozinho. Pode acreditar.

– Gostaria de poder, mesmo.

– Vá para o inferno. Não me procure mais, está bem? Um cartão de Natal é mais do que suficiente. Aliás, nenhum cartão de Natal é ainda melhor.

Tommy jogou o guardanapo sobre a mesa e saiu.

capítulo 34

DEIXEI 200 DÓLARES SOBRE A mesa e segui Tommy pela Little Santa Monica, uma avenida movimentada que atravessa um corredor de prédios comerciais e lojas: uma drogaria, uma filial da AT&T, vários cafés modernos e agências bancárias elegantes.

– Tommy. Tom – gritei, atrás dele. – Fale comigo. Vamos conversar. *Tom.*

Ele parou e se virou com a expressão carregada, os punhos cerrados ao lado do corpo. Eu já havia discutido com meu irmão antes, mas dessa vez parecia mais sério.

– Fique fora dos meus assuntos, Jack. Já disse que posso cuidar de tudo. Conheço esses caras.

– Você tem o dinheiro para quitar a dívida? Porque me disseram que a Máfia vai começar a pegar pesado. Primeiro como *you*, Tom. E logo depois vão explodir seu carro e assumir o comando dos seus negócios.

– Se me matarem, não vão receber nada, certo? – respondeu Tommy com sarcasmo. – Fique fora disso, Jack. Não me faça repetir.

– Por mais estranho que seja, estou me metendo porque sei que Annie e Ned vão acabar sofrendo.

– Ah, sim, dá até para ver sua auréola brilhando. Não acha que está velho demais para isso?

– Então, em vez de aceitar minha ajuda, prefere ser um filho da mãe egoísta e descontrolado, louco para morrer e destruir sua família? É isso?

Tommy me lançou um sorriso sarcástico.

– O que está oferecendo? Um empréstimo com a condição de eu nunca mais apostar? Você está louco.

Ele se virou e se afastou de mim, mas eu o segui e pus a mão em seu ombro.

Havíamos brigado tantas vezes que quase vi o soco chegando antes mesmo de ele ser desferido.

Eu me esquivei, empurrei o ombro contra a barriga de Tommy e o joguei no chão. Nós dois caímos, mas minha queda foi amortecida pela barriga farta de meu irmão.

Com um braço livre, ele tentou me prender numa gravata, mas rolei por cima de seu corpo lento e puxei seu braço direito para trás das costas. Depois levantei seu pulso, colocando-o entre as omoplatas.

– Ai! *Escute, idiota* – grunhiu Tommy. – Se meus homens o virem me atacando desse jeito, sua cabeça vai virar pudim. E não vou fazer nada para detê-los.

– Vou levá-lo a um lugar – avisei. – E você vai me acompanhar de boa vontade.

– Você está louco. *Ai!*

– Sou sua melhor chance, seu babaca. Sempre fui.

– Desgraçado! – esbravejou meu irmão. – Você devia estar morto!

Pareceu um flash. Como eu não havia percebido antes? Ou havia, mas simplesmente bloqueara o óbvio?

– É você que tem telefonado, não é, Tommy? Dia e noite, ligando para o meu celular e desejando minha morte.

– O quê? Ai, *droga*. Nunca. *Nunca* telefonei para você, seu merda. – Nesse momento, ele sucumbiu e começou a chorar. – Os desgraçados mataram meu cachorro.

– Quem? Quem fez isso? Seu cachorro? O cachorro de *Ned*?

– Os caras da Máfia.

– Tudo bem. Desculpe, Tom – falei. – Vou soltar você agora. Não tente me bater, o.k.?

– Quer que eu agradeça? Espere sentado.

– Quero que venha comigo... e não me crie problemas.

– Tudo bem. Como quiser.

Mas eu ainda o segurava.

– Jura de dedinho? – perguntei, enganchando meu dedo mínimo no dele.

Alguns segundos depois ele apertou meu dedo e respondeu:
– Juro de dedinho.

capítulo 35

MMARGUERITE ESPERANZA DISSE À AVÓ que voltaria em alguns minutos. Deixou a porta de tela bater quando saiu e se afastou da pequena casa de estuque e telhado vermelho, na St. George Street, a cinco minutos de caminhada da locadora de filmes a que ela já tinha ido milhares de vezes.

Ouvia música no iPod quando virou a esquina da Rowena. A avenida de quatro faixas era brilhante, cheia de lojas de fachadas iluminadas: Pizza Hut, Blockbuster, Sushi-to-Go. Um lugar movimentado e totalmente seguro.

Nenhum problema à vista. Além do mais, Marguerite sabia lidar com problemas. *Com certeza.*

Marguerite acenou para um casal de jovens que conhecia e seguiu em frente, na direção do letreiro da Best Buy, que piscava no final do quarteirão. Seu celular vibrou anunciando uma nova mensagem.

Ela não reconheceu o número, mas só uma pessoa a chamava de Tigresinha. Era Lamar Rindell. Lamar era aluno do último ano, lindo, jogador de basquete. Ele flertava com Marg pessoalmente e por telefone. Ela sempre saía com ele e outros colegas depois das aulas, porém esperava mais.

Lam: E aí, Tigresinha?

Marg: Vou pegar um filme. Lua Nova. Eu ♥ vampiros.

Lam: Video World?

Marg: É. 😊 Perto, não?

Lam: Quer comer uma pizza depois?

Marg: Não posso.

Lam: Tudo bem. Sem problema.

Marguerite apoiou-se numa caixa de correio enquanto ponderava suas opções. A avó ou Lamar? Ela não devia ter que escolher. A Pizza Hut ficava a um quarteirão dali. Ainda nem havia escurecido.

Ela digitou para Lamar: O.k. Até já.

Depois ligou para casa e disse:

– Vou comer um pedaço de pizza. Praticamente dá para ver a pizzaria da janela da cozinha. Depois Lamar me leva em casa, está bem?

Marg ensaiou sua atitude, a mente concentrada em se lembrar de tudo que ela e Lamar dissessem um ao outro para contar tudo à sua melhor amiga, Tonya, quando chegasse em casa.

Primeiro, foi buscar o filme de vampiros. No início caminhava normalmente, mas logo começou a saltitar.

capítulo 36

UMA VAN HYUNDAI PRETA COM a logo de uma emissora de TV a cabo na lateral percorria as ruas de Los Feliz.

– Seu pombo está na mira – disse Morbid para o sujeito sentado a seu lado no banco traseiro. – Ela acabou de sair de casa. Vai morder a isca. Vai cair.

– Estou pronto – respondeu Jason Pilser em seu papel de Scylla, o pavoroso monstro grego, combinação de homem com seis animais diferentes. – Deixe-me cuidar disso. Ela é toda minha, certo?

Morbid passou o teclado para Scylla, que observava o ícone de rastreamento que representava Marguerite Esperanza se movendo pelo mapa do GPS. Scylla digitou alguma coisa, enviando a Marguerite uma mensagem de texto em nome de Lamar. Os dois vinham trocando mensagens havia duas semanas.

Depois de um breve diálogo, ela mudou de ideia e disse sim. Iria encontrar “Lamar” na Pizza Hut.

Scylla sentiu o suor brotando em sua testa. Bateu no bolso da jaqueta e calçou as luvas novas.

Depois ouviu a ligação de Marguerite para a avó. Quando a menina se despediu, Steemcleena estacionou a van na Rowena, a não mais que 20 metros da pizzeria.

Scylla observava o ícone de Marguerite na tela do GPS bem perto do ícone da van. Ele olhou pela janela escura da lateral quando a garota apareceu na calçada logo depois da papelaria.

– Ela é uma criança – disse.

– E é toda sua, Scylla. Essa é *sua* criança. Acha que pode cuidar dela?

Marguerite estaria durante apenas alguns segundos entre a lavanderia e a van.

– Vá, Scylla – ordenou Morbid. – Agora!

Scylla abriu a porta da van e pela primeira vez olhou para o alvo de verdade.

A garota era maior do que ele havia imaginado.

Tinha pelo menos 1,75m e parecia bastante sarada. Com apenas um segundo para tomar a decisão, Scylla pulou para a calçada atrás dela e jogou um saco de tecido sobre sua cabeça, puxando a corda para fechá-lo.

A menina gritou muito alto e ofereceu resistência.

Scylla cobriu a boca de Marguerite com a mão. Estava tão cheio de adrenalina, que ele e Morbid nem precisaram fazer muito esforço para levantá-la da calçada e jogá-la na parte de trás da van.

Morbid fechou as portas e bateu na divisória para sinalizar a Steem que era hora de arrancar. Depois ele e Scylla se jogaram sobre a garota, que ainda se debatia.

– Está presa – anunciou Scylla. – Agora seja uma boa menina.

– Se calar a porra da boca, vamos lhe dar uma chance de vencer – gritou Morbid.

Scylla sentia a boca seca. Estava muito agitado. Mesmo que quisesse, agora não poderia mais voltar atrás.

– Que quer dizer? – perguntou ela. – Vai me dar uma chance de vencer o quê?

capítulo 37

OS PNEUS CANTARAM QUANDO A VAN parou de repente. As portas se abriram e Scylla e Morbid levaram a garota para fora, segurando-a pelos braços e pelas pernas. Eles a carregaram rapidamente para longe da rua e a jogaram no chão.

Com um movimento rápido e ágil, ela se levantou e arrancou o saco que cobria sua cabeça. Avançou com um golpe, para abrir espaço à sua volta, e ficou de frente para Scylla, que estava abaixado em posição de luta a pouco mais de um metro de distância.

Ele usava uma máscara de esqui e sorria. Essa menina não era como os combatentes que ele havia enfrentado nas partidas de *Commandos of Doom*. O fato de ela ser *real* era surpreendente e excitante, mas, acima de tudo, era um desafio.

– Ei, Tigresinha. Venha aqui, gatinha – provocou.
– Quem é você? – gritou Marguerite.
– Sou aquele que vai testar você – disse Scylla. – Somos só nós dois, Marguerite. Eu contra você.

A garota olhou em volta, analisando o cenário. Estavam na Rowena, depois da área onde ficavam as lojas e restaurantes, às margens do reservatório de água, um lugar tão isolado quanto o lado oculto da lua. Carros passavam em alta velocidade do outro lado da cerca que separava o reservatório da avenida.

Morbid e Steem dançavam em torno de Marguerite, fazendo movimentos de artes marciais que Scylla utilizara diversas vezes nos jogos de *Commandos of Doom*. Isso não apenas mantinha o adversário sem foco, mas também impedia que fugisse.

Entretanto, numa situação em que algumas meninas teriam implorado e chorado, esta atacou. Ela abriu o braço e a lateral de sua mão atingiu em

cheio o nariz de Scylla, produzindo um estalo alto.

O homem caiu para trás, uivando de dor, com as mãos no rosto. Ele viu a garota se virar para correr, desviando-se dos outros dois como se enfrentasse a defesa do time adversário numa partida de basquete.

Steem estendeu o braço, agarrou-a pelo cabelo e a puxou com tanta força que a tirou do chão.

Em seguida, soltou-a e recuou. Não era a vez dele.

Scylla achou que sabia o que fazer. Ele se aproximou da garota, planejando jogá-la no chão e sufocá-la com uma gravata... mas ela era muito mais rápida do que ele.

Marguerite girou, atacou-o com um golpe de judô e depois acertou um chute entre suas pernas. Ele previu o chute e girou o corpo. O pé acertou apenas sua coxa, mas mesmo assim a dor foi terrível. Outro golpe preciso acertou seu antebraço. A garota havia quebrado seu osso?

Scylla se esquivou de vários outros golpes e, mesmo quando a garota o acertava, ele não caía. A dor começava a satisfazê-lo, uma dor de verdade, um jogo real de vida e morte. Essa dor alimentava sua fúria enquanto ele se movia em torno de Marguerite. Morbid e Steem a provocavam e distraíam, movendo os braços.

– Vou me lembrar de vocês – gritou ela para os três, uma adversária corajosa.

– Você. Você. E especialmente *você*, seu idiota!

Marguerite girou e errou o chute. Scylla percebeu a oportunidade e desferiu um golpe, acertando a nuca da menina com a lateral da mão. Em seguida, deu-lhe uma rasteira, derrubando-a de costas no chão. Agora ela chorava.

– *Por quê? Por quê?*

Em seguida ela se levantou novamente com um salto inesperado.

Correu para Scylla e acertou sua garganta com a sola do pé. Ele caiu... e a menina reconheceu uma via de fuga.

– Ela é boa demais para ele – gritou Steem para Morbid e começou a rir.

A garota estava escapando, por isso ele sacou a arma que levava na cintura. Atirou no peito de Marguerite. Isso a deteve e a fez cair sobre Scylla.

A garota ficou ali e Steem se aproximou para dizer:

– Você foi ótima.

Em seguida, atirou no rosto dela. Duas vezes, por precaução.

Morbid passou por cima da menina morta e parou ao lado de Steem.

– Desta vez foi muito legal. Ela *foi* incrível.

capítulo 38

JASON PILSER – SCYLLA – QUERIA levantar o queixo e gritar. A dor começava no nariz, radiava por todos os nervos de seu corpo, se refletia na coxa esquerda e no braço direito, que provavelmente estava quebrado. Se fosse possível ver a dor, ele estaria brilhando como um maldito espetáculo pirotécnico.

Mas também havia justiça. A vadia estava morta. Agora ele teria que preparar o corpo.

Scylla prendeu uma extremidade do fio na mão dela, que posicionou acima da cabeça. Amarrou com força a outra ponta em volta do pescoço da vítima, dando a impressão de que ela se enforcara.

Humor negro – e o plano original, antes de Steem ser obrigado a atirar nela.

Se não estivesse com tanta dor, teria sido tudo muito divertido. Ele tirou os tênis da vadia e os jogou dentro da van. Eram seu troféu. Os calçados eram tão grandes que talvez até coubessem nele. Seria incrível, não?

Estava prestes a fazer um comentário nesse sentido quando levantou a cabeça e olhou para Morbid e Steem. Eles eram selvagens. Tinha certeza de que matavam pela mesma razão que ele: a excitação incomparável. Era como uma droga. E eles eram disciplinados e inteligentes o bastante para agirem em áreas movimentadas, como aquela em que estavam.

Merda. Acabara de matar uma garota com o tráfego intenso do outro lado da cerca.

Steemcleena finalmente falou:

– Scylla, sua atuação deixou muito a desejar.

Jason não gostou nada da expressão no rosto de Steem. Ser machucado fizera com que ele perdesse pontos. Droga, a menina conseguira derrubá-lo.

– Está brincando, não é? – retrucou Jason. – Ela devia ser faixa preta em judô.

– Entrem na van – ordenou Steemcleena. – Scylla, você terá outra chance.

Talvez na próxima até consiga vencer.

capítulo 39

DEL RIO E CRUZ DEIXARAM o reluzente Mercedes com o manobrista do Beverly Hills Hotel e seguiram para o saguão do Polo Lounge. O maître informou que a Sra. Rollins estava no pátio. Cruz arregaçou as mangas e seguiu Del Rio para a área iluminada pelo sol forte.

Calculou que Sherry Rollins devia ter uns 30 anos, apesar de ser cada vez mais difícil adivinhar a idade das mulheres. Ela usava um chapéu de abas largas e um vestido justo, preto com detalhes brancos. Parecia uma jovem executiva de um estúdio de cinema.

Os dois homens a cumprimentaram com um aperto de mão e se apresentaram. A mulher de cabelos louros tirou seu cachorro de uma cadeira antes de convidá-los a se sentar.

– Estão com fome? – perguntou. – A salada de lagosta é muito boa.

– Quem sabe algo para beber? – sugeriu Del Rio.

A garçonete se aproximou e anotou os pedidos. Uma cerveja para Del Rio, chá para Cruz, que, em seguida, assumiu o comando da situação:

– Sra. Rollins...

– Sherry – corrigiu ela.

– Sherry. Estamos investigando a morte de Shelby Cushman. Tenho certeza de que ouviu falar do caso.

– Invadiram a casa dela, não foi? Um ladrão arrombou a porta e a matou.

– Na verdade, não foi bem assim – interferiu Del Rio. – Tudo indica que o assassinato de Shelby Cushman foi premeditado. Nada foi levado da casa. Não houve roubo.

– Isso é loucura – protestou a mulher. – Tenho certeza de que ouvi que foi um assalto. Que outro motivo alguém teria para matar Shelby?

– Você a conhecia bem? – perguntou Cruz.

– Eu a conheci alguns anos atrás. Mas não posso dizer que éramos amigas próximas.

– Mas ela trabalhou para você, não foi? Era uma de suas garotas.

Sherry Rollins não se abalou.

– Deixou de ser quando se casou – respondeu, sem hesitar. – Nos últimos meses estava trabalhando para outra pessoa. Quero dizer, foi o que me contaram. Sinto muito... Tudo isso é muito perturbador.

– Seria muito útil se nos contasse tudo o que sabe – insistiu Cruz. – Procure não esquecer nada, nenhum detalhe. Tente conter seu sofrimento.

– Não sei de mais nada além do que já disse.

– Sabe, sim, Sherry – disse Del Rio com voz absolutamente profissional, sem nenhuma nota de cortesia ou cavalheirismo. – Sabe muito mais. E, quer saber? Se nos ajudar com isso, não mencionaremos seu nome à polícia. Não diremos a eles por que achamos que você é suspeita do assassinato de Shelby Cushman.

– Suspeita? Isso é absurdo. Por que eu iria querer matar Shelby?

– Não sei, mas a polícia pode querer interrogá-la sobre isso... e sobre várias outras coisas.

A mulher olhou para ele com expressão dura, fria, mas o investigador sabia que a havia convencido.

Às vezes Del Rio gostava muito de seu trabalho.

Até aquele momento, o dia estava sendo nota 10.

capítulo 40

POUCO DEPOIS DAS QUATRO, O sol era apenas um disco branco e sem brilho no céu de nuvens baixas e cinzentas. O reservatório de água estava coberto de algas e as árvores eram vultos gigantesco agrupados como uma manada de mamutes, o que dava ao lugar uma aparência pré-histórica.

Bastava se distrair um pouco e não dava mais para ver a cidade de Los Angeles. Não era difícil fingir que o trânsito na Rowena era só um vento forte.

Os saltos do sapato de Justine Smith afundavam no solo fofo enquanto ela descia a encosta a caminho da cena do crime, isolada pela habitual faixa amarela presa às árvores, um anel cintilante na neblina e na penumbra.

A tenente Nora Cronin levantou a faixa para que Justine passasse, mas, em vez de fazer um comentário irritado, ela se limitou a dizer oi. Alguma coisa havia mudado e Justine até imaginava o que era. Nora estava tão desesperada com aquele caso que aceitaria qualquer ajuda.

Até mesmo da Private. Até mesmo de Justine.

– O chefe de polícia Fescue estava procurando você – disse Nora. – Ele está *aqui*.

Justine assentiu e seguiu na direção do grupo de policiais reunido em volta do corpo. Com 1,90m de altura, Mickey Fescue se destacava dos demais. Era raro ver o chefe de polícia na cena de um crime, mas ela imaginava que Fescue também estivesse sendo pressionado.

Treze meninas haviam morrido nos últimos dois anos. Fescue fora promovido em meio a essa onda de assassinatos, mas agora as más notícias o atingiam e ameaçavam derrubá-lo. Os pais das vítimas haviam formado um comitê bastante ativo e todas as noites apareciam nos telejornais. O público estava exaltado e com medo.

Justine tocou o braço do chefe de polícia.

– Justine. Fico feliz por vê-la aqui. Dê uma olhada. – Ele lhe entregou um par de luvas de látex. – Está ficando cada vez pior.

Ela parou ao lado do corpo de Marguerite Esperanza. Havia um fio elétrico amarrado ao pescoço da jovem de 17 anos.

A outra extremidade do fio estava presa à sua mão esquerda, posicionada acima da cabeça num ângulo esquisito. O detalhe realmente estranho era que a menina havia levado pelo menos dois tiros, no peito e no rosto.

A cena fora montada para dar a impressão de que ela se enforcara. O que significava aquilo? Mais uma vez, Justine tinha a sensação de que o assassino, neste caso, era outro.

– Alguma testemunha? Alguma coisa? – perguntou ela.

– Parece que ela foi assassinada aqui mesmo – informou-lhe Fescue. – O solo está cheio de marcas, como se houvesse ocorrido algum tipo de luta. Encontramos sangue numa pilha de folhas. Pode ser dela ou do assassino. Talvez a menina tenha conseguido arranhar o desgraçado. Esperamos que sim. Precisamos de um ponto de partida, alguma coisa que nos ajude.

– E a bolsa da vítima? Foi encontrada?

– Não. E os sapatos também sumiram. Aí está a marca registrada. Alguns garotos a encontraram e chamaram a polícia. Disseram que o lugar estava vazio quando chegaram, há quase uma hora.

Justine tocou o rosto frio da garota. Marguerite era bonita e, mais que isso, parecia forte. Havia hematomas em seus braços e em seu rosto. Ela fora espancada antes de morrer.

– Está claro que a posição não passa de teatro – disse Justine a Fescue. – O modus operandi é diferente do utilizado nas outras mortes, o que, infelizmente, é a regra dessa série de assassinatos. Estou me perguntando por que ela foi morta tão pouco tempo depois de Connie Yu. E por que os tiros e a pose, como se ela houvesse se enforcado?

capítulo 41

O LUXUOSO APARTAMENTO DE SCYLLA FICAVA na Burton Way. O prédio era um dos quatro edifícios de alto padrão que ficavam lado a lado, cada um com seis andares.

Jason morava no último andar e havia uma varanda que contornava todo o apartamento. A vista das montanhas era impressionante. Ele nunca tivera amigos de verdade, mas o imóvel servia para atrair colegas superficiais e até algumas namoradas.

Jason estava na varanda, de onde via as luzes da cidade se fundirem ao céu e, depois, ao universo inteiro, numa sequência homogênea, sem limites nem cortes. Era uma imagem fantástica, mas, pela primeira vez, a beleza do cenário não o fascinava.

Ele entrou, ligou a televisão, viu o Boston Celtics ser derrotado pelo Lakers. Não dava a mínima para qual dos dois times venceria aquele jogo idiota tão adorado por homens de vida monótona, sem imaginação nem talento.

Jason tinha muita coisa ocupando sua mente, mas estava tão atordoado pelos analgésicos que não sabia se conseguiria raciocinar. Teria que explicar aos colegas de trabalho o curativo no nariz, os olhos roxos, o braço imobilizado. O que diria? Que desculpa poderia inventar?

Morbid estava a caminho para conversar com ele sobre uma segunda chance. Haviam trocado mensagens de texto. Morbid dissera a Scylla que estava muito constrangido, já que fora ele quem o recrutara.

Havia na conversa uma ameaça velada, mas também uma clara oferta de redenção. Como um favor especial para Scylla, Morbid havia convencido Steem a concordar com mais uma noite na cidade, uma chance para Scylla se regenerar aos olhos de Steemcleena, apagando a mancha negra em seu histórico.

Morbid informou que eles já haviam escolhido uma pombinha e que Scylla teria de cuidar dela nessa noite.

– Tão depressa? – perguntara Jason.

– Algum problema? – retrucara Morbid.

– Não. Hoje à noite está bem.

A campainha tocou e Jason levantou-se do sofá. Caminhou mancando até o hall e pressionou o botão do interfone.

– Sou eu – anunciou Morbid. – E Steem.

– Subam.

Ele ia matar outra garota... mas dessa vez não era mais um jogo, não havia mais diversão.

capítulo 42

SCYLLA ABRIU A PORTA E Steemcleena entrou seguido por Morbid. Os dois tinham uma atitude determinada e séria. Jason teve a sensação de que eram parceiros de muito tempo, companheiros fora do jogo. Na verdade, era muito legal que o deixassem participar.

– Como vai o nariz? – perguntou Morbid, acomodando-se sem nenhuma inibição numa poltrona de couro na sala. Steem olhava as estantes de livros.

– Está bem. Querem uma cerveja? – ofereceu Jason.

– Não, obrigado. Belo apartamento, Scylla. A vista daqui é incrível – comentou Steem enquanto caminhava para a porta de correr que levava à varanda.

– Você ainda não viu nada – disse Jason, mancando até a porta para destrancá-la. – É fabuloso... Cinquenta quilômetros de vista.

Steemcleena assobiou.

– Ei, Morbid. Devia ver isto aqui. Venha, cara. É como um filme. *Cinematográfico.*

Jason afastou as cadeiras de metal, abrindo espaço para que os três se posicionassem lado a lado e apreciassem a paisagem de Los Angeles.

– Está vendo aquilo? – perguntou Steemcleena, apontando para uma van com o logotipo da Comcast parada do outro lado da rua. – É sua redenção, parceiro. A carona dessa noite. Acredita que está ganhando uma segunda chance?

– Claro que acredito – respondeu Scylla.

– *Bem, mas não está, seu babaca.* Você é o pombo de hoje.

Steem se abaixou depressa e agarrou Scylla pelos joelhos. Ao mesmo tempo, Morbid empurrou seus ombros, de forma que Jason ficou debruçado

sobre a mureta, com a cabeça e o peito para fora do terraço. Estava pendurado no ar a 18 metros de altura.

– Não – gritou Jason. – Por favor, tirem-me daqui. Por favor!

– Pare de choramingar, seu verme. Abra as asas e voe.

A barriga de Jason raspou contra o concreto enquanto ele era empurrado mais alguns centímetros para fora da varanda. Carros passavam na rua lá embaixo. O sangue subiu para seu cérebro e o deixou tonto. O que poderia dizer? Que este era o jogo mais incrível de todos?

A mente de Jason projetava imagens desconectadas. A mão de seu pai segurando uma caneta. O padre que ministrara sua primeira comunhão. A expressão no rosto de Marguerite Esperanza enquanto lutava pela vida.

Sua própria voz soava alto dentro de sua cabeça.

Não tenho que morrer deste jeito.

Não tenho que morrer de jeito nenhum.

Estava assustado demais para berrar quando caiu da varanda, mas ouviu nitidamente o grito de Steem:

– *Pombo!*

capítulo 43

PARA SER HONESTO, MEU SONHO recorrente às vezes era mais real do que a própria realidade – mais focado e em cores de alta definição.

Eu corria pela paisagem destruída tentando chegar à rampa na parte de trás do CH-46. O poderoso helicóptero era, na verdade, o que os afegãos conseguiam derrubar com mais facilidade. Seus mísseis guiados pelo calor se ligavam aos motores da aeronave como se seguissem o próprio sol. Homens gritavam de dor e o som de morteiros explodindo ecoava em meus ouvidos. Parei diante da rampa, tomado por um horror imediato ao olhar para dentro da aeronave e ver...

Fui arrancado do sonho por um barulho irritante e persistente.

Abri os olhos e vi meu celular vibrando a pouco mais de meio metro do meu rosto.

Peguei o telefone e olhei para a tela, ainda com o coração disparado. Eram 9h35. O identificador de chamadas mostrava o nome de R. Del Rio.

Levei o telefone ao ouvido.

– Rick. Perdi a hora. Isso nunca acontece.

– Tudo bem. Tenho que lhe contar uma coisa, cara. E você não vai gostar.

Sentei-me na cama e pus os pés no chão. Meus joelhos tremiam como se eu realmente tivesse corrido por um território cheio de pedras e escombros. Sentia na boca o gosto de pólvora.

– Vá em frente. Estou ouvindo.

– É sobre Shelby – avisou Del Rio. – Ela não era exatamente quem você pensava que fosse.

Agora eu estava completamente acordado.

– O que *isso* quer dizer? O que você descobriu? Fale de uma vez, Rick.

– Ela era uma garota de programa – disparou Del Rio. – Uma prostituta de luxo. E, Jack, ela voltou a trabalhar *depois* de se casar com Cushman.

– Isso é loucura. Quem falou esse absurdo sobre Shelby?

– Jack. Jack, acalme-se. Eu não mentiria a você. Cruz e eu conversamos com fontes confiáveis. Vista-se, estarei na frente de sua casa em 15 minutos. Temos que entrevistar uma testemunha.

Dez minutos mais tarde, eu jogava minha pasta no banco de trás de um dos carros da frota da empresa, um Mercedes S. Del Rio estava ao volante. Ele me entregou um copo de café.

– Shelby não era prostituta. Tenho certeza disso. Que absurdo! – falei.

– Acha que estou mentindo? Por que eu mentiria para você, Jack?

– Eu não disse isso.

– Ponha o cinto de segurança. Vamos tirar essa história a limpo. Vamos descobrir quem a matou e por quê.

Del Rio dirigia pela manhã nebulosa e cinzenta em direção às colinas. Conforme seguíamos em frente, a vizinhança ia se tornando mais rica.

Mansões avaliadas em milhões de dólares ocupavam terrenos amplos e exuberantes, com vistas fabulosas. Del Rio diminuiu a velocidade e parou diante de um portão alto de ferro forjado de uma das grandes mansões de Beverly Hills.

Desde o início da década de 1940, essa mansão na Benedict Canyon Road já pertencera a um famoso colunista social, a um diretor de cinema premiado com um Oscar e a um príncipe saudita.

Agora, a villa de estilo mediterrâneo era o Benedict Spa.

Mas eu sabia, a polícia de Los Angeles sabia e homens de posses do mundo inteiro também sabiam que aquela grande propriedade no alto da colina era um luxuoso prostíbulo, atualmente comandado por Glenda Treat, cafetina das estrelas e dos cineastas. O dono do negócio era ninguém menos que Ray Noccia.

– Não vai me dizer que Shelby trabalhava *aqui*... – murmurei para Del Rio.

Ele confirmou com a cabeça.

- A Sra. Treat não está esperando por nós – falou. – Temos que interrogá-la sobre Shelby. Sugiro que use seu charme irresistível.
- Não me sinto nem um pouco charmoso nesta manhã.
- Trate de dar um jeito nisso – disse Del Rio, decidido.

capítulo 44

APÓS A ENTRADA PRINCIPAL DO suposto spa, descendo a colina por cerca de 20 metros, havia um portão destrancado e eu o abri. Com Del Rio atrás de mim, atravessei o terreno ao lado da mansão, afastando galhos mais baixos enquanto me dirigia à piscina nos fundos da propriedade.

Parei quando cheguei à fronteira entre o gramado e um terraço de piso de pedras, esperando Del Rio me alcançar e, ao mesmo tempo, estudando a cena diante dos meus olhos.

Mulheres esguias e muito bonitas estavam deitadas em espreguiçadeiras azuis, com os pés voltados para uma piscina redonda no centro da área. A imagem me fez pensar em uma bandeja de petiscos – o molho no meio e as torradas em volta.

– Lá está ela – disse Del Rio, apontando com o queixo uma mulher de 40 e poucos anos e cabelos louros, quase platinados, presos num rabo de cavalo. A viseira sobre seus olhos lhe dava um ar de captador de apostas numa mesa de jogo em Las Vegas.

No momento em que olhei para Glenda Treat, ela levantou a cabeça e nos viu.

A Sra. Treat quase não tinha envelhecido desde que aparecera nas páginas dos jornais como “a Cafetina do Chefão”, anos atrás. Presa por exploração sexual, ela ameaçara divulgar sua lista negra – uma longa relação de homens importantes, políticos e nomes de peso do mundo das finanças. No fim das contas, ela desaparecera gradualmente dos noticiários e cumprira pena de cinco anos.

Depois disso, dizem os boatos, Ray Noccia entregou a ela as chaves da famosa propriedade num gesto de reconhecimento e admiração de sua conduta altiva.

Tentei imaginar Shelby com Ray Noccia e Glenda Treat, mas as peças simplesmente não se encaixavam. Shelby não era dura nem vulgar. Pelo menos, não a Shelby que eu conhecia. Ela tinha um comentário engraçado para cada ocasião e era generosa a ponto de dar a roupa do corpo para alguém que precisasse dela. Talvez o problema fosse esse.

Glenda Treat se levantou graciosamente da espreguiçadeira e se aproximou, olhando-nos da cabeça aos pés. Fiz o mesmo com ela. Glenda não economizava em cirurgias plásticas: olhos verdes esticados, magreza hollywoodiana, seios que pareciam travesseiros. Fiquei imaginando se ela conseguia mergulhar na piscina ou se os implantes a mantinham boiando.

Ela deu seu famoso sorriso de vencedora que, para mim, sempre parecera um pouco solitário.

Devia pensar que éramos clientes.

Apresentei Del Rio, disse meu nome e lhe entreguei meu cartão.

– Estou sem meus óculos – falou ela.

Expliquei que representávamos a Private. Ela conhecia a agência. Todos a conheciam. Glenda já ouvira falar de mim.

– O que posso fazer por vocês, cavalheiros? – perguntou. Seu sorriso havia perdido parte do brilho. – Manicure? Compressas de algas?

– Preciso de informações sobre Shelby Cushman.

Seu sorriso acolhedor se apagou completamente e virou uma lembrança distante.

– Soube que ela morreu – disse a cafetina. – Com licença.

Ela nos deu as costas e mostrou uma longa extensão de coxas quando se inclinou para a frente e sussurrou alguma coisa no ouvido de uma morena de 20 e poucos anos. A jovem, deitada em uma espreguiçadeira à beira da piscina, pegou um celular e se levantou, afastando-se para fazer a ligação.

Glenda voltou-se e disse:

– Tenho que lhes pedir que saiam da minha propriedade. É particular, como devem saber.

– Só preciso de um minuto – insisti. – Esse assunto é estritamente pessoal para mim. Trabalho para o marido de Shelby. Ela era minha amiga.

– Sr. Morgan, Shelby era uma boa massagista. Fazia quatro ou cinco massagens por dia e deixava todos se sentindo especiais. Começou a trabalhar aqui depois de se casar. Lembro-me de que ela disse algo sobre se sentir entediada porque ficava o dia inteiro sozinha em casa. Sobre o que aconteceu com ela? Tudo o que sei é o que li no *LA Times*. Claro que todos nós sabemos que aquilo é besteira.

– Alguém queria machucar Shelby? – perguntei. – Sabe se ela recebia ameaças?

– Ela era popular – disse Glenda. – Miss Simpatia. Todos gostavam dela e Shelby acreditava que era amiga de todo mundo.

Ela fez esse último comentário olhando por cima de meu ombro direito. Virei-me e vi três homens passando pela porta que levava da casa para o pátio.

Eles usavam roupas casuais, mas notei o volume sob seus braços. Reconheci dois daqueles homens da noite em que Ray Noccia me abordara na minha garagem.

Um deles, o que parecia estar no comando, usava camisa preta, calça preta e paletó preto sem gravata. Ele me encarou e percebi que também havia me reconhecido.

– O que faz aqui, Morgan? Marcou hora com alguma massagista?

Levantei as mãos para indicar que não queria confusão. Mas não fazia diferença.

A confusão havia me encontrado.

– Tenho cara de quem precisa pagar por uma massagem?

capítulo 45

O **HOMEM VESTIDO TODO DE PRETO** mal passara de uma sombra na entrada de minha casa, uma presença permanente e silenciosa atrás de Ray Noccia na noite em que o chefão fora me visitar. Ele era musculoso e agora podia vê-lo melhor: tinha quase 40 anos, era bonitão, para quem gosta do tipo, tinha porte atlético e estava fortemente armado.

Glenda sorriu para ele.

– Conhece Francis Mosconi, Sr. Morgan? O ramo de trabalho dele é semelhante ao seu.

– Já nos conhecemos – respondi. – *Francis*. – Movi a cabeça na direção dele, um aceno rápido e sério.

Também reconheci o homem atrás de Mosconi. Era o motorista de Noccia, um cavalheiro de 50 e poucos anos que, com sabedoria, me aconselhara a não recusar um convite para conversar com o chefão. Agora eu o identificava. Se não estava enganado, era Joseph Ricci, primo de Ray Noccia.

Um terceiro homem seguiu Ricci e Mosconi até a área da piscina. Ele era jovem, louro, bronzeado e parecia um salva-vidas com sua camisa polo amarela e calça cáqui.

Mosconi me revistou. Alguns metros afastado de mim, o salva-vidas fazia a mesma coisa com Del Rio, que empurrou seus braços e disse:

– Tire as mãos de mim. *Agora!*

O salva-vidas não se abalou. Quietamente, virou Del Rio de costas e o empurrou contra a parede. Não foi uma boa ideia.

O garoto era mais novo e, provavelmente, estava em melhor forma física que Del Rio, mas isso não tinha importância. Del Rio o acertou no nariz com um direto e imediatamente desferiu outro soco impressionante. O louro saiu do chão com o impulso. Tive vontade de aplaudir.

Mas, antes que eu pudesse comemorar, Ricci correu para Del Rio e o agarrou por trás, prendendo seus braços junto do corpo enquanto Mosconi encostava o cano de uma Beretta à têmpora de Del Rio.

– Parem – falei em voz alta. – Já terminamos aqui.

Levantei as mãos. E as mantive erguidas e à vista enquanto Mosconi caminhava na minha direção. Ele bateu com força com a Beretta na minha cabeça. Parece que *não havíamos terminado*.

Caí. E então finalmente terminamos.

capítulo 46

APÓS ALGUNS SEGUNDOS, ABRI OS olhos e vi Mosconi de pé perto de mim, bloqueando a luz fraca do sol. Senti um gosto amargo de bile. Ninguém sabia aonde Del Rio e eu tínhamos ido e estávamos desarmados e em menor número. Aquela era Dodge City, o sol estava a pino e nossos adversários eram os favoritos na batalha.

Mosconi falou com voz suave, quase gentil:

– Essa foi por ter falado com o Sr. Noccia daquele jeito. Levante-se, Morgan.

Assim que fiquei de pé, ele me acertou com força no queixo. Cambaleei para trás e caí novamente, derrubando uma espreguiçadeira e quebrando uma mesa. Pontos brilhantes dançavam diante dos meus olhos.

– Essa foi por invadir esta propriedade – disse Mosconi. – E por me chamar de Francis.

Senti o frio do metal quando ele encostou o cano da arma na minha orelha.

Os outros dois homens cuidavam de Del Rio, gritando e praguejando enquanto o espancavam.

– Você tem que aprender a respeitar as pessoas, Morgan. Você e seu amigo.

– Entendo – respondi. – Peço desculpas. Pode me ajudar a levantar?

Mosconi riu. Estendeu a mão e eu a agarrei, torcendo seu pulso até ouvi-lo gritar de dor e cair.

A Beretta foi ao chão. Eu a peguei e encostei o cano na testa de Mosconi. Estávamos empatados.

– Larguem as armas – gritei para Ricci e o salva-vidas. – Ponham as armas no chão e afastem-se.

Joe Ricci obedeceu imediatamente. O salva-vidas o imitou em seguida.

- Morgan – grunhiu Mosconi –, acabou. Desta vez você venceu.
- Ainda não acabou – falei.

Não queria ser seguido e não queria tomar um tiro pelas costas, por isso mandei que os três entrassem na piscina.

Ricci tirou os sapatos, o relógio e desceu a escada do lado mais raso como um cavaleiro. Mosconi arrancou o paletó e mergulhou depressa. Del Rio jogou o salva-vidas na água.

- Não esqueçam isso – gritei e joguei as armas na piscina.

As garotas de programa começaram a se agrupar. Uma delas pôs as mãos nos joelhos e olhou para Mosconi com nojo. Ela era uma belezinha de olhos brilhantes.

- E agora, como vamos nadar ali? – perguntou.
- Movendo os braços e batendo as pernas – respondeu Del Rio.

Glenda Treat assistia a tudo de uma janela protegida por plantas. Ela viu quando Del Rio e eu saímos do pátio e fiz questão de acenar para me despedir. Como era de esperar, ela me mostrou o dedo médio. Infelizmente, isso foi tudo o que consegui no Benedict Spa.

capítulo 47

— **A**GORA ESTAMOS QUITES – DISSE Del Rio. Ele apertava um monte de lenços de papel contra o nariz ensanguentado e eu dirigia de volta ao escritório.

– Do que está falando?

– Você acaba de salvar minha vida. Esperei muito por este dia.

– Claro que não. Eles não iam nos matar, só estavam tentando nos assustar.

Você está delirando!

– Merda – resmungou Del Rio.

– Por que Shelby trabalhava para Glenda Treat?

– Você que era amigo dela, Jack. Eu mal a conhecia.

Um toque abafado soou dentro da minha pasta no banco de trás. Pedi que Del Rio pegasse o celular. Abri o aparelho e vi que tinha mais de 10 chamadas perdidas. Atendi e disse oi para Colleen.

– Onde você se meteu, Jack? Estou ligando direto...

– Eu sei. Estava no spa. O que aconteceu? – perguntei. Meu queixo latejava, minha cabeça doía, meu ego estava destruído.

– Justine quer falar com você.

– Pode passar a ligação.

– Vou avisar a ela que seu humor não está dos melhores.

– Passe logo para Justine, Colleen. Meu humor não poderia estar melhor.

– O prefeito recebeu um e-mail do filho da mãe – contou Justine, agitada. – Disse que deixou os tênis de Marguerite Esperanza numa caixa de correio em La Brea. O laboratório está examinando os tênis neste momento. Jack, onde você se meteu?

– Espere um pouco – pedi.

Entrei num posto de gasolina na esquina da Sunset com a Fairfax.

– O tanque está quase cheio – comentou Del Rio.

– Vá ao banheiro lavar o sangue do rosto. Justine? Ainda está me ouvindo?

– *Sangue?* O que aconteceu com Rick? O que está havendo? Por que não está no escritório? Que história é essa de spa?

Saí do carro e caminhei até uma parte mais isolada do posto. Conteí a Justine sobre a festinha na piscina do “spa” e disse que Glenda confirmara que Shelby trabalhava lá, mas não dissera por quê.

– Você é psiquiatra – acrescentei. – Por favor, me explique: por que ela fazia programas?

– Sem tê-la conhecido, não posso explicar nada.

– Imagine que está apenas começando a traçar um perfil.

Após uma pausa, ela disse:

– Shelby era uma pessoa engraçada, não era?

– Sim, muito.

– Pois bem. Se combinarmos partes iguais de narcisismo e ódio contra si mesmo, podemos criar um comediante. Ou uma prostituta.

Eu devo ter gemido.

– Fui muito indelicada, Jack? – perguntou Justine.

– Shelby deve ter descoberto algo que não deveria saber. Talvez sobre a família Noccia.

– Sinto muito.

– Ainda não acabou.

– Eu sei. Jack?

– Hum?

– Você vem para o escritório? Sci e eu temos teorias diferentes para o caso das colegiais. Preciso de outra opinião.

– Parece que estamos progredindo – respondi. – Estou indo para aí.

capítulo 48

QUATRO PARES DE OLHOS EXPRESSARAM consternação, talvez até choque, quando Del Rio e eu entramos na sala de guerra.

– Ninguém morreu – falei.

– Mas só porque havia muitas testemunhas – acrescentou Del Rio, tentando fazer graça.

Colleen entrou para anotar os pedidos para o almoço. Eu estava expondo minha teoria sobre a conexão entre Shelby Cushman e a família Noccia. Ela olhou para mim com ar perplexo, apavorado. Meu queixo estava muito machucado, cheio de hematomas. Eu tinha um corte grande na maçã do rosto. E esses eram só os ferimentos que ela podia ver.

– Estávamos em desvantagem numérica – expliquei.

– O de sempre? – perguntou-me Colleen.

– Com fritas – respondi. – E uma porção extra de gelo.

Quando Colleen saiu, olhei para o Dr. Sci.

– Jack, estive analisando tudo isso com Mo. Concordamos num ponto: se o assassino das colegiais está atraindo as vítimas com mensagens falsas, ele precisa ter acesso sem fio aos celulares das garotas em *tempo real*.

Mo-bot assobiou. Ela usava uma blusa sem mangas, que deixava à mostra uma confusão colorida de tatuagens. Era difícil imaginá-la em Harvard, onde concluíra o doutorado. Mo tirou os óculos bifocais e disse:

– O que Sci está dizendo é que acreditamos que o cretino espere suas vítimas em um local determinado, provavelmente dentro de um veículo que não chamaria atenção, como uma van. O filho da mãe capta o sinal e acessa o celular da vítima. É assim que consegue enviar suas mensagens usando o nome de algum amigo da garota, um nome que esteja na agenda do aparelho.

– Se ele é capaz de fazer isso – disse Sci –, também pode bloquear todas as outras mensagens da caixa de entrada e de saída. Até onde sei, não existe um programa que possibilite invadir o conteúdo de um celular através de uma rede sem fio.

– Mas é algo que se pode imaginar – acrescentou Mo-bot. – E se pode ser imaginado, pode ser feito.

capítulo 49

— **V**AMOS SEGUIR ESSA LINHA DE raciocínio. Justine?

Embora apresentasse círculos escuros sob os olhos, Justine continuava linda. Por outro lado, eu não me lembrava da última vez que a vira sorrir. Esse caso a estava mobilizando como nenhum outro até então.

– Uma coisa vinha me atormentando nos últimos dois dias – confessou ela. – E hoje de manhã finalmente tomou forma. Há cinco anos, o corpo de uma garota foi encontrado no mesmo beco onde Connie Yu foi deixada. Pesquisei nos arquivos do *LA Times* e encontrei a notícia. O nome dela era Wendy Borman, 17 anos. Como Connie Yu, Wendy também havia saído de casa para dar um pulo rápido na Hyperion Avenue, só que nunca mais voltou. O corpo foi encontrado na manhã seguinte.

– Wendy Borman é um caso não solucionado?

Justine assentiu e disse:

– Ela foi morta por estrangulamento manual. Havia um hematoma atrás da orelha, resultado de uma pancada com um objeto pesado. Não houve testemunhas nem abuso sexual. A perícia não encontrou nenhuma evidência que pudesse ser usada para identificar o assassino. Familiar, não?

Todos a ouviam com atenção. Justine continuou:

– E que tal isto? A bolsa e o celular de Wendy foram levados. Ela também usava um colar, uma estrela de ouro pendurada numa corrente. A joia não estava com o corpo. A mãe da vítima disse que ela *sempre* usava aquele cordão.

– Então tudo foi feito para dar a impressão de roubo seguido de morte.

– Isso me faz pensar há quanto tempo os assassinatos de colegiais estão acontecendo? Quantas meninas esse desgraçado matou? De quantas maneiras diferentes? Houve alguém antes de Wendy Borman?

Repassamos as tarefas de cada um e o volume de trabalho durante o almoço. Todos ali eram profissionais caros, mas eu não me incomodava.

– Está tudo sob controle, exceto pelos casos Cushman, NFL e das colegiais – falei. – Vamos nos dedicar exclusivamente a esses três casos até os resolvermos.

E vamos solucioná-los, podem ter certeza.

Subi mancando a escada para meu escritório e Colleen me seguiu.

– Alguém ligou procurando você hoje de manhã – falou. – Talvez tenha sido um trote, mas foi *horrível*, Jack. Você devia ter ouvido. Sério.

Ela pegou o fone, acessou o correio de voz e acionou o viva voz.

Lamento que Colleen tenha ouvido aquela voz eletrônica sinistra.

– *Você está morto*

Colleen parecia chocada, e com razão. Nada naquele tom gelado sugeria que fosse um trote.

Eu a abracei e a apertei contra o peito. Ela emitiu um som que parecia um gato ronronando, depois riu de si mesma.

O que eu iria fazer com aquela mulher tão adorável?

– Ainda não, Colleen. Ainda não estou morto.

PARTE TRÊS

**O QUE O AMOR TEM A
VER COM ISSO?**

capítulo 50

EU ESTAVA EM PÉ AO lado de Colleen num balcão em forma de ferradura, na taberna de Mike Donahue, que cheirava levemente a um honesto dia de trabalho pesado.

– Venho aqui quase todas as noites depois do trabalho – confessou ela.

Colleen estava com uma jaqueta justa cor-de-rosa sobre um vestido florido, os cabelos compridos caindo em ondas sobre os ombros. Ela vinha se esforçando muito para conseguir a cidadania americana, mas pude entender por que ela se sentia em casa naquele pub irlandês escuro, com seus pratos e suas bebidas típicas.

Eu estava incomodado com o que acontecia entre nós. Colleen e eu estávamos juntos havia um ano, mais ou menos, e víamos isso de jeitos diferentes. Para Colleen, “era hora de dar um passo adiante”.

Enquanto esperávamos por uma mesa, bebemos cerveja escura e jogamos dardos. A mão que eu usava para arremessar ainda estava machucada depois da briga com Mosconi, por isso Colleen estava acabando comigo.

– Não devia me *deixar* ganhar, Jack – disse ela. – Vou ter muitos problemas por causa disso.

– Acha que estou perdendo de propósito, Molloy?

– Tente acertar o número oito – sugeriu ela, dando um tapa no meu traseiro.

Arremessei o dardo e errei, mas ri de mim mesmo e observei com admiração Colleen posicionada para o arremesso, seu corpo formando ângulos tentadores. Ela cravou o dardo no 20 e encerrou o jogo.

– Acho que isso quer dizer que o jantar é por minha conta – falei.

Ela riu e me beijou. Seu amigo Donahue saiu da cozinha. Ele tinha 36 anos e era barbudo. Colleen me contara que ele sofria de gota.

– Então esse é o homem que roubou seu coração de nós – brincou ele.

– Mike é um sedutor – avisou Colleen, passando um braço em volta da minha cintura.

Seguimos Donahue até uma mesa confortável num canto no fundo do bar. Depois de comermos, o garçom se aproximou com um bolo cheio de velas.

Quando as palmas e os assobios cessaram, eu me debrucei sobre a mesa para beijar Colleen.

– Feliz aniversário atrasado, Molloy.

Deslizei uma caixinha embrulhada em papel dourado na direção dela. Colleen sorria entusiasmada enquanto removia a fita e o papel de presente. Lentamente, levantou a tampa da caixa.

– Obrigada, Jack. É lindo – disse, tirando do estojo um relógio de ouro.

– Combina com você, Colleen.

– Pare com isso, Jack. Não precisa dizer essas coisas quando, na verdade, quer falar algo bem diferente.

Mensagem recebida: *não é um anel.*

capítulo 51

O CHALÉ ALUGADO POR COLLEEN FICAVA em Los Feliz, uma região residencial e artística, com prédios baixos e pequenas casas próximas umas às outras, em ruas encantadoras. Estávamos sentados no meu carro quando falei que não poderia passar a noite com ela, embora estivéssemos comemorando seu aniversário.

Na rua algumas pessoas passeavam com seus cães e crianças corriam, gritando. Coisas idílicas. Colleen olhou para as mãos unidas sobre as pernas, para o relógio de ouro brilhando levemente sob uma lâmpada da rua.

- Rick e eu decolamos para Las Vegas daqui a uma hora.
- Não precisa me explicar. Fui eu que tomei todas as providências, Jack.
- É só trabalho, Colleen. Não vou a um cassino.

– Tudo bem, Jack. Preciso mesmo estudar hoje à noite. Eu não seria uma companhia muito divertida. Mais uma vez, obrigada pela adorável comemoração e pelo presente. Nunca tive um relógio tão lindo.

Ela me beijou nos lábios, depois estendeu a mão para a maçaneta do carro.

- Vou levar você até a porta de casa.

Colleen ficou onde estava até eu abrir a porta para ela, então saiu do carro com movimentos elegantes e recatados. Caminhei ao seu lado pelo corredor entre as roseiras e as lavandas do pequeno jardim. Enquanto andávamos, ela procurava as chaves na bolsa.

- Boa viagem.
- Vejo você de manhã – respondi. Depois voltei ao carro. Estava me sentindo péssimo por deixá-la sozinha esta noite, mas tinha que ir.

Vi as luzes se acenderem dentro da casa.

Acompanhei os movimentos de Colleen da entrada da cozinha até a pequena sala de estar, onde logo estaria estudando com uma xícara de chá

ao lado e o rádio ligado para não se sentir sozinha.

Imaginei-a olhando para o relógio e pensando em todas as coisas que poderia ter me dito e no que me diria no dia seguinte. Liguei o carro e parti. Quando parei no sinal, telefonei para Del Rio.

– Como vai? – perguntei.

Ele andava de mau humor desde o incidente na mansão de Glenda Treat. Del Rio é o homem mais duro que conheço e não conseguia superar aquela surra. Estava ressentido.

– Estou saindo de casa – respondeu ele. – Se o trânsito cooperar, estarei no aeroporto em 20 minutos.

– Não se esqueça de levar sua arma.

– Não vou esquecer. Leve a sua também, Jack.

capítulo 52

A CASA DE CARMINE NOCCIA FICAVA a meia hora do aeroporto McCarran e a 15 minutos da Strip de Las Vegas. Parei o carro alugado na frente do portão alto – entrada para um condomínio de celebridades, sultões, magnatas dos cassinos e outros megarricos misteriosos que frequentemente se tornavam clientes da Private.

Del Rio saiu do carro e anunciou nossos nomes pelo interfone. Os portões se abriram.

Dirigi por uma longa e sinuosa alameda até outro portão, este com o número da casa de Noccia gravado em ferro fundido ao lado do interfone. Del Rio tocou a campainha e nossa entrada foi liberada.

Avancei com o carro e, quase imediatamente, ouvi um barulho de água corrente, o que era estranho naquele lugar. Atravessamos uma ponte sobre um rio artificial, seguimos por quadras de tênis e estábulos e enfim chegamos a uma área com palmeiras altas, em frente a uma casa de estilo espanhol.

Era difícil de acreditar que aquele oásis houvesse sido construído sobre areia, mas fora exatamente isso que acontecera.

Um homem de jeans e camisa vermelha com o colarinho desabotoado abriu a porta alta e pesada, nos conduziu ao hall e mandou que apoiássemos as mãos na parede. Ele nos desarmou e nos revistou, em busca de escutas.

Vi o rosto de Del Rio se tornar sombrio. Ele fervia de raiva, mas o alertei com o olhar.

– Por aqui – disse o imbecil de camisa vermelha.

Em seguida nos guiou por um corredor que atravessava várias passagens em arco e cômodos de teto muito alto. Passamos por um grupo de homens que jogava bilhar e chegamos a uma sala ampla, com portas de vidro que se abriam para uma piscina.

Carmine Noccia estava sentado numa cadeira em frente à lareira, lendo um livro.

Sua compleição era mediana e, embora tivesse apenas 46 anos, o cabelo já estava ficando grisalho. Carmine vestia um suéter de seda mista cinza e calça comprida, uma roupa casual, mas de tecido elegante e corte perfeito. Sua aparência condizia com a de um chefão rico, membro da última grande família de mafiosos da Costa Oeste, um homem que ganhava muitos milhões de dólares ilegais por semana.

Eu sabia bastante sobre Carmine Noccia. Ele se formara com honra em Stanford e concluíra o mestrado em marketing na UCLA. Depois da formatura, provara sua competência ao pai e, nos últimos 10 anos, vinha comandando parte dos negócios da família – a rede de prostituição e, provavelmente, o tráfico de drogas. O filho do chefão nunca fora acusado de assassinato, mas prostitutas haviam sido encontradas em vários lixões da região. Um intermediário que trazia garotas da antiga União Soviética havia desaparecido. E minha arma e a de Del Rio estavam sobre um armário vintage no hall de entrada.

Cruzamos a porta e Noccia se levantou imediatamente, enfiando as mãos nos bolsos. Ele convidou Del Rio e eu a nos sentarmos, então nos acomodamos no sofá mais próximo da cadeira em que ele estivera lendo.

– Trouxe o dinheiro para quitar a dívida de seu irmão? – perguntou Noccia. – Espero que sim. Caso contrário, entenda, isto é uma perda de tempo.

Bati no bolso do paletó e disse:

– Preciso de sua ajuda com outro assunto. Alguém matou Shelby Cushman. Parece que foi um profissional e é assim que a polícia de Los Angeles está tratando o caso. Se você souber quem foi, eu gostaria que me contasse. Ela era minha amiga.

Enquanto eu falava, Del Rio se levantou e começou a andar pela sala, examinando fotos e os rifles pendurados nas paredes.

– Você monta os cavalos que estão no estábulo? – perguntou ele a Noccia.

– Não sei quem matou Shelby – respondeu o mafioso, seguindo Del Rio com os olhos. – Mas quero que saiba que gostávamos dela. Shelby era uma boa moça. Muito inteligente e engraçada.

Peguei o envelope no bolso do paletó e o entreguei a Noccia. Ele o abriu e conferiu o cheque no valor de 600 mil dólares.

A dívida de jogo de Tommy estava paga.

– Vou enviar às pessoas certas – avisou Noccia, guardando o envelope entre as páginas do livro que lia, *A audácia da esperança*. Interessante. Será que ele era contra ou a favor de Barack Obama?

– Se eu souber alguma coisa sobre Shelby, lhe avisarei – disse ele. – Você me impressionou, Jack. Fez o que era certo por seu irmão.

capítulo 53

NA MANHÃ SEGUINTE, ANDY CUSHMAN sentou-se numa cadeira diante de minha mesa na Private. Seu rosto estava muito vermelho, com dois círculos brancos deixados pelos óculos, prova de que passara muito tempo na piscina. Seu cabelo estava penteado. Ele havia se barbeado e usava roupas limpas e alinhadas. Andy não parecia ter chegado ao fundo do poço, mas eu sabia que em poucos minutos ele estaria lá.

– Então você tem novidades para mim? – perguntou.

Colleen serviu meu Red Bull e um café para Andy. Nós dois agradecemos.

– Andy, tenho algo a lhe dizer, mas você não vai gostar.

– Não se preocupe, Jack. Seja o que for, eu aguento. Por isso estou aqui.

Assenti como se concordasse. Depois contei a meu velho amigo que havíamos descoberto que Shelby estava trabalhando antes de ser assassinada. E disse onde: no Benedict Spa.

Andy pulou da cadeira, gritando e brandindo o dedo indicador no ar.

– *Que porra é essa que você está me dizendo? Ela trabalhava lá? Isso é uma grande besteira! É mentira! Alguém está brincando com você, Jack!*

Esperei que Andy terminasse o desabafo e se sentasse. Entendia por que ele estava tão aborrecido.

– Eu não contaria a você se não tivesse checado, Andy. Sinto muito. Mas é verdade.

O rosto de Andy estava quase roxo de tanta raiva. Sua respiração era rápida e superficial. Temi que ele tivesse um infarto em meu escritório, talvez um fulminante.

– Então me diga *por quê*, Jack. Quero saber *por quê*. Ela tinha tudo o que queria. Meu Deus, nossa vida sexual era muito ativa. – Ele empurrou a

cadeira para trás. – Quero uma prova. Preciso de provas! Esse é seu trabalho, não é? *Provar coisas?* Prove, Jack. Prove.

– Del Rio e eu fomos a Las Vegas ontem à noite e encontramos Carmine Noccia.

Andy me olhou surpreso.

– O que ele tem a ver com isso? Essa história não faz nenhum sentido, Jack.

– Ele é o dono do Benedict Spa. Conhecia Shelby e não negou que ela trabalhasse para ele. Mas não sabe quem a matou. Foi o que disse.

– Está me dizendo que minha esposa era uma prostituta, uma mentirosa e ainda trabalhava para a Máfia? *Por que*, Jack? Ela não precisava de dinheiro.

– Sinto muito, Andy – repeti.

– Então, qualquer babaca com uma arma pode ter matado Shelby? Foi isso que você descobriu?

– Estamos trabalhando no caso. Toda a equipe está envolvida. Vamos pegar o cara que fez isso.

Andy deu um soco na mesa.

– Sabe de uma coisa? Não me interessa mais saber quem a matou. Não quero gastar nem mais um centavo com ela. Dane-se, Jack. Dane-se.

Balancei a cabeça.

– Pense bem no que está dizendo. Se não encontrarmos o assassino de Shelby, a polícia vai continuar atrás de você.

– Pois que continue. Eles não têm nada contra mim nem nunca terão. Você acaba de perder um trabalho, Jack. Está dispensado.

Andy se levantou, fazendo a cadeira cair, e saiu do escritório como um furacão.

Ele quase derrubou Colleen quando ela passava pela porta.

– Eu ouvi bem? – perguntou ela com uma das mãos na cintura. Estava usando o relógio novo. – Ele nos dispensou?

– Não. Bem, sim. Ele está nervoso, mas é meu amigo. Vou transferir o caso Cushman para a lista dos trabalhos voluntários – anunciei. – Vamos

continuar nesse caso. A única diferença é que agora estamos trabalhando de graça.

– Vou cuidar disso, Jack – respondeu Colleen e em seguida fechou a porta do meu escritório. – Ainda sou sua amiga?

capítulo 54

CRUZ ESTACIONOU O CARRO DO lado de fora do Benedict Spa e viu uma loura estonteante sair pelo portão principal. Ela desceu a colina caminhando em direção ao local onde ele estava parado, observando-a desfilir.

A jovem devia ter 1,55m, era do tipo mignon e tinha cabelos bem curtos. Usava uma bermuda ciclista preta, top verde de tecido sintético e sapatos baixos. Estava desativando o alarme de seu Lexus conversível quando Cruz se aproximou.

– Oi, pode me dar um segundo? – pediu ele, caminhando na direção dela.

A jovem entrou no carro e trancou a porta.

Cruz tirou o distintivo do bolso de trás e o mostrou a ela, pedindo que baixasse o vidro.

– De onde você é? – ela quis saber. – Do FBI?

– Não, sou investigador particular – respondeu Cruz com um sorriso. – Só preciso de um minuto. Você trabalha no spa, não é? Prometo que não vai doer nada.

– Não posso falar com você. Por favor, afaste-se ou vou passar por cima dos seus pés.

– Meu nome é Emilio Cruz. E o seu?

– Carla. Marque um horário, está bem? Podemos conversar o tempo que você quiser *dentro do spa*. Durante horas.

– Fique dentro do carro. Mantenha a porta travada. Tenho duas ou três perguntas a fazer, só isso.

Carla, sobrenome desconhecido, pôs a chave na ignição e ligou o motor. Cruz passou pela frente do automóvel e caminhou para o lado do passageiro. Carla estendeu o braço e travou a porta, mas, embora a capota estivesse fechada, a janela estava um pouco aberta.

Cruz enfiou o braço pela brecha, puxou o pino, abriu a porta e entrou no carro.

– Saia, ou vou começar a gritar. Vou ligar para a mansão e alguém virá aqui e acabará com você, cara. Aqueles sujeitos podem se tornar ameaçadores bem depressa.

– Eu vim em paz. Não pretendo aborrecê-la. Só quero saber algumas coisas sobre Shelby Cushman.

– Deixe eu ver o distintivo de novo.

Cruz o mostrou.

– Sou licenciado. Mas não sou policial – explicou ele. – Estou aqui por Shelby.

De repente, os olhos da jovem se encheram de lágrimas. Cruz ficou surpreso.

– Eu amava Shelby – disse ela.

– Ouvi coisas maravilhosas sobre ela.

– Shelby era do tipo que chorava quando via alguém triste. Faria qualquer coisa por você, mesmo que você não lhe pedisse nada. E era muito engraçada.

– O que aconteceu com ela?

– Vou contar o que ouvi. Não sei se é verdade. Ela estava em seu quarto e alguém atirou nela duas vezes.

– Como sabe onde ela estava quando foi assassinada, Carla?

– Ouvi conversas à beira da piscina. Espere. Acho que foi Glenda quem disse isso.

– E quem contou a Glenda? É importante.

– Não sei. E não conheço ninguém que pudesse fazer algo contra Shelby. Mas fico feliz por saber que está tentando encontrar o assassino.

– Aqui entre nós – disse Cruz –, você acha que os Noccia têm alguma coisa a ver com isso?

Carla cruzou os braços e se fechou.

– É isso que você acha?

– Estou perguntando o que *você* acha – insistiu Cruz.

– Shelby era uma máquina de ganhar dinheiro e nunca criava problemas. Não acho que tenham sido eles.

Carla estava ficando inquieta e nervosa. Cruz sorriu para ela.

– Estou quase acabando. Quem eram os clientes regulares dela? Havia alguém mais temperamental, mais explosivo? Ou possessivo? Ou vingativo?

– Na verdade, não. Mas alguns homens marcavam hora com ela com frequência.

Dois deles vinham algumas vezes por semana. Shelby só trabalhava durante o dia.

– Quem eram? Isso pode ser muito útil. Shelby falava sobre eles?

– Era gente de Hollywood. Um é diretor de cinema. O outro é ator. Do tipo *bad boy*, sabe? Não posso dizer. Mas talvez você possa descobrir. Gosta de cinema?

– Claro. Quem não gosta?

– Já assistiu a *Expulsos do inferno*?

– Obrigado, Carla. Você foi ótima.

– Não comente isso com ninguém. – Ela pisou no acelerador, aumentando a rotação do motor. – De verdade. Não conte a ninguém. E, por favor, não me procure mais, nem aqui, nem em outro lugar. Estou correndo um grande risco por conversar com você, querido. Não quero acabar como Shelby.

capítulo 55

CRUZ E DEL RIO ENTRARAM juntos no meu escritório. Cruz ajeitou os cabelos com os dedos, jogando-os para trás, e refez o rabo de cavalo. Del Rio levantou a cadeira que Andy havia derrubado e sentou-se nela.

- Andy nos dispensou? Você só pode estar brincando.
- Tive que contar a ele sobre Shelby e o spa. Andy não conseguiu aceitar.
- É... – disse Cruz. – Lamento por ele.
- Eu também – falei. – Alguma vez você quis estar errado?
- Ele nos dispensou porque você contou a verdade? – indagou Del Rio.
- Andy vai mudar de ideia em alguns dias.
- Você acha mesmo? – Cruz quis saber.
- Então, como estão se saindo? – perguntei aos dois. – Ainda estamos trabalhando nesse caso, o.k.? Vamos descobrir quem matou Shelby.

Cruz tirou um bloquinho do bolso, abriu-o e começou a relatar as novidades. Disse que havia conversado com uma mulher que trabalhava no spa de Glenda Treat e que ela lhe dera os nomes de dois clientes que visitavam Shelby Cushman com muita frequência.

– Os dois são da indústria do entretenimento – avisou Cruz. – Pesquisei e entrei em contato com o escritório de Nova York. Um desses homens, Bob Santangelo, veio do Brooklyn. Você o conhece?

- De nome – respondi. – Acho que vi um ou dois filmes com ele.
- É um tipinho hostil, antipático. Um desses atores que não dão entrevistas.

E gosta de testar sua influência por aí.

- E ele visitava Shelby com muita frequência?
- Algumas vezes por semana, pelo que entendi. O outro cara é Zev Martin, diretor classe A que trabalha muito para a Warner Brothers. As pessoas costumam dizer que, no caso dele, o A é de *abestado*.

Aparentemente, o sujeito é um narciso completamente apaixonado por si mesmo.

– *Expulsos do inferno* – interveio Del Rio. – Um clássico do horror, uma obra-prima do cinema trash. Acho que já assisti umas seis vezes. Martin dirigiu o filme e Santangelo era o vilão.

– Os dois têm esposas – continuou Cruz. – Nenhum deles tem ficha na polícia.

– Porte de arma? – indaguei.

– Negativo.

– Você tem alguma preferência?

– Não.

– Cuide de Santangelo – decidi. – E mantenha contato.

capítulo 56

DEL RIO E EU FOMOS de carro aos estúdios da Warner Brothers, em Burbank. Mostrei meu distintivo ao segurança e lhe disse que poderia confirmar as informações com o chefe do estúdio, que era cliente da Private. Alguns minutos depois, eu dirigia pela larga alameda iluminada que atravessava o terreno, passando pelo refeitório e pelos estúdios de som e seguindo até os chalés num campus cenográfico.

Encontramos Zev Martin trabalhando em sua motocicleta ao lado de uma casinha branca com seu nome escrito na porta. Era um homem baixo, de cerca de 30 anos, com barba bem aparada e uma tatuagem de arame farpado em torno do bíceps.

Eu e Del Rio nos apresentamos enquanto Martin nos olhava desconfiado.

– O que foi? – perguntou.

– Estamos investigando a morte de Shelby Cushman – falei. Essa declaração sempre acabava com qualquer conversa. E dessa vez não foi diferente.

– Você a visitava várias vezes por semana – disse Del Rio. – No Benedict Spa. Shelby alguma vez comentou sobre alguém criar problemas para ela?

Martin se levantou, limpou as mãos num pano sujo e respondeu:

– Ninguém vai ver garotas como Shelby para ouvir seus problemas. Que ideia! É isso que *você* faz? Paga mulheres para que elas falem sobre si mesmas?

Por que não se casa, então? – sugeriu ele a Del Rio.

Meu amigo ainda tinha muitos hematomas escuros, o que o fazia parecer um pit bull que havia enfrentado outro igualmente forte... mas vencera.

– Não pago mulheres – respondeu ele. – Eu me pergunto que tipo de homem faz isso.

– Rick, me espere no carro, por favor – intervim.

Mas ele não me deu ouvidos. Descontrolado, agarrou a camisa de Martin, apertando a gola em volta do pescoço. A moto caiu.

– Não vamos aturar suas babaquices – disse Del Rio com o rosto quase colado no de Martin. – Conte o que sabe sobre Shelby ou vou bater em você até estourar seus miolos e depois irei pessoalmente contar à sua pobre esposa sobre suas visitas ao spa.

– Ei! O que é isso? – gritou Martin, com a voz esganiçada.

Ouvi o apito de um carro de segurança vindo em nossa direção.

O rosto de Martin estava ficando vermelho quando Del Rio arrancou dele as últimas palavras.

– Shelby estava apaixonada por um cara. E não era o marido dela, sabe?

– Rick – falei, agarrando-o por trás –, solte-o.

– Quem era esse cara? – perguntou ele, sacudindo o diretor.

– *Não sei*. Era um boato, uma fofoca entre as outras garotas. Shelby nunca tocou no assunto.

Fiz Del Rio soltar Zev Martin e, enquanto ele voltava pro carro, pedi desculpas em seu nome.

– Tudo bem? – perguntei a Martin.

– Merda, não! – respondeu ele com a mão na garganta.

– Del Rio é veterano de guerra – expliquei, sem revelar que ele também era um ex-presidiário. – Ele está sofrendo de Síndrome de Estresse Pós-Traumático. Sinto muito.

– Eu deveria processá-lo por agressão – resmungou Martin, enquanto o carro da segurança parava junto ao meio-fio.

– Posso estar enganado, mas acredito que você não queira chamar mais atenção para essa situação – respondi.

Evitei olhar para o guarda quando voltei ao carro. Entrei no automóvel e bati a porta.

– Espero que não seja *você* o homem por quem Shelby estava apaixonada, Jack – murmurou Del Rio. – Amigos próximos, você disse...

Liguei o carro enquanto respondia:

– Qual é o problema com você? Não tomou seu remédio hoje?

Ele estava encolhido, apoiado à porta do passageiro.

– Diga-me uma coisa, Jack. Você já sofreu de sonambulismo?

– Não, nunca.

– Pois eu acordo atrás do sofá, dentro do armário, no jardim... e não sei como fui parar lá. E tenho pesadelos horríveis.

– Tire o resto do dia de folga, Rick. Vá para casa e durma, antes que acabe nos matando.

capítulo 57

JUSTINE BEBEU O CAFÉ MORNO de um copo descartável.

O policial que ela havia contactado, Mark Bruno, estava sentado à sua escrivaninha, num escritório de onde podia ver toda a área da divisão de homicídios. Bruno tinha 40 e poucos anos, era forte, compenetrado. Cinco anos antes, ele havia sido um dos detetives que trabalharam no caso de Wendy Borman, no leste de Los Angeles.

– Wendy já estava morta havia um dia quando foi encontrada naquele beco – disse Bruno. – Tinha chovido. Isso só aumentou a tragédia. Os indícios que poderiam ter sido deixados no corpo foram lavados e levados para o esgoto.

– Qual é sua teoria sobre esse caso? – perguntou Justine.

– É mais que uma teoria. Houve uma testemunha. Alguém viu quando ela foi levada.

Justine se espantou e se endireitou na cadeira.

– Espere aí. Não havia testemunhas.

– Havia, sim. Os jornais não publicaram nada porque, para começar, a testemunha tinha 11 anos. Uma menina chamada Christine Castiglia. A mãe não permitiu que ela falasse com a gente por muito tempo e o que ela viu não acrescentou muito ao que sabíamos.

– Estou desesperada atrás de uma pista. Preciso saber de qualquer coisa que você tenha a me dizer, por mais insignificante que pareça – falou Justine.

– Ninguém jamais associou Wendy Borman ao grupo das colegiais. Você seria uma boa policial... se aceitasse a redução drástica no salário.

– Obrigada – respondeu Justine. – Mas posso estar errada.

– Bem, você continua investigando – comentou Bruno. – Não sou um dos policiais que a detestam, Dra. Smith.

– Pode me chamar de Justine.

– Justine. Não me interessa quem vai pegar o filho da mãe. Na verdade, agora estou torcendo para que seja *você*. É claro que precisamos de toda a ajuda que pudermos receber.

Justine sorriu.

– Fale mais sobre Christine Castiglia.

Bruno girou a cadeira, abriu uma gaveta do arquivo atrás dele e pegou um caderno espiral com o nome “Borman” escrito na capa em letras maiúsculas. Virou-se para Justine outra vez e coçou a testa enquanto folheava suas anotações. Depois de alguns minutos, ele levantou a cabeça novamente.

– Tudo bem, eu me lembro bem de quase tudo. Para resumir, Christine e a mãe, Peggy Castiglia, estavam em um café na esquina da Rowena com a Hyperion.

A menina olhava para a Hyperion quando viu dois homens jogando uma garota dentro de uma van...

– *Dois* homens?

– Foi o que ela disse. Não tinha como afirmar que a garota era Wendy Borman.

E não conseguimos determinar o momento da morte com a precisão necessária para saber se havia acontecido no período em que Christine e a mãe estiveram no café. – Bruno suspirou. – Mas ela viu dois homens. Na verdade, nossa investigação praticamente começou e terminou aí. Não descobrimos mais nada.

– Christine conseguiu descrever os homens? Um deles, pelo menos?

Bruno virou as páginas do caderno e encontrou um retrato falado do rosto de um homem jovem, com cabelos cacheados e óculos. Os traços eram comuns, quase neutros. Não havia muita coisa de útil ali.

Ele virou o caderno para que Justine pudesse ver a imagem.

– Esse desenho me diz que Christine não conseguiu ver bem o rosto do homem – comentou Bruno. – O suspeito tem cabelo cacheado e usa óculos. Isso é tudo o que sabemos.

– Que pena...

– É, mas agora estou lembrando... Christine também viu as costas do segundo homem. Ele era mais baixo que o parceiro e tinha cabelo mais liso e comprido que o dele. Grande coisa, não? Isso elimina todos, menos uns dois milhões de homens brancos em Los Angeles.

– Ela viu fotos de suspeitos ou foragidos?

– Não, nem tivemos tempo para isso. A mãe a levou daqui como se o lugar estivesse pegando fogo. Não conseguimos convencê-la a colaborar.

– Se ela tinha 11 anos, agora tem 16 – calculou Justine. – Segundo ano do ensino médio.

– Nunca consegui deixar de pensar em Wendy Borman – confessou Bruno. – Tenho aqui o último endereço conhecido da família Castiglia.

– Obrigada, Mark. Mais uma coisa em que pode me ajudar. Você me apresentaria ao melhor policial que conhece em investigação de casos antigos e sem solução?

Ele assentiu devagar.

– Conte comigo.

capítulo 58

CRUZ LEVOU O RESTO DO dia e boa parte da noite para se aproximar do astro Bob Santangelo – e só conseguiu porque ficou parado do lado de fora do Teddy's Lounge como uma fã idiota, esperando que o ator saísse de lá com sua comitiva.

Cruz seguiu na cola de um guarda-costas e conseguiu passar pela pequena aglomeração, chegando ao Mercedes cinza perolado parado junto ao meio-fio no instante em que ele partia. Colou o distintivo no vidro escuro do para-brisa e o carro parou imediatamente.

A porta de trás foi aberta e um grande guarda-costas desceu. Era asiático ou samoano.

– O que quer, senhor?

– Só preciso fazer algumas perguntas, depois o Sr. Santangelo poderá seguir seu caminho.

Uma voz soou de dentro do automóvel.

– Tudo bem.

Santangelo estava no banco de trás. Era bronzeado, tinha cabelos castanhos curtos e, no rosto, a barba começava a crescer de novo. Usava uma jaqueta de couro marrom igual à que vestira em um de seus filmes. O ator deslizou no banco, abrindo espaço para que Cruz se sentasse a seu lado.

Mais uma vez, o automóvel se afastou da calçada.

– Meu nome é Emilio Cruz. Sou investigador particular.

– O quê? Pensei que fosse tira.

– Lamento desapontá-lo.

– O que significa isso, afinal? Ellen contratou alguém para me seguir?

– Não conheço sua esposa.

– Mas sabe que o nome dela é Ellen. Diga logo do que se trata. Sua carona vai só até o Gower.

– Estou investigando a morte de Shelby Cushman.

– Caramba. Pobre Shelby. Sério, não acreditei quando me contaram.

– Havia muito tempo que você a conhecia, Bob?

– Apenas alguns meses. Você conheceu Shelby? Ela era um doce. Além disso, era hilária. Veja só, sou um homem casado, tenho tudo e só queria estar com Shelby. Eu me apaixonei por ela. Acho que me apaixonei de verdade.

– Onde você estava quando ela foi assassinada? Desculpe, mas tenho que perguntar.

– Estava com Xó num avião a caminho de Nova York – respondeu ele, apontando para o homem musculoso no banco da frente. – Naquela noite, jantei com Julia Roberts no Mercury. Pode verificar.

– Sim, eu vou. Se tivesse que citar alguém que pudesse querer o mal de Shelby, quem seria?

– Não sei, cara. O traficante? Orlando alguma coisa. Uma vez ela me pediu dinheiro emprestado para pagar o que devia a ele. Não cheguei a conhecê-lo. Ele vendia drogas a várias garotas do spa.

O ator se inclinou para o motorista e mandou que ele parasse o carro.

– Este é o seu ponto, Sr.... ah, Cruz.

Cruz sorriu e balançou a cabeça.

– Leve-me de volta ao Teddy's. Meu carro ficou lá. Agora que somos tão bons amigos...

– Para o Teddy's – ordenou Santangelo ao motorista. – Não quero voltar a vê-lo – disse em seguida para Cruz.

– Só no cinema, cara.

Emilio Cruz recostou-se no assento macio. O caso finalmente começava a fazer sentido. Shelby Cushman, a garota com um coração de ouro e um marido rico, também tinha um traficante de drogas. Talvez se prostituísse para sustentar o vício.

Andy não iria gostar nada disso. Jack também não. Ninguém gosta de saber que alguém que ama é viciado.

capítulo 59

QUANDO ENTREI EM MEU ESCRITÓRIO, tio Fred estava num canto, encostado na parede e de costas para a porta, falando ao celular. Fazia quase uma semana que ele, David Dix e Evan Newman haviam me contratado para um trabalho importante e prometido uma gratificação tentadora. Até esse momento, eu não tinha garantido nem o pagamento regular.

Fred parecera preocupado naquele primeiro dia. Agora sua testa estava tão enrugada que ele me lembrava um shar-pei. Futebol não era só seu ganha-pão, era sua paixão, a única coisa que ele amava na vida. Ele me dissera isso diversas vezes desde que eu era criança. Se os jogos estivessem sendo manipulados, seu mundo desabaria.

– Ele acabou de chegar – disse Fred ao telefone. – Ligo para você mais tarde.

O sujeito grandalhão que costumava bagunçar meu cabelo quando eu era pequeno se aproximou mancando, consequência das lesões nos joelhos. Ele segurou minha mão entre as suas, depois se deixou afundar numa poltrona.

– Não marcamos uma reunião para sexta-feira? – perguntei.

– Recebi uma ligação ontem à noite, Jack. Não queria falar sobre isso pelo telefone.

Ele enfiou a mão no bolso, pegou um maço de cigarros, guardou-o novamente e disse:

– Estou tentando diminuir. Isso não ajuda nada.

Colleen entrou para avisar que estava indo embora e disse:

– Pus o número do telefone do Sr. Moreno dentro da sua pasta. Você tem uma teleconferência com ele às sete da manhã. O assunto é o serviço para a Fiat. Precisa de mais alguma coisa, Jack?

– Não, obrigado. Boa noite, Molloy.

Ela saiu e fechou a porta do escritório.

– Então, como anda o nosso caso? – perguntou Fred. – Por favor, diga que fez algum progresso.

– Estamos trabalhando. Acho que Del Rio está seguindo uma pista interessante.

Vamos precisar de alguns dias para checar. Disse que alguém telefonou para você?

– Barney Sapok. Eu o conheço há uns 15 anos. Ele nunca havia ligado para minha casa.

Fred pegou o maço de cigarros novamente e resistiu.

– Ele disse que nossos amigos da “indústria do jogo” estão bisbilhotando, chegando às mesmas conclusões que nós. Alguma coisa não cheira bem nesta temporada. Eu deveria ter procurado você antes, Jack. Mas acho que não quis acreditar. Agora os mafiosos estão fazendo perguntas que os comissários já deveriam ter feito. Mas não fizeram. Preciso descobrir o que está acontecendo antes deles.

– Não vou desapontá-lo. Estamos todos à sua disposição.

– Eu sei. Você é meu garoto. Sempre foi o mais inteligente.

Acompanhei meu tio pelo corredor e fiquei parado na frente do elevador enquanto a porta se fechava.

Permaneci ali por um momento, vendo os números do mostrador diminuírem.

Pensei na Máfia investigando aquelas partidas suspeitas, os resultados imprevisíveis definidos nos últimos minutos dos jogos, instantes decisivos que deviam ter custado muitos milhões ao crime organizado. Alguém teria que pagar por isso.

Mas quem seria esperto o bastante para manipular as partidas com dezenas de câmeras e milhões de espectadores atentos a qualquer movimento suspeito? Eu não conseguia nem imaginar como isso poderia ter sido feito.

capítulo 60

O APARTAMENTO DE SCI FICAVA NO último andar de um edifício velho que já havia abrigado uma gráfica, nos tempos em que algumas pessoas de Los Angeles ainda liam.

O espaço era amplo, com colunas de metal sustentando o teto alto. Uma constante exibição de slides era projetada nas paredes brancas: o Vaticano à noite; o rio Tatshenshi, no Alasca; a quadra esportiva de Harvard; uma aurora boreal; o Muro das Lamentações, em Jerusalém, fotografado de um andar muito alto do King David Hotel. Algumas das coisas que Sci adorava e queria guardar.

Um tubarão-tigre de mais de 3 metros de comprimento pairava sobre o espaço amplo, sustentado por correntes fixadas a uma viga no teto.

Trixie, sua macaca de estimação, estava empoleirada sobre a jaula, comendo banana, enquanto Sci, sentado diante do computador, conversava com sua adorada Kit-Kat pela webcam.

Seu rosto bonito e seu corpo avantajado enchiam a tela.

– Está muito agitado esta noite – comentou ela. – Esse caso o perturbou de verdade, não é?

– Tudo gira em torno de fantasias doentias que viraram crimes de verdade.

Acha que pode ser isso, Kat?

– *Ja*. É assim que esses assassinos nojentos agem. Acontece no mundo todo.

– Só que desta vez não existe um padrão que possamos identificar.

Sci sabia que Kit-Kat era bioquímica. Também sabia que ela era casada e morava em Estocolmo, mas desconhecia seu verdadeiro nome. Eles não tinham planos de se conhecer pessoalmente porque isso estragaria tudo, não?

– Encontrei algo para você, Sci. É só um boato. Nada que eu tenha conseguido confirmar. Comentários sobre um programa de espionagem sem fio criado nos Estados Unidos. Ele permite que o usuário capte o sinal de um telefone celular e clone o aparelho. Sem ser detectado.

Sci sentiu o coração vibrar. Muitas vezes imaginara um programa como esse e agora Kat estava dizendo que ele existia.

– Quero saber tudo, Kat, meu amor.

Trixie gritou, jogou a banana no chão e correu pela corda presa à jaula. Ela pulou sobre o ombro de Sci, onde ficou empoleirada, interagindo com a imagem de Kat na tela.

– Oi, bela Trixie... Muito bem, esse programa me pareceu um pouco familiar, Sci. Então pesquisei outro programa mais antigo, com uma assinatura semelhante.

Foi criado por um jogador chamado Morbid. Não espere demais dessa história, querido, por favor. É só um palpite, uma dedução baseada em boatos.

Mas fiz uma pesquisa bem ampla, olhei em *todos os lugares*.

– Kat, nem sei como agradecer. Até agora, essa é a informação que mais se aproxima de uma pista.

– Vou ter que sair daqui em alguns minutos – avisou Kat. – Só tenho tempo para...

Kat desabotoou a blusa e uma música eletrônica de melodia complexa e ritmo pulsante soou nos alto-falantes. Os pensamentos de Sci sobre um programa de espionagem foram empurrados para o fundo da mente enquanto ele trancava Trixie na jaula e voltava para sua Kit-Kat.

A mulher grande e adorável soltou os cabelos e começou a se despir.

– Diga o que quer esta noite, meu amante – disse ela. – Estou aqui para satisfazer às suas vontades.

capítulo 61

MAIS TARDE, NAQUELA MESMA NOITE, Sci sentou-se à sombra do horrível tubarão, com os dedos sobre o teclado e os olhos na tela.

Desde que se despedira de Kit-Kat, vinha pesquisando o nome Morbid e, como resultado, encontrara bandas ruins, Morbid Angel e Morbid Death, além de *morbidez* em todas as categorias absurdas que se possa imaginar.

Quando esgotou as possibilidades do Google e do Bing, acessou vários sites *geek* com mecanismos de pesquisa próprios, em busca de referências a um programa que clonasse celulares por meio de uma rede sem fio e de alusões a um programador chamado Morbid.

Vasculhou todas as comunidades das quais participava, mas não encontrou nada. Então, enviou um e-mail para seu amigo Darren, na Índia. Darren trabalhava para um importante provedor de internet e respondeu à mensagem de Sci com links para sites exclusivos e restritos a profissionais dos altos escalões das áreas de tecnologia. Além dos links, também mandou suas identificações e senhas.

Sci preparou café e depois se aventurou nas profundezas da internet. Encontrou ouro num fórum *supergeek* de que nunca ouvira falar – e só isso já era digno de nota. O nome Morbid era citado numa conversa recente e um dos posts dizia: “Morbid, o grande ganhou as ruas. Dizem que ele é um jogador-chave num jogo de combate da vida real chamado Freek Night.”

Sci estava praticamente colado à cadeira, tomado por uma mistura de euforia e medo de que essa pista acabasse não levando a lugar nenhum. *Este* era o motivo de a Private ser a melhor: contava com os recursos mais avançados e não sofria as restrições impostas à polícia. Operava de acordo com sua própria noção de justiça.

Usando a identificação do amigo, Sci postou uma pergunta sobre Freek Night e recebeu uma resposta imediata:

“Darren, o que posso dizer? Freek Night é tão doentio... é transcendente. O jogo leva a fantasia para um novo nível... a vida real.”

“Como sabe disso?”

“Um jogador chamado Scylla postou algumas vezes no fórum do Extreme Combat. Contou que havia sido recrutado para o jogo, mas podia ser mentira. Tentei entrar e nunca recebi uma resposta.”

“É a primeira vez que ouço falar nisso”, respondeu Sci, passando-se por Darren.

“Porque você vive numa masmorra em Mumbai. Rs. Na maioria dos lugares, assassinato não é um jogo. Mesmo assim, Scylla devia estar bêbado quando escreveu aquele post.”

Sci adicionou o site a seus favoritos, imaginando que sim, que Scylla *devia estar* bêbado. Como muitos jogadores viciados, já não separava mais a vida real da virtual – talvez nem soubesse a diferença. Ele *se tornara* seu nome de usuário, invisível e invencível.

Sci pesquisou no fórum do jogo Extreme Combat e encontrou uma mensagem de Scylla: “Nosso jogo se resume a guerreiros versus vagabundas. No próximo sábado à noite, pensem em mim!”

Mais tarde, uma nova conversa foi iniciada por um membro chamado Trojan:

“No sábado, *joga*. No domingo, *paga*. Scylla voou da própria varanda. Voar é fácil. Duro é chegar ao chão.”

Sci abriu as páginas de perfis de usuários do site e descobriu que o nome de Scylla era Jason e o endereço cadastrado era de Los Angeles.

Eram quatro da manhã em Los Angeles quando um administrador do fórum percebeu que “Darren” estava usando um endereço de IP não autorizado e bloqueou o acesso de Sci.

Ele se levantou e fez mais café. Seus dedos estavam rígidos e as mãos tremiam.

Ele segurou a caneca quente até os dedos relaxarem, depois pesquisou exaustivamente um portal de notícias procurando informações sobre um homem chamado Jason que havia caído da varanda em Los Angeles, na noite em que Marguerite Esperanza fora assassinada.

Ele encontrou um artigo no *Times* on-line, leu a matéria duas vezes, depois ligou para Mo-bot.

Ela atendeu com um grunhido:

– Ligações no meio da noite estão entre as coisas que mais odeio, Sci. Pior que isso só ter os peitos esmagados no aparelho de mamografia.

Sci contou a ela o que descobrira e Mo-bot ouviu tudo atentamente antes de perguntar:

– Então, quem é esse Morbid? Não tenho peças para começar a jogar. Acho que vou ligar para Jack.

– Deixe-o dormir. Acho que podemos esperar até amanhã de manhã.

capítulo 62

PEGUEI O CELULAR E GRITEI:

– *Ainda não!*

Em seguida o joguei na mesinha de cabeceira.

Em meu sonho, eu estivera vasculhando o compartimento de carga do CH-46 derrubado. Podia quase *ver* meu inconsciente e havia tomado uma decisão sobre o que fazer em seguida.

Agora o sonho desaparecera.

Qual era o assunto?

O que eu havia decidido?

O telefone tocou outra vez. A voz irritante que me ameaçava de morte *nunca* tinha ligado de novo depois que eu atendia e desligava.

Olhei para o identificador de chamadas. Era Sci.

– Tenho uma pista para o caso das colegiais – disse ele.

capítulo 63

MEIA HORA DEPOIS, EU ESTAVA na Starbucks com Sci, bebendo um *smoothie* de laranja e manga. Ele estava com calça de pijama azul estampada com smiles e uma camisa com um coração cor-de-rosa no peito, com a inscrição “Deus é fiel”. Seu cabelo estava amassado e tinha o formato de uma cuia, resultado do uso do capacete da moto. Eu teria implicado com sua roupa, mas ainda estava extremamente cansado e Sci tinha um ar muito intenso e sério.

Mexi minha bebida com o canudo e tentei me concentrar na conversa.

– O negócio é que um cara chamado Jason despencou da varanda logo depois que Marguerite Esperanza foi encontrada morta. De acordo com a polícia de Los Angeles, foi suicídio.

– Jason é um programador?

– Trabalha como relações-públicas. *Trabalhava*.

– Não entendi. Explique de novo a ligação.

Sci suspirou. Sabia que eu não era como ele. Posso usar um computador, mas não sou nenhum *geek*.

– Preste atenção – Sci tentou novamente, pegando os frascos de canela e de chocolate em pó, um em cada mão. – A canela é um programa capaz de clonar telefones e enviar e receber mensagens por meio de uma rede sem fio, certo? O chocolate é um jogo de combate... *na vida real*. O nome desse jogo é Freek Night.

Ele juntou os dois recipientes, batendo um contra o outro.

– O que estas duas coisas têm em comum é o jogador cujo nome de usuário é Morbid.

– Explique de novo aquela parte dos jogos de computador – pedi.

– Os mais populares são jogos de guerra. Mo-bot participa de um deles. World of Warcraft. É um jogo on-line de múltiplos jogadores e acontece 24 horas por dia, no mundo inteiro. São 11 milhões de jogadores por mês.

– Jogos de guerra no computador. Acredite, deve ser melhor que a guerra de verdade.

– Muitos desses jogos giram em torno de grandes guerras com exércitos. Os jogadores tentam ocupar países ou planetas, passado, presente ou futuro. Vicia.

Estou falando sério. Parece real. Está entendendo? Acompanhou meu raciocínio até aqui?

– Sim.

– Alguns jogos são confrontos diretos, nos quais dois adversários lutam como antigos samurais ou guerreiros romanos. Às vezes se escolhem colegas de equipe ou aliados, como companheiros de guerra.

– Sei que isso vai nos levar a algum lugar, Sci, ou você não teria me ligado às cinco e meia da manhã.

– Pega leve, Jack. Eu nem dormi.

– Tudo bem, estou ouvindo.

– Muito bem. Imagine um jogador cujo apelido é Scylla. Ele se gaba de participar de um jogo de combate na vida real. O nome do jogo é Freek Night e se resume, segundo o próprio Scylla, a “guerreiros versus vagabundas”.

– Na vida real.

– Muito bem, Jack. E na noite em que Marguerite Esperanza foi morta, Scylla, cujo nome verdadeiro é Jason, voou da varanda de seu apartamento. Encontrei uma notícia no *Times* on-line. Um homem chamado Jason Pilser se matou naquela noite.

– Vamos repassar alguns pontos – propus. – Um programador cujo apelido é Morbid criou um programa de clonagem sem fio para invadir o celular das pessoas.

– É o que sugerem as evidências.

– E ele também participa desse jogo de combate off-line chamado Freek Night?

– Off-line. Muito bom – disse Sci.

Peguei o frasco de canela e prossegui:

– E Scylla, cujo nome real é Jason Pilser, relações-públicas, também participava desse jogo. E se matou no sábado à noite...

– Isso é o que temos, Jack. Ainda não juntamos tudo, mas as peças começam a se encaixar. Há muitas ligações para ser coincidência. Mesmo morto, Jason Pilser é uma pista. Acho que estamos chegando perto.

– Então... devemos *tomar cuidado*?

– Muito cuidado.

capítulo 64

TOMAR MUITO CUIDADO COMEÇAVA *exatamente aqui*, no edifício em que Jason Pilser morava, em Burton Way. Não é comum encontrar tantos prédios sofisticados juntos em Beverly Hills, mas esse quarteirão era uma exceção.

Os edifícios daquele lado da Burton tinham varandas e vistas extraordinárias das colinas.

As portas de correr do sexto andar estavam fechadas.

– Por que Jason Pilser pularia? – perguntei a Sci.

– Remorso, talvez? Não, acho que não...

Eu havia reunido informações sobre Pilser nas últimas horas. Ele tinha 24 anos, era executivo de contas numa grande empresa de relações públicas. Devia ganhar uns 50 mil por ano, nada mal para um homem tão jovem nesses tempos difíceis, mas não era o tipo de rendimento que lhe permitiria morar nesse endereço. Senti cheiro de “poupança”, talvez pais ricos e divorciados.

O carro de Bobby Petino parou junto à calçada. Ele saltou e prendeu no para-brisa uma credencial informando que o veículo pertencia a um oficial que estava a serviço. Usava seu terno preto de 3 mil dólares.

Petino acenou para Sci e para mim, acionou o alarme do carro e disse:

– Finalmente uma pista quente. Bom trabalho, Sci. Jack, o que Justine achou disso?

– Ela está trabalhando no caso por outro ângulo. Decidimos cobrir todas as possibilidades.

– Tudo bem. Começo a me sentir um tanto otimista – confessou Petino.

– Sinto um formigamento nestas minhas orelhas enormes.

Seguindo Petino, entramos no prédio, atravessamos o saguão de mármore e nos aproximamos da mesa do segurança. Sobre ela havia um grande buquê de flores exóticas. Petino nos apresentou ao guarda, Sam

Williams, um senhor de uniforme discreto, a quem mostrou o mandado de busca e apreensão.

– Alguém que não a polícia esteve no apartamento do Sr. Pilser? – perguntou Petino a Williams.

– A Sra. Costella, do 6-A, foi pegar de volta um vaso de planta. Depois disso, fui instruído a manter a porta trancada e a esperar pela chegada da mãe do Sr. Pilser, que viria de Vancouver.

– Você viu Jason Pilser na noite em que ele morreu? – perguntei.

– Não. Ele já estava em casa quando cheguei para trabalhar. Anunciei o entregador da farmácia e, por volta das onze horas, o Sr. Pilser interfonou para dizer que estava esperando alguns amigos.

– E ele mencionou o nome desses amigos? Você os viu? – insisti.

– Não. Disse apenas que eram “amigos”. E devem ter vindo depois do meu turno, que termina à meia-noite. A portaria fica vazia até as seis da manhã, quando Ralph chega.

– Vocês têm câmeras de segurança? – perguntei.

– Temos aquela ali. Funciona em ciclos de 48 horas. As imagens do sábado já foram apagadas. Podem me dizer o que está acontecendo? Achar que não foi suicídio?

– Obrigado por sua ajuda – disse Petino ao segurança. – Talvez voltemos a falar com você quando descermos.

– Sabem onde me encontrar – respondeu o porteiro.

Pensei em mais uma pergunta:

– Sr. Williams, aqui entre nós, qual é sua opinião sobre Jason Pilser?

Ele refletiu, depois disse em voz baixa:

– Um grande idiota.

– Sugiro que permita que a Private reviste o apartamento de Pilser – falei para Petino quando entramos no elevador. – Se eu deixar Sci e sua equipe trabalharem aqui, teremos todo o material processado em 24 horas e você receberá um relatório amanhã, antes do fim do dia.

– Combinado. Vamos descobrir no que esse idiota estava metido.

capítulo 65

COMO PILOTO DE HELICÓPTEROS DOS Fuzileiros Navais, eu havia sido treinado para ter um olhar aguçado e nunca perdi essa habilidade. Parado no hall de entrada, tirei várias fotos do apartamento de Jason Pilser, registrando imagens panorâmicas e de foco fechado, procurando ficar fora do caminho de Sci e longe das pistas, caso um assassinato tivesse sido cometido ali.

O Dr. Sci trabalhava em silêncio, raramente falando em voz baixa com sua equipe. Usavam equipamentos de ponta, que valiam cada centavo da fortuna que haviam custado. De onde eu estava, nada parecia fora do lugar – o que podia significar alguma coisa.

Quando Sci me deu autorização, segui-o de cômodo em cômodo, percorrendo todo o apartamento decorado com mobília escassa mas moderna. Só havia um banheiro.

O sofá e as poltronas estavam arrumados, não havia copos na pia, a cama estava feita, o armário do quarto era impecavelmente organizado. Não encontrei um bilhete suicida.

Reparei num paletó pendurado num cabideiro no quarto. Na pia do banheiro, havia rolo de gaze e iodo.

– O legista disse que havia pouca coisa no estômago de Pilser, apenas castanhas, uns dois martínis e analgésicos – contou-me Sci. – Talvez ele tivesse planos de sair para jantar com seus amigos. Ou seus assassinos. Os esfolados na região do abdome condiziam com o sangue e a pele encontrados na mureta da varanda. Ele *deslizou* pela mureta... o que é improvável ou, no mínimo, incomum.

– Ou foi empurrado – sugeri. – Para mim, essa é a teoria mais provável.

– Temos algumas digitais – disse Karen Pasquale, assistente de laboratório de Sci. Ela trabalhava no corredor. – Até agora conseguimos colher três conjuntos diferentes.

– Ótimo – respondeu Sci. – Onde está o computador dele?

– O que é aquilo? – perguntei, apontando para uma pasta quase imperceptível, enfiada entre uma poltrona e a parede.

Sci pegou a pasta com as mãos enluvadas, colocou-a sobre a mesa e soltou as presilhas do fecho.

A pasta se abriu.

Havia uma gravata sobre um laptop e um maço de papéis num bolso lateral.

E um celular.

– Isto vai me manter ocupado – anunciou Sci. – Mais uma noite sem dormir.

– Se importa de dar uma olhada no telefone agora? – pedi.

– Tudo bem. – Sci abriu o aparelho e disse: – Está quase sem bateria, mas vou tentar.

Fiquei atrás dele, olhando por cima de seu ombro enquanto ele lia as mensagens.

De repente parou, como se estivesse petrificado.

– Sci?

Ele me mostrou uma mensagem de texto no telefone de Pilser, enviada na quarta-feira anterior. Era curta e direta.

“Freek Night em andamento, Scylla. Prepare-se. Você é o cara.”

A mensagem era assinada por Steemcleena.

capítulo 66

O CENTRO DE REABILITAÇÃO ASTRONOMICAMENTE CARO em que Tommy estava internado se chamava Blue Skies – provavelmente o conceito de esperança da equipe de marketing.

A clínica ficava em Brentwood, no norte de Sunset, num terreno de 12 acres, com uma vista incrível das montanhas de Santa Monica. Do escritório da administração, dava para ver o cânion, as pessoas montando seus cavalos, passeando por trilhas que ficavam em bosques praticamente no quintal de suas casas.

Eu não via Tommy desde que o internara no Blue Skies e agora me sentia obrigado a ver se ele estava bem.

Encontrei meu irmão numa espreguiçadeira à beira da piscina. Ele usava um calção de banho azul sob um roupão branco felpudo.

Estava bronzeado, com uma aparência saudável. Em paz, de certa forma. O período de repouso estava lhe fazendo bem. Pelo menos, era o que eu esperava.

Ao perceber que eu lhe fazia sombra, ele abriu os olhos e os protegeu com uma das mãos, tentando enxergar contra a luz do sol.

– Não pense que vou lhe agradecer por isso, irmão. Estava aqui pensando justamente em como poderia fugir de roupão.

Sentei-me na espreguiçadeira ao lado da dele.

– Quer me agradecer por eu ter procurado Carmine Noccia e entregado a ele um cheque de 600 mil dólares?

– Claro. Obrigado.

– É um empréstimo, Tommy. Entenda bem. E não contei a Annie que a Máfia estava prestes a transformar seu carro numa bomba. Ou, quem sabe, explodir sua casa.

– Você nunca tem dor de cabeça? Essa auréola apertando suas orelhas o tempo todo...

– Na verdade, tenho, sim. Você deveria me deixar ser o gêmeo mau de vez em quando. Seria legal.

– Tio Fred esteve aqui – contou Tommy. – Ele me disse que tem alguma coisa esperando por mim... se eu continuar limpo.

– Qual é seu problema com Fred, afinal? Nunca entendi.

– Ele enfiou a mão no meu short quando eu era pequeno. Esfregou meu brinquedinho.

– Vá se ferrar, Tom.

– É verdade. Juro por Deus, Jack. E na frente da nossa mãe.

Eu me levantei, segurei Tommy pela gola do roupão e acertei um soco em seu queixo com tanta força que tive medo de ter fraturado alguns ossos da mão. A cadeira caiu junto com meu irmão.

Um homem de jaleco branco olhou para nós do outro lado da piscina e correu em nossa direção.

Tommy levantou a mão para indicar que a situação já estava sob controle. Ele se levantou rindo, sufocando com a própria gargalhada.

– Você é fácil demais, Jack. Só preciso balançar a isca e você já pula da água para dentro do barco. Saia de perto de mim. Vai sujar suas asinhas.

– Retire o que disse.

– Tudo bem... Eu retiro. Talvez tenha sido o papai que me molestou. Ou será que foi você?

– Como consegue se suportar? – perguntei.

– Foi Fred Gordo que contou sobre minha dívida, não foi?

Minha mão estava doendo.

– Foi bom ver você, Tommy. Cuide-se.

– Tchauzinho, Jack.

Ele ainda ria quando levantou a cadeira.

Voltei ao escritório da administração e paguei a estada de Tom até o fim do mês. A jovem que me atendeu era muito gentil e perguntou como estava meu irmão. Não consegui responder. Não disse nem uma palavra. Apenas

entreguei meu cartão de crédito e, depois de assinar a nota, saí dali sem olhar para trás.

É uma coisa difícil... odiar o próprio irmão.

capítulo 67

PAREI EM CASA PARA TROCAR as asas e retocar a auréola, depois segui para Beverly Hills.

Precisava de um tempo para mim, por isso fui ao Mastro's, um dos melhores restaurantes a oeste de Kansas City. O clima no Mastro's era romântico antigo, e não só porque alguém cantava e tocava "My Way" ao piano.

Vi Joseph Ricci sentado a um canto, conversando com Frank Mosconi. Eles não me viram. Solicitei ao maître uma mesa tranquila no segundo andar e, depois de me sentar, pedi um coquetel e estudei o cardápio de carnes que tornara o lugar famoso.

A bebida, também de primeira, me acalmava. Eu havia levado um livro, uma edição muito gasta de *Eu falar bonito um dia*, do excelente humorista David Sedaris, cuja vida familiar parece ter sido quase tão complicada quanto a minha.

Recebi um telefonema do chefe do nosso escritório em Londres. Disse a ele quem era meu escolhido para vice- diretor e voltei ao livro.

Estava começando a me sentir como um príncipe, um dos poucos escolhidos de Los Angeles. Não tirei os olhos das páginas até a costeleta com brócolis ser servida.

Assim que deixei o livro de lado, minha mente voltou ao mundo real.

Pensei em meu irmão, três minutos mais velho que eu, tão parecido com nosso pai que só isso era suficiente para que eu não gostasse dele. Tommy era tão narcisista quanto meu pai havia sido, igualmente arrogante e também se sentia com direito de ter tudo o que queria e como queria. Mas não acho que ele tenha sido sempre assim.

Fomos inseparáveis da pré-escola ao nono ano. Tínhamos até sinais e palavras secretas. Éramos confidentes, nos apoiávamos mutuamente e

recebemos nossa faixa preta no mesmo dia. Então nosso pai começou a nos jogar um contra o outro. Nós nos tornamos competitivos e tudo mudou.

É claro que papai preferia o filho que tinha seu nome e compartilhava sua visão cínica do mundo. Eu me aproximei de tio Fred. Tom também se tornou cruel com nossa mãe, como meu pai era. Tentei protegê-la, e meu irmão e eu nos tornamos inimigos de verdade depois disso.

O garçom interrompeu meus pensamentos para perguntar se eu queria outra bebida. Respondi que sim.

Um casal sentou-se à mesa ao lado da minha. Tive certeza de que aquele era um primeiro encontro. Os dois se olhavam demoradamente, como se tudo o que vissem um no outro fosse fascinante, um sinal claro de que acabariam a noite na cama.

Bebi um pouco mais e meus pensamentos se desviaram para Colleen. Ela iria gostar desse lugar. Pensei em levá-la para morar comigo na casa que eu havia dividido com Justine. Colleen nunca passara a noite lá. Essa situação me deixava muito confuso. Gostava muito de Colleen e não queria magoá-la, embora às vezes fizesse isso.

Eu dizia a ela que minha casa não era segura, que eu achava mais relaxante passar a noite em seus braços no doce ninho que era a casa dela. Colleen sabia que eu evitava uma intimidade maior, mas aceitava o que recebia e tinha esperança de que um dia eu mudasse, o que só aumentava minha culpa e a confusão sobre o que deveria acontecer conosco.

Peguei o celular e comecei a digitar o número de Colleen. Então fechei o aparelho lentamente e bebi o restante do meu drinque. Não era justo com ela. Eu teria que terminar nosso relacionamento, mas não conseguia nem imaginar lhe causar esse sofrimento e perdê-la.

Paguei a conta, deixei uma gorjeta generosa e fui embora pensando *Dane-se, Jack*.

capítulo 68

JUSTINE NÃO CONSEGUIA PARAR DE pensar no caso das colegiais, nem mesmo quando queria desesperadamente tirá-lo da cabeça.

Ela percorreu o corredor longo e frio, iluminado por lâmpadas fluorescentes, e empurrou a porta do número 301. A mesa da sargento Charlotte Murphy era uma das quatro na grande sala cheia de manchas de umidade numa área escondida da delegacia, onde viviam e morriam os casos sem solução.

– Charlotte – apresentou-se a sargento, apertando a mão de Justine.

Ela usava calça azul-marinho de corte masculino e camisa social. Um distintivo dourado pendia de uma corrente em seu pescoço. Sua expressão era reservada, mas a severidade era amenizada por lindos olhos azuis e um sorriso simpático. Charlotte apresentou Justine a seus colegas, depois a convidou a se sentar.

– Tive poucas horas para tirar as pastas do caso Wendy Borman dos nossos arquivos – falou. – Quer dar uma olhada no dossiê? Não se apresse. Tenho um monte de outros casos sem solução em que trabalhar.

A sargento Murphy empurrou um volumoso fichário na direção de Justine, que imediatamente começou a folheá-lo. Entretanto, ela queria ler todas as anotações sem pressa, para não perder nenhum detalhe.

Dentro de envelopes plásticos, que o protegiam, o material estava catalogado em ordem cronológica.

Primeiro havia fotos de Wendy Borman morta no beco perto da Hyperion, a alguns metros de onde o corpo de Connie Yu fora encontrado. Ela estava completamente vestida, com o cabelo encharcado e o braço esquerdo escondido sob uma pilha de sacos de lixo.

Em seguida apareciam esboços da cena do crime e uma cópia de um relatório de sete páginas assinado pelo legista. Causa da morte:

estrangulação manual.

Depois vinham as anotações do detetive Bruno, todas as folhas grampeadas e guardadas num único envelope, seguidas da transcrição da entrevista com a única testemunha, Christine Castiglia, de 11 anos.

Justine analisou a lista de objetos roubados, uma relação dos itens que estavam na mochila de Wendy Borman. Uma joia artesanal também havia sido levada – uma corrente de ouro e um pingente em forma de estrela, do mesmo material.

No final do fichário havia uma foto de Wendy Borman viva, usando esse colar. Ela estava de pé entre os pais. Já era mais alta que eles e havia posto os braços sobre os ombros dos dois. Wendy, uma garota de cabelos louros e corpo atlético, sorria na foto. Parecia que não morreria nunca. Não era triste?

– Estou pronta para ver o conteúdo da caixa de provas – pediu Justine. – Pelo menos, acho que sim.

A sargento Murphy estendeu uma caixa de luvas de látex para Justine. Em seguida, com o auxílio de um canivete, cortou a fita adesiva vermelha que lacrava uma caixa de papelão. Retirou dela um grande saco de papel e cortou o lacre que o vedava.

Justine foi inundada por uma descarga de adrenalina, uma onda de excitação que não podia controlar. Foi exatamente por causa desse sentimento que escolhera sua profissão e se tornara tão boa nela. Alguma coisa ali poderia abrir uma janela no caso das colegiais.

Talvez até revelasse um assassino.

Enfiou a mão no saco e pegou uma calça jeans stretch tamanho 38 e uma camiseta azul-bebê de jersey, de decote redondo. Em seguida retirou um par de tênis de corrida Nike e meias azuis.

Justine espalhou as roupas, examinando os locais de onde haviam sido tiradas as amostras para os exames no laboratório de criminalística de Los Angeles.

– Suponho que o sangue seja da vítima.

Murphy assentiu com a cabeça.

– Preciso pegar essas roupas emprestadas.

– O chefe Fescoe e o procurador Petino já autorizaram o empréstimo – disse Charlotte.

Ela entregou a Justine um formulário e uma caneta.

– O braço esquerdo de Wendy estava embaixo dos sacos de lixo – falou Charlotte.

– A chuva não encharcou a manga. Eu mandaria o tecido para o seu laboratório.

Hoje em dia, a tecnologia está muito mais avançada. Principalmente num laboratório como o que vocês têm na Private.

– Não vamos perder as esperanças – respondeu Justine.

– Não. Vamos pegar esse bastardo – concordou Charlotte, sorrindo mais uma vez, mas também demonstrando quanto era dura e implacável.

capítulo 69

— **V**OCÊ SE LEMBRA DO CASO Wendy Borman? – perguntou Justine.

O ar recendia a peixe frito, cebolas fritas e batatas fritas. Justine sentou-se diante de Christine Castiglia à uma mesa na cantina da Belmont High School. A única testemunha do caso Wendy Borman tinha agora 16 anos. Era pequena, estava de braços cruzados e olhava para Justine com seus olhos grandes, um pouco escondidos pelos cílios longos.

Não era preciso ser psiquiatra para saber que Christine estava assustada. Justine sabia que precisava agir com cautela, pois ela mesma não se sentia muito tranquila. Estava desesperada para que essa menina lhe dissesse alguma coisa que pudesse levá-la ao assassino do caso das colegiais *antes que ele voltasse a matar*.

– Eu só tinha 11 anos quando aquilo aconteceu – respondeu Christine. – Sabe disso, não?

– Eu sei. – Justine girou o canudo no copo plástico com gelo e Coca Light. – Mesmo assim, pode me dizer o que viu? Preciso ouvir de você.

– Acha que aqueles mesmos garotos podem ter matado as meninas por aqui? Quero dizer, agora eles devem ser homens.

Alguém derrubou uma bandeja atrás do balcão de comida. Um barulho horrível e irritante.

Justine esperou que os estudantes parassem de aplaudir e continuou:

– É possível. Houve um intervalo de três anos entre a morte de Wendy Borman e a de Kayla Brooks. Por isso ninguém pensou que os crimes estivessem conectados. Por isso o que você viu é tão importante. Se Wendy Borman foi a primeira vítima, os assassinos podem ter cometido um erro.

– Era uma van preta comum – contou Christine. – Parou numa rua transversal à Hyperion. Quando olhei de novo, dois caras haviam agarrado aquela menina. Durou, tipo, um segundo? E ela parecia resistir, se debater.

Eles a jogaram na van, depois um deles se sentou ao volante e arrancou. Descrevi o motorista à polícia.

– Wendy Borman foi imobilizada com uma arma de choque – revelou Justine.

– Por isso teve a impressão de que ela se debatia. E sua mãe não viu *nada*?

Christine balançou a cabeça.

– Eu mesma não tinha certeza do que vira. Foi tão rápido que podia ter sido um intervalo entre meus pensamentos. Fiquei paralisada e, quando minha mãe se virou para ver para onde eu estava olhando, a van já havia partido. Ela não acreditou em mim... ou não quis acreditar. Mas, quando a história apareceu na televisão, mamãe finalmente ligou para a polícia. Ela acreditou no telejornal, mas não em mim.

Alguns alunos passavam perto da mesa e olhavam curiosos para a mulher vestida com um terninho que mantinha uma conversa muito séria com uma colega deles.

– Fale sobre o garoto. Aquele cujo rosto você viu.

– No desenho que a polícia fez, ele parecia Clark Kent no filme do Super-Homem. Mas ele não era exatamente assim. O nariz era um pouco pontudo. As orelhas eram salientes. Quero dizer... eram *muito* salientes.

– Você viu a placa da van? Apenas um ou dois números já seria um ponto de partida...

A menina parou e pensou, os olhos vagando pela cantina enquanto vasculhava a memória.

Nesse momento, soou um sinal estridente. Os alunos se levantaram em massa.

Alguns esbarraram no braço de Justine e tropeçaram em sua pasta a caminho das latas de lixo e da porta.

– Havia um adesivo no vidro de trás – disse Christine. – “Gateway”, como aquela empresa de informática. Mas não tinha o cubo com manchas de vaca que deveria completar a logomarca.

– Você disse isso à polícia?

– Acho que sim. Minha mãe estava apavorada. Mal podia esperar até me tirar da delegacia.

Justine olhou para a garota, que, por um momento, sustentou seu olhar.

– Tente desenhar esse adesivo – pediu, entregando à garota um palmtop e uma caneta stylus.

A adolescente mordeu o lábio inferior enquanto tentava reproduzir uma forma oval com a palavra Gateway.

– Acho que é isto. Nem sei por que me lembro tão bem da imagem.

Justine olhou para o desenho pouco elaborado. Parecia com a logomarca de uma escola particular em Santa Monica, a Gateway. Quando trabalhava no hospital psiquiátrico da cidade, sempre passava na frente da escola a caminho das sessões no Stateside, o hospital para criminosos insanos.

Ainda se lembrava claramente dos pacientes, pessoas que haviam queimado casas, matado irmãos, atirado nos pais e espalhado explosivos em pátios de escolas. Fora um trabalho devastador e desmoralizante, mas ali ela aprendera como funcionava a mente de alguns dos seres humanos mais hediondos do mundo.

Naquela época Justine havia pensado no contraste entre o Stateside e a Gateway, separados por menos de 2 quilômetros. Agora ela pensava no adesivo com o nome da escola.

Não havia nenhuma menção a esse detalhe no dossiê do assassinato de Wendy Borman.

O adesivo era uma *novidade*. As características do motorista eram *novidade*. Talvez ela estivesse progredindo. Se fossem os mesmos garotos daquela época.

– Poderia identificar aquele rapaz se o visse novamente?

– Eu jamais esqueceria aquele rosto.

– Obrigada, Christine. – Justine entregou seu cartão à menina. – Ligue para mim caso se lembre de alguma outra coisa. Na próxima vez em que conversarmos, não seremos desconhecidas.

capítulo 70

ESTE ERA OUTRO MOTIVO QUE fazia da Private o melhor lugar para Justine trabalhar – ou investigar um assassinato: processar material genético levava uma eternidade no laboratório da cidade, por causa da enorme quantidade de casos. Na Private, o resultado saía em 24 horas, porque o laboratório era próprio e o caso Wendy Borman era prioritário.

Às quatro da manhã, o porão estava completamente iluminado. A equipe de Sci já trabalhava havia 24 horas, sem intervalo, examinando as roupas de Wendy Borman e tudo o que estivera guardado durante cinco anos na sala de evidências da polícia de Los Angeles.

As roupas tinham sido corretamente embaladas depois que o corpo de Wendy fora encontrado, mas a chuva e o lixo já haviam contaminado o material. Mesmo assim, um equipamento mais sensível e uma nova técnica de localização de traços, chamada “DNA de toque”, haviam sido desenvolvidos desde o assassinato.

Sci acreditava em finais felizes e esse otimismo o ajudava a atravessar o deserto das tarefas repetitivas, dos resultados inconclusivos, das descobertas negativas.

Ele havia ordenado que as amostras das roupas de Wendy fossem retiradas da camiseta, na axila esquerda, e de uma das meias, pontos que não haviam sido encharcados pela chuva.

Depois de separar o DNA do substrato e copiá-lo num termociclador, Sci submeteu as amostras a um método chamado eletroforese capilar, passando-as por um instrumento que tinha o tamanho e a forma de uma copiadora profissional. Nesse procedimento, o material passa por uma longa via, um capilar, que separa o DNA em solução por tamanho e carga elétrica. O material liberado é exibido como um eletroforetograma, pronto para ser comparado aos do banco de dados nacional de DNA.

A imagem de Kat estava em um dos monitores de Sci. Ele olhou para a tela e contou como andava o trabalho.

– Ainda está me acompanhando, querida?

– Você se esqueceu do fuso horário, Sci – disse ela. – Eu deveria estar fazendo outras coisas.

– Que coisas? Cite algumas.

– *Qualquer coisa* seria mais produtiva, querido. Desfragmentar meu disco rígido. Organizar os documentos para o imposto de renda. Almoçar com Helga, uma pessoa que eu desprezo... *Sci!* Olhe o seu integrador. Tem algo lá.

Sci olhou para a impressão. Havia uma série de picos... e depois *outra*. Era um milagre: *duas* amostras haviam sido identificadas, ambas com cromossomos Y.

Aquilo era uma bomba.

Sci olhou para Kit-Kat. Estava boquiaberto, mas logo começou a esboçar um sorriso.

– Dois homens tocaram nas roupas de Wendy Borman. Acredita nisso, Kat? Temos indícios. Pistas concretas, lindas!

– Acho que estou lhe dando sorte – comentou Kat.

– Querida, querida, você é um amuleto.

– Não precisa agradecer. Agora vou indo.

– Fique enquanto submeto os perfis ao sistema.

– Você está procurando uma agulha num palheiro – disse Kat. – E há palheiros a perder de vista.

– De qualquer maneira, podemos passar o tempo juntos – insistiu Sci. – Gosto quando você fica aqui comigo.

Kat sorriu.

– Tudo bem. Vamos dançar, bonito.

capítulo 71

TODOS NA PRIVATE ESTAVAM ENVOLVIDOS no caso das colegiais e se importavam de verdade. Mo-bot estava trabalhando em sua sala, no outro extremo em relação à sala de Sci. Ela havia personalizado seu espaço sem janelas com uma espreguiçadeira, lenços envolvendo as luminárias, um protetor de tela com fotos dos filhos no monitor à sua esquerda, um aquário de utsuri à direita e um incenso aceso o tempo todo.

O laptop de Jason Pilser estava aberto diante dela.

Mo usava um programa exclusivo, que ela mesma desenvolvera e batizara de “chave mestra”. Já começara a capturar as senhas de Pilser, varrer seu disco rígido, acessar o que restava de seu cérebro eletrônico.

- Estou no e-mail dele – disse Mo-Bot a Sci. – Sou a melhor. Certo, Sci?
- A placa-mãe de todos os *geeks*, Mo – respondeu ele.
- Exatamente. Agora me observe.

Em se tratando de comunicação eletrônica, Jason Pilser havia sido um acumulador. Nunca deletava nada e utilizava vários nomes de usuário. Mo invadiu seu e-mail de trabalho com enorme facilidade e vasculhou as mensagens trocadas com chefes e colegas. Elas não revelavam nada, não significavam coisa alguma, não levavam a lugar nenhum, por isso ela seguiu em frente.

Na caixa de entrada do jogo *Commandos of Doom*, Pilser usava o nome Atticus. Mo-bot rastreou a senha e entrou. Depois fez uma varredura completa nos perfis do suspeito. Pilser usava o Atticus para entrar em fóruns do jogo e enviar mensagens privadas enquanto saqueava reinos e matava inimigos no mundo encantado virtual de Quarazis, no ano 2409. *Esse cara devia ser louco.*

Mo anotou todos os amigos e inimigos de Atticus no Quarazis, depois acessou a página de Pilser no MyBook.

Pilser havia postado fotos dele mesmo, publicara críticas de cinema e interagira com “amigos”. Entretanto, o que havia de mais sinistro na página era seu sarcasmo político. Mo não encontrou nenhum apelido ou nome de usuário que batesse com os do Commandos of Doom, nem qualquer indicação de que Jason Pilser sofresse de depressão. *Mas certamente era deprimente bisbilhotar a vida dele.*

Depois de fechar as contas de e-mail, Mo-bot clicou nos ícones da barra de ferramentas. Um deles a intrigava: um raio brotando de um dedo em riste. O nome sob o ícone era “Scylla”.

Ela clicou no link e foi levada a uma nova página da web. Pilser dera um nome à página: “Scylla Vive”. Era uma espécie de alçapão para o diário de Pilser – e o conteúdo quase fez o coração de Mo parar.

Ela leu rapidamente, clicando nos links, e então encontrou uma ponte entre o mundo real e o virtual.

Mo levantou-se tão depressa que a cadeira foi empurrada para trás. Um instante depois estava parada na porta do escritório de Sci.

Ele a encarava como se olhasse através dela.

Qual era o problema com ele? Não havia entendido? Mo desvendara todo o maldito plano de assassinato. Era a versão feminina e moderna de Sherlock Holmes.

– Em menos de uma semana vai haver uma Freek Night – disse ela. – Está me ouvindo, Sci? É esse o nome que eles dão ao maldito jogo. Jason Pilser participaria de mais essa rodada... se ainda estivesse vivo.

– Desculpe, eu me distraí. Estou analisando o DNA...

– Escute o que estou dizendo. Há dois assassinos. Eles se autodenominam Street Freeks. Seus apelidos são Morbid e Steemcleena e já escolheram o próximo alvo. A garota mora em Silver Lake e se apresenta como Lady D. Sci! Você está entendendo? *Em cinco dias eles vão matar essa menina!*

capítulo 72

JACK JÁ HAVIA LIGADO PARA o escritório da Private na Costa Oeste. Uma agente sênior, Diana DiCarlo, esperava no portão quando Emilio Cruz desembarcou no Miami International Airport.

Treinada pela CIA, Diana era muito eficiente. Ela entregou a Cruz uma pasta com tudo aquilo de que ele precisaria: arma, equipamento de escuta, chaves do carro e números de telefone de contatos da Private no sul da Flórida. E também informou a Cruz onde estavam os alvos.

Cruz registrou-se no Biltmore, no quarto acima daquele no qual o homem que estava seguindo tinha se hospedado. Ele instalou os microfones e ouviu.

Mais tarde, seguiu os alvos até boates e restaurantes e os viu apostar nas corridas de cachorro em Hialeah.

Agora, três dias depois do início da missão, estava em South Beach, a área mais famosa e sexy da velha Miami.

Emilio Cruz estava sentado em um muro de corais, a praia se estendendo diante dele até a beira do oceano. Vestia-se de maneira a passar despercebido, com uma regata sob a camisa aberta, óculos escuros modernos e cabelo preso na altura da nuca.

Parecia interessado no movimento da praia, mas isso não passava de um disfarce. Havia instalado na armação dos óculos uma câmera que não apenas gravava, mas também enviava as imagens a um satélite que as retransmitia ao escritório em Los Angeles.

Diretamente à frente, a cerca de 10 metros, três homens estavam sentados num banco, de costas para ele, olhando para a Ocean Drive.

Eles conversavam, mas seus olhos estavam fixos nas garotas tatuadas e seminuas que patinavam pelo calçadão.

Os dois homens que Cruz vinha seguindo eram Kenny Owen e Lance Richter, ambos juizes da NFL. Owen era careca e cheio de sardas. Richter era 20 anos mais jovem, tinha cabelos castanhos e ondulados, uma queimadura de sol recente e usava um Rolex que devia pesar meio quilo.

Cinco minutos antes, os juizes haviam cumprimentado Victor Spano, membro da família Marzullo, de Chicago.

Cruz quase exclamou em voz alta:

Put a merda.

capítulo 73

SPANO PARECIA TER ACABADO DE sair do banho e levava um coldre de ombro sob o paletó azul. Ele contava aos juízes como se divertira na noite anterior, no Nautilus Hotel, do outro lado da rua. Não há nos Estados Unidos cidade mais sexy que Miami. Nem mesmo Vegas.

– A mãe era um pouco mais gostosa que a filha. Mas a filha era mais animada.

Richter deu de ombros e perguntou:

– Sr. Spano, isso não foi um incesto?

– Não – respondeu Spano. – Era madrasta, na verdade. Está pensando o quê? Acha que sou um perverso?

Todos riram. O juiz mais novo e cabeludo disse:

– Mas, falando sério, Sr. Spano, sobre o compromisso desta semana. Tennessee Titans por 17 pontos em Oakland Raiders? A diferença de dezessete pontos não vai ser fácil e a pressão está aumentando.

– Entendo seu lado, Lance, mas sabe o que dizem: a pressão é algo que impomos a nós mesmos. Vocês são profissionais. Não vejo problema algum.

Um adolescente sem-teto, entorpecido, de sunga de praia e uma camiseta verde muito suja, aproximou-se de Cruz e pediu um trocado para sua poupança para ir para a universidade.

– Você está bloqueando o sol – respondeu Cruz.

O garoto – já um típico vagabundo – disse:

– É por isso que chamam de *trocado*, cara. Não vai fazer falta.

Quando o adolescente finalmente se afastou, Spano e os juízes haviam terminado a conversa e tomado rumos diferentes. Spano voltou ao hotel art déco do outro lado da rua e os juízes entraram num táxi a caminho do centro da cidade.

Não importava mais. Cruz já tinha toda a história. Os Titans seriam favorecidos na partida contra os Raiders. Os juízes tinham que impedir um massacre e proteger a diferença de 17 pontos. Se conseguissem, alguém iria ganhar muitos milhões de dólares.

Cruz pegou o iPhone e ligou para Jack.

– Boas notícias. *Muito* boas. Gravei o acerto. Está recebendo os dados, capitão?

– Sim, perfeitamente. Temos tudo aqui. Áudio e vídeo. Quem é o homem de paletó azul?

– Victor Spano, da família Marzullo, de Chicago.

– Impressionante – disse Jack. – Bom trabalho, Emilio. Volte para casa. Precisamos de você aqui.

capítulo 74

JUSTINE ESTAVA NO BESO, o espetacular restaurante de Eva Longoria e Todd English, famoso pela culinária mexicana com um toque original. O espaço era amplo, com teto alto e abobadado.

A mesa de Justine lhe permitia ver todo o salão, mas ela não tinha o olhar perdido. Esse não era seu estilo.

Passava o tempo folheando uma pequena pilha de anuários da escola Gateway.

O garçom tirou os pratos e trouxe a conta.

– Satisfeita, Dra. Smith? Gostou do linguado com limão?

– Sim, Raphael. Sou praticamente viciada no linguado com limão. Estava tudo perfeito.

Na verdade, nada além do peixe estava perfeito. Ela assinalara 10 garotos, formandos da Gateway entre 2004 e 2006, que de alguma forma correspondiam à descrição de Christine Castiglia. Alguns tinham o nariz pontudo, outros tinham orelha de abano. Nenhum deles tinha ficha na polícia.

Justine pagou a conta e, enquanto esperava o manobrista trazer o carro, verificou as mensagens no celular. Havia uma ligação de Bobby e outra da mãe de Christine Castiglia, Peggy.

Seria possível? Será que Christine se lembrara de alguma coisa importante? Justine ligou para o número de Peggy Castiglia. No quinto toque, uma voz firme atendeu dizendo:

– Deixe minha filha em paz. Ela é uma menina ansiosa e agora tem que se preocupar com *você*. Não pode se basear em nada do que ela diz, entende? Porque Christine não quer desapontá-la. Neste exato momento, está no quarto chorando.

Justine esqueceu o tráfego, os pedestres na calçada e ficou olhando para seus sapatos azuis enquanto dizia a Peggy Castiglia que sentia muito, não queria aborrecer Christine, mas era necessário mantê-la envolvida no caso.

– *Necessário?* Não para minha filha – retrucou Peggy.

A cabeça de Justine latejava. Ela segurou o telefone com força e disse:

– Peggy, alguém já *assassinou 13 meninas...* pelo menos que tenhamos conhecimento.

Christine é a única pista concreta que temos até agora. Quer mesmo nos impedir de pegar um assassino?

– Não posso me preocupar com outras garotas, Dra. Smith. Se tivesse uma filha, talvez entendesse. Fique longe de Chris. Não me faça recorrer às autoridades.

– Eu *sou* uma autoridade. Posso levá-la a interrogatório como testemunha ocular – informou Justine com a voz alterada, perdendo o controle sobre suas emoções. – Por favor, não me faça obrigá-la a falar com a polícia.

– Tente, Dra. Smith. Tente, e vou lutar contra você com todas as minhas forças – desafiou Peggy, que em seguida desligou.

capítulo 75

JUSTINE ESTAVA FURIOSA ENQUANTO SEGUIA para casa pela autoestrada. Sci conseguira amostras de DNA nas roupas de Wendy Borman, mas elas não batiam com nenhum registro do banco de dados. Sem isso, não podia atribuir um nome ao DNA deixado pelo assassino de Wendy Borman.

Estavam tão perto... e ao mesmo tempo em lugar nenhum.

E neste momento, os Street Freeks planejavam outro assassinato.

Justine viu a placa indicando uma saída conhecida e tomou uma decisão intempestiva.

Saiu da estrada e tomou a direção da casa de Bobby.

Ele tinha um jeito de acalmar sua ansiedade. Talvez pudesse argumentar com Peggy Castiglia. Ou então poderia dar início aos procedimentos legais que garantiriam a cooperação de Christine.

Tudo bem, ótimo.

O carro de Bobby estava parado na vaga estreita que parecia se equilibrar no fim da rua inclinada. Justine parou no alto da ladeira, caminhou até o portão e tocou a campainha. Como Bobby não atendeu imediatamente, ela seguiu pela alameda de pedras que contornava a casa até os fundos, de onde tinha uma incrível vista do cânion.

Justine tirou os sapatos e deixou que seus pés sentissem a grama macia.

Então ela o viu. Bobby estava na *jacuzzi*.

– Oi, Bob, estou retornando sua ligação – disse ela.

Ele ergueu os ombros num gesto constrangido. Justine notou que havia uma mulher na banheira com Bobby. Nua.

capítulo 76

JUSTINE CAPTOU TODA A CENA de uma só vez. A mulher na banheira gritou e tapou os seios pequenos com as mãos. O rosto de Bobby assumiu uma expressão de raiva quando ele gritou:

– Justine. Fique onde está.

Ele bateu a borda da *jacuzzi* procurando os óculos, enquanto sua “acompanhante”, rosada por causa da água quente, gritava:

– Pegue meu roupão. Por favor, preciso do meu roupão!

Então Justine a reconheceu. Era a esposa de Bobby, Marissa, de quem ele tinha se separado havia mais de um ano, aquela que ele não amava mais, que se mudara para Phoenix e estava disposta a assinar os papéis do divórcio a qualquer momento.

Justine sentiu um enorme vazio, depois pareceu congelar. Estava desapontada e magoada.

Queria correr, mas seria melhor fazer o mais difícil: encarar a realidade. Obter respostas.

Tinha uma boa ideia do motivo para que Marissa Petino estivesse ali, mas ainda assim precisava perguntar.

Os pés de Justine a levaram em direção à banheira, até perto o bastante para que pudesse falar sem gritar.

– Sou Justine Smith. Lamento ter interrompido. Achei que Bobby estivesse sozinho.

Marissa apertava o roupão em volta do peito. Ela dirigiu os olhos brilhantes para o marido.

– Bobby, *quem é essa?*

Foi Justine quem explicou:

– Bobby e eu estamos juntos há... quanto tempo, Bobby? Um ano, mais ou menos?

Ele havia enrolado uma toalha na cintura. Os óculos estavam tortos sobre o nariz. Bobby parecia ter perdido a frieza habitual dentro da banheira de água quente e odiava isso. Queria estar sempre no controle.

– Droga, Justine. Isso é *loucura*, sabe? Vamos, vou levá-la até o portão.

Justine o ignorou e continuou falando com Marissa:

– Pense comigo, por favor. Bobby já lhe contou que vai se candidatar a governador?

– Como assim? É claro que contou. Quer dizer que estão juntos *agora*?

Bobby continuava entre as duas. Seu rosto estava tão vermelho que Justine pensou que ele tentaria agredi-la.

– Justine, eu queria ter lhe contado de outra maneira – disse ele. – Não devia ter vindo sem ligar.

– Eu amei você – respondeu Justine. – Confiei em você.

– Nunca lhe prometi nada. Nunca menti para você.

Justine lhe deu uma bofetada tão forte que seus dedos ficaram marcados no rosto de Bobby.

– *Tudo* foi uma mentira. Não entende nem isso?

Marissa amarrou a faixa do roupão e olhou para o marido.

– Agora entendo tudo, Bobby. Candidatar-se a governador com o apoio da *esposa* é muito melhor do que com o apoio da *namorada*.

– Por favor, Marissa, vamos conversar sobre isso mais tarde – pediu Bobby.

– Não vai haver um “mais tarde”. E, Justine, obrigada por ter me lembrado de que meu futuro ex-marido é uma cobra.

– Foi um prazer.

– Pode me dar uma carona? – pediu Marissa a Justine. – Meu carro ficou no Beverly Hilton. Eu me visto em dois minutos. Bobby, *espero que você morra leproso*.

– Meu carro está do outro lado da rua – avisou Justine. – É o Jaguar azul. Estarei esperando. – Ela olhou novamente para Bobby. – Boa sorte na corrida governamental, Bob. Nunca mais me procure.

PARTE QUATRO

ATIRADOR

capítulo 77

UMA PLACA DE “NÃO PERTURBE” estava pendurada na maçaneta da porta da suíte de Andy, no terceiro andar do famoso, ou melhor, do infame Chateau Marmont, na Sunset. Eram quase onze da manhã. Bati com persistência na sólida porta de madeira.

– Andy. Sou eu, Jack. Deixe-me entrar.

– Vá embora – respondeu ele do outro lado. – Não importa o que esteja vendendo, não vou comprar.

– Chega de besteira. Já falei ao gerente que você está sob vigilância para que não cometa suicídio. Se não abrir, ele vai me dar a chave do quarto.

Finalmente, a porta se abriu.

Andy estava com um pijama amassado e segurava uma garrafa de Chivas pelo gargalo. Ele já havia bebido metade do uísque. Seu cabelo estava em pé, como se fizesse um bom tempo que ele não o penteasse nem lavasse.

– Já dispensei seus serviços, não?

– Sim, seu babaca. Não vou cobrar nada. Estou aqui porque sou seu melhor amigo.

Segui Andy até a sala de estar da suíte, que estava escura, com as cortinas fechadas.

Na TV, passava um filme antigo de Harrison Ford, *A testemunha*. A suíte lembrava um cenário da década de 1930 ou um apartamento do West Side, em Nova York, exceto pela caixa de pizza aberta sobre uma cadeira ao lado da enorme televisão. Levei a caixa para a cozinha e a joguei no lixo. Depois voltei à sala e me sentei.

– Como você está? – perguntei.

– Incrivelmente alegre e saltitante. Não dá para perceber?

– Sinto muito.

– O que quer agora, Jack? – perguntou Andy, depois de beber um gole da garrafa. – Na última vez em que o vi, você me contou que minha esposa era uma prostituta. O que tem para mim agora?

– Ela usava drogas.

– O quê?

– Era viciada em crack. Talvez em heroína também.

– Vá para o inferno, Jack. Pelo amor de Deus! Mas também, o que importa?

Ela está morta, Jack. Morta. E veja o que me deixou. Tenho policiais no meu pé noite e dia. Meus amigos me evitam, e com razão, eu acho. E esta porcaria de quarto está me custando uma fortuna. Tudo por causa da minha mulher, uma vagabunda drogada.

– Acontece, Andy, que a constatação de que ela era viciada pode explicar algumas coisas sobre Shelby. Por que ela mantinha uma vida secreta, por exemplo.

Por que precisava de dinheiro. E talvez o motivo de ela nunca ter lhe contado a verdade.

Andy pegou o controle remoto da TV e zapeou pelos canais enquanto eu falava. Seus olhos estavam vazios. Ele já era uma alma perdida.

– E também é uma pista – continuei. – Já temos uma indicação de quem era o traficante que fornecia as drogas para ela. E, como falei antes, se descobrirmos quem matou Shelby, você deixará de ser suspeito.

Andy finalmente olhou para mim.

– Venha até aqui, Jack. Você merece um beijo na boca.

Eu me levantei, me aproximei dele e tirei o controle de sua mão. Desliguei a TV.

– Não fui eu que provoquei isso, Andy. Estou tentando ajudá-lo.

– Oba.

– Como você me ajudou na escola, quando aquela garota com quem eu saía começou a transar com Artie Deville.

– Laurel... alguma coisa.

– Exatamente. Você me ajudou a superar Laurel Welky e me impediu de matar aquele cara. Matar, Andy. E quando joguei o carro contra uma cabine

telefônica no centro de Providence? Você acalmou o diretor da escola e meu pai.

Andy riu.

– Ah, o seu pai...

Embora fraca, era uma risada. E consegui reconhecer meu amigo Andy outra vez.

– Vou pegar esse cara, Andy.

– Eu sei. Você é bom, Jack. A Private é eficiente, melhor do que foi sob o comando de seu pai.

– Vou levar você para jantar hoje à noite – avisei. – Em um lugar legal. Na orla.

– Obrigado. – Os olhos dele se encheram de lágrimas.

Nós nos abraçamos na porta, trocando tapinhas nas costas.

– Sinto muito por ela – disse Andy, e começou a chorar. – Shelby estava no inferno e não podia me contar. Por que não me contou? Eu era o marido dela, Jack. *Marido*.

capítulo 78

DE ACORDO COM O ASTRO de cinema que era cliente de Shelby – e talvez seu amante –, o traficante que fornecia drogas para ela era um ex-presidiário chamado Orlando Perez.

Li a ficha criminal dele. Tratava-se de um homem agressivo, que fora detido por violência doméstica e condenado várias vezes por agressão. Acabou cumprindo pena de três anos por tráfico de drogas. Desde que saíra daquele buraco, em 2008, vinha sendo esperto – ou sortudo – o bastante para se manter fora da cadeia.

Atualmente, morava com a esposa e os filhos numa mansão de dois milhões de dólares, que imitava o estilo grego, na Woodrow Wilson Drive. Havia dois carros na garagem: um Beemer último modelo e um Escalade preto com detalhes dourados.

Del Rio seguia Perez havia 48 horas, monitorando suas conversas com uma antena parabólica do tamanho de meia laranja e um microfone Sennheiser MKE 2. Eu não estava economizando nesse caso.

De acordo com Del Rio, Perez usava uma coleção de celulares pré-pagos para negociar as drogas e combinar as entregas, que aconteciam sempre em estacionamentos ou acostamentos de estradas. Seus clientes eram executivos, modelos e subcelebridades, que conseguiam descontos em troca de favores prestados no banco da frente do utilitário de Perez.

A porta da casa foi aberta e uma bela morena saiu, carregando um bebê e segurando a mão de uma criança pequena. Eles entraram no Beemer e saíram, passando por nós.

– A primeira-dama do safado – disse Del Rio, com uma careta.

Ele pôs o fone de ouvido e me avisou que Perez estava sozinho, falando ao telefone com uma cliente insatisfeita, chamada Butterfly, e dizia a ela que respirasse fundo. Logo ele estaria chegando com tudo o que ela queria.

– Ele vai encontrar essa tal Butterfly no estacionamento do Holiday Inn, em Cahuenga, dentro de 20 minutos – disse Del Rio.

– Não vai, não. Vamos lá.

Saímos do carro da Private e caminhamos até a porta da casa. Toquei a campainha uma vez. Toquei de novo. Depois gritei:

– Abra, Perez. Você ganhou 10 milhões de dólares da Publishers Clearing House.

Eu havia acabado de mandar que Del Rio se posicionasse ao lado do Escalade, quando Perez abriu a porta de repente.

Ele estava descalço, com o cabelo longo e descolorido contrastando com a pele morena e o bigode escuro no estilo do Fu Manchu. A cicatriz que cortava o bigode contribuía para a expressão ameaçadora.

Seria aquele o último rosto que Shelby Cushman teria visto? Eu não me surpreenderia com isso.

Será que esse desgraçado a matara por causa de atraso no pagamento? Mostrei meu distintivo a Perez e, pensando que fôssemos da polícia, ele hesitou.

– Vão precisar de um mandado de busca, também – disse Orlando Perez. Seu rosto estava contraído, o que tornava a cicatriz ainda mais branca.

Del Rio empurrou a porta com o ombro para que entrássemos e comentou:

– Viu? Não precisamos de mandado.

capítulo 79

ORLANDO PEREZ GRITOU MAIS ALTO que a música, tentando se fazer ouvir.

– Saiam da minha casa. Saiam!

Del Rio sacou a arma e disse:

– Jack, esqueci meu livro no carro. Aquele que trata de argumentação e negociação.

Será que você poderia buscá-lo para mim?

– Vamos resolver sem o livro mesmo – respondi.

– Tudo bem – concordou Del Rio. – Tem razão. Não precisamos dele. Vamos ver se nos lembramos de alguma coisa...

As pupilas de Perez estavam dilatadas e ele tinha dificuldade para manter o foco.

– Ei! – o traficante gritou para a arma de Del Rio. – Já mandei saírem daqui!

Tirei o aparelho de som da tomada.

– Não somos tiras – explicou Del Rio. – Mas, depois que terminarmos nossa conversa, você poderá chamar a polícia, se quiser.

O traficante pegou a arma sobre uma cadeira da sala e já engatilhava a pistola semiautomática quando o acertei nos joelhos e o derrubei.

Vários tiros foram disparados. Uma bala passou bem perto da minha orelha e acertou um abajur com cúpula de vidro e um quadro que retratava um toureiro e que estava sobre a lareira.

Del Rio chutou a arma da mão de Perez. Virei o traficante de barriga para baixo e enfiei meu joelho em suas costas com vontade. Em seguida preendi seus pulsos com algemas descartáveis.

Quando me levantei, Del Rio me entregou sua arma. Em seguida, agarrou Perez pelos cabelos brancos e pelo cóis da calça e o arrastou pelo

chão de mármore, passando pela piscina coberta, que tinha a forma de um narguilé, e entrando na cozinha moderna, toda de aço inoxidável.

– Ei, ei, ei! O que está fazendo, cara? Pare com isso.

Del Rio pôs o traficante em pé e empurrou seu rosto contra o fogão, segurando-o a poucos centímetros de uma de suas bocas.

– Por que matou Shelby Cushman? – gritou no ouvido do bandido.

– Não conheço nenhuma Shelby.

Del Rio girou um dos botões do fogão e chamas azuis brotaram imediatamente no queimador.

– Não sabe que tipo de filho da mãe eu sou, cara – disse Perez.

– Exatamente – retrucou Del Rio, aumentando a intensidade da chama.

Os cabelos brancos do traficante foram chamuscados, espalhando no ar um cheiro de queimado.

– Ei, ei, *apague* isso, cara! Por favor, apague.

Del Rio agarrou Perez pela gola da camisa e puxou sua cabeça para longe do fogão. Ele repetiu a pergunta:

– Por que matou Shelby?

– *Eu não a matei!* Ela me devia dinheiro. Uns quatro mil, acho. E teria pagado.

Era uma boa mulher. Eu gostava de Shelby... Todo mundo gostava dela.

– Deixe-me explicar como este jogo funciona – disse Del Rio. – Continue mentindo e vou esfregar sua *cara* no fogo. Entendeu?

Perez se debateu e esperneou, mas não conseguiu se livrar de Del Rio. A boca do fogão continuava acesa. O calor chamuscou uma das pontas do bigode de Perez, deixando-o alerta.

Eu estava quase arrancando Perez das mãos de Del Rio quando o traficante gritou:

– Escute, *eu não matei Shelby*. Mas talvez saiba quem foi.

Del Rio o puxou para cima, girou-o e disse:

– Quero a verdade, cara. Ou a chapa vai esquentar. Literalmente.

– Ouvi alguma coisa na rua. Foi um matador de aluguel. A serviço da Máfia.

– O nome dele?

– Não sei. Como eu poderia saber? Ei! – ele gritou quando Del Rio o agarrou pelo cabelo e empurrou seu rosto para perto do fogo. – Monkey! Monty! Alguma coisa assim.

Del Rio havia me passado informações sobre alguns mafiosos da área e Bo Montgomery, conhecido como Monty, estava entre eles, o que o colocava no topo da lista.

– Montgomery – falei a Del Rio.

Perez gritou.

– Sim, é isso mesmo! Agora desligue o fogão, cara!

Del Rio puxou Perez para longe da chama e disse:

– Espero que seja *verdade*, cara. Ou você vai me ver de novo. E sempre cumpro minhas promessas.

capítulo 80

AGORA QUE TÍNHAMOS ALGUMA COISA, Del Rio e eu estávamos muito animados. Levamos 25 minutos para ir da mansão de Perez até a fazenda do matador de aluguel em Agoura Hills, na região norte de Malibu.

O acesso era por uma estrada de terra que seguia em meio a árvores muito altas, com placas de “Entrada Proibida”, e que contornava um penhasco. Depois subia diretamente para uma casa ampla pintada com um tom de cinza quase prateado.

Atrás da casa havia um celeiro recém-construído e um curral onde uma mula e quatro cavalos baios pastavam sob uma árvore, balançando a cauda e a crina para espantar as moscas. Depois do curral havia uma trilha para cavalgadas, que subia por uma encosta suave a cerca de meio quilômetro de distância.

Del Rio parou o carro e o reflexo de uma luz sobre uma superfície de vidro chamou minha atenção.

Virei-me e vi uma câmera Avigilon de 16 megapixels sob a calha. Eu vinha pensando em instalar aquele sistema de vigilância em casa. A câmera gravava imagens quase panorâmicas e em alta resolução, em cores e infravermelho.

Uma porta rangeu. Um homem saiu da casa com uma AK-47 nas mãos e um cão bravo ao lado. O homem era magro, de aparência comum, o que provavelmente o ajudava em seu trabalho. A cabeça do cachorro tinha o tamanho de um melão grande. Ele rosnou quando saímos do carro.

Fiquei de olho no cachorro enquanto dizia meu nome e apresentava Del Rio a Monty, fingindo uma casualidade que não sentia nem de longe. O homem era um assassino com várias mortes nas costas. Estava armado e poderia transformar uma pessoa em peneira em poucos segundos.

Ao mesmo tempo, eu tinha plena consciência de que meu parceiro trazia uma arma presa à cintura, escondida nas costas. Ele não teria como sacar antes de Monty disparar, mas isso não queria dizer que ele não tentaria. Senti o suor brotando sobre meu lábio.

– O que vocês querem? – perguntou Monty com voz aguda, quase infantil.

– Sou Jack Morgan, da Private. O marido de Shelby Cushman é meu cliente – respondi. – Não temos nada contra você. Só preciso saber quem queria Shelby morta.

– Já ouvi falar de você, Sr. Morgan. E não conheço nenhum Cushman.

– Se o ataque contra Shelby foi pessoal – continuei –, se foi um recado para meu cliente, queremos entender a mensagem.

Os lábios finos de Monty quase não se moveram quando ele disse:

– Repito, não conheço os Cushman. E mesmo que soubesse que Shelby sempre tirava um cochilo às quatro da tarde, ainda assim não seria pessoal. E não mando recados. Agora, saiam devagar para não assustar os cavalos.

– Obrigado, Monty, você é um profissional de verdade – falei.

Del Rio e eu voltamos ao carro.

Eu me sentei ao volante, engatei a marcha a ré e saí devagar. Depois manobrei e desci pela trilha em que viera, deixando uma nuvem de poeira atrás de nós.

capítulo 81

EU TRABALHARA DURO NO CASO das colegiais – pelas meninas, por Justine, um pouco de cada – e finalmente pegara no sono. O som do celular vibrando me arrancou de um sonho. Meu coração estava tão acelerado que cheguei a pensar que uma válvula havia estourado. Abri o aparelho e nem me dei o trabalho de olhar o identificador de chamadas.

– *Ainda não!* – gritei e joguei o celular sobre a mesa de cabeceira.

Aquele desgraçado. Eu estava muito perto de obter respostas. Muito perto de descobrir tudo. *Havia quase conseguido. O que faltava lembrar sobre o Afeganistão e a explosão do helicóptero?*

Deixei a cabeça cair sobre o travesseiro. O sonho ainda era nítido em minha mente e eu o via como um filme projetado no teto.

Ele combinava com todos os fatos de que eu me lembrava daquele dia. Eu estava de pé na rampa do CH-46. Ouvia os tiros disparados de cinquenta pontos diferentes enquanto o helicóptero queimava. Homens gritavam.

Danny Young estava deitado de costas no escuro. Seu macacão estava tão encharcado de sangue que eu não conseguia ver onde ele havia sido ferido.

Eu chamava seu nome. Depois tudo parava. Havia um ruído dentro dos meus ouvidos, alguma coisa parecida com estática, então minha visão ficava turva.

Eu tentava, mas não conseguia ver nada. Não tinha ideia do que acontecera. No entanto, isso só durava alguns segundos.

A ação recomeçava.

Tanto na vida real quanto no sonho, eu havia tirado Danny do helicóptero e corrido com ele sobre meu ombro, tentando atravessar o campo de batalha em chamas.

Eu o pus no chão em segurança e depois... o quê?

Eu estava deitado de costas. O corpo de Danny estava caído a alguns metros de distância. Eu havia morrido e voltado. Com a ajuda de Del Rio.

Pus um travesseiro sobre o rosto e mais imagens de Danny surgiram enquanto eu ficava ali deitado na minha cama macia.

Ele era criador de gado leiteiro numa pequena cidade do Texas, igual ao pai, ao avô e ao bisavô. Alistara-se nos Fuzileiros porque acreditava que esse fosse seu dever. E também porque possibilitaria sair da fazenda, escapar do celeiro. Eu tinha feito a mesma coisa – fugira de meu pai.

Havia algo de tão franco naquele garoto, de tão fantástico com relação a tudo nele, que era impossível não amá-lo. Ele não tinha maldade. E, embora fosse essencialmente inocente, também era muito atento às palavras e aos sentimentos.

Eu servira com ele por apenas seis meses antes de Danny morrer, mas durante aquele tempo ele foi o único no esquadrão com quem eu conseguia conversar, além de Del Rio. O único que não me via como um privilegiado, que simplesmente me aceitava como eu era.

Minhas lembranças se adiantaram até o dia em que encontrei Sheila, a esposa de Danny, quando voltei aos Estados Unidos. Ela era muito bonita, tinha cabelos louro-avermelhados e olhos cinzentos. Lembrei-me de ter me sentado na saleta um pouco escura da casa deles. Um tecido preto cobria um espelho. A mobília não era confortável e parecia não ser usada nunca.

Contei a Sheila que estivera com Danny no momento de sua morte. Disse que ele estava inconsciente. Portanto, não havia sofrido. Ressaltei sua coragem. Falei que todos o amávamos. E todas essas palavras eram verdadeiras.

Sheila mantivera as mãos unidas sobre a barriga proeminente. Ela não soluçara, mas as lágrimas corriam por seu rosto.

– Vamos ter outra menina – contara-me.

A estática dominava minha mente outra vez. Era aquela lacuna na minha memória, o sinal de que faltava alguma coisa. Algo mais havia acontecido. O que era? O que eu não sabia?

O maldito telefone começou a tocar outra vez.

capítulo 82

O CELULAR VIBRAVA NA MINHA MÃO fechada. O visor indicava a hora: 7:04. E o identificador de chamadas anunciava: T. Morgan.

Levei o fone ao ouvido e perguntei ao meu irmão:

– Foi você que me ligou há um minuto?

– Liguei ontem à noite. Não recebeu meu recado? O psiquiatra quer falar com nós dois juntos. Hoje, às nove horas.

– Hoje? Está brincando? Eu trabalho, sabia?

– É claro que sim. Ficou com a empresa que pertencia a nosso pai. É importante, mas faça o que achar melhor.

Mais tarde, eu estava sentado na recepção do Centro de Reabilitação Blue Skies, um espaço sem janelas, com paredes azuis e um painel de ladrilhos que contornava toda a sala e exibia aves em pleno voo. A mobília era escandinava, sóbria.

Estava aborrecido por ter sido avisado tão em cima da hora, mas não daria a Tommy uma desculpa para fracassar na recuperação. Com sorte, eu estaria no escritório às dez e meia. O caso das colegas estava fervendo. O da NFL também.

Enquanto esperava, participei de uma teleconferência com um dos nossos clientes do escritório de Londres, mas desliguei quando uma das portas do hall se abriu. Um homem caminhou na minha direção. Ele era esguio, tinha cabelos grisalhos e vestia cardigã amarelo e calça de algodão bem passada. Os óculos de leitura eram mantidos em uma corrente pendurada no pescoço.

Ele sorria. Levantei-me para apertar sua mão, mas o homem balançou e foi literalmente jogado ao chão.

De repente tudo parecia escorregar para um lado. Agarrei-me à cadeira e caí sentado nela.

Que diabo era aquilo?

Os lustres balançavam e sombras dançavam sobre o carpete claro. Houve um rugido, como o som de um vento forte – mas não havia vento.

O chão ondulava como a superfície de um rio.

Agarrei os braços da cadeira, que sacudia como se estivesse viva e tentasse me derrubar.

O homem de cardigã amarelo pusera as mãos na nuca. O mural de ladrilhos rachou e flores vermelhas foram lançadas de um vaso como se fossem foguetes. Vidros estilhaçavam. Faltou luz.

Pessoas corriam em todas as direções pela recepção escura, gritando.

Continuei agarrado à cadeira. Era como se eu estivesse paralisado, mas o terror vibrava dentro de mim como um cabo de alta tensão rompido por uma tempestade. A sala girava e eu estava *lá* outra vez. O helicóptero caía em espiral, despencando do céu para a morte. Eu não podia fazer nada para impedir o desastre.

Capítulo 83

EU SABIA QUE O PRÉDIO estava sendo sacudido por um terremoto. Só podia ser isso. Mas, no escuro, com a cadeira balançando e o chão se movendo em ondas sob meus pés, fui lançado no passado, voltando no tempo sete anos.

Estava na cabine de comando do CH-46 quando o míssil antiaéreo rasgou o piso do compartimento de carga e destruiu a transmissão traseira. A explosão ecoou na cabine como o rugido do fim do mundo.

O helicóptero começou a cair e fui empurrado para o lado esquerdo do assento. Desliguei os motores para reduzir a violenta rotação, mas não havia nada que eu pudesse fazer para reverter a gravidade.

Segurei-me aos comandos e, sentindo que meus ombros eram quase arrancados das articulações, tentei equilibrar a aeronave.

Só tinha um pensamento: pousar o helicóptero inteiro – e a máquina me desafiava o tempo todo. Ainda agarrado à alavanca de comando, olhei pelos óculos de visão noturna, vendo o padrão abstrato e giratório do solo cada vez mais próximo.

O trem de pouso rasgou o metal sob meus pés quando batemos no chão. A força era avassaladora e senti meus ossos vibrarem com o impacto – mas o helicóptero continuou inteiro.

Soltei a alavanca, estendi a mão para o lado e toquei o ombro de Del Rio, sacudindo-o.

Ele se virou e agarrou meu braço.

– Aterrissagem brusca, Jack. Muito brusca.

O atirador e o chefe da tripulação saíram pela porta atrás de mim. Del Rio passou entre meu assento e o dele e os seguiu escada abaixo, saindo para a noite.

Eu poderia ter saído pela janela ao meu lado, mas devo ter passado pelo compartimento de carga, porque minha lembrança seguinte é a imagem da

cabine destruída, metade dela rasgada pelo míssil. O espaço restante estava coberto por fuzileiros mortos.

Era um verdadeiro show de horrores.

Quatorze homens que brincavam e riam quando decolamos, 20 minutos antes, estavam mortos, formando uma pilha macabra do lado esquerdo da cabine.

Danny Young estava caído afastado dos outros, coberto de sangue. Procurei seu pulso, mas minhas mãos estavam entorpecidas e tremiam muito. Eu não conseguia sentir nada.

Chamei Danny várias vezes, mas ele não respondeu. Suas pálpebras tremiam? Eu não tinha certeza.

Avancei pela aeronave com dificuldade, puxando Danny atrás de mim. Eu o pusera sobre o ombro quando ouvi alguém gritar meu nome. Virei-me e vi o cabo Jeffrey Albert caído perto do fundo da cabine, meio soterrado pelos corpos.

Ele gritava de dor.

O fogo já havia começado na cabine de controle. A claridade do incêndio me impediu de ver qualquer coisa com os óculos de visão noturna.

Jeff Albert virou a cabeça para me ver. Fiz uma triagem rápida. Jeff não estava apenas preso, mas quebrara as pernas com o impacto e seus ossos podiam ser vistos rasgando o tecido do uniforme. Eu não conseguiria tirá-lo de lá sozinho.

– *Tire-me daqui, capitão* – gritou ele. – *Não me deixe morrer queimado.*

– Voltarei num instante – gritei para Albert. – Vou buscar ajuda. Volto logo.

– *Ele está morto, capitão* – berrava Albert. – *Danny está morto. Por favor, me ajude.*

capítulo 84

AS LUZES NA RECEPÇÃO DO centro de reabilitação piscaram, depois acenderam novamente, quase me cegando com seu brilho incandescente.

Quando olhei em volta, vi que as paredes haviam rachado como cascas de ovo e o carpete estava coberto de pedaços de plástico e vidro. Eu estava na Blue Skies e no Afeganistão, as lembranças ainda encharcando minha mente como gasolina derramada sobre solo seco e duro.

Homens corriam na minha direção, figuras verdes e fosforescentes contra a escuridão da noite. Deixei Danny Young no chão e depois... O grande buraco negro se abria em minha memória. Eu estava lá. E não estava mais.

Estava morto – e depois voltava à vida. Por que razão, eu nem imaginava.

Havia uma pressão intensa e dolorosa em meu peito e Rick Del Rio aparecia na frente do meu rosto.

– Jack, seu filho de uma...

Ele não sabia que eu havia deixado Jeff Albert morrer.

Eu também não sabia. Estava fora de mim, tendo alucinações de que estava num bar. Dei um soco em Del Rio. Era a primeira vez que me lembrava disso. Era a primeira vez que mergulhava no buraco em minha memória e encontrava a dolorosa humilhação.

Tudo em que eu acreditava sobre mim se desfez diante dessa terrível verdade. Eu havia abandonado um homem. Prometera a ele que voltaria, mas o deixara morrer. Teria sido melhor se Del Rio não tivesse me trazido de volta à vida.

Queria ter morrido.

Uma voz gritou para mim:

– Jack. Jack, você está bem?

Del Rio? Onde diabo estou?

Olhei para o homem grisalho cujo rosto estava bem perto do meu. Quem era ele? Como sabia meu nome?

– Sou Brendan McGinty, terapeuta de Tommy. Você estava gemendo. Está machucado?

– Estou... bem. Eu só...

Tentei ficar de pé e o Dr. McGinty estendeu a mão para me ajudar. Agarrei seu braço e me levantei. Pessoas passavam por mim em duplas ou em grupos.

McGinty falava em tom sereno:

– Vai ficar tudo bem. Vou chamar um médico para examinar você, Jack.

– Não, estou bem. Mesmo.

– Tommy, temos que remarcar nossa reunião.

Olhei para cima e vi meu irmão a poucos passos de nós.

– Ah, não – protestou ele. – Não precisamos cancelar nada. Jack enfrentou bombardeios no lado obscuro da lua. Não vai se incomodar com um terremoto sem importância. Certo, Jack?

Eu queria entrar no carro e pisar fundo. Queria dirigir até dormir ao volante. Queria fazer tudo o que fosse possível para escapar da culpa e da dor insuportável provocadas pelo que eu finalmente havia lembrado. Havia carregado um amigo morto para fora de um helicóptero em chamas e deixara para trás um homem com vida.

– Está tudo bem, não está, irmão? – perguntou Tommy. – Que inferno! Você já está aqui. Lembre-se de que é um homem ocupado.

Eu estava tão tonto que mal conseguia falar, mas resmunguei algumas palavras:

– Vamos lá.

capítulo 85

O MUNDO FORA DA MINHA CABEÇA parecia não ter consistência, como se o presente fosse um sonho e minhas lembranças fossem muito mais sólidas e vivas.

Os sons eram irrelevantes; as sirenes na estrada, a voz gritando pelo sistema de alto-falantes, Tommy e o Dr. McGinty falando ao mesmo tempo enquanto percorriam o corredor na minha frente.

Abaixei a cabeça quando passei pela porta do consultório do Dr. McGinty.

A sala era pequena e o tremor havia espalhado fotos e livros pelo chão de madeira. McGinty levantou uma luminária e a acendeu.

– Jack, nós realmente podemos nos reunir outro dia – disse ele.

– Tudo bem – respondi. – Prefiro resolver isso agora.

Limpamos o centro da sala e colocamos duas cadeiras idênticas diante da poltrona reclinável do Dr. McGinty. Senti Jeff Albert me olhando do canto da sala enquanto Tommy e eu nos sentávamos. Era um pensamento completamente louco, mas me perguntei: *Será que era Jeff Albert que me telefonava todos os dias para dizer que eu estava morto?*

– Não acredito que a Califórnia tenha se desprendido do continente – disse Tommy.

Estávamos usando roupas quase idênticas: camisa branca, blazer azul e jeans. Eu usava um sapato de cadarço, Tommy estava de mocassim. O sorriso em seu rosto com a barba por fazer o deixava um pouco parecido com o ator que protagonizava a série *Mad Men*.

A arrogância era completamente sem propósito. Uma afetação e um orgulho que ele herdara de nosso pai. Tommy Júnior acreditava nas bobagens que ouvira de Tommy Sênior.

McGinty perguntou se precisávamos de alguma coisa e depois disse:

– Vamos começar. Jack, temos esperança de que você possa nos dar mais informações sobre a personalidade de seu pai. – *Falando no diabo...* – Como você o descreveria?

Meu pai morrera havia mais de cinco anos, mas, para mim, ele nunca estaria morto de verdade.

– Ele era cruel – respondi. – Essa era sua característica mais marcante.

O Dr. McGinty sorriu e pediu:

– Pode contar mais, Jack?

– Ah, sim, muito mais. Ele sempre era abusivo com minha mãe. Jogava Tommy e eu um contra o outro para se divertir. E não parava até que um dos dois sangrasse ou chorasse. Ele nunca estava errado sobre nada: esportes, natureza humana, o tempo. Aos próprios olhos era uma criatura perfeita, quase um deus.

O psiquiatra assentiu.

– Um verdadeiro filho da mãe – disse. Depois olhou para meu irmão. – Tommy, o que pensa sobre seu pai?

– Jack vê a coisa do jeito dele, só isso. *Jack* também nunca está errado. Papai só queria nos fortalecer – respondeu meu irmão. O ar debochado havia desaparecido. Eu atacara algo que ele defendera a vida toda. – Ele não queria que o mundo se aproveitasse de nós.

Eu mal ouvia meu irmão defendendo a brutalidade de meu pai.

– Jack nunca reconheceu o que ele fez – prosseguiu Tommy. – Papai queria que fôssemos bem-sucedidos. Incentivou Jack a jogar futebol e a ser bom nisso. Antes dos 13 anos Jack e eu já éramos faixa preta. E quando Jack se tornou fuzileiro? Papai ficava eufórico quando contava que o filho era um herói de guerra. Ele ficou muito orgulhoso.

Eu olhava por cima da cabeça do Dr. McGinty, vendo o rosto de Jeff Albert com meu óculos de visão noturna. Via o medo e a agonia, os ossos quebrados rasgando a calça. Ele gritava: “Não me deixe aqui para morrer queimado!”

– Em que está pensando agora? – perguntou-me McGinty.

Imagens se sucediam como rajadas de metralhadora. Eu havia reprimido a verdade para me proteger. Agora não tinha onde me esconder. Não era

quem eu acreditava ser.

– Isso foi um erro. Eu não devia estar aqui. Tenho que ir.

capítulo 86

LEVANTEI-ME DA CADEIRA E ME dirigi à porta. Estava com a mão na maçaneta quando Tommy me chamou.

– Ei, Jack. Seja o que for, você devia ficar. Pode usar minha sessão. Não é, Dr. McGinty?

– Claro. Por favor, sente-se, Jack.

Eu não queria deixar o demônio sair. Ele era muito grande e ainda muito recente. Como poderia dizer a um estranho aquilo que mantivera escondido de mim mesmo durante tantos anos? Como poderia contar a Tommy?

– Este é um lugar seguro – disse McGinty.

Mas ele estava errado. Não era seguro. Baixar a guarda com Tommy exigia mais que coragem. Era uma aposta de alto risco com poucas chances a meu favor. Ao mesmo tempo, a pressão para falar crescia, transformava-se em uma enorme necessidade de admitir o que eu fizera.

– Eu era o piloto de uma missão de transporte de Gardez até a base em Kandahar – comecei com a voz embargada. – Havia 14 fuzileiros a bordo. No compartimento de carga de um CH-46 dá até para ouvir uma chave de fenda cair, por isso, quando o míssil passou pelo chão... o barulho... da aeronave sendo rasgada...

Vi novamente a imagem dos fuzileiros mortos empilhados do lado esquerdo da cabine.

Obriguei-me a continuar. Descrevi o estrondo e o que aconteceu depois: eu olhava para a cabine com os óculos de visão noturna, via os homens mortos, meu amigo encharcado em sangue.

– Eu carregava Danny sobre o ombro e estava saindo quando o cabo Albert acordou. Ele me implorou que não o deixasse lá para morrer queimado. Eu já estava carregando Danny. Precisava levá-lo a um lugar seguro. Albert estava quase soterrado pelos mortos. Suas pernas estavam

fraturadas. Eu precisaria de ajuda para tirá-lo de lá. Prometi a ele que voltaria.

Eu não conseguia respirar.

– Está se sentindo bem, Jack?

– Jeff Albert me disse que Danny Young estava morto.

– Você acha que ele estava? Como Albert poderia saber?

– Não sei. Era noite... Danny não falava... Eu não consegui aferir sua pulsação, porque minhas mãos... estavam entorpecidas. Antes de cada voo recebíamos as mesmas instruções... para sempre levar alguém conosco. Primeiro temos que tirar de perigo os feridos em estado mais grave e ainda vivos. Se estão mortos, não precisam ser resgatados. Todos entendem isso. Se Danny estava morto, resgatei um corpo e deixei um homem vivo morrer queimado. Eu teria voltado.

Houve uma longa pausa até que McGinty finalmente falou:

– Por que não voltou?

– Porque eu morri.

capítulo 87

EU NÃO CHORAVA DESDE QUE tinha 4 ou 5 anos. Não chorei quando meu pai morreu, nem ao menos fiquei abalado. Mas agora minha dor por ter abandonado Jeff Albert parecia incontrolável. Apoiei a cabeça nos braços e a dor fluiu.

Ouvi Tommy explicar ao Dr. McGinty que um escombro qualquer havia me atingido e meu coração parara. Foram necessárias várias técnicas de ressuscitação para fazê-lo voltar a bater.

Enquanto Tommy falava, vi o rosto de Rick Del Rio como se ele estivesse na sala. Ouvi sua risada e sua voz dizendo:

– Jack, seu filho da mãe, você voltou.

Ouvi o helicóptero explodir e senti o calor me envolver em ondas que atravessavam o campo.

O psiquiatra disse:

– Você estava *morto*, Jack. O que poderia ter feito para salvar aquele homem?

Movi os lábios, mas não consegui dizer nada. Fiquei de pé e Tommy também se levantou. Ele me abraçou pela primeira vez desde que tínhamos 10 anos. Chorei em seu ombro e ele me confortou.

Esse era meu irmão. Dividimos um quarto desde que saímos da maternidade. Eu o conhecia tão bem quanto a mim mesmo; talvez ainda mais. Tinha que aceitar que, por trás da animosidade, Tommy e eu ainda nos amávamos. Esse foi um grande momento entre nós.

Comecei a dizer que era bom poder contar a ele o que havia acontecido comigo, mas ele falou primeiro.

– Não é incrível? E papai achava que você era perfeito. Parece que ele enfim errou, Jack. Você não é perfeito.

Tommy havia me esfaqueado. E agora estava girando a faca na ferida.

A raiva foi instantânea e envolvente. Eu o empurrei com toda a minha força, vi quando ele se chocou contra uma estante e caiu no chão.

– O que mais precisa saber, Dr. McGinty? – perguntei. – Acho que já ouviu o suficiente.

Então saí de lá.

capítulo 88

EU ME SENTIA MUITO MAL. Fora traído por meu irmão. Peguei a estrada e segui para o norte em alta velocidade, quase sem notar a sinalização.

Aquilo me dava a sensação de estar fugindo, mas meus pensamentos giravam como um falcão drogado. Eu podia correr, mas não podia me esconder desse terrível sentimento de culpa com relação a Jeff Albert. Eu sabia que não havia lógica alguma em me culpar, mas isso não me ajudava em nada.

Peguei a saída da Carrillo Street, em Santa Barbara, e voltei pela 101, indo para o sul, em direção a Los Angeles.

Pus o celular no suporte e liguei para Justine.

O som de sua voz fez meus olhos se encherem de lágrimas.

– Jack, você está a caminho do escritório? Quero contar o que temos de novo.

– Tem tempo para tomar um café comigo? – perguntei a ela. – Preciso conversar com você.

– Tudo bem... – concordou ela. – Encontro você no Rose. Não me diga que vai se abrir comigo, Jack.

– Nunca se sabe. Coisas estranhas têm acontecido.

– Não – ela protestou. – Não com você.

Nada de ruim acontecia enquanto eu tomava café com Justine. Eu também não me lembrava de uma vez sequer que não pudera contar com ela.

O Rose Café já havia sido o escritório de uma empresa distribuidora de combustível. As janelas eram de painéis multifacetados e havia vigas no teto. O lugar tinha uma padaria própria e cheirava a panquecas de maçã e canela. Suas mesas, do tamanho de pizzas, estavam sempre cheias.

Quando cheguei, Justine esperava em sua mesa favorita, no fundo do salão. Ela usava calça preta justa e uma blusa pérola com um babado na gola. Seus cabelos estavam presos num rabo de cavalo com uma fita cor-de-rosa que combinava com o batom.

Ela sorriu para mim e pôs a bolsa no chão para liberar a banquetta. Eu me sentei.

– Onde estava quando a terra tremeu?

Estar com Justine no Rose me fez pensar nos velhos tempos. Costumávamos ir àquele lugar nas manhãs de domingo. Era onde líamos o jornal ou dávamos notas aos fisiculturistas que entravam ali depois do treino na Gold's Gym. Eu já tinha visto Arnold Schwarzenegger naquele café muitas vezes. E também Oliver Stone, cujo estúdio ficava a dois quarteirões dali.

Contei a Justine que estava na Blue Skies e que não houvera nenhum dano real por lá. De fato, o que eu dizia era verdade, mas não toda a verdade.

Queria lhe contar o restante da história. Queria que ela ajudasse a me recuperar. Esperava que ela lesse o trauma em meus olhos.

– Eu estava em Fairfax – disse Justine. – Parei naquela área comercial perto de Olympic. Caramba. Um minuto que durou uma vida!

Ela quase nem parou a fim de respirar. Pôs a pasta sobre a mesa, abriu-a e retirou de dentro dela vários álbuns de formatura, mostrando-me uma lista de nomes e números de páginas.

– Estou rezando para estar certa sobre minha intuição, Jack. Um desses garotos pode ser o assassino que estamos procurando. Vou encontrar Christine Castiglia quando sair daqui. Ela é a chave para a solução desse mistério.

Justine me mostrou fotos de adolescentes que combinavam com a descrição que Christine Castiglia fizera do rapaz que pegara Wendy Borman. Eu tentava prestar atenção, mas minha mente insistia em voltar ao Afeganistão. Eu via Danny, seu sangue verde e brilhante através dos óculos de visão noturna. Jeff Albert gritava em minha mente: “Danny está *morto*.”

– Você está bem? – Justine finalmente perguntou. – Tommy está bem? Aconteceu alguma coisa, não foi?

– Ele está bem. Mas eu... – Meu rosto ficou quente. – Algumas lembranças da guerra voltaram. Quero contar o que consegui lembrar.

Justine fechou o anuário e olhou para o relógio.

– Droga, Jack, tenho que ir. Vou encontrar Christine em Melrose daqui a 20 minutos. Se eu não estiver lá, ela pode desistir. Por que você não vem comigo?

Podemos conversar no carro.

– Não, vá em frente – falei. – Isso pode esperar. É sério. Tommy está bem. Eu estou bem.

Justine fechou a pasta e pegou a bolsa. Depois se levantou e pôs a mão no meu ombro.

Nossos olhos se encontraram. Ela sorriu e por um segundo achei que fosse se inclinar e me beijar. Mas ela não fez isso.

– Deseje-me sorte – pediu. – Vou precisar dela com essa garota.

– Boa sorte.

Justine prometeu que iria me encontrar mais tarde. Eu a vi sair e, da janela, a observei caminhar para o carro estacionado na rua, deixando-me sozinho.

É isso que você merece, Jack, falei a mim mesmo.

capítulo 89

HAVIA DIAS QUE JUSTINE OSCILAVA entre o otimismo maluco e o desespero insano. Se os e-mails que Sci e Mo-bot haviam encontrado no computador de Jason Piler eram confiáveis, os Street Freeks atacariam novamente dentro de poucos dias. Tínhamos que dar um jeito de detê-los.

Ela só podia imaginar o alvo do grupo: uma adolescente ingênua ou atrevida, mas, de qualquer maneira, vulnerável e fácil de atrair para um encontro e, possivelmente, para a morte.

A cabeça de Justine doía ao pensar nisso. Tinha certeza de que estava muito perto do assassino, mas sabia que, mesmo assim, podia falhar.

Por outro lado, Christine Castiglia era um ponto positivo. Havia motivos para crer que ela poderia ajudar a Private a pegar os assassinos antes da próxima segunda-feira, antes que outra garota fosse morta.

Justine estacionou o carro no quarteirão movimentado de Melrose, onde ela e Christine combinaram o encontro. Estava 10 minutos adiantada.

O tráfego era intenso e a qualidade do ar era ruim. Justine ligou o ar-condicionado, depois tirou o BlackBerry da bolsa e o colocou sobre o painel.

Observou a rua, onde jovens caminhavam pela calçada em grupos.

Christine não estava entre eles.

Pouco depois do meio-dia, Justine teve de reconhecer o mau pressentimento que ganhava força. Christine havia desafiado a mãe ao marcar esse encontro. Havia sido corajosa. Mas será que mudara de ideia? *Ou acontecera alguma coisa com ela?*

Às 12h15, Justine estava certa disso.

Às 12h30, ela telefonou para a Private e checkou os recados na caixa postal. Não havia nenhuma mensagem de Christine.

Justine deixou o telefone sobre o painel. A dor de cabeça parecia desenhar labirintos em seu cérebro.

Queria muito conversar com Jack. Mas era perigoso encontrá-lo fora do escritório. Estar com ele no Rose Café despertara antigos sentimentos, uma espécie de nostalgia por tudo que tinham vivido.

Ambos haviam sido tão estúpidos no passado. De sua parte, tivera esperança de convencê-lo a se abrir e a falar sobre seus sentimentos. Mas, aparentemente, Jack não suportava esse tipo de intimidade e Justine não sabia se relacionar sem ela.

Havia comprado para ele uma caneca com uma carinha sorridente e uma mensagem: “Estou bem. De verdade. E você?” Jack achara graça e usara a caneca, mas se mantivera fechado. Ele nunca conseguiu entender por que falar sobre si mesmo podia ser bom. Não parecia precisar disso.

Jack era um homem bonito e sabia disso. As mulheres o elogiavam, faziam charme, tentavam tocá-lo, davam seus telefones. Jack sempre fora modesto com relação à aparência, provavelmente porque podia ser.

Ela e Jack haviam brigado, fizeram as pazes de um jeito espetacular, brigaram de novo e, quando terminaram pela terceira ou quarta vez, Jack dormira com uma atriz. Então, ela e Bobby Petino passaram uma noite memorável lidando com a tensão puramente sexual que existia entre eles – e Jack descobrira. É claro... Jack conhecia todos os segredos.

Eles ainda reataram, mas carregavam muita mágoa e ressentimento. Não havia nenhuma chance para o relacionamento. Eles romperam novamente depois de um ano e agora toda e qualquer ideia de reconciliação era acompanhada por fantasias sobre como a relação terminaria...

Ela se assustou com uma batida na janela.

Christine Castiglia, pálida no moletom preto e calça jeans, olhou com evidente nervosismo para os dois lados da rua, depois abriu a porta do carro e entrou.

– Dra. Smith, tive uma ideia – anunciou a garota, sem rodeios. – Devíamos ir ao café em que estava quando vi os garotos daquela vez.

Justine sorriu para Christine. A esperança abriu suas grandes asas e decolou.

– Excelente ideia.

capítulo 90

*F*ORA ALI QUE TUDO COMEÇARA, não? Todos os crimes cometidos até agora.

Becki's House of Pie era uma pequena lanchonete na Hyperion, um lugar um pouco escuro, com cheiro de café e do desinfetante que um funcionário usava para limpar o chão. Havia um relógio elétrico na parede sobre a caixa registradora. Ele fazia um ruído alto cada vez que o ponteiro dos segundos se movia. Justine se perguntava o que os assassinos do caso das colegiais estariam fazendo naquele exato momento.

– Foi aqui que nos sentamos – disse Christine, apontando um banco de vinil vermelho e a mesa arranhada por décadas de uso.

Uma janela ao lado da mesa deixava ver o tráfego na Hyperion. Uma moto acelerou para passar no sinal amarelo, provocando um barulho irritante, o traseiro gordo do motociclista se afastando devagar.

– Eu me sentei aqui – continuou Christine. – Minha mãe estava aí. Ainda posso ver...

A garçonete tinha cabelos grisalhos e crespos, usava avental sobre o vestido de veludo azul e um crachá com seu nome: Becki. Parecia trabalhar ali havia 50 anos.

Justine pediu café puro. Christine escolheu salada de atum.

– Para ser sincera, Dra. Smith, não quero encerrar ninguém se não tiver certeza.

– Não se preocupe com isso, Christine. Sua palavra não basta para prejudicar ninguém. Ainda vamos precisar de provas. Não é tão fácil condenar alguém por assassinato.

– A van parou no meio da rua – prosseguiu a garota, apontando para o cruzamento.

– Eu me virei e, quando olhei novamente... Aqueles dois garotos estavam jogando a menina loura dentro da van.

– Eu trouxe algumas fotos. Gostaria de vê-las?

– Sim, é claro. Se isso puder ajudar.

Justine tirou da pasta os três anuários pesados, depois os empurrou por cima da mesa na direção de Christine.

Enquanto bebia o café, Justine a observava virando as páginas. A adolescente parava para examinar não só as fotos individuais, mas também as de turma. Por alguns momentos, analisou um grupo retratado em preto e branco sob a frase “A Equipe de *The Wolverine*”.

– O que foi? – perguntou Justine, intrigada.

Christine bateu com o indicador sobre a foto, apontando para um garoto em uma fila de outros nove ou dez.

– É *ele*! – exclamou.

Justine virou o álbum e o puxou para perto de si.

A legenda identificava as turmas e os alunos individualmente. Ela leu os nomes de cada um deles, depois virou as páginas até encontrar os retratos individuais dos jovens da turma de 2006.

O rapaz que Christine havia apontado com o dedo de unha roída tinha cabelo escuro, nariz pontudo e orelhas de abano.

De repente, Justine estava tão agitada que tinha a impressão de poder fornecer energia elétrica para toda a zona leste de Los Angeles.

Será que a memória de Christine era tão boa assim? Ou a garota estava apenas tentando agradá-la, como a mãe dissera que faria?

– Christine, era de noite, não era? – perguntou Justine. – A van parou por um minuto e os rapazes estavam em movimento. Tem certeza de que esse é o garoto que você viu?

Christine era uma menina brilhante e entendeu de imediato o verdadeiro motivo da pergunta.

– Tem medo de que eu não consiga reconhecê-lo? Fique tranquila. Como eu disse na primeira vez, Dra. Smith, nunca vou esquecer aquele rosto.

– Tudo bem, Christine. Bom trabalho. E agora o rosto tem um nome. *Este é Rudolph Crocker.*

capítulo 91

No início, Justine havia resistido à sugestão de Sci de instalar um computador de bordo no painel de seu Jaguar. O equipamento prejudicaria a estética do carro e também acabaria com seus poucos momentos longe do trabalho.

Sci a convencera usando sua lógica inegável e agora Justine se sentia grata por isso. A pequena caixa, com sua tela de sete polegadas, estava conectada à rede internacional e aos bancos de dados da Private. Ela também fazia diagnósticos do motor, funcionava como sensor de proximidade quando o veículo estava em marcha a ré e tocava CDs.

Caixinha genial.

Justine digitou o nome de Rudolph Crocker num mecanismo de busca. O computador portátil varreu a internet, exibindo na tela uma lista de homens chamados Rudolph Crocker. Eles moravam em diversos estados e tinham profissões variadas: médicos, advogados, bombeiros, um empreiteiro, um limpador de piscina e um modelo de cuecas.

Não havia nenhum Rudolph Crocker com ficha criminal, mas três deles moravam na grande Los Angeles.

Um nascera em Sun Valley, em 1956, e havia lecionado em uma escola em Santa Cruz até se aposentar, em 2007.

O segundo Crocker era analista de investimentos numa corretora chamada Wilshire Pacific Partners.

Justine fez uma busca e o site da empresa apareceu na tela.

Havia um link “Quem Somos”. Justine clicou nele e encontrou a lista de funcionários, com biografias resumidas e fotos individuais.

Rudolph Crocker era o sétimo nome.

Justine olhou para a foto. Precisava ter certeza de que o retrato profissional batia com a foto no anuário. Mas era inegável. Indiscutível. Esse

Crocker era o mesmo que se formara na Gateway em 2006.

Justine telefonou para o escritório. Suas ligações para Jack, Sci e Mo-bot caíram direto na caixa postal. Ela sabia que todos estavam trabalhando sem folga. Sci e Mo se dedicavam ao ângulo tecnológico do caso das colegiais. Jack, Cruz e Del Rio trabalhavam no caso dos jogos da NFL e no assassinato de Shelby Cushman.

A conexão com o caso Wendy Borman era uma suposição de Justine, que precisava comprová-la. Sci havia isolado duas amostras de DNA extraídas das roupas de Wendy. As amostras não batiam com nenhuma outra nos arquivos, por isso ela teria que colher uma amostra de DNA de Crocker para comparação.

E teria que fazer isso sozinha.

Ou não?

Teve uma ideia. Conhecia alguém tão envolvida no caso e tão motivada a pegar o assassino das colegiais quanto ela própria.

Infelizmente, essa pessoa a odiava.

capítulo 92

JUSTINE CONHECIA A TENENTE NORA Cronin havia anos. Nora tinha cinco anos de experiência na divisão de homicídios e era famosa por sua honestidade. Teria um grande futuro, não fosse pela insolência com que respondia aos superiores. Além disso, seu problema com a balança também não ajudava, especialmente em Los Angeles.

Entretanto, Bobby Petino acreditava que Nora era um exemplo de competência, uma vitoriosa. Ele a recomendara ao chefe Fescoe, que a designara para trabalhar no caso das colegiais, reportando-se diretamente a ele.

Justine sabia que a tenente vinha trabalhando duro no caso desde que Kayla Brooks fora estrangulada, dois anos antes, e que devia estar mais frustrada que ela mesma. Nora tinha mais a perder. O caso das colegiais era o mais importante de sua carreira.

Depois de estacionar na Martel, uma avenida estreita na zona oeste de Hollywood, Justine caminhou alguns metros até o local onde Nora Cronin estava deitada de bruços, espiando embaixo de um velho Ford estacionado junto da calçada.

– Oi, Nora, sou eu – disse Justine.

– Nossa, que dia feliz – resmungou a tenente, saindo de baixo do carro com uma faca na mão enluvada. Entregou a faca a um policial uniformizado, dizendo: – Edison, ponha em uma embalagem plástica, identifique com uma etiqueta e leve ao laboratório.

– Sim, Sra. Cronin. Imediatamente.

Nora tirou as luvas de látex e olhou para Justine de cara amarrada.

– Então, qual é o assunto, Justine? Ouvi dizer que você e Bobby terminaram e você nem me contou. Fiquei imaginando... Será que ainda está trabalhando no caso das colegiais?

– A Private tem um contrato com a *cidade*. Estamos trabalhando nesse caso de graça.

Justine esperou o próximo ataque de Nora, mas ela simplesmente pôs uma das mãos na cintura e perguntou:

– O ar-condicionado do seu carro está funcionando?

As duas mulheres se acomodaram no Jaguar e Justine contou a Nora sobre seu encontro com Christine Castiglia.

– Em 2006, Christine viu dois garotos jogarem uma jovem que parecia Wendy Borman dentro de uma van preta. Há uma hora ela identificou um dos rapazes. Acredito que Wendy Borman pode ter sido a primeira colegial dessa série de crimes.

– Sei sobre a garota Castiglia. Tinha 11 anos na época, certo? A mãe a impediu de falar com os policiais. Está dizendo que acredita que, mesmo cinco anos depois, ela tenha sido capaz de identificar um dos suspeitos?

– Não é só isso. Levei as roupas de Borman para ser examinadas no nosso laboratório. O DNA ainda é útil para análise. Encontramos duas amostras do sexo masculino. Mas não existe nenhuma identificação compatível no banco de dados.

– Então, o que quer de mim? Estou um pouco confusa.

– Temos motivos para crer que haverá outro assassinato dentro de dois dias.

– Ah, jura? Mas não pode dizer como sabe disso, certo? Então, repito, o que quer de mim?

– Christine Castiglia viu um adesivo da escola Gateway no vidro da van usada no sequestro – explicou Justine. Ela acionou o computador no painel do carro e mostrou a foto de Rudolph Crocker. – Esse é o sujeito que Christine Castiglia identificou. O nome dele é Rudolph Crocker. Ele se formou na Gateway em 2006. Atualmente, é analista de investimentos em uma corretora. Christine tem certeza de que ele é o garoto que ela viu há cinco anos.

– Sei. E daí?

– Bem, tenho um suspeito aqui – prosseguiu Justine, levantando uma das mãos. – Tenho uma amostra de DNA aqui – disse e levantou a outra

mão. – Se conseguirmos juntar as duas coisas, talvez possamos tirar um psicopata de circulação.

– Digamos que eu queira colaborar. Eu teria que ser informada de tudo o que você sabe – argumentou Nora. – Não quero mais essa bobagem de “temos motivos para crer”. Se for esconder alguma coisa de mim, um detalhe que seja, pode esquecer.

– É claro.

– E não vai me dar ordens.

– Não vou. E pode acionar qualquer membro da polícia de Los Angeles sem pedir minha autorização. Tudo bem?

– Sim – concordou Nora.

Ela estava sorrindo. Devia ser a primeira vez que Justine a via sorrir.

– Vou ter que ouvir muita zombaria por estar trabalhando com você, depois de todos os nomes de que a xinguei...

Justine assentiu e perguntou:

– Estamos combinadas?

– Combinadas. – Elas bateram as mãos no ar frio dentro do automóvel.

– Vamos formar uma grande dupla – disse Justine.

– Não vamos nos entusiasmar demais – cortou Nora. – Ainda não gosto muito de você.

Justine finalmente sorriu.

– Mas vai gostar.

capítulo 93

EU ESTAVA A CAMINHO DO escritório, preso num engarrafamento em Pico, quando Mo-bot telefonou do centro de tecnologia.

– Há cinco minutos nossos amigos no LAX Marriott telefonaram para uma indústria de bebidas em Reno pedindo uma doação para o Fundo de Pensão das Viúvas dos Membros da Infantaria – disse ela com a voz transbordando entusiasmo. – A fábrica pertence a ninguém menos que Anthony Marzullo. Satisfeito, Jack?

– Bom trabalho, Mo. Excelente. Mas você sabe o que realmente quero.

– Ouvir o som das moedas mudando de mão? – Mo riu. – Depois do telefonema para Nevada, Victor Spano ligou para o celular de Kenny Owen. Eles vão se encontrar no Beverly Hills Hotel esta tarde, chalé quatro.

Mo mantinha os telefones de Kenny Owen e Lance Richter grampeados desde que eles chegaram a Los Angeles para o jogo que aconteceria no dia seguinte. Sabíamos que era esperado que os Titans massacrassem os Raiders por três *touchdowns*. E que, se os dois juízes interferissem, se garantissem a diferença de 17 pontos, dezenas de milhões de dólares em apostas ilegais iriam direto para o bolso de Marzullo.

Mas tio Fred e seus sócios precisariam de mais que conversas telefônicas e suspeitas. Eles teriam que apresentar provas.

Telefonei para Del Rio, encontrei-o na garagem e troquei meu carro por outro da frota, um Honda CR-V preto, com vidros escuros. O carro era equipado com o que havia de mais avançado em tecnologia sem fio.

Seguimos para a Sunset. Parei o carro sob o toldo da entrada do Beverly Hills e Del Rio saltou.

Ele abaixou a aba do boné e ajeitou a bolsa da câmera quando entrou no hotel. Assim que ele cruzou a porta, segui em frente pela Sunset e fui estacionar em Crescent Drive, a 100 metros e uma parede de reboco distante

do belíssimo edifício branco no terreno de jardins exuberantes que cercava o hotel.

Del Rio me mantinha informado pelo microfone em sua lapela. Ele plantava rapidamente as microcâmeras – uma na porta do chalé onde aconteceria o encontro, outra no pátio e, em cada uma das janelas dos três cômodos, uma “câmera aranha”.

Longos 12 minutos mais tarde, Del Rio voltou ao Honda, e as microcâmeras já transmitiam imagens que acompanhávamos nas telas de nossos laptops.

As únicas coisas em movimento no interior do chalé eram partículas de poeira que passavam pelos raios de sol.

Apesar de toda a sua inconstância, Del Rio era capaz de ficar sentado no mesmo lugar por 10 horas seguidas sem precisar ir ao banheiro. Eu ainda sofria os efeitos do terremoto e da horrível lembrança que ele havia despertado. Depois de meia hora olhando para as colunas de luz, precisava dizer alguma coisa ou ia acabar explodindo.

– Rick, você deu uma olhada em Danny Young quando eu o tirei do helicóptero?

– Sim. Por quê?

Minha voz soou neutra quando lhe contei tudo o que havia acontecido comigo naquela manhã. Eu era um homem morto falando, mas consegui ir direto ao ponto. Não precisava florear. Del Rio estivera lá comigo.

– Vamos ver se entendi – disse ele quando terminei. – Está se martirizando por ter deixado Jeff Albert no helicóptero e tentado salvar Danny Young? E os outros? Fomos atingidos por um míssil, Jack. E você pousou a droga da aeronave.

– Você se lembra de Albert?

– Claro que me lembro. Ele era um bom garoto. Todos eram, Jack. E você também era só um garoto.

– Acho que Danny Young já estava morto quando o tirei do helicóptero.

Del Rio me encarou por alguns segundos antes de dizer:

– O sangue de Danny ainda era bombeado para fora do peito quando me aproximei de vocês. Ele morreu no chão. O helicóptero explodiu, Jack. Se

tivesse voltado, Danny Young, Jeff Albert e *você* estariam mortos. E ninguém teria conseguido trazê-lo de volta.

Del Rio estava certo. O sangue de Danny pingava em meus sapatos. Ele estava vivo. Eu o tirara *vivo* do helicóptero.

Eu me sentia quase completamente vivo.

Nenhum de nós voltou a falar até que dois homens aparecerem na entrada do chalé.

Um deles era Victor Spano. O outro era um homem baixo num terno de boa qualidade. O cara de terno usou um cartão magnético para abrir a porta do chalé 4.

Levantei os braços como um juiz de futebol.

– Touchdown!

capítulo 94

EU TINHA NOTÍCIAS IMPORTANTES, MAS não necessariamente boas.

Estava escuro quando parei o carro diante da mansão em estilo italianate de meu tio, em Oakland. Estacionei no fim da alameda circular que ligava o portão à entrada da casa e corri pelo caminho de acesso.

A segunda esposa de Fred, Lois, me recebeu na porta, acompanhada por Brian, meu barulhento primo de 11 anos, que se atirou contra mim como o *linebacker* que tinha certeza de que seria um dia.

Rolei no chão e gemi como se sentisse dor, enquanto Brian gritava e pulava no hall de entrada. Minha priminha Jackie correu até onde eu estava e afagou minha cabeça como se eu fosse um golden retriever.

– Brian é um moleque grande e gordo, Jack. Está muito machucado?

Pisquei para ela e disse que estava bem, então Jackie torceu meu nariz – Já comeu, Jack? – perguntou tio Fred enquanto estendia a mão para me ajudar a levantar. Assim que fiquei em pé, ele passou um braço sobre meus ombros.

– Eu nunca recuso um café – respondi.

– E o que acha de um café e uma fatia de torta de banana?

– Perfeito.

Sentei-me à mesa da sala de jantar e as crianças me encheram de perguntas – sobre o terremoto, se eu havia conseguido pegar algum bandido recentemente, a que velocidade eu já chegara com meu carro...

Enquanto eu respondia a uma pergunta, eles já estavam fazendo outra.

Normalmente, eu teria levado os dois para a sala de televisão e assistido a um dos filmes do Homem-Aranha ou do Batman, mas estava preocupado com o tempo, em como faltava pouco para os jogos do domingo e para uma partida em especial.

Olhei para meu tio e bati no bolso da camisa. Ele assentiu e disse a Lois:

– Vou roubar Jack por alguns minutos.

Segui Fred até seu escritório, uma bela sala de paredes revestidas de mogno e duas estantes de troféus. Uma TV de tela plana de 68 polegadas era como mais um troféu sobre a lareira.

– Vou beber alguma coisa – disse Fred.

– Eu o acompanho.

Fred serviu uísque com gelo. Conectei o flash drive ao aparelho de reprodução de vídeo. Deixei que ele se sentasse na cadeira atrás da mesa para que pudesse ter o melhor ângulo. Fred Kreutzer era um homem complicado. Eu nem imaginava como ele reagiria ao infeliz filme que estava prestes a ver.

A tela de alta definição era perfeita para reproduzir as imagens das nossas câmeras, as mesmas usadas pela NASA.

As primeiras imagens capturadas eram do lado de fora do chalé do Beverly Hills Hotel e, em seguida, apareciam as do interior.

Uma luz vermelha piscava num aparelho de telefone.

Um homem de terno, que estava de costas para a câmera, pegou o fone, digitou alguns números e ouviu uma mensagem.

Atrás dele, Victor Spano pegou uma Heineken do frigobar e ligou a TV. Peguei o controle remoto sobre a mesa de Fred e adiantei a gravação. Voltei a reproduzi-la em velocidade normal quando o homem de terno ficou de frente para a câmera.

Era Anthony Marzullo, terceira geração no comando da família Marzullo, da Máfia de Chicago.

Diante da câmera, ele disse para Spano:

– Vá abrir a porta.

Spano obedeceu e dois homens entraram no chalé. Kenny Owen, juiz e chefe de equipe, com 25 anos de experiência no futebol, e Lance Richter, juiz ainda jovem e evidentemente determinado a solidificar seu futuro financeiro manipulando partidas, e não fazendo valer as regras.

Meu tio Fred respirou fundo, depois soltou uma série de palavrões.

Na tela, todos trocaram apertos de mão e os juízes se sentaram diante do homem que assumira a tarefa até então impossível de corromper o futebol

profissional.

– Não pode haver nenhum erro – disse Marzullo. Ele sorriu sem mover os músculos da parte de cima do rosto. – Como de costume, aqui estão os 20 por cento de adiantamento. O restante vocês receberão amanhã à noite. Não mais que 17 pontos. Entenderam? Não me importo como irão explicar o resultado. Façam o que for necessário para garantir o combinado.

– Entendemos, e sabemos o que está em jogo – disse Richter, em seguida pegando o maço de notas de 100 presas por um elástico.

– Mesmo? – Marzullo pôs a mão sobre a de Richter.

– Sim, senhor. Tudo vai sair a contento. Não há problema algum. Faremos o que for necessário.

Owen bateu com sua parte do dinheiro na perna antes de guardar o maço de notas no bolso.

Parei o vídeo e olhei para meu tio.

O pobre coitado parecia ter levado uma bolada entre as pernas. Na verdade, eu já vira aquela expressão em seu rosto durante o julgamento de meu pai, uma mistura de vergonha e tristeza.

– É muito atrevimento – falei. – Essa história não se resume à ambição de um mafioso e dois juízes corruptos. É muito maior. Os Marzullo estão invadindo o território dos Noccia.

– Nunca imaginei que Kenny Owen pudesse aceitar dinheiro sujo – disse Fred. – Conheço a esposa e os filhos dele. Um dos garotos joga em Ohio State.

– A gravação é legítima – falei. – Vai servir de prova no tribunal.

– Preciso dar alguns telefonemas – disse Fred. – Falo com você amanhã cedo para contar o que vamos fazer. Seu trabalho foi excelente, Jack.

– Sinto muito, tio Fred. De verdade.

– Eu sei – respondeu ele. – Mas amanhã vai ser pior.

capítulo 95

JÁ PASSAVA DA MEIA-NOITE QUANDO finalmente cheguei à casa de Colleen.

Estava esgotado e precisava sentir sua mão fria em minha testa. Queria ouvir sua voz melodiosa e dormir com seu corpo macio enroscado no meu.

Colleen abriu a porta de camisola e com uma calcinha minúscula. O cabelo estava preso num coque frouxo. Ela exalava um cheiro maravilhoso, como de rosas cobertas com açúcar.

– Lamento, mas a pousada está fechada – disse. – Tem uma hospedaria mais à frente na estrada.

– Colleen, eu devia ter telefonado antes.

– Entre, Jack.

Ela ficou na ponta dos pés para me beijar. Depois se inclinou e pressionou o corpo contra o meu, apenas pelos segundos necessários para me deixar excitado.

Colleen deslizou a mão pela frente da minha calça, depois pegou minha mão e me levou para seu quarto. A luz da lua atravessava as cortinas. Colleen calçou sapatos de salto alto.

– Quer ver TV? – perguntou. – Ou tem outra coisa em mente?

– O que está passando? – perguntei e sorri.

Colleen também sorriu.

capítulo 96

SEGUREI AS ALÇAS DE SUA camisola e as empurrei para baixo, deslizando-as pelos braços. Não mais que alguns centímetros. Só uma provocação.

Colleen continuava sorrindo enquanto abria a fivela do meu cinto e me despia. Depois fez com que eu me sentasse, tirou meus sapatos e minhas meias e me empurrou de costas na cama.

– Adoro esse corpo – falou. – De verdade. Deus me ajude.

Não era isso que eu esperava quando toquei a campainha, mas lá estava eu, nu sobre lençóis floridos, vendo Colleen tirar os grampos e soltar os cabelos, que caíram sobre seus ombros como uma cortina de seda negra e cheirosa, cobrindo seus seios e depois os revelando novamente.

Ela se debruçou sobre mim, os cabelos roçando meu rosto, e me beijou longa e profundamente. Foi glorioso. Ela subiu na cama e se moveu sobre meu corpo, a pele fria deslizando na minha, afastando-se, depois pressionando.

Minhas mãos seguravam seu quadril estreito. Senti os saltos finos pressionando minhas costas e de repente estava dentro dela.

Minha mente se esvaziou. A ideia de dormir desapareceu completamente.

O amor invadia meu coração – amor, gratidão, êxtase e, após uns dez minutos de paraíso, alívio... para nós dois. Afastei-me de Colleen e me afundei na cama.

O suor começava a secar em minha pele e Colleen começou a chorar. Era inacreditável.

Senti uma onda de arrependimento. Não podia suportar mais nada depois daquele dia terrível, mas esse sentimento se dissolveu, substituído por vergonha e compaixão por Colleen.

Tomei-a nos braços e a amparei enquanto ela soluçava em meu peito.

– Colleen, o que foi?

Ela apenas balançou a cabeça.

– Meu bem, o que houve? Me diga. Estou aqui.

Colleen se soltou do abraço. Os sapatos voaram longe, atingindo a parede. A porta do banheiro se abriu e ouvi água correndo. Minutos mais tarde, Colleen voltou usando uma camiseta e se deitou na cama.

– Fiz papel de idiota – declarou.

– Converse comigo. Por favor.

Ela estava deitada de costas, olhando para o teto. Pus a mão em sua barriga.

– É difícil, Jack. Isso... me deixa tão triste, às vezes. Vejo você no meio da madrugada, em noites aleatórias. Trabalho com você no escritório. E entre uma coisa e outra?

– Sinto muito.

Eu não podia dizer que as coisas iriam mudar. Ela estava me pondo contra a parede e eu me sentia obrigado a ser sincero.

– Isso é tudo o que tenho a oferecer, Colleen. Não posso vir morar com você. Não posso me casar com você. Temos que parar.

– Você não me ama, não é, Jack?

Suspirei. Colleen me abraçou e afaguei seus cabelos.

– Amo. Mas não como você precisa ser amada.

Eu me sentia tão triste quanto ela e tive que me soltar de seu abraço.

– Fique, Jack. Está tudo bem. É manhã de domingo. Um novo e lindo dia.

– Preciso ir para casa e dormir um pouco. Vou trabalhar hoje. Essa bomba da NFL está prestes a explodir. Meu tio conta comigo. Prometi que o ajudaria.

– Entendo.

Recolhi minhas roupas no chão e me vesti sem acender a luz. Colleen olhava para o teto quando me despedi com um beijo.

– Você não é uma pessoa ruim, Jack. Sempre foi honesto comigo. Sempre foi franco. Tenha um bom dia.

capítulo 97

EU AINDA PENSAVA EM COLLEEN quando, junto com Del Rio, encontrei Fred no estacionamento do estádio. Era meio-dia.

Buzinas soavam estridentes. Motos roncavam e rugiam ao passar pelos portões. Carros e caminhonetes atravessavam a pista. Torcedores de todas as idades usando camisetas dos Raiders – alguns com o rosto pintado de prata e preto, outros com a fantasia completa de Darth Raider – confraternizavam por ali, comendo hambúrguer e bebendo.

O time da casa iria jogar e a torcida sempre esperava que, por um milagre qualquer, os dias de glória voltassem e os Raiders vencessem. Mas, mesmo que perdessem, ainda era um bom dia para festejar.

Olhei para o outro lado do estacionamento, vi Fred trancar o carro e se dirigir à entrada do estádio. Ele vestia sua jaqueta de aquecimento favorita, macacão e sapatos ortopédicos. Os cabelos, agora mais ralos, estavam bem penteados.

Achei que ele parecia mais velho do que uma semana antes, como se tivesse sofrido uma grande perda, o que acho que de fato acontecera.

Gritei o nome de Fred. Ele olhou para nós e mudou de direção.

Depois de apertar a mão de Del Rio e me dar um tapinha no ombro, Fred nos levou pelo meio da multidão para uma porta lateral do estádio.

– Obrigado por vir, Jack. Você também, Rick. Muito obrigado.

Ele mostrou a credencial para um segurança, disse que estávamos com ele e uma porta se abriu para um túnel.

Por um instante verde e brilhante, vi o campo, as arquibancadas dos dois lados sendo ocupadas, e depois viramos à esquerda e seguimos para a área sob o estádio.

Portas se abriam e fechavam ao longo do corredor subterrâneo. Funcionários do estádio cumprimentavam Fred, que respondia a todos com

acenos e sorrisos.

Meu estômago se contraía com a ideia do que aconteceria nos próximos minutos.

– Vamos acabar com isso de uma vez – disse Fred. – Vai ser duro, Jack.

Ele enfiou a chave numa fechadura e recuou para nos deixar entrar em seu escritório.

Fiquei surpreso ao ver Evan Newman e David Dix sentados diante da mesa de Fred. Dois homens que eu não reconhecia estavam no sofá no fundo da sala. Eles vestiam preto e branco, listras, e exibiam expressões muito carregadas.

Fred apresentou Skip Stefero e Marty Matlaga. Em seguida, perguntou:

– Jack, você trouxe as imagens? Você e Rick, venham comigo. Os outros ficam aqui. Voltaremos em alguns minutos. Se não voltarmos, podem invadir.

Del Rio e eu seguimos Fred até uma porta identificada com uma palavra: “Oficiais”.

Fred bateu duas vezes e, sem esperar resposta, girou a maçaneta e abriu a porta.

O eco da conversa, o barulho das portas dos armários, tudo silenciou quando nós três entramos.

capítulo 98

OS JUÍZES ESTAVAM EM VÁRIOS estágios de nudez, todos olhando para nós. Fred disse em tom calmo:

– Kenny, Lance, preciso falar com vocês dois um instante.

Kenny Owen abotoava a camisa de listras pretas e brancas. Ele apoiou um pé no banco e amarrou o cadarço do sapato.

– Lá fora – insistiu Fred. – *Agora.*

A pele bronzeada de Lance Richter empalideceu, mas acompanhou Kenny Owen para fora do vestiário. Fred fechou a porta atrás deles.

Nós cinco nos reunimos a poucos metros de distância do vestiário dos juízes.

Fred começou:

– Não existe um jeito fácil de fazer isso. Podemos escolher entre o difícil e o *mais difícil.*

– Do que estamos falando, Fred? – perguntou Owen, fazendo-se de bobo e desempenhando muito bem o papel.

– Filmamos toda a negociação ultrajante, seus babacas patéticos. Jack, mostre a eles as imagens que gravou no Beverly Hills.

Eu tinha fotos extraídas do vídeo do encontro de Owen e Richter com Anthony Marzullo. Elas estavam guardadas num envelope em meu bolso.

Peguei as fotos, passei-as rapidamente e escolhi a do dinheiro para pôr por cima das outras.

Richter viu a foto dele e de Owen segurando os maços de notas, sentados diante do chefe da Máfia de Chicago.

Senti cheiro de urina e vi que a frente da calça de Richter estava molhada. Ele falou:

– Tive de concordar com tudo. Se não aceitasse a proposta de Kenny, perderia o emprego.

– Covarde – grunhiu Owen.

Fred continuou.

– Não perca tempo com explicações idiotas, Richter. Não quero saber dos seus motivos.

– Foi a primeira vez – declarou Owen. – Tenha piedade, Fred. Não se pode ganhar dinheiro com esse trabalho.

– Ken, você ouviu quando falei que tenho as imagens gravadas? Marzullo diz claramente que está pagando 20 por cento do valor, como de costume. Escute: Newman e Dix estão no meu escritório. Dix queria levar vocês para o deserto e meter uma bala em cada um. E ele seria capaz disso. Newman quer se candidatar ao Congresso: gostaria de mandar prender vocês agora, o que protegeria parcialmente a reputação da NFL... e acabaria com o jogo. Eu vejo a situação de outra maneira e eles confiam no meu instinto. Se vocês têm um mínimo de inteligência, vão considerar as opções. Agora *escutem*.

Os dois juízes ouviram em silêncio o que Fred tinha a dizer.

– Plano A. Vocês voltam ao vestiário, dizem que foram vistos jantando com alguns jogadores cujos nomes não podem revelar. É uma violação das regras e a penalidade é a expulsão. O Plano B: levo o vídeo em que vocês aparecem aceitando suborno de Marzullo à Confederação. A legitimidade do jogo será submetida a um exame minucioso. Todas as partidas que vocês apitaram na vida serão revistas. Vocês serão presos e acusados de conspiração criminosa e a história vai parar nas páginas dos jornais de todo o país a partir de hoje e por muitos anos. Os Marzullo serão processados por corrupção e fraude e a vida de vocês não vai valer nada, mesmo que estejam na cadeia.

Os dois juízes continuavam ouvindo em silêncio, pálidos.

– Sinceramente, eu não apostaria um centavo na sobrevivência de vocês dois. Vocês têm três horas, no máximo, para desaparecer. Quando os Marzullo não os virem no campo, a notícia vai se espalhar. Quando o jogo não sair conforme eles esperam, vocês serão homens marcados. Acho que seus corpos jamais serão encontrados.

Os olhos de Kenny Owen estavam arregalados e marejados. Ele repetiu o que Fred acabara de dizer:

– Jantamos com alguns jogadores, mas não posso revelar quem são, porque eles não têm culpa de nada. Foi uma estupidez. Aceitamos um jantar e desrespeitamos as regras. Por favor, aceitem nossa demissão.

– Esvaziem seus armários e saiam daqui quanto antes – retrucou Fred. – *Corram.*

Dez minutos depois, Fred, Newman e Dix conduziram os novos juízes ao vestiário dos oficiais da partida. Conforme era previsto, os Titans venceram os Raiders por 52 a 21, 14 pontos a mais que o combinado.

Levei o vídeo de volta ao escritório da Private e o tranquei no cofre em que muitos outros segredos eram mantidos. Se Fred algum dia precisasse daquelas imagens, eu as teria.

Mas mantive as fotos de Spano, Marzullo e dos juízes no meu bolso. Tive uma ótima ideia. Mas ainda não podia contá-la a ninguém.

capítulo 99

ERAM TRÊS E MEIA da tarde de domingo.

Justine e Nora Cronin estavam desde as oito da manhã dentro do carro parado em frente ao prédio de três andares e paredes de estuque onde Rudolph Crocker morava, na Via Marina. As duas ainda não eram exatamente amigas, mas também não haviam se agredido.

Justine havia colocado uma pequena antena parabólica na janela do carro. Ela e Nora ouviram os sons de Crocker tomando banho de manhã e, mais tarde, o programa *Meet the Press*, acompanhado pelos comentários casuais de Crocker.

Alguns minutos antes das duas, Crocker deixara o edifício vestindo short e camiseta, então Nora e Justine viram ao vivo pela primeira vez o homem de 23 anos que podia ter assassinado mais de uma dúzia de garotas.

– Não parece grande coisa – resmungou Nora.

– Não é. Ele é só a escória, Nora.

Crocker saiu para uma corrida pela Admiralty Way, com Justine e Nora atrás dele, seguindo-o a uma distância segura num Crown Victoria cinza, cor-padrão da Private.

De volta ao apartamento, Crocker tomou uma ducha, cantando “Unbreak My Heart” sem nenhuma afinação, mas com muito sentimento. Assistiu ao *Your Money*, na CNN, e depois tudo ficou quieto na casa. Justine imaginou que Crocker pudesse estar trabalhando no computador. Ou que talvez tivesse ido dormir.

– Ele vai descansar? – perguntou Nora, inquieta. – Pensei que precisasse de agitação.

– Recoste-se. Feche os olhos – sugeriu Justine. – Se ele vai descansar, nós também vamos.

– Não consigo cochilar no carro. Você consegue?

– Como prefere seu café? Tem uma lanchonete ali na esquina. Vou buscar.

Pouco depois das cinco, Crocker saiu do prédio novamente, dessa vez vestindo um elegante paletó azul sobre camisa cor-de-rosa, calça cinza e sapatos que pareciam ter custado caro.

Ele se dirigiu a uma minivan Sienna azul, último modelo, e entrou. Depois de tirar o veículo da vaga sem nenhuma dificuldade, seguiu pela Via Marina.

Justine era uma perseguidora profissional e competente. Acompanhou a van de Crocker mantendo sempre o equivalente a dois ou três carros de distância.

Quase o perdeu de vista quando um sinal fechou, mas Justine acelerou e avançou.

– Filho da mãe – resmungou Nora. – Ele nos viu?

– Não sei – respondeu Justine. – Mas logo vamos descobrir.

Eles entraram no Westwood Boulevard e seguiram para Hilgard. Viram Crocker parar diante do W Hotel, deixar as chaves com um manobrista e entrar no prédio.

O bar, localizado em um canto do hotel, era visível pelas janelas de vidro em ambos os lados.

– Ele vai ao Whiskey Blue – disse Justine. – É um ponto de encontro de solteiros ricos. Perfeito para os nossos propósitos, realmente.

As duas haviam combinado a missão de forma clara e precisa. Não pretendiam confrontar Rudolph Crocker. Não o prenderiam. Não queriam nem olhar em seus olhos, apesar de Justine admitir que adoraria arrancá-los.

Só precisavam de uma gota de saliva, uma amostra microscópica de células epiteliais, um fio de cabelo ou um fragmento de caspa.

Mas falar era fácil.

– Como estou? – perguntou Nora a Justine.

– Adorável. Use isto aqui.

Justine tirou um batom da bolsa e o entregou a Nora enquanto observava a porta pela qual Rudolph Crocker acabara de entrar. Ele ainda estava lá.

– Deixe o cabelo solto – disse Nora. – Sacuda um pouco para dar volume.

Abra alguns botões da camisa.

Justine fez como ela sugeria e disse:

– Vamos lá. Hora de conhecer o diabo.

Nora bateu a porta, mostrou o distintivo ao manobrista e avisou:

– Nosso carro tem que ficar exatamente onde está. Assunto policial.

Justine deu 10 dólares ao rapaz e seguiu Nora pela escada.

– Entendi – falou o manobrista. – Tira boa, tira má.

Nora olhou para ele e riu alto.

– Não. No nosso caso é tira gorda, tira magra!

capítulo 100

QUANDO AS DUAS ENTRARAM NO bar, Justine comentou:

– Uma boa gargalhada sempre ajuda.

Desde que estivera no Whiskey Blue pela última vez, o bar havia passado por uma boa reforma. O salão tinha cores neutras. Havia sofás nos cantos, todos em tons de marrom e âmbar. E uma iluminação suave fora instalada sobre o balcão. Música eletrônica soava nos alto-falantes, tornando impossível qualquer conversa de verdade.

O lugar estava cheio de jovens executivos aproveitando o que restava do fim de semana. Ainda havia uma chance. Garotas com cabelos incríveis, roupas justas e seios espremidos para parecerem maiores sorriam para jovens obviamente a caminho do sucesso. Todas pareciam ter cabelos pretos e dentes muito brancos. A maioria estava de óculos escuros.

Justine sentia uma urgência aflitiva. Aquilo era tudo o que tinha. Rudolph Crocker devia ser o homem que procuravam e ele estava ali.

Por muito tempo ela trabalhara nesse caso como se as meninas assassinadas fossem suas filhas. Foram meses de frustração e sofrimento, um tempo durante o qual o choro dos pais das garotas ecoara em sua mente como o som de um velho disco de vinil riscado.

Ela e Nora haviam assumido uma tarefa difícil, mas essencial. Se a cumprissem, poderiam mandar para a cadeia um assassino hediondo – mas havia muitas possibilidades de tudo dar errado.

capítulo 101

JUSTINE FEZ UM SINAL PARA Nora com o olhar e as duas mulheres se aproximaram discretamente da multidão.

Quando chegaram perto do balcão, Justine se dirigiu a um rapaz grandalhão, de vinte e poucos anos e rosto vermelho, que vestia uma camiseta combinando com seu tom de pele:

– Se incomoda se eu parar aqui do seu lado e pedir uma bebida?

– O que vai querer? – perguntou o rapaz, olhando para ela apenas do pescoço para baixo.

– Vou pedir para mim e para minha namorada. Estamos juntas.

O homem olhou para Nora, depois de volta para Justine, dessa vez nos olhos. Sem esconder o desgosto, ele chegou para o lado.

Justine sentou-se em uma banquetta, segurou o braço de Nora e a puxou para perto. Inclinando-se para o lado, sussurrou:

– Consegue vê-lo bem?

– Sim. Crocker está pedindo outra bebida. O garçom acabou de pegar seu copo vazio sobre o balcão.

O garçom tinha pouco mais de 30 anos, cabelos claros e ralos na parte da frente. Parecia entediado e tinha o nome Buddy bordado na camisa.

– O que vão querer, moças?

– Pinot Grigio – pediu Justine.

– Perrier – disse Nora.

Houve um movimento repentino atrás de Justine. Alguém esbarrou nela.

– Mas que...?

– Não olhe agora. Crocker tem companhia – disse Nora. – Um homem magro, cabelo caindo nos olhos. Um perfeito *geek*.

– Não consigo ouvir o que eles estão dizendo – declarou Justine.

– Não tem importância – respondeu Nora. – Enquanto pudermos vê-los, tudo bem.

O garçom pôs as bebidas sobre o balcão. Justine pagou com uma nota de 20 dólares e disse que Buddy ficasse com o troco. O garçom pegou o dinheiro, tirou uma vasilha de amendoins de uma prateleira embaixo do balcão e a colocou diante dela.

Justine ergueu os olhos e viu Crocker pelo espelho atrás do bar.

Ele tinha as orelhas de abano e o nariz inesquecível. O restante da imagem era inacreditável: como um cara tão comum podia rivalizar com psicopatas lendários cujos nomes estavam nas primeiras posições da lista de assassinos mais famosos?

Um ajudante levava uma bandeja de copos limpos à área atrás do balcão e o garçom anotava alguns pedidos. O amigo de Crocker pediu uma cerveja e os dois conversavam sem olhar em volta.

Justine baixou os olhos quando Crocker acenou para o garçom pedindo a conta. Ela o viu assinar uma nota. Depois os dois homens se levantaram das banquetas e saíram do bar.

Buddy foi pegar os copos sujos e Nora colocou o distintivo em cima do balcão antes que ele pudesse concluir o movimento.

– Não toque nos copos – disse com firmeza. – Preciso deles. Podem ser provas.

– Provas do quê? – perguntou o garçom.

– Acho que aquela moça bonita logo ali quer mais um drinque – interferiu Justine. – Por que não vai atendê-la?

Nora e Justine pegaram os copos de Crocker e do amigo dele. Cada uma delas recolheu um recipiente segurando-o com um guardanapo.

Só quando estavam fora do bar, novamente sentadas no carro, se permitiram sorrir.

Justine pegou o celular e digitou alguns números.

– Sci. Pode nos encontrar no laboratório em 20 minutos? Acho que temos algo muito bom.

capítulo 102

DEL RIO ESTAVA SENTADO ATRÁS de mim no Cessna. Aterrissamos no aeroporto de Las Vegas ao entardecer e alugamos um carro.

Dirigimos pelos lotes arenosos, abandonados desde 2008. Depois de um tempo, vimos uma muralha cinzenta que delimitava a comunidade fechada.

Paramos no portão da propriedade de Carmine Noccia.

Del Rio apertou a campainha e uma voz respondeu do outro lado. Segundos depois, o portão se abriu. Atravessamos a ponte sobre o rio artificial de água bombeada por um sistema de recirculação que só poderia existir em Las Vegas ou talvez em Orlando. Seguimos em frente, passamos pelos estábulos iluminados e finalmente chegamos ao pátio com suas palmeiras, diante da impressionante porta de carvalho.

Se fechasse os olhos, você acreditaria estar em Barcelona ou no Marrocos.

O criado, que na última vez estava de camisa vermelha, hoje usava pulôver preto e justo e jeans que parecia couro.

Ele abriu a porta para nós, pegou nossas armas e as deixou sobre o armário vintage no hall de entrada. Na verdade o armário era um cofre para guardar armas.

Como havia feito anteriormente, o criado nos conduziu pela mansão: passamos pela sala de bilhar, onde o barulho provocado pelo choque entre as bolas coloridas era constante, e seguimos até o grande aposento onde Carmine Noccia estava sentado em sua poltrona de couro.

Desta vez o mafioso não estava lendo. Tinha os olhos fixos na enorme tela plana sobre a lareira. Estava assistindo a uma reprise do fabuloso massacre dos Raiders pelos Titans algumas horas atrás.

Desligou a televisão e, como da outra vez, nos convidou a sentar sem apertos de mão ou cumprimentos mais formais.

Eu me sentia atordado.

Por outro lado, havíamos sido prevenidos de que deveríamos nos manter longe de Carmine Noccia e sua “família”, e eles tinham bons motivos para não gostar de nós. Eu havia esnobado seus advogados, agredido seus seguranças no prostíbulo de Glenda Treat e tratara com desrespeito o pai de Carmine, o chefão.

Agora voltava ali com Del Rio, meu parceiro e guarda-costas, querendo fazer um acordo. Era muito atrevimento. Eu tinha pedido a Del Rio que ficasse de boca fechada, de olhos abertos e com o traseiro no sofá. Ele respondera “sim, chefe”, e só me restava esperar que essa bala de canhão em forma de homem estivesse mesmo presa ao convés do nosso navio.

A piscina além da porta de vidro refletia faixas de luz que dançavam sobre o rosto de Noccia, tornando impossível interpretar sua expressão.

Ele me diria o que eu queria saber? Esperava que sim.

– O que é agora, Morgan?

– Viu o jogo?

– Você chama aquilo de jogo? Eu chamo de destruição.

– Trouxe algo para lhe mostrar.

Tirei as fotos do bolso e as entreguei a Carmine Noccia.

Ele as pegou com sua mão fria, de unhas bem cuidadas, e as examinou rapidamente. Suas sobrancelhas se ergueram quase imperceptivelmente quando reconheceu as pessoas retratadas e percebeu o que estavam fazendo e o que isso significava para seus negócios.

– Como conseguiu estas fotos? Se não se importa que eu pergunte.

– Eu mesmo as tirei. Mas o que realmente importa é que o jogo foi comprado e isso vem acontecendo há algum tempo. Se não tivéssemos intercedido, o dinheiro continuaria a ser desviado das bancas de apostas. E você poderia ir à falência. Enquanto isso, os Marzullo iam ficando com tudo. Acho que agora eles vão sair de cena por um tempo. Vão se afastar dos holofotes. É o que eu acho. E você?

Carmine deixou as fotos sobre a mesa entre nós. Depois se reclinou em sua poltrona e observou meu rosto. Sustentei seu olhar.

Tentei imaginar o que ele estaria pensando. Acreditaria que eu havia feito algo tão importante e grandioso e que, na verdade, o beneficiava? Estaria planejando uma guerra contra os Marzullo? Ou simplesmente imaginava um jeito de dizer ao pai como evitara por pouco uma calamidade que poderia arruinar parte importante dos negócios da família?

Ninguém disse nada durante um bom tempo.

Como já falei antes, Del Rio é um homem paciente quando quer. Eu não precisava ter me preocupado, porque ele me mostrava o que já havia provado muitas vezes como meu copiloto no Afeganistão. Ele esperava, observava e esperava.

Carmine Noccia finalmente piscou.

– Diga o que você quer.

capítulo 103

CARMINE NOCCIA ME PERGUNTOU o que eu queria. Era como um gênio da lâmpada concedendo um desejo – e era preciso ter cuidado ao formular o pedido para não acabar com uma salsicha na ponta do nariz.

– Já provei que tenho boas intenções – respondi. – Resolvi um problema que você nem sabia que tinha. Quero que seu pai saiba o que fizemos. Esse é meu único interesse. Nenhum de nós vai chegar a lugar algum. Vamos aceitar essa realidade.

– Você quer uma trégua. Paz entre nossas atividades. Que um fique fora do caminho do outro.

– É por aí. E quero saber quem matou Shelby Cushman.

Noccia sorriu. Era um sorriso tímido, mas parecia real.

– Nem melhores amigos. Nem aqui-inimigos – declarou.

Eu esperava que ele dissesse *qualquer coisa*, menos isso.

As palavras que Noccia acabara de dizer eram as mesmas que os Fuzileiros Navais diziam sobre si mesmos.

Nem melhores amigos. Nem aqui-inimigos.

Como Del Rio e eu, Carmine Noccia estivera no Corpo de Fuzileiros.

– Querem beber alguma coisa? – ofereceu. – Ou talvez queiram ficar para o jantar? Podemos conversar enquanto comemos.

– Muito obrigado pelo convite, mas está ficando tarde. E estou pilotando.

Noccia assentiu, levantou-se da poltrona e nos convidou a segui-lo até a sala de bilhar. Lá, ordenou aos homens em torno da mesa:

– Saiam, rapazes. Façam um intervalo.

A sala se esvaziou rapidamente. Havia um contador de pontos sobre a mesa de jogo, mas Noccia passou por ele e seguiu para a lousa pendurada

em uma parede. Nela estava registrada o que parecia ser a mais longa sequência de jogos vitoriosos.

Noccia pegou um apagador do suporte inferior da lousa e apagou alguns números de telefone anotados num canto.

Ele ainda estava de costas para mim quando falou:

– Temos um sócio em vários projetos de construção: um hotel em Nevada, alguns shoppings em Los Angeles e em San Diego. Esse parceiro nos procurou com um pedido – contou Noccia. – Tivemos que atendê-lo.

Fiquei pasmo ao vê-lo escrever o nome do sócio com giz azul-claro. De início não entendi. Achei que fosse desenhar um diagrama, talvez um gráfico relacionando o tal parceiro comercial com o homem que contratara o pistoleiro.

Mas não foi isso que aconteceu.

Carmin Noccia escreveu as letras na lousa e disse:

– Foi esse homem que mandou matar sua amiga Shelby Cushman.

Depois de se certificar de que eu havia lido o nome na lousa, pegou o apagador e o limpou rapidamente.

Em seguida, deixou o apagador no suporte e nos conduziu à porta, despedindo-se de nós.

Dessa vez apertou minha mão.

capítulo 104

PASSAVA DA MEIA-NOITE OUTRA VEZ e eu estava de volta a Los Angeles. Dissera a Del Rio que o veria na manhã seguinte e ele me olhara como um pai embarcando o filho no ônibus escolar pela primeira vez.

– Vou ficar bem – falei.

Mas ficaria mesmo? Del Rio ainda me observava quando entrei no carro e afivelei o cinto de segurança. Segui pela 10 East e peguei a saída para a Sunset.

Se estivesse dirigindo um Volkswagen, teria ido mais depressa. Esse era o lado negativo de um carro muito veloz. Ele chamava a atenção de todos os policiais do estado e de todos os cidadãos de bem com um celular acessível.

Meus pensamentos voavam na frente do carro e eu ainda me mantinha dentro do limite de velocidade. Reduzi quando me aproximei do Chateau Marmont Hotel, onde parei.

Peguei o elevador na garagem, onde não encontrei ninguém, e apertei o botão do andar em que Andy estava hospedado. Fiquei parado diante da porta do quarto e liguei para ele pelo celular.

O telefone tocou muitas vezes. Finalmente, ele atendeu.

– Jack? O que aconteceu? É uma hora da manhã.

– Aconteceu tudo. Estou na porta do seu quarto. Abra.

Andy usava o mesmo pijama com o qual eu o vira da última vez. Seda amassada, listras marrons largas intercaladas com listras pretas finas.

O quarto cheirava a gases e pão de alho. O pão estava sobre a mesa de café da saleta.

– Você não parece muito bem – disse Andy.

– Acabei de chegar de Vegas – contei. – E vim dirigindo do aeroporto até aqui.

– Sente-se, Jack.

Continuei de pé.

– Passei um tempo produtivo na casa de Carmine Noccia.

Andy olhava para mim. Não havia medo em seus olhos.

Como ele podia ter imaginado que eu não iria descobrir? Havia subestimado minha reação? Ou Andy era um cliente muito mais frio do que todos os outros que eu já tivera? Não era essa a imagem que eu tinha de meu amigo de faculdade e meu melhor amigo desde a infância.

Voltei a falar, chocado:

– Carmine me contou sobre seu pedido. Disse que você encomendou a morte de Shelby. Como teve coragem? Por favor, me diga algo em que eu possa acreditar.

A máscara de Andy desmoronou e seus joelhos se dobraram. Eu o vi cair no chão e o segurei sem nenhuma delicadeza, agarrando-o pelos ombros e jogando-o sobre uma cadeira, que quase caiu com o impacto.

Andy agora soluçava, mas eu já havia assistido a essa encenação patética e constrangedora antes.

– Fale de uma vez, Andy. Confesse, seu desgraçado.

– Ela era uma *prostituta*, Jack. Você mesmo me contou, mas eu já sabia. Shelby fazia todo tipo de perversão com qualquer canalha que tivesse dinheiro. E fiquei sabendo por meio de um cretino qualquer que não sabia que ela era minha esposa, ou não se importava com isso.

– Existem advogados especializados em divórcio – respondi, mas estava pensando em Shelby, em seu rosto, lembrando de suas gargalhadas, pensando em como ela havia sido um porto seguro para mim e, talvez, minha salvação quando eu voltara da guerra.

Era horrível saber que ela se envolvera com drogas e que, por isso, havia chegado ao fundo do poço. Depois pensei que a havia apresentado ao homem que mandara matá-la. Se não tivesse apresentado os dois, Shelby ainda estaria viva. Eu a amara e confiara em Andy. Sentia muita saudade dela.

Como Andy fora capa de fazer isso com Shelby? Como alguém poderia querer matá-la? Ela era doce, bondosa e nos fazia rir. Ela *me* fazia rir.

O choro de Andy me enfurecia. Na última vez em que ele soluçara desse jeito, eu havia sentido sua dor. Agora não podia mais esconder a verdade: eu havia sido manipulado. Meu amigo fizera isso comigo.

Eu não conhecia mais Andy Cushman.

– Para um contador, você é um ótimo ator. Talvez um pouco canastrão neste momento.

Os soluços cessaram e Andy ficou sério.

– Por favor, Jack. Você não entende como era morar na mesma casa que ela, sabendo de tudo o que ela fazia: as drogas, os homens. Eu tinha que fazer isso... Mas não era capaz de fazer com minhas próprias mãos. Eu a amava, Jack. De verdade. Por favor, não conte à polícia.

– Não se preocupe com isso. Não vou chamar os tiras. Você é um cliente, seu merda.

– E um amigo?

O olhar suplicante só aumentou ainda mais minha fúria.

Minha resposta foi um soco na cara dele. A cadeira caiu para trás e, quando Andy estava no chão, eu o levantei pelo cabelo e chutei todas as partes do seu corpo: pernas, rins, costelas. Esvaziei uma garrafa de uísque de 300 dólares sobre sua cabeça. Não conseguia pensar em mais nada para dizer, nada que eu pudesse fazer além de matá-lo.

Andy Cushman, meu ex-cliente, meu *ex-amigo*, ainda chorava quando saí de sua suíte.

capítulo 105

O DR. SCI CORREU ATÉ O ESCRITÓRIO de Justine, agarrou a maçaneta e irrompeu porta adentro.

Eram 10h10 e ele havia passado a noite inteira no laboratório, trabalhando nos dois copos que Justine pegara no bar.

Ela apoiou as mãos abertas sobre a mesa e estudou o rosto quase infantil de Sci. Ele era um cientista, por isso, mesmo que as notícias fossem ruins, sua expressão era de felicidade: ele se contentava com o fato de ter encontrado uma resposta.

– Quero uma notícia boa – disse Justine. – Ponha um sorriso no meu rosto, menino prodígio.

– Tenho boas notícias e tenho más notícias – anunciou Sci.

Justine apoiou o rosto nas mãos.

– Primeiro as más notícias – pediu.

– A *boa* notícia é que isolei o DNA do homem desconhecido. Bate com o DNA que encontramos nas roupas de Wendy Borman.

– Essa é a boa notícia? – perguntou Justine. – Tudo o que temos dele é uma comparação de DNA.

– Sim, ele ainda é desconhecido. Mas você o viu. Ele está vivo e mora em Los Angeles.

– Escute, Sci, boa notícia seria confirmar que o DNA era de Rudolph Crocker. Estive sentada perto dele no bar. Recolhi seu copo com um guardanapo como se pegasse uma criatura viva, um filhotinho frágil. O DNA tem que estar naquele copo.

Sci se sentou na cadeira em frente a Justine. Ele apoiou os pés sobre um canto da mesa, estava de chinelos de borracha. A estampa havaiana da camisa amarela realçava os reflexos louros de seu cabelo. Ele parecia ter

vindo diretamente de uma loja especializada em artigos para surfe em Venice Beach.

– O problema não é o DNA de Rudolph Crocker não estar naquele copo. O problema é que só consegui recolher uma amostra muito diluída. Portanto, embora eu não possa excluí-lo das possibilidades da nossa amostra, também não posso afirmar que o DNA encontrado na roupa de Wendy Borman seja dele. Sinto muito, Justine. A amostra é muito ruim.

– Espere um minuto. Espere um *minuto*. Você pode refazer o teste, tentar isolar o DNA de algum jeito...

Sci observou Justine tentar transformar em esperança o resultado que ele acabara de lhe dar. Se pudesse fazer isso pela colega, faria.

– ...não pode?

– Não. Se tivesse que adivinhar o que aconteceu, diria que o bar não tinha copos limpos. O garçom enxaguou um copo sujo e serviu a bebida de Crocker nele. Depois disso chegaram copos limpos e foi num desses que o garçom serviu a bebida do outro homem. Plausível?

– Não vou conseguir colher outra amostra de Crocker – choramingou Justine.

– Não no tempo que nos resta.

– Se não conseguir obter o que quer na rua, vá à casa dele e pegue o que precisa – comentou Sci.

– Não pode estar sugerindo que eu invada a casa dele... Oh. Está dizendo que devo tentar obter um mandado de busca.

– É sua melhor chance.

Merda, pensou Justine. Em seguida discou o número de Bobby, que ela sabia de cor, é claro.

capítulo 106

JUSTINE SUSPIROU, GIROU A CADEIRA, virando-se para a janela e de costas para Sci. Ela baixou a cabeça enquanto falava com Petino num tom urgente.

– Bobby. Sci está me dizendo que não podemos *excluir* a amostra de DNA de Rudolph Crocker. Isso significa que ele pode ser um dos psicopatas que sequestraram Wendy Borman.

Ela fez uma pausa para ouvir o que o ex-namorado dizia.

– Certo, Bob – prosseguiu Justine. – A amostra está contaminada, mas Crocker *está* entre as possibilidades... Sim, é verdade. Crocker é um dos contribuintes, por isso preciso de um mandado de busca... O quê? Está falando sério? Só preciso entrar no apartamento por um segundo para pegar a escova de dentes dele... Ah, bem, obrigada por seu tempo. E obrigada por nada, Bob. Se acontecer alguma coisa, a responsabilidade é sua.

Justine bateu o telefone, girou a cadeira de volta para Sci e disse:

– Ele diz que, mesmo que pudesse convencer ou coagir um juiz a expedir o mandado, a prova não seria válida. Não me importo com o *caso* neste momento. Só quero impedir que esse maluco *mate* alguém esta noite.

O celular de Sci vibrou, num suporte em sua cintura. Ele olhou para o aparelho e depois para Justine.

– Se precisar de mim, estarei lá embaixo – falou.

Ele desceu a escada para o laboratório no porão. Encontrou Mo-bot em seu escritório. O incenso que sempre queimava ali o fazia pensar em lixo perfumado.

Mo não tirou os olhos da tela do computador.

– Morbid roubou um nome de usuário e mandou uma mensagem para o alvo – disse ela.

Sci empurrou uma cadeira para trás da mesa de Mo e estudou a tela. O programa invasor que eles haviam criado era muito bom. Podia interceptar

ligações assim que o número do alvo era chamado, mas também era vulnerável a interferência.

– Realce Morbid e Lady D – disse Sci. – Vamos facilitar as coisas para nós. – Ele pegou o celular e ligou para Jack. – Morbid está puxando assunto com o alvo com o nome de usuário Lulu218 – contou assim que Jack atendeu. – A mensagem enviada diz: “vejo vc depois da aula”. Não diz onde. – Ele se virou para Mo e perguntou: – Acha que consegue localizar Morbid? – Depois voltou ao telefone.

– Jack, ele está na zona oeste de Hollywood. Isso é tudo o que posso dizer por enquanto. Vamos rastrear o sinal até conseguirmos precisar sua localização.

– Não consegue rastreá-lo? – indagou Jack.

– Não – disse Sci. – Não podemos interceptar a chamada e essa pobre garota vai estar morta antes que alguém nos conceda uma ordem judicial.

– Vou dar um jeito! – Jack praticamente gritou.

– Tudo bem – concordou Sci. – Vamos continuar tentando.

Ele desligou o telefone.

– Mande uma mensagem de texto para Lady D – disse a Mo.

– Já tentei. Estamos bloqueados. Ela é tão cuidadosa, pobrezinha! Sabe que há um assassino por aí, por isso conversa com o lobo que usa o nome de usuário de sua amiga... e nos mantém do lado de fora.

capítulo 107

A TENENTE NORA CRONIN SUBIA A Figueroa em alta velocidade. Girou o volante bruscamente para a direita, parando em fila dupla na frente do misterioso prédio branco de cinco andares que abrigava a Private e seus segredos. Justine saiu pela porta da frente, entrou na viatura policial e afivelou o cinto de segurança.

– Isso me deixa furiosa – falou.

– Sabe, apesar de Bobby ser um cretino, é preciso reconhecer que desta vez ele tem razão. Não temos uma causa provável.

– Crocker e seu parceiro vão matar alguém esta noite. Essa é minha “causa provável”, droga.

O rádio do carro anunciou um atropelamento com omissão de socorro na esquina da Cahuenga com a Santa Monica Boulevard.

Nora baixou o volume e disse:

– Sugiro uma visita-surpresa ao escritório de Rudolph Crocker. Você tem que dar a impressão de ser... bem, o que você é, mesmo: uma promotora antipática. Eu mostro meu distintivo e convido Crocker a vir ao centro da cidade. Diremos que ele não vai ser preso, que só precisamos de sua ajuda num caso em que estamos trabalhando. Coisas que a polícia espera de um bom cidadão. Diremos que ele pode ter testemunhado um crime.

– Tudo bem – concordou Justine. – Ele aceita o convite. Você diz que ele foi identificado quando passava pela rua onde Wendy Borman foi pega há cinco anos.

– Exatamente. Pode funcionar. Talvez ele fique nervoso e diga alguma coisa comprometedora. Ou talvez deixe seu DNA em uma lata de refrigerante – sugeriu Nora. – Quem sabe? Vir à estação pode deixá-lo nervoso. Ele cancela o assassinato esta noite e então conseguimos mais algum tempo.

Justine assentiu.

– Ele trabalha em Wilshire, perto de Fairfax. Às 10h40 deve estar lá.

Nora pisou no acelerador e dirigiu durante 15 minutos até Wilshire, localizou o endereço com facilidade e estacionou. Depois, ela e Justine entraram no prédio comercial, um edifício gelado com uma enorme obra de Frank Stella no saguão.

Nora mostrou seu distintivo à recepcionista magrela na mesa de mármore verde no segundo andar. Disse que queria ver Rudolph Crocker.

– O Sr. Crocker não está – respondeu a moça. – Tirou o dia de folga.

– Merda! – exclamou Nora, irritada, batendo com o punho na mesa.

De volta à viatura policial, dirigiu até o prédio onde Crocker morava.

– Se ele não estiver em casa, vamos esperar como na última vez – Nora sugeriu a Justine.

– Por que não pede que investiguem a minivan?

– Boa ideia, Justine.

Nora fez uma ligação e deu a um colega o nome de Crocker, disse que ele dirigia uma minivan Toyota Sienna azul último modelo e pediu um boletim com todas as informações sobre o veículo. Depois disse a Justine:

– Preste atenção. Ele sempre estaciona perto do prédio, na rua.

Mas a van azul não estava ali e o porteiro disse que Crocker havia saído cedo naquela manhã, por volta das sete, e que não tinha ideia de quando ele voltaria.

Nora e Justine ficaram sentadas dentro da viatura estacionada em frente ao prédio de Crocker, do outro lado da rua. Nora continuou com sua ladainha de queixas e palavrões. Mais de quatro horas depois, recebeu uma ligação de seu colega.

– Tenente, aquela van azul está em Silver Lake. Foi vista pela última vez em Alvarado, seguindo para o norte. Nossa unidade ia para o sul e a perdeu de vista quando fazia o retorno.

– Acione todas as viaturas. Temos que encontrar aquela van, sargento. Quero que o motorista seja detido sob qualquer pretexto e mantido sob custódia até que eu chegue lá. Ele pode estar armado e ser perigoso. É nosso principal suspeito numa série de assassinatos.

capítulo 108

— JACK – CHAMOU MO-BOT COM a voz mansa demais –, só para você ficar ciente, não sabemos o nome verdadeiro de nenhuma dessas pessoas.

Eram quase quatro e meia da tarde de segunda-feira. Eu dirigia um carro da frota, Cruz viajava no banco do carona e Mo-bot falava comigo do escritório.

Pus o telefone no viva voz para que Cruz pudesse ouvir nossa conversa.

Mo-bot prosseguiu:

– Morbid está enviando uma mensagem de texto para o alvo desconhecido, “Lady D”, usando o nome de usuário de uma amiga, que copiou do celular da menina.

– Entendi.

– Morbid acabou de escrever: “Tenho uma coisa incrível para contar. Pode me encontrar na Slommo’s?”

– O que é Slommo’s? – perguntei a Mo.

Foi Cruz que respondeu:

– Eu conheço o lugar. É uma livraria em Vermont.

– Lady D respondeu com a seguinte mensagem: “Não posso, amiga. Tenho que preparar o jantar hoje. Vou fazer compras” – disse Mo-bot. – Morbid escreveu de volta: “É muito importante. Preciso encontrar você na loja.”

– Que loja? – perguntei.

– Jack, você sabe tudo o que eu sei. Ah, não! O alvo acaba de responder: “Tudo bem, encontro você em 15 minutos.”

– Conseguiu a localização, Mo? De um dos dois?

– Morbid está em Montrose, quase na Glendale. É o máximo que posso dizer. Espere, o sinal de Morbid está se movendo. Ele está se dirigindo para o norte. Jack, ele parou na Glendale. Ou está num sinal fechado ou... Não,

pela velocidade, acho que está a pé. Cruz estalava os dedos de um jeito obsessivo. Por fim, disse:

- Tem um Supermercado Ralph's na Glendale. O que estamos procurando?

- Justine disse que ele é branco, magro. Pouco mais de 20 anos.

- Estamos a caminho – falei para Mo-bot.

Sentia-me como se estivesse de volta ao combate, como se tivesse uma segunda chance de fazer tudo dar certo.

capítulo 109

EAMON FITZHUGH, CONHECIDO COMO MORBID, viu Graziella Gomez na porta do Supermercado Ralph's.

A bela menina vestia short de brim e uma blusinha leve, cor-de-rosa, que parecia um baby-doll. Morbid atravessou o estacionamento na direção dela, com as mãos nos bolsos do jeans, a cabeça baixa, o cabelo cobrindo os olhos cheios de luxúria por aquele rostinho de boneca.

Lady D nem levantou o olhar. Por que olharia para Morbid? Esperava sua amiga Lulu Fernandez, que logo chegaria para lhe contar algo muito importante.

Morbid viu Graziella olhar para o relógio de pulso e então se aproximou, chamando-a pelo apelido. Nesse momento precisava ser um bom ator. E era. Por isso era ele que ia ao ponto de encontro.

– Gracie?

– Sim?

Um pouco de timidez.

– Sou amigo de Lulu. Meu nome é Fitz.

– É? Ela nunca me falou sobre nenhum Fitz.

– Até agora isso foi um segredo entre nós. Esqueça, está bem? Lulu me pediu para vir encontrar você porque ela precisa ir ao hospital. Está encrencada.

– O quê? Não pode ser. O que aconteceu com ela?

– Escute... Tudo bem, ela está grávida. Eu sou o pai. Ela me pediu que viesse até aqui para lhe contar que está perdendo sangue e que pode sofrer um aborto. – Fitzhugh a fitou com os olhos cheios de lágrimas. – Você que sabe. Mas ela realmente precisa de você.

– Sabe de uma coisa? Você está mentindo, cara. Ela teria me contado se estivesse dormindo com um cara branco, especialmente um tão mais velho.

– Não entendeu o que falei? Ela precisa de ajuda.

O rosto da garota se contorceu de raiva.

– Mentiroso! Saia de perto de mim – gritou ela. Recuando, a jovem tropeçou numa fileira de carrinhos de supermercado, quase caiu, recuperou o equilíbrio e tentou correr.

Fitzhugh a alcançou sem nenhuma dificuldade. Segurou-a pelo braço com firmeza, obrigando-a a parar.

– Pare, Gracie, sua idiota. Pare com isso. Estou falando a verdade. Escute... vou soltar você. A garota estava quase acreditando. Ele ia dizer que Lulu a esperava na van, mas não teve chance de pronunciar nem mais uma palavra.

Um golpe atingiu suas costelas. Ele caiu para trás, olhou para o mexicano que o derrubara e agora puxava seus braços para trás, como se tentasse arrancá-los. Fitzhugh gritou.

– O que estava tentando fazer com essa garota, seu perverso? Qual é seu nome? – perguntou Cruz. – Estou falando com você!

Cruz abaixou-se, pegou a carteira do rapaz no bolso de trás de sua calça e a entregou a Jack. Depois se dirigiu ao sujeito deitado no chão:

– Onde está Rudolph Crocker?

– Não conheço nenhum Rudolph Crocker. É melhor me soltar, ou vou chamar a polícia.

– Não se preocupe, Sr. Fitzhugh, a polícia já está a caminho. Eu a chamei para você.

capítulo 110

JUSTINE AGARROU O BRAÇO DO banco do carona com a mão direita, segurou o telefone com a outra e gritou para Jack em meio às sirenes:

– Estou com Nora Cronin. Localizamos a van de Crocker a um quarteirão do Ralph's. Ela está cercada por... Jack, ligo de volta daqui a pouco. A coisa vai explodir a qualquer momento.

Nora parou o carro no meio da rua. Ela e Justine saltaram da viatura. Havia meia dúzia de policiais no local. Um deles se aproximou de Nora.

– Tenente, a situação é a seguinte: ele já estava estacionado quando o localizamos. Assim que o abordamos, ele pôs as mãos na cabeça. As portas estão trancadas e ele se recusa a sair do veículo.

– Ele se recusa a sair?

– Exatamente. Quem faz isso? Deve ter alguma coisa lá dentro. Drogas, talvez. Ou aparelhos eletrônicos ilegais. Armas. De todo modo, ele não pode ir a lugar nenhum.

Justine olhou pelo para-brisa para o jovem branco que usava óculos de armação de metal. Ele a encarou e parecia estranhamente calmo.

Definitivamente, era Crocker, o psicopata desgraçado. Justine reconheceu o rosto que vira no anuário da Gateway e na noite anterior, no Whiskey Blue. Nos últimos dois anos, em intervalos de aproximadamente dois meses, ele havia atraído e assassinado jovens que acreditaram nas histórias criadas por ele e por seu parceiro.

Justine sabia os nomes das vítimas e conhecia todos os detalhes das vidas breves e promissoras. Treze vítimas. Odiava Crocker. E também tinha medo.

Nem ela nem a polícia de Los Angeles tinham nada de concreto contra Crocker, exceto uma lembrança de cinco anos antes, a palavra de uma menor de idade que talvez nem pudesse testemunhar.

Justine se inclinou para a frente até estar perto o bastante de Crocker para ver que suas narinas estavam infladas, as sobrancelhas arqueadas, e que ele sorria.

Era quase como se estivesse excitado e desafiasse alguém a atirar nele.

O que era aquilo? Uma tentativa de suicídio com a ajuda da polícia?

Isso não ia acontecer. *Não podia.*

Justine voltou ao carro de Nora e pegou o bastão ASP em cima do painel, onde a tenente o deixara. Em seguida voltou ao local onde Nora segurava a arma com as duas mãos, apontada para Crocker pela janela do motorista.

– Saia do carro – gritou Nora. – Esta é a última vez que estou dizendo: saia. Mantenha as mãos onde eu possa vê-las.

– Não estou armado – rebateu Crocker. – Não acho que vá atirar em mim.

Justine sabia que suas decisões eram influenciadas pela raiva, mas não se importava com isso. Ela acionou o mecanismo eletrônico do bastão e o som do metal se movendo, esticando, foi como o de um tiro. A pesada barra de ferro se estendeu aos poucos, passando de 12 a 40 centímetros de comprimento.

– Para trás, Nora – disse Justine.

Segurando o bastão como se fosse um taco, bateu com ele na janela do motorista. Crocker se abaixou, mas já era tarde. O vidro se estilhaçou.

Então Justine bateu novamente.

Embora chocada, Nora agiu depressa. Enfiou a mão pela janela quebrada e destravou a porta. Depois guardou a arma e arrancou Crocker do assento, jogando-o na rua.

Quando o rapaz caiu deitado no chão, armas surgiram de todos os lados, apontadas para ele.

– Deitado de bruços, mãos na cabeça – gritou Nora.

O rosto de Crocker sangrava.

De repente Justine sentiu medo. Se estivesse errada sobre Crocker, haveria um processo dos grandes. Ele processaria a cidade por prisão indevida, agressão, abuso de poder e depredação de propriedade particular.

Ao mesmo tempo, ele a processaria pessoalmente e, como não era rica, ele atacaria a Private.

Mas nada disso importava agora. Nada era mais importante que o assassino frio deitado no asfalto.

– Rudolph Crocker, você está preso por obstrução à justiça – anunciou Nora.

– Não obstruí nada. Estava sentado no meu carro cuidando da minha vida.

– Guarde os argumentos para o juiz – disse a tenente.

– Vocês vão fazer papel de idiota – ameaçou Crocker.

capítulo 111

CRUZ E EU ENCONTRAMOS JUSTINE poucos minutos depois do telefonema. A avenida de quatro faixas estava apinhada de gente nas calçadas. Guardas de trânsito desviavam o tráfego da hora do rush e as duas faixas ao sul foram isoladas por viaturas policiais.

Cruz e eu abandonamos o carro e atravessamos o bloqueio. contei oito viaturas, 20 homens uniformizados e vários policiais à paisana, provenientes de diversas divisões, cercando Nora Cronin, que mantinha seu pé pequenino no pescoço de um homem deitado de bruços no chão. Ela estava lendo os direitos dele.

Justine permanecia a alguns metros de distância, com uma expressão que eu chamaria de extasiada. Mal olhou para Cruz e para mim, atenta a Nora e ao rapaz que ela levantava do chão e punha de pé.

– Quero chamar meu advogado – disse o homem de óculos.

– Chame quantos advogados quiser, idiota – respondeu Nora.

Quatro policiais se aproximaram e jogaram o homem sobre o capô de uma viatura, algemando-o com as mãos às costas. Ele parecia inofensivo e, – Aquele é Crocker? – perguntei a Justine.

Ela olhou para mim e respondeu:

– Sim, é Crocker. Se ele matou alguém? Não sei. Talvez agora alguém nos dê aquele mandado e então possamos colher a maldita amostra para fazer o exame de DNA.

Helicópteros da imprensa surgiram do nada. Um BMW, um Ford sedã e uma van de uma emissora de TV chegaram à rua.

O chefe de polícia Michael Fescue desceu do Ford. Eu estava impressionado por ele já estar ali.

O procurador do distrito Bobby Petino desceu do BMW.

Os dois se aproximaram, conversaram rapidamente, depois seguiram juntos para o local onde estavam Cruz e Justine.

– O que aconteceu com você? – Bobby perguntou a Justine.

Ela olhou para baixo e viu o sangue escorrendo do cotovelo até o pulso.

– Nada – respondeu. – O sangue não é meu. É de Crocker.

Seu rosto queimava... *mas por quê?*

Ela se virou de costas para Bobby.

– Aquele rapaz que Cruz atacou. Eamon Fitzhugh. O que aconteceu com ele? – perguntou-me Fescoe.

– Para resumir, descobri que ele e Crocker planejavam matar uma garota esta noite. Não conseguimos provar nada. Rastreamos Fitzhugh e o surpreendemos em atitude suspeita com uma garota de 15 anos no estacionamento do Ralph's.

– Pois ele está no hospital, com um ombro deslocado e algumas contusões, gritando sobre a brutalidade da polícia – avisou Fescoe.

– Ele ia matar aquela garota... – argumentou Cruz.

Fescoe o interrompeu:

– Isso é o que você diz.

– É o que eu digo – afirmou Cruz. – Tudo o que fiz foi interrogá-lo com convicção. O sujeito é muito fraco.

Fescoe olhou para mim furioso.

– Jack, isso é um absurdo. Você tem fontes misteriosas. Manda cidadãos para o hospital. Promove detenções sem motivo. Quero que esteja no meu escritório em meia hora. E leve Cruz e Justine. Se não conseguirem me dar uma explicação satisfatória para esse desastre, vou tirar a licença dos três.

Quando ele se afastou, chamei Justine.

– Disse que o sangue em seu braço é de *Crocker*?

Ela assentiu.

Cacos de vidro cobriam o banco da van. Antes que um policial uniformizado pudesse me impedir de fazer o que eu tinha em mente, peguei uma luva de látex, recolhi alguns cacos de vidro com sangue e os guardei dentro de outra luva. Entreguei o material para Justine junto com as chaves do meu carro.

– Leve isto ao laboratório imediatamente. Irei encontrá-la no escritório de Fescoe. Acho que vai ser divertido.

Justine não sorriu, mas seu rosto se suavizou.

– Obrigada, Jack.

capítulo 112

O ESCRITÓRIO DO CHEFE DE POLÍCIA Michael Fescoe cheirava a comida velha.

As persianas das divisórias internas estavam um pouco abertas, permitindo que Fescoe visse a sala do esquadrão. As janelas manchadas se abriam para a Los Angeles Street, onde carros passavam como fantasmas no escuro.

Havia tensão na sala – e não de um jeito positivo.

Nenhuma pessoa sentada ali era capaz de afirmar com segurança que não seria processada, demitida ou presa – ou os três – em decorrência das operações daquele dia.

Como único proprietário da Private, eu seria o primeiro a enfrentar o pelotão de fuzilamento. E seria só o começo. A agência seria condenada por tudo em primeira instância. Seríamos acusados de usar equipamentos eletrônicos ilegais não fosse o fato de que leis contra o uso de técnicas tão avançadas ainda nem houvessem sido elaboradas.

Sob nossa orientação e com nosso incentivo, a tenente Nora Cronin havia detido um homem ferido por um de nossos agentes durante a abordagem e tudo o que tínhamos contra Rudolph Crocker se baseava no testemunho de uma adolescente que o vira cinco anos antes e que talvez se recusasse a falar.

De fato, Fitzhugh deixara material genético nas roupas de uma vítima cinco anos antes, mas o DNA em um pé de meia não era prova de que ele fosse o assassino.

Se não comprovássemos uma conexão entre Crocker e Fitzhugh e as mortes das colegiais, desde Borman até Esperanza, seus advogados os libertariam sem nenhuma dificuldade.

Petino e Fescoe tinham muito a perder com essa história, mas o chefe de polícia era o que mais corria riscos. Um de seus subordinados estava

diretamente envolvido. Enquanto Fescoe removia a tampa de sua garrafa térmica, Petino andava de um lado para o outro na sala. Por causa de seu relacionamento com Justine, ele havia envolvido a Private no caso de Fescoe com seu próprio aval. Se fracassássemos, Petino nunca mais almoçaria nesta cidade – e jamais se tornaria governador.

As pessoas se sentaram. Nora Cronin ocupou a cadeira entre Fescoe e Justine. Justine estava à minha direita, Cruz, à minha esquerda.

– Quero repassar tudo o que aconteceu – declarou Fescoe. – Mas resumam. Justine, você primeiro. Vamos direto ao ponto, pelo menos aqui na minha sala.

Justine adotou seu tom de voz mais profissional, no entanto, eu a conhecia o suficiente para perceber seus medos. Ela se controlava enquanto contava a Fescoe sobre Christine, a testemunha do caso Wendy Borman, uma alegação que havia sido confirmada pelos resultados obtidos em nosso laboratório.

– Havia duas amostras de DNA nas roupas de Wendy – disse ela. – Uma dessas amostras é compatível com o DNA de Eamon Fitzhugh. A outra não é compatível com ninguém... *ainda*. Mas, de acordo com o testemunho de Christine Castiglia, Rudolph Crocker foi o rapaz que, naquele dia, jogou Wendy Borman na van.

Fescoe perguntou como a morte de Wendy Borman se relacionava com os assassinatos do caso das colegiais e foi então que a situação começou a se complicar.

Eu interfeirei e expliquei que o *modus operandi* era muito parecido.

– Acreditamos que Wendy Borman tenha sido a primeira vítima.

– Se não a primeira, com certeza uma das mais antigas – acrescentou Justine.

Expliquei que Crocker e Fitzhugh não haviam cometido erros significativos, até Fitzhugh recrutar Jason Pilser, talvez para aumentar os riscos do jogo.

– Interceptamos os rastros eletrônicos de Pilser. O desgraçado se gabava com os amigos virtuais falando sobre um clube no qual fora admitido, o Street Freeks.

E contou que esse Street Freeks cometia assassinatos na vida real.

– Está me deixando meio confuso – disse Fescoe.

– Você pediu a versão resumida, Mickey. O ponto principal é que interceptamos as mensagens de Crocker para Pilser e, depois, de Crocker para Fitzhugh, todas elas descrevendo um plano para assassinar outra garota esta noite. A menina que ele citou era a mesma que estava conversando com Fitzhugh quando Cruz o agrediu.

– Examinei a área e não consegui identificar nenhuma conexão – declarou Fescoe. Seus olhos estavam ficando furiosos. – Tudo o que me disseram até agora é circunstancial, inadmissível ou obscuro demais para convencer um júri popular. Quero *armas usadas nos crimes*. Quero *provas concretas*. Quero *testemunhas oculares* que não tivessem 11 anos na época dos crimes ou que não tenham pulado ou sido empurradas da varanda para a morte. Estão entendendo? Beri Hunt vai representar Crocker. Se não amarrarmos bem esse caso, ele nem será julgado.

– Você tem que manter Crocker e Fitzhugh separados – falei. – Precisamos de algum tempo para comparar o DNA de Crocker com o material que encontramos nas roupas de Wendy Borman.

Olhei para Bobby Petino, que ainda andava de um lado para outro atrás de mim.

– Precisamos de mandados de busca e apreensão para a casa e o escritório de Crocker e Fitzhugh, Bobby. Acha que pode nos ajudar? Não deixe que esses dois escapem.

capítulo 113

NORA ENTROU NO APARTAMENTO DE Crocker com a arma na mão, acendeu as luzes, deixou o mandado em cima da mesa e começou a vasculhar o imóvel de apenas um quarto.

Não havia nenhum computador na sala.

As janelas estavam fechadas.

O ar-condicionado estava ligado.

Aparentemente, não havia ninguém ali.

– Não se desculpe, Justine – disse Nora, sem olhar para trás, respondendo ao pedido que Justine fizera ainda no elevador. – Eu *não* vou cair. Não posso falar por você, mas parece que a pobre Nora aqui é a menor peça desse quebra-cabeça. Não passo de um peão sem importância. Estou *limpa*.

Justine entrou no apartamento e seguiu Nora até a cozinha, o quarto e o banheiro.

Nora revirou os cômodos e os armários, depois guardou a arma.

– Não tem ninguém aqui além de nós, as medrosas. Você fica com o quarto e o banheiro. Grite se encontrar alguma coisa.

Justine parou na porta do quarto e estudou o cômodo. O ambiente sugeria uma mente ativa. Era pintado de azul-escuro e tinha trabalhos em madeira de diferentes cores neon – rosa, verde, amarelo – e bases e superfícies cor de laranja. A cama do assassino era uma *king size*.

Seus livros cobriam todas as áreas do conhecimento humano, de artes e ciências à política e ecologia. Sobre a mesa de cabeceira havia uma lanterna, uma caixa de elásticos, um protetor labial, o controle remoto da TV e algumas pilhas.

Havia uma escrivaninha e Justine se aproximou dela. Nenhum computador. A gaveta estava trancada.

Ela pegou uma tesoura num porta-lápis e arrombou a fechadura com a rapidez e a velocidade de um perito. Aquilo devia ser ilegal, mas, e daí? Havia quebrado o vidro do carro dele. A situação não podia piorar.

A gaveta de Crocker se revelou uma decepção. Seis moedas Krugerrands em uma caixa de cliques vazia. Um saco com um pouco de maconha e papéis para enrolar os cigarros. O restante era material de escritório. Não havia nem fotografias.

Justine fechou a gaveta da escrivaninha, foi até a cômoda e abriu suas gavetas uma a uma.

Procurava indícios ou recordações de crimes hediondos: recortes de jornais, um caderno com anotações ou souvenirs. *Qualquer coisa*.

Crocker pegava objetos das vítimas, mas, diferentemente da maioria dos colecionadores de troféus, ele os escondia; depois mandava e-mails ao prefeito com indicações de sua localização. E nada disso servia de prova.

Certamente, com todo o orgulho que tinha do próprio sucesso, Crocker devia guardar *alguma coisa*. Ou seria esperto demais para isso?

Nora entrou no quarto e ajudou Justine a virar o colchão. Não havia cortes no tecido, nenhum compartimento secreto.

– Nunca vi suspeito mais limpo – declarou Nora.

Justine foi até o closet e acendeu a luz interna, uma lâmpada simples presa a um fio.

Crocker tinha seis ternos escuros, seis casacos esportivos e várias camisas azuis, tudo arrumado em cabides. Os sapatos estavam impecavelmente organizados, alinhados sob as roupas. Ela verificou os bolsos e o interior dos calçados.

E quanto mais procurava, maior era a sensação de derrota.

Será que Christine se enganara com relação a Crocker? Seria possível?

Será que Justine a induzira a criar falsas lembranças? Ela levantou a mão para apagar a lâmpada do closet e foi então que a *luz* se acendeu em sua mente.

Crocker, aquele idiota. Ele jamais imaginaria que alguém iria procurar aquilo. Por que o fariam? Havia acontecido cinco anos antes.

Ela chamou Nora, que apareceu quase imediatamente.

O coração de Justine dançava de alegria e o sangue pulsava tão forte em seus ouvidos que ela mal podia ouvir a própria voz quando disse:

– Nora, me diga que não estou vendo coisas. Por favor, diga que não estou imaginando isso.

capítulo 114

JUSTINE ENCOSTOU-SE NA PAREDE “da caixa” e ficou observando Nora Cronin em ação. Ela conduzia o interrogatório com firmeza, sem medo.

Diante dela, do outro lado da mesa, estava Rudolph Crocker. Ele tinha levado alguns pontos no rosto, mas, exceto por isso, parecia quase feliz, como se estivesse gostando de ser o centro das atenções.

Quando olhou para Justine, ele sorriu como se dissesse: “Você está encrencada, moça. Veja quem está do meu lado: Beri Hunt, a advogada das estrelas.”

Beri Hunt era exatamente como parecia na TV: tinha pouco mais de 40 anos, cabelo curto e escuro, pele clara como porcelana. Seu tailleur era de lã cinza e leve e ela usava um colar de pérolas do Pacífico cinzentas.

Beri já havia contado a Nora e aos superiores dela que sim, eles poderiam manter Crocker na cadeia por obstrução da justiça, mas logo depois da audiência para a apuração desse pequeno delito, uma fiança seria estipulada e seu cliente estaria livre. Ao mesmo tempo, ela preparava os processos que moveria contra todos os envolvidos na detenção de Crocker. E fizera esse anúncio com um sorriso simpático nos lábios.

– Sr. Crocker – começou Nora –, peço desculpas novamente pelos ferimentos que sofreu, mas espero que entenda: pensamos que houvesse uma arma no banco da frente.

– Certo. Mas eu *não tinha* uma arma e vamos processar todos vocês por agressão, certo, Beri? Vamos pedir uma indenização de milhões.

– Rudy, deixe a tenente falar. Vamos apenas ouvir o que ela tem a dizer.

– É Rude – corrigiu Crocker. – Meu apelido.

– Também entenda, Sr. Crocker – continuou Nora, como se ele não tivesse dito nada –, que, quando tivemos acesso ao interior da van, encontramos uma decoração bastante perturbadora.

– Nada do que viram naquela van é admissível como prova ou evidência – interferiu a advogada. – Meu cliente não estava armado. E vocês não tinham motivo para revistar o veículo. O que mais você tem a dizer?

– Vamos falar sobre a van, Sra. Hunt. Ela era revestida de plástico preto e a caixa de ferramentas que encontramos estava cheia de eletrodos e grampos. Portanto, temos que perguntar a que se destinavam aquelas ferramentas. Qualquer pessoa sensata, especialmente alguém que viu os corpos das 13 meninas mortas e soube como elas foram assassinadas, pode pensar que a van foi forrada com plástico para não ser contaminada por fluidos corporais quando seu cliente torturasse e matasse outra garota.

– Só quero manter o veículo em boas condições para quando decidir vendê-lo – disse Crocker. Mas seu sorriso havia desaparecido, pelo menos por um tempo.

– Não fale nada – instruiu a advogada. – A tenente está atirando no escuro.

– Bem, agora tenho mais munição – rebateu Nora. – E as coisas estão ficando mais claras.

Ela abriu a pasta sobre a mesa e virou a primeira folha para que Beri Hunt e Rudolph Crocker pudessem ver o relatório preparado pelo laboratório da Private.

Beri pôs os óculos.

– Uma análise de DNA – constatou.

– Exatamente – confirmou Nora. – Não precisa responder às minhas perguntas, Sr. Crocker, porque não estou perguntando nada. Estou apenas informando sua advogada sobre o que temos, para que ela possa defendê-lo das acusações que faremos contra o senhor. Este relatório afirma que existe compatibilidade entre seu DNA e o material genético encontrado na camiseta de Wendy Borman.

– Desculpe – disse Beri Hunt. – Quem é Wendy Borman?

– Diga a ela, Sr. Crocker. Não importa. Eu mesma digo. Em 2006, uma menina de 17 anos chamada Wendy Borman foi atacada na rua com uma arma de choque. Depois disso, o Sr. Crocker a segurou por baixo dos braços e o amigo dele, o Sr. Fitzhugh, a pegou pelos tornozelos e os dois a jogaram

dentro de uma van. No dia seguinte, Wendy Borman foi encontrada morta. Suas roupas foram acondicionadas e guardadas de maneira muito apropriada e o DNA deixado nas meias e na camiseta que ela usava pôde ser extraído e comparado ao do Sr. Fitzhugh e ao do cretino do seu cliente. Esse procedimento comprovou a compatibilidade entre as amostras. Houve uma testemunha ocular que conseguiu identificar seu cliente. E ela irá depor.

– Tem alguma prova de que meu cliente esteve envolvido nesse crime, tenente?

– perguntou a advogada. – Tocar e matar são duas coisas muito diferentes.

Nora olhou para Justine e sugeriu:

– Dra. Smith, por que não responde à pergunta da Sra. Hunt?

capítulo 115

JUSTINE SE APROXIMOU DA MESA e se sentou ao lado de Nora, de frente para Crocker e sua advogada famosa. Tinha a sensação de que sua pulsação estava a mais de 200, mas conseguiu manter a expressão controlada. Esperara ansiosamente por esse momento.

Abriu a pasta e tirou dela a linda foto de Wendy Borman entre o pai e a mãe, com os braços em volta dos ombros dos dois.

Wendy havia sido mais que simplesmente bonita. Ela parecia ter nascido para ser uma vencedora.

O pingente que havia em seu pescoço fora circulado com caneta permanente. Em seguida, Justine mostrou outra foto desse pingente.

Era uma estrela de ouro incomum, quase como uma estrela-do-mar, com as pontas trabalhadas de forma a dar a impressão de movimento. Parecia ter sido feita sob encomenda, uma peça única, o que era verdade. O joalheiro em Santa Monica ainda estava na ativa e identificara a joia.

A advogada estudou a fotografia, depois ergueu os olhos sem esconder a curiosidade.

Justine enfiou a mão no bolso e tirou dele uma embalagem transparente com o cordão de Wendy Borman.

– Seu cliente usava este cordão para *acionar a lâmpada* de seu closet, Sra. Hunt. As digitais do Sr. Crocker estão nesta peça, junto com o sangue da vítima. E atrás da estrela há uma inscrição: “Para Wendy, com amor. P e M”. Fotografei esta corrente pendurada na lâmpada do closet do Sr. Crocker. A tenente Nora Cronin estava comigo quando a encontrei. Temos mais do que o suficiente para manter seu cliente preso por suspeita de assassinato enquanto negociamos com o Sr. Fitzhugh.

– Gostaria de conversar com meu cliente em particular – pediu Hunt.

– Ótimo. Converse com ele – disse Nora. – Mas ainda há algumas coisas que precisa saber. Conseguimos um mandado de apreensão para o computador do escritório do Sr. Crocker, que está sendo examinado neste momento. Já encontramos conversas eletrônicas incriminatórios entre o Sr. Crocker e o Sr. Fitzhugh, determinando onde e quando cada uma das 13 meninas seria morta.

Justine viu Crocker passar de valentão a um menino apavorado prestes a fazer xixi na calça.

– Mais uma coisa que vocês devem saber – prosseguiu Nora. – O Sr. Fitzhugh está no hospital com proteção policial. Ele não recebeu a visita de um advogado, mas explicamos a ele o que acabamos de dizer ao Sr. Crocker. Sra. Hunt, sabe como as coisas funcionam. Podem se arriscar enfrentando um júri. Ou... Bem, vocês têm pouco tempo para fazer um acordo antes que o Sr. Fitzhugh o faça.

– Estive com o Sr. Fitzhugh no hospital hoje de manhã – comentou Justine. – Ele entende que nenhum júri será condescendente com a ideia de escolher uma menina de 15 anos para matar. De um ponto de vista profissional, não creio que o Sr. Fitzhugh tenha estômago para esperar pela injeção letal no corredor da morte. Ele é uma pessoa muito sensível e lógica. E, é claro, isso é muito estressante para ele. Falando com toda a sinceridade, ele está muito perto de perder a cabeça e contar tudo. Se é que já não contou.

Justine sabia que sua voz soava cada vez mais alta, mas não se importava com isso. Ela continuou:

– O promotor distrital quer levar os dois a julgamento. Mas Michael Fescoe, meu amigo e chefe de polícia, quer simplificar tudo. O primeiro a confessar será o vencedor. Portanto, você decide. – Justine uniu as mãos sobre a mesa diante de Crocker.

– Quem sobrevive? Quem morre? Neste momento, a decisão está em suas mãos, Rude.

capítulo 116

JUSTINE ESTAVA AGITADA QUANDO SAIU do escritório para ir à reunião na Prefeitura. Ela retocou o batom, pegou o elevador e, na rua, se acomodou no banco traseiro do carro da Private.

Jack estava ao volante e Cruz ocupava o banco do carona.

– Tudo bem, Justine? – perguntou Cruz.

– Sim. Por quê? Porque o prefeito quer nos ver *agora* e não disse *por quê*? Ou porque meu cérebro esteve permanentemente tomado por um serial killer?

– Conte a ele, Justine – sugeriu Jack com um sorriso largo. – Ainda não tive chance.

Cruz olhou para trás e sorriu para ela.

– Sim, Justine, conte-me tudo.

– Muito bem. Depois de demitir sua advogada, Crocker nos contou como matou Wendy Borman. Confessou tudo com aquela sua voz meio arrogante, meio risonha. Entre outras coisas, ele disse: “Foi tudo um *jogo* e eu quero os *créditos*. Por que outro motivo eu teria me dedicado a todo esse planejamento e, *vocês sabem*, à execução?”

Cruz assobiou.

– Você só pode estar brincando. Ele disse isso?

– Ele se colocou numa posição de superioridade – disse Jack. – Ou no fundo do poço. Depende do ponto de vista.

– Exatamente. Rude quer ser conhecido como o assassino mais cruel de sua “faixa etária” da história de Los Angeles – falou Justine. – Bem, parece que ele vai ter que dividir essa honra com Fitzhugh. Crocker *insinua* que pode haver mais vítimas além das 14 de que temos conhecimento. Ele pode até nos dar alguma informação sobre o suposto suicídio de Jason Pilser. E disse que quer falar com o procurador do distrito.

Jack continuou a história desse ponto. Justine apoiou a cabeça no encosto do banco e fechou os olhos enquanto ouvia Jack contar a Cruz que Bobby Petino fizera um acordo com Crocker: se confessasse os outros assassinatos, todos eles, não receberia a pena de morte.

Depois disso, Bobby saíra da sala de interrogatório demonstrando uma frieza glacial. Ele não *se importava* com o motivo de o garoto ser um psicopata.

Mas Justine precisava entender por que esses garotos privilegiados se transformaram em monstros. Crocker e Fitzhugh a lembravam Nathan Leopold e Richard Loeb, uma dupla de adolescentes brilhantes que matou um colega de escola no início do século XX só para ver se conseguia escapar impune. Por mais que se considerassem espertos, cometeram um erro fatal e foram condenados à prisão perpétua. Mais tarde foi descoberto que os dois assassinos haviam mantido uma relação homossexual não assumida.

Crocker e Fitzhugh torturaram suas vítimas, todas mulheres, mas nenhuma delas sofrera abuso sexual. Será que eles eram a repetição da história de Leopold e Loeb?

Havia mais perguntas do que respostas sobre a natureza da psicose que os movia e muitas possibilidades entre as quais escolher: predisposição genética, trauma, fisiologia cerebral e a sempre popular justificativa “quem poderia saber? Afinal, somos todos diferentes”.

Como possível testemunha da acusação, Justine não podia passar mais tempo com Crocker, mas até gostaria disso. Aquele covarde teria dito tudo o que ela queria saber – desde que fosse sobre ele.

Jack parou na garagem atrás da Prefeitura, abriu a porta para Justine e estendeu-lhe a mão.

Justine saltou, baixou os óculos escuros e disse:

– Estou avisando, Jack. Se o prefeito tentar chutar nosso traseiro por ter tratado aqueles desgraçados com um pouco mais de firmeza, vou chutar o dele de volta.

capítulo 117

O PREFEITO THOMAS HEFFERON ERA um homem magro, com cabelos grisalhos e volumosos e um braço esquerdo enfraquecido por causa de um ferimento que sofrera na operação Tempestade no Deserto. Parado a seu lado, o chefe de polícia Fescoe, com toda a sua altura de 1,90m e seus músculos, parecia um guarda-costas, mas Hefferon era inteiramente capaz de cuidar de si mesmo.

O prefeito convidou todos os presentes – Justine, Cruz, Fescoe, Petino, Nora e eu – a nos sentarmos em torno de uma mesa de reuniões com tampo de vidro e vista para a cidade.

– Fico feliz que todos tenham podido vir, mesmo tendo sido chamados com tão pouca antecedência. O chefe Fescoe tem novidades.

Fescoe pôs as mãos sobre a mesa.

– Eamon Fitzhugh fez um acordo com Bobby e confessou sua participação no assassinato de Wendy Borman. O computador dele está no laboratório neste momento. Tudo indica que esse filho da mãe sofre de transtorno obsessivo-compulsivo – declarou. – Ele salvou todos os arquivos, todas as mensagens de texto desde 2006. Vamos precisar de semanas para entender o programa de escuta e invasão de celulares que ele usava para atrair as vítimas. O cara é uma espécie de gênio, pelo que me disseram.

– Isso é interessante, Mickey – disse Justine. – Crocker acredita que *ele* é o gênio. E chama Fitzhugh de instrumento.

– Os dois são instrumentos – interveio Nora. – Então é isso? Vou ter minha vida de volta depois de dois anos? Bem, agora não sei o que fazer com ela!

Depois que todos pararam de rir, Hefferon voltou a falar:

– Vocês fizeram um excelente trabalho. Fescoe, foi um ato de muita coragem envolver a Private nesse caso. Jack, espero vê-lo de novo. Justine,

Nora, todas essas horas e anos mais do que valeram a pena. Você também, Emilio, ouvi dizer que quase matou Fitzhugh de susto. O fato é que Los Angeles é um lugar mais seguro por causa da dedicação de vocês. Obrigado.

Aquele agradecimento dava uma sensação muito boa. Qualquer que seja a substância química liberada pelo cérebro em decorrência desse momento, ela fazia meu corpo inteiro se sentir satisfeito. Dinheiro nenhum pagava a sensação inebriante de levar o lixo para fora e vê-lo ir embora, sabendo que não voltará.

Bebíamos champanhe e ríamos enquanto éramos fotografados com o prefeito. Então meu celular vibrou no bolso do paletó.

Era uma mensagem de voz redirecionada do telefone do escritório e marcada como “urgente”. O recado era de um homem chamado Michael Donahue.

Eu já tinha ouvido esse nome, mas não conseguia dizer em que ocasião. Depois de um instante, a constatação foi como um soco no rosto. Donahue era o proprietário do bar irlandês que Colleen frequentava.

Apertei uma tecla e ouvi a voz grave e o forte sotaque irlandês de Donahue.

Depois repeti a mensagem para ter certeza de que entendera corretamente.

– Jack. É sério. Colleen está no Glendale Memorial Hospital, quarto número 11. Você precisa ir para lá depressa.

capítulo 118

SEGUI A TODA PELA ESTRADA na direção norte, a caminho do hospital.

Tentei falar com Donahue, mas minhas ligações caíam direto na caixa postal.

Estava com medo, preocupado e a saída apareceu antes do que eu esperava.

Girei o volante com um movimento brusco e perdi o controle. O carro derrapou, parou e por muito pouco não bateu contra uma mureta de concreto.

Buzinas soavam enquanto o tráfego da autoestrada passava por mim em alta velocidade. Minhas mãos tremiam, mas liguei o motor de novo e finalmente consegui sair dali em segurança. Caramba, quase acabara com o carro e comigo mesmo.

Vinte e cinco minutos depois de ouvir a mensagem de Donahue, atravessei o saguão do Glendale Memorial e peguei o elevador, mantendo o botão do andar pressionado até as portas se abrirem.

Guiado por uma espécie de instinto, encontrei o quarto de Colleen na primeira tentativa.

Quando abri a porta, Donahue se levantou da cadeira ao lado da cama. Ele caminhou até mim e apertou minha mão.

- Pegue leve, Jack. Ela não está bem.
- O que aconteceu?
- Vou deixar vocês a sós.

O rosto de Colleen estava corado. Seu cabelo estava úmido nas têmporas. O lençol de algodão branco a cobria até o queixo.

Ela parecia muito pequena na cama, como uma criança doente.

Ocupei a cadeira que Mike deixara vazia, me inclinei para a cama e toquei seu ombro. Estava assustado: Colleen nunca ficara doente em todo o

tempo que eu a conhecia.

– Colleen, sou eu. Jack.

Ela abriu os olhos azuis e assentiu ao me ver.

– Você está bem? O que aconteceu? – perguntei.

A voz dela estava embotada por causa dos medicamentos.

– Vou embora. Para casa.

– Como assim? Vai voltar para Dublin?

Uma ideia horrível passou por minha cabeça.

– Você estava grávida? Perdeu o bebê?

A expressão vazia de Colleen se transformou num sorriso. Ela riu e depois foi tomada por uma espécie de histeria que se transformou em soluços. Quando cobriu o rosto com as mãos, vi as chocantes faixas de gaze que envolviam seus pulsos.

A gaze estava manchada de sangue que ainda escorria.

O que ela tinha feito?

– Falei para Mike não ligar para você. Estou mortificada por você me ver neste estado... Vou ficar bem. Por favor, vá embora, Jack. Já estou bem.

– O que você tinha em mente, Colleen?

Pensei nas últimas semanas, nos últimos meses. Não havia notado que ela estava deprimida. Como deixara isso passar? O que acontecia comigo de vez em quando?

– Fiquei completamente louca – respondeu ela. – É que estava doendo muito.

Não precisa me dizer outra vez. Sei que acabou.

– Ah, Colleen – sussurrei.

Ela fechou os olhos e me senti inundado pela vergonha. Culpa e vergonha. Eu gostava de Colleen, mas ela gostava ainda mais de mim. Fora egoísmo ficar com ela por tanto tempo, mesmo sabendo que nossa relação jamais evoluiria. Eu havia ferido essa mulher... e ela fizera *isso* contra si mesma. Era terrível.

Não sei quanto tempo durou o silêncio entre nós. Talvez tenha sido apenas um minuto, mas foi o suficiente para pensar no que Colleen

significava para mim e tentar imaginar um futuro para nós dois juntos. Era triste, mas eu simplesmente não conseguia visualizar isso.

– Pelo menos não vai ter que ouvir meu jeito esquisito de falar – disse ela.

– Não sabe que adoro ouvir sua voz?

– Você foi bom para mim, Jack. *Sempre*. Não vou me esquecer disso.

– Droga, Molloy. Quero que você seja feliz.

Ela assentiu. As lágrimas escorriam pelo rosto de Colleen.

– Eu também – respondeu. – Desejo o mesmo para você.

Nenhum de nós disse mais nada.

Eu me despedi dela com um beijo e saí, sabendo que nunca mais a veria e que era eu quem mais perdia com isso.

Havia perdido outra boa mulher. O que havia de errado comigo, afinal?

capítulo 119

EU HAVIA PLANEJADO UMA FESTINHA no Pacific Dining Car para demonstrar minha gratidão aos funcionários da Private pelo trabalho extremamente competente no caso das colegiais.

Depois de ver Colleen, não conseguia comemorar e não seria capaz de fingir.

Liguei para Sci, disse que tivera uma emergência familiar e lhe pedi que me representasse como anfitrião. Em seguida, fiz algo impensável: desliguei o celular.

Dirigi até Forest Lawn, um velho cemitério onde estavam enterradas diversas celebridades. Minha querida mãe também estava sepultada lá.

Ela morrera durante o intenso e terrível julgamento de meu pai, vítima de uma doença cardíaca até então não diagnosticada. Fora um fim repentino e inesperado para uma vida insatisfeita. Talvez fosse o relacionamento ruim de meus pais que me mantivesse longe do casamento.

Tirei o paletó e me sentei na grama perto de sua lápide simples, com a imagem de mãos postas em oração gravada sobre a inscrição: “Sandra Kreutzer Morgan está com Deus”.

Um irrigador zumbia ao longe e eu vi o brilho de uma nuvem de balões de gás, provavelmente flutuando sobre o túmulo de alguma criança sepultada perto dali.

Não falei com os ossos nem com o espírito de minha mãe. Nem mesmo fiz uma oração antes de estar prestes a ir embora.

Mas pensei nos bons momentos que tivemos juntos: os raros piqueniques, algumas comemorações depois dos jogos de futebol, os filmes de Peter Sellers a que assistíamos na TV tarde da noite. Minha mãe devia ter visto *A pantera cor-de-rosa* umas 100 vezes. E eu também. E Tommy.

Sorri ao pensar nisso e então, depois de um tempo, enrolei meu paletó, formando um travesseiro, e me deitei. Estava hipnotizado pelos movimentos lentos das folhas nos galhos do carvalho acima de mim.

Saí de órbita por um tempo.

Devo ter dormido profundamente e por muito tempo, porque acordei com um zelador que sacudia meu braço e dizia:

– Senhor, já vamos fechar. Precisa sair daqui, senhor.

Toquei a lápide de minha mãe e peguei meu carro, que parecia saber que tinha que me levar a uma casa nas planícies de Beverly Hills que eu conhecia muito bem.

Estacionei em Wetherly, um quarteirão residencial, e fiquei sentado olhando para a pequena e bela casa de Justine. Liguei novamente o celular e digitei seu número.

Justine atendeu no primeiro toque.

– Jack. Que emergência familiar foi essa? Perdeu a festa.

– Colleen vai voltar para Dublin – falei. – Nós conversamos e terminamos.

Depois fui ao Forest Lawn. Precisava de um tempo para pensar.

– Você está bem?

– É claro.

– É claro – repetiu Justine. – Bem, também tenho que fazer uma reorganização mental. É que... Bobby me deixou para voltar para a esposa. Azar o dele, porque ela não o aceitou de volta.

Queria confortar Justine e, ao mesmo tempo, estava feliz com a notícia do rompimento. Ela era boa demais para Bobby Petino ou para se envolver na podridão da política da Califórnia.

Queria saber onde ela estava. Imaginei Justine na poltrona do escritório em sua casa ou deitada na cama com a TV ligada, o volume baixo, uma taça de vinho na mão. Minha atração emocional por ela era quase uma força física.

– O que está fazendo agora? – perguntei.

– Por quê?

– Eu poderia ir até aí – sugeri. – Só uma visita rápida.

Houve uma pausa prolongada que preenchi com esperança.

– Jack, nós dois sabemos que não seria uma boa ideia – respondeu Justine. – Por que não vai dormir? Conversamos mais amanhã.

Eu estava dizendo seu nome quando ela desligou. Vi as luzes se apagarem dentro da casa, uma a uma.

Depois, voltei para casa sozinho.

EPÍLOGO

A FUGA

capítulo 120

PARKER DALTON, UM ATOR HÁ muito tempo fora de circulação, bateu na porta da suíte 34 do Chateau Marmont.

Ele segurava a mesa de massagem dobrável pela alça. Com a outra mão, ajeitou o boné e esperou que o Sr. Cushman o convidasse a entrar para sua sessão de massagem diária.

Na verdade, Dalton adorava seu trabalho. Sempre havia astros e estrelas do cinema hospedados no Chateau e alguns chegavam a passar vários meses ali.

Poder ver Drew Barrymore, Cameron Dias e Matthew Perry rendia histórias fabulosas em seu blog e mantinha a esperança de retomar a própria carreira.

O Sr. Cushman não era um astro, mas era uma celebridade, depois do assassinato não solucionado de sua esposa.

Dalton havia escrito no Twitter sobre as sessões com o Sr. Cushman e seus seguidores haviam implorado por mais posts, mais detalhes, mais observações irritadas.

O Sr. Cushman estava demorando a abrir a porta, por isso Dalton ligou para a linha direta do quarto. Ouviu o telefone tocar lá dentro. Como o Sr. Cushman não atendeu, ele avaliou suas opções.

Devia ir embora... ou chamar a recepção?

Não raro o Sr. Cushman estava meio bêbado quando Dalton chegava. Mas podia ter acontecido um acidente. Ele podia ter caído durante o banho.

Dalton decidiu chamar a recepção. Minutos depois o gerente do turno apareceu.

Era um homem alto e louro, com porte atlético e um crachá com o nome “Sr. Straus” preso ao colete. Straus perguntou a Dalton o que havia acontecido e, em seguida, abriu a porta da suíte de Cushman.

Dalton parou na soleira e chamou:

– Sr. Cushman.

Não houve resposta, então ele seguiu Straus quarto adentro.

A mobília da década de 1930 estava em seu devido lugar. Garrafas e copos cobriam as superfícies, o lixo transbordava das latas e cortinas brancas dançavam ao vento sobre a cama desarrumada.

– O Sr. Cushman não está em lugar nenhum – disse Dalton.

– Não brinca – respondeu Straus, com sarcasmo.

Dalton viu Straus abrir as portas do closet – e aproveitou a oportunidade para bisbilhotar. O que o Sr. Cushman vestia quando não estava nu ou de pijama?

O closet estava vazio, assim como as gavetas da cômoda.

O banheiro, com seus maravilhosos azulejos pretos e brancos, era uma confusão. O armário estava aberto e, dentro dele, só havia um barbeador usado e um frasco de aspirina. Havia toalhas espalhadas pelo chão.

– Ei, parece que ele foi embora sem me avisar – disse Parker Dalton.

– Meu Deus – comentou o gerente, balançando a cabeça. – Ele não foi embora.

Ele fugiu.

– Vai chamar a polícia?

– Não. Este é o Chateau Marmont.

Parker Dalton já estava tuitando antes mesmo de sair do hotel lendário e, segundo alguns, mal-assombrado. *Caramba, que história tinha para contar.* No final do dia, 20 mil pessoas bisbilhoteiras saberiam que Andy Cushman havia fugido, dando calote no hotel.

capítulo 121

ERA FINAL DE TARDE QUANDO Del Rio saiu da Lobo Canyon e estacionou seu Land Rover cinza perto da Lobo Vista Road.

O céu estava tão cinza quanto o carro e suas roupas, uma camuflagem de que não precisava naquele lugar desolado.

Estava pensando em Jack quando abriu a mala do carro e pegou sua Remington 700, equipada com mira telescópica.

Ele saiu da estrada e caminhou por uma trilha que subia a encosta em meio à vegetação.

A subida tornou-se mais íngreme e, quando a trilha virou à direita, Del Rio abriu um novo caminho entre os arbustos, agarrando-se ao mato e às raízes, à procura de apoio para continuar subindo nos trechos em que os sapatos escorregavam.

Quando chegou ao topo, olhou para baixo e viu a casa de fazenda a 75 metros de distância, com seus galpões desbotados pelo sol e o terreno que mais parecia um tapete sujo e amassado jogado de cima da colina.

Del Rio se deitou de bruços no chão, com o cano da arma estendido além da beirada do penhasco.

Quarenta minutos se passaram muito lentamente antes de a porta dos fundos se abrir e o homem que ele esperava sair com seu cachorro, um lindo ridgeback rodesiano.

O sujeito andava com tranquilidade. Estava usando uma camisa xadrez, jeans e chapéu marrom de aba larga. Ele prendeu o cachorro à coluna da varanda, afagou sua cabeça, depois pegou um arreio e uma sela e se dirigiu ao estábulo.

O homem selou uma égua e montou, seguindo por uma trilha que se estendia pelas colinas, onde problemas esperavam pelos dois.

Del Rio apontou a arma para a interseção de duas linhas da camisa xadrez e atirou.

A égua levantou as orelhas. Del Rio viu o buraco aparecer na camisa do cavaleiro no mesmo instante em que o animal seguiu por uma curva da trilha.

Del Rio se levantou e viu que o homem ainda estava sentado ereto sobre a sela, até que, como se estivesse em câmera lenta, foi se inclinando para a esquerda e caiu no chão.

A égua saiu da trilha, arrastando o cavaleiro preso pelo pé por um tempo. Então, o animal parou e começou a pastar na grama seca.

Del Rio pegou a cápsula da munição disparada, guardou-a no bolso da camisa e desceu pelo penhasco que formava um ângulo reto com a trilha.

Quando se aproximou do homem baleado, abaixou-se para verificar se havia pulso. Não havia.

Ele chutou o matador de aluguel duas vezes para ter certeza de que ele estava morto, e então disse:

– Ei, Bo Montgomery, seu verme. Shelby também não teve chance de se defender.

Del Rio limpou a arma com a barra da camisa e a jogou no precipício. Ela bateu duas ou três vezes contra a parede rochosa, depois se perdeu entre as árvores e os arbustos intocados.

Em seguida, ele repetiu o procedimento com a cápsula.

Um tiro. Um morto.

Missão cumprida. Muito profissional. Muito discreto.

Mas também muito pessoal, pensou Del Rio.

Jack amava Shelby... e ele amava Jack.

capítulo 122

TODOS OS CASOS MAIS IMPORTANTES estavam encerrados. Pelo menos no escritório de Los Angeles.

Londres, Frankfurt, Chicago e Nova York estavam ocupados e havia uma guerra na filial de Presti, em Roma – o que era bom para os rendimentos, embora eu não me importasse muito com isso.

Nossa reunião matinal na sala de guerra transformou-se em um encontro informal e comemorativo. Mo serviu cheesecake. Sci batizou as xícaras de café com Bailey's e Cruz permanecia perto o bastante de Karen, a assistente de laboratório de Sci, para enxergar seu decote e tudo o que havia abaixo dele, até os sapatos.

Pressionada para dizer algumas palavras, Justine olhou em volta e declarou:

– *Nós os pegamos.*

O grupo explodiu em aplausos entusiasmados.

Nesse momento, a porta se abriu e minha nova assistente, Cody Daws, entrou na sala e caminhou na minha direção.

– Uma mulher chamada Jeanette Colton apareceu sem marcar horário, Jack – falou. – Está na recepção. O que devo fazer?

– Vou levá-la ao meu escritório – respondi. – Fique aqui, Cody. Quero que conheça as pessoas. Essa é a parte mais importante do nosso trabalho.

– Mas e os telefones?

– Para isso temos caixa postal.

Deixei a sala de guerra e encontrei Jeanette Colton ao lado do balcão da recepção, evidentemente agitada. Da última vez que a vira, ela estava bem penteada e controlada e me dissera que ela e o marido, um astro do tênis, queriam trocar de parceiros com o casal vizinho.

Eu a encaminhara a meu velho amigo Haywood Prentiss, pensando que era uma pena não podermos aceitar o caso.

Agora que estava mais perto dela, percebia que havia algo de muito errado com Jeanette Colton. Havia uma marca recente de bofetada em sua face esquerda. Seus olhos estavam inchados e roxos.

Ela apertou meu braço com força e se recusou a soltá-lo.

– Jack, preciso falar com você. Peço desculpas por vir sem avisar.

– Meu Deus, o que aconteceu? Vamos ao meu escritório.

Seu rosto se contorceu e ela começou a chorar. De repente parecia uma garotinha.

– Fiz uma coisa muito ruim – murmurou Jeanette Colton quando entramos no elevador. – Atropelei Lars com o Rolls dele.

– Você o quê?

– Eu o atropelei e voltei de ré para passar por cima dele de novo.

– Matou Lars?

Ela negou com a cabeça.

– Ele estava me xingando quando saí de lá. Chamei uma ambulância, mas não esperei que o socorro chegasse. Preciso de sua ajuda, Jack. Preciso do melhor.

Sáímos do elevador e caminhamos até meu escritório. Pensando bem, nem todos os casos importantes estavam solucionados.

– Vou ajudar no que for possível – respondi, abrindo a porta da minha sala e me afastando para deixar Jeanette entrar na minha frente.

A porta se abriu completamente e Jeanette Colton e eu ficamos assustados com o que vimos. Meu irmão gêmeo estava sentado atrás da minha mesa, os sapatos sobre a superfície de madeira, o rosto iluminado por um sorriso.

O que ele estava fazendo ali?

– Como vai o negócio de bancar o herói? – perguntou Tommy. – Não precisa chorar, bela donzela assustada. Jack vai resolver todos os seus problemas.

capítulo 123

– **S**Ó PRECISO DE UM MINUTO, Jack – disse Tommy. – Depois vou sair do seu caminho.

Pedi que Jeanette Colton se sentasse perto da mesa de Cody e disse que ficaria tudo bem. Levaria apenas 30 segundos. Fechei a porta atrás de mim.

– Fale logo – ordenei.

– É mais mostrar do que falar – respondeu Tommy, e me entregou um documento que tirou de uma pasta azul.

– Saia da minha mesa – exigi.

Tommy riu, levantou-se e foi se sentar em outra cadeira, enquanto eu me acomodava atrás da mesa e desdobrava o documento. Vi o nome de Tommy e o de meu pai.

Olhei para meu irmão e falei:

– Vá direto ao ponto, Júnior. Minha cliente está com problemas.

– Ela vai ficar bem. Eu sei. De todo modo, vim trazer boas-novas, meu irmão.

Concluí a reabilitação com sucesso e disse isso ao advogado de nosso pai. Ele me deu uma grande notícia. *Grande mesmo.*

– Ele não era nosso pai de verdade? Que alívio!

Tommy riu.

– Ah, claro que ele era nosso pai. E, como concluí o tratamento com sucesso, herdei uma boa grana. Quinze milhões. O mesmo que você, acho.

Controlei minha expressão, mas estava chocado. Conhecendo meu pai como eu o conhecia, imaginei que ele estivesse promovendo uma competição entre mim e Tommy do além-túmulo. O velho era ardiloso até na morte. Por que outro motivo não me contara que havia deixado dinheiro para Tommy também?

– Sabe o que vou fazer com minha herança, Jack? Vou expandir a Private Security. Vamos operar no mundo todo. Tenho o nome do nosso pai e acho que ele iria gostar que eu derrotasse você. A Private Security será maior e melhor que a agência de investigações. Pode contar com isso.

– Bom para você, Tommy. Desejo sucesso ao seu negócio.

Levantei-me e apontei a porta sem sair do lugar.

– Obrigado por ter vindo. Não bata a porta ao sair.

Mas Tommy ainda não havia acabado. Seu sorriso tornou-se mais largo.

– Tenho mais uma coisa para você – falou. Em seguida, tirou um pedaço de papel do bolso e me entregou.

Era um cheque nominal de 600 mil dólares.

– Estamos quites, Jack.

Então ele se levantou, posicionou o polegar e o indicador imitando um revólver e disse:

– Você está *morto*, Jack.

Sua voz tinha um tom estranho, sinistro, e entendi que ele imitava o som que sua voz adquiria todas as vezes que ele telefonava para mim usando aquele equipamento eletrônico para disfarçá-la. Ver seu rosto enquanto ele dizia “você está morto” tinha um efeito ainda mais aterrorizante do que ouvir a voz mecânica.

Era muito mais real.

Esse era meu irmão gêmeo.

Ele me odiava tanto que vinha me atormentando em segredo por anos.

Eu nem pisquei, apesar da mágoa.

– Então foi você que me ligou esse tempo todo, Júnior. Perguntei se era você e o que fez? Mentiu para mim. E, como todas as outras vezes que lhe concedi o benefício da dúvida, usou essa vantagem contra mim. Nunca mais vou confiar em você. A propósito, não estou morto. De jeito nenhum. Ainda não.

Tommy não respondeu. Saiu do meu escritório com um sorriso tenso. Meu parceiro de útero, meu inimigo jurado, minha ameaça diária de morte caminhou para a escada e desapareceu. Esperava não vê-lo nunca mais, nem voltar a ouvir sua voz.

Sem chances.

Saí para ir buscar Jeanette Colton.

– Meu gêmeo mau – expliquei.

capítulo 124

NA MANHÃ SEGUINTE, ACORDEI NATURALMENTE.

Para variar, não fui arrancado de um pesadelo. O telefone não havia tocado. As ondas quebravam atrás da minha casa e o som do mar entrava pelas janelas abertas. Muito bom.

Para ficar ainda melhor, Justine estava deitada ao meu lado.

Virei-me para olhar seu belo rosto e vi que ela me observava e sorria. Estava completamente tomado de amor por essa mulher.

Ela passou os braços em volta do meu pescoço e me puxou para perto.

– A música do mar – disse. – Sempre amei esta casa.

– Esta casa sempre amou *você*.

Estávamos deitados de lado, de frente um para o outro. Puxei sua coxa sobre o meu quadril e, de repente, estávamos imersos num beijo profundo, o som da nossa respiração se sobrepondo ao ruído das ondas.

Não me sentia capaz de esperar mais, nem um momento sequer... então o maldito telefone tocou sobre a mesa de cabeceira.

Tommy. Peguei o aparelho decidido a mandá-lo para o inferno. Mas, antes de atender, olhei o visor e vi que não era Tommy. Eu *tinha* que atender.

– Jack Morgan – falei, um pouco ofegante.

O tom de Carmine Noccia era casual, mas sua mensagem era muito séria.

– Sinto muito, Jack, mas tenho más notícias. Andy Cushman sofreu um acidente de carro perto da costa. Ele fez uma curva em alta velocidade, perdeu o controle do automóvel e caiu no precipício perto de Marin. O carro explodiu. Não havia marcas no asfalto. É possível que o freio tenha falhado.

– Tem certeza de que era Andy? – perguntei, sentindo certa dificuldade para falar e respirar.

– Oh, sim. Era ele. Um dos meus homens testemunhou o acidente. Estávamos de olho nele, sabe? Bem, tenha um bom fim de semana.

Fechei o celular, mas o segurei por um momento. Pensei em minha nova parceria não declarada com Carmine Noccia. Nunca um melhor amigo. Nunca um arqui-inimigo.

Pensei em como meus sentimentos por Andy haviam mudado desde que eu descobrira que ele havia encomendado a morte de Shelby.

Andy fora meu melhor amigo. Eu fora seu padrinho de casamento. Esperava ser padrinho dos filhos dele ou, pelo menos, estar ao seu lado quando fôssemos mais velhos, rodando pelos campos de golfe, trocando lembranças, rindo juntos.

E agora Andy estava morto. Eu sabia que sentiria alguma coisa mais tarde, mas naquele momento, não sentia nada por ele.

Nada mesmo.

Levantei-me da cama e abri a porta de correr. Depois tomei impulso e joguei o telefone da varanda, o mais longe possível. Quando o celular caiu no mar, fechei a porta e a tranquei. Voltei para perto de Justine.

Ela conseguia ler a expressão em meu rosto? Com certeza.

Podia ler meus pensamentos? Provavelmente.

– Quem era? – perguntou.

– Não importa.

Ela deslizou as mãos pelas laterais do meu corpo e pelas minhas costas.

– Você está bem, Jack?

– Estou – respondi, afastando seus longos cabelos escuros do rosto. – É hora de trocar o aparelho. E o número.

– Qualquer dia desses, você poderia me surpreender. O que acha? Conte-me o que realmente está pensando.

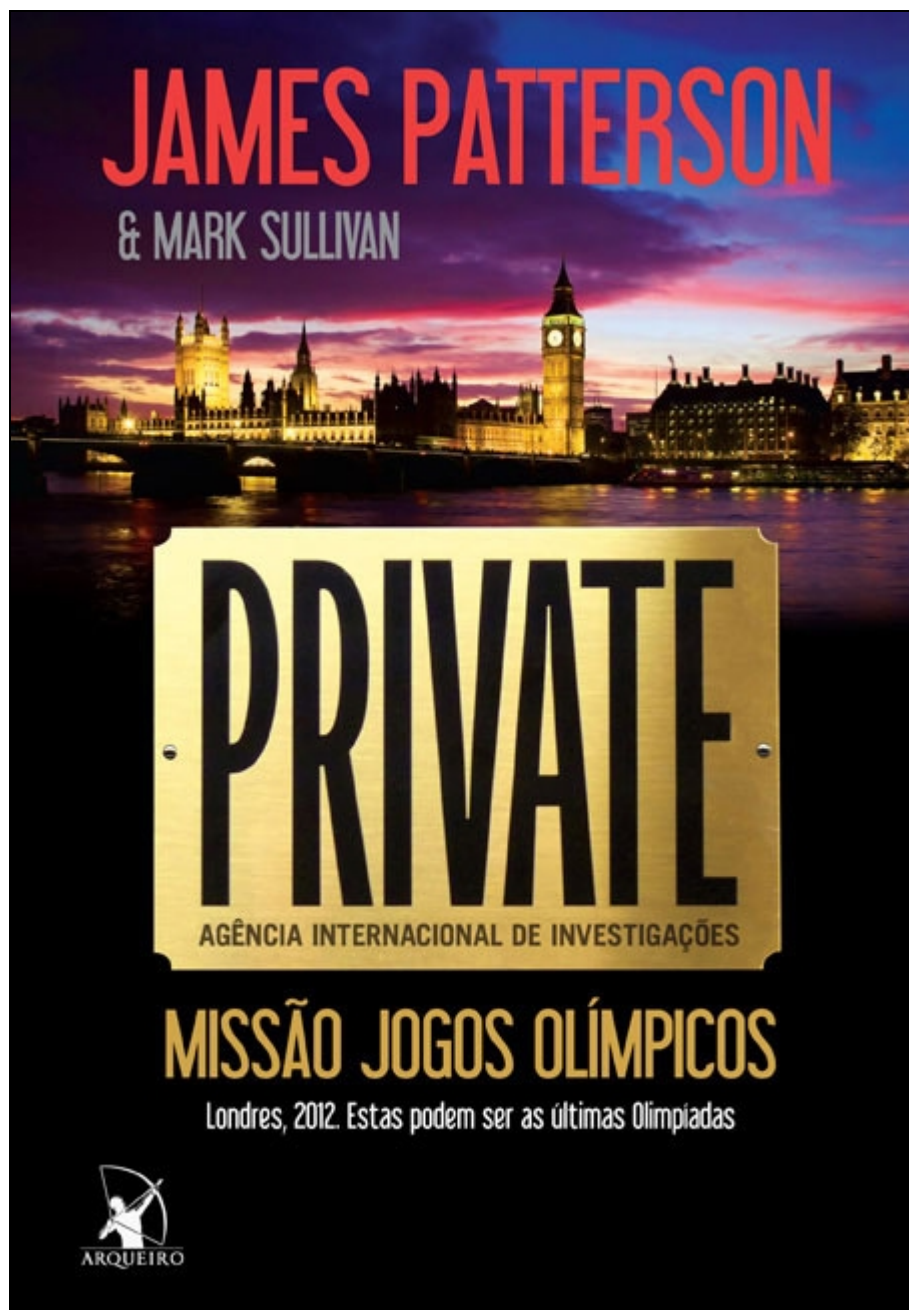
– Estou pensando que estávamos no meio de algo muito bom – falei.

– Eu lembro.

Puxei Justine para perto e coloquei sua coxa sobre meu quadril. Eu a beijei novamente e me perdi na maravilha de estar com ela. Era bom, exatamente onde eu queria estar. Podia dizer qualquer coisa a ela.

– Andy está morto – sussurrei com os lábios em seu rosto.

LEIA UM TRECHO DO PRÓXIMO LIVRO DA SÉRIE PRIVATE



Private
Missão Jogos Olímpicos

Prólogo

QUARTA-FEIRA, 25 DE JULHO de 2012, 11h25.

Existem super-homens e supermulheres caminhando pela Terra.

Estou falando sério e pode levar o que digo ao pé da letra. Jesus Cristo, por exemplo, foi um super-homem espiritual, assim como Martinho Lutero e Gandhi.

Júlio César também foi sobre-humano. O mesmo vale para Gêngis Khan, Thomas Jefferson, Abraham Lincoln e Adolf Hitler.

Pense no filósofo Aristóteles e nos cientistas Galileu, Albert Einstein e J. Robert Oppenheimer. Considere artistas como Leonardo da Vinci, Michelangelo e Vincent van Gogh – meu favorito, cuja superioridade o levou à loucura. Mas, sobretudo, não se esqueça dos seres atleticamente superiores, como Jim Thorpe, Babe Didrikson Zaharias, Jesse Owens, Larisa Latynina, Muhammad Ali, Mark Spitz e Jackie Joyner-Kersey.

Humildemente também me incluo nesse grupo sobre-humano – e com merecimento, como você logo verá.

Pessoas como eu vêm a este mundo para realizar feitos grandiosos. Nós superamos as adversidades. Queremos conquistar. Buscamos romper todos os limites – espirituais, políticos, artísticos, científicos e físicos. Buscamos consertar o que há de errado, por menores que sejam as chances. E estamos dispostos a sofrer em nome dessa grandeza, a fazer esforços imensuráveis e a enfrentar uma preparação exaustiva com o mesmo fervor de um mártir – o que, a meu ver, é um traço de caráter excepcional em qualquer ser humano, de qualquer idade.

Neste momento, devo admitir, estou me sentindo extraordinário, de pé aqui no jardim de Sir Denton Marshall, o filho da mãe mais desprezível e corrupto que já existiu.

Ele está de joelhos, de costas para mim, com minha faca encostada em sua garganta.

Ora, ora... ele não para de tremer. Está sentindo este cheiro? É o medo que o faz liberar um fedor forte como o que impregna o ar depois da explosão de uma bomba.

– Por quê? – pergunta ele, ofegante.

– Você me irritou, seu monstro – respondo com um rosnado, sentindo uma raiva incontrollável partir minha cabeça ao meio e permear cada célula do meu corpo.

– Ajudou a arruinar os jogos, a transformá-los numa piada, numa aberração.

– O quê? – grita ele, fingindo espanto. – Que história é essa?

Apresento as evidências contra ele em três frases de condenação que fazem a pele de seu pescoço ficar lívida e sua carótida pulsar, roxa e repugnante.

– Não! – exclama ele. – É... é mentira. Você não pode fazer isso. Está completamente louco?

– Louco? Eu? Impossível. Sou a pessoa mais sã que conheço.

– Por favor – implora, com lágrimas escorrendo pelo rosto. – Tenha piedade.

Estou de casamento marcado para a véspera do Natal.

Minha risada é cáustica como ácido.

– Em outra vida, Denton, devorei meus próprios filhos. Nem eu nem minhas irmãs teremos pena de você.

Enquanto ele se entrega de vez à incompreensão e ao terror, ergo os olhos para o céu noturno, sinto a tormenta surgir em minha mente e, mais uma vez, entendo que sou *mesmo* superior, sobre-humano, imbuído de forças que remontam a milhares de anos.

– Para os verdadeiros olímpicos, este ato de sacrifício marca o início do fim dos jogos modernos – declaro.

Puxo sua cabeça para trás, fazendo as costas se arquearem.

E então, antes que ele possa gritar, deslizo furiosamente a lâmina da faca por sua garganta, com tanta força que a única coisa que impede sua cabeça

de se desprender do corpo é a coluna.

LIVRO UM

AS FÚRIAS

Capítulo 1

QUINTA-FEIRA, 26 DE JULHO de 2012, 9h24.

Fazia um calor insuportável em Londres. A camisa e o paletó de Peter Knight estavam encharcados de suor enquanto ele corria por Chesham Street na direção norte, passando pelo hotel Diplomat e dobrando a esquina a toda a velocidade em direção a Lyall Mews, no coração de Belgravia, bairro onde ficam alguns dos imóveis mais caros do mundo.

Não permita que seja verdade, Knight gritava por dentro quando entrou no beco. *Por favor, meu Deus, não permita que seja verdade.*

Então viu um grupo de jornalistas diante da faixa de isolamento da Polícia Metropolitana de Londres, que havia fechado a rua em frente a uma casa bege, de estilo georgiano. Knight parou bruscamente e teve a sensação de que estava prestes a vomitar os ovos com bacon que comera no café da manhã.

O que diria a Amanda?

Antes que conseguisse organizar os pensamentos ou acalmar o estômago, seu celular tocou. Ele pegou o aparelho do bolso e atendeu sem olhar o identificador de chamadas.

- Knight – conseguiu dizer, apesar da voz abafada. – É você, Jack?
- Não, Peter, aqui é Nancy – respondeu a voz com sotaque irlandês. – Isabel está doente.
- O quê? – grunhiu ele. – Não... faz apenas uma hora que saí de casa.
- Ela está com febre – insistiu a babá. – Acabei de medir a temperatura.
- De quanto é a febre?
- É de 37,8. Ela também está reclamando de dor de barriga.
- E Lukey?
- Ele parece bem – respondeu Nancy. – Mas...

– Dê um banho frio nos dois e me ligue de novo se a febre de Isabel passar de 38 – instruiu Knight. Ele desligou o celular e engoliu a bile que queimava o fundo de sua garganta.

Magro e musculoso, com pouco mais de 1,80m de altura, rosto atraente e cabelos castanho-claros, Knight havia trabalhado como investigador de casos especiais no Old Bailey, sede do Tribunal Central Criminal da Inglaterra. Dois anos antes, porém, fora contratado pelo escritório londrino da Private, uma agência internacional de investigações, ganhando o dobro do salário e do prestígio. A Private já tinha sido chamada de Agência Pinkerton do século XXI. Com filiais nas cidades mais importantes do mundo, empregava profissionais da mais alta categoria – peritos, especialistas em segurança e investigadores particulares como Knight.

Separe as coisas, disse ele a si mesmo. *Seja profissional*. Mas aquilo parecia a gota d'água. Knight já suportara muitas dores e perdas, tanto do ponto de vista pessoal quanto do profissional. Na semana anterior, seu chefe, Dan Carter, e três colegas de trabalho tinham morrido no mar do Norte, num acidente de avião que ainda estava sendo investigado. Seria ele capaz de suportar outra morte?

Deixando de lado esse pensamento e a febre da filha, Knight se forçou, apesar do calor sufocante, a caminhar depressa em direção à faixa de isolamento, contornando o aglomerado de jornalistas. Ao fazer isso, viu Billy Casper, um inspetor da Scotland Yard que conhecia havia 15 anos.

Foi direto até Casper, um homem parrudo, com o rosto marcado por cicatrizes de acne. Ele fechou a cara assim que viu Knight chegar.

– Isto aqui não é assunto da Private, Peter.

– Se o corpo for de Sir Denton Marshall, é assunto da Private, sim. E meu também – retrucou Knight, firme. – É uma questão pessoal, Billy. Foi Sir Denton quem morreu?

Casper não disse nada.

– Foi ou não foi? – insistiu Knight.

Por fim, o investigador assentiu com a cabeça, mas não pareceu contente e perguntou, desconfiado:

– Por que você e a Private estão envolvidos nisso?

Knight ficou parado alguns instantes, sentindo-se devastado e perguntando-se mais uma vez como daria aquela notícia a Amanda. Então afastou o desespero e disse:

– O Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos de Londres é cliente da Private. Logo, Sir Denton é nosso cliente também.

– E você? – indagou Casper. – Qual é o seu envolvimento pessoal nisso? Por acaso é amigo dele?

– Muito mais que isso. Ele estava noivo da minha mãe.

A expressão no rosto de Casper se abrandou um pouco e ele mordeu o lábio antes de dizer:

– Vou ver se consigo deixá-lo entrar. Elaine vai querer conversar com você.

Então Knight teve a sensação de que forças invisíveis conspiravam contra ele.

– É Elaine que está cuidando do caso? – perguntou, sentindo vontade de socar alguma coisa. – Não está falando sério.

– Seriíssimo, Peter – disse Casper. – Que sorte a sua.

Capítulo 2

A INVESTIGADORA-CHEFE ELAINE POTTERSFIELD era uma das melhores profissionais a serviço da Polícia Metropolitana, uma veterana, com 20 anos de casa e um estilo belicoso e arrogante que dava resultados. Nos últimos dois anos Elaine solucionara mais assassinatos do que qualquer outro investigador da Scotland Yard. Também era a única conhecida de Knight que o desprezava abertamente.

Ela era atraente, tinha 40 e poucos anos, e seus grandes olhos redondos, seu nariz aquilino e seus cabelos grisalhos, caídos sobre os ombros, sempre faziam Knight pensar num cão da raça borzoi. Quando ele entrou na cozinha de Sir Denton Marshall, Elaine lançou-lhe um olhar de superioridade, empinando o nariz e parecendo disposta a mordê-lo se tivesse oportunidade.

– Peter – disse ela, fria.

– Elaine – respondeu Knight.

– Deixá-lo entrar na cena do crime não foi exatamente ideia minha.

– Imagino que não, mesmo – retrucou Knight enquanto lutava para controlar as emoções, que ficavam mais exaltadas a cada segundo. Elaine sempre tivera esse efeito sobre ele. – Mas aqui estamos. O que tem para me contar?

A investigadora passou alguns instantes sem responder. Por fim, disse:

– Faz uma hora que a empregada o encontrou no jardim. Bem... o que sobrou dele.

As lembranças de Sir Denton, o homem culto e divertido que Knight conhecera e passara a admirar ao longo dos últimos dois anos, fizeram suas pernas bambear e ele precisou estender a mão coberta por uma luva de borracha e se apoiar na bancada.

– O que sobrou dele?

Elaine fez um gesto sombrio em direção à porta de vidro, que estava aberta.

Knight não tinha a menor vontade de ir ao jardim. Queria se lembrar de Sir Denton como na última vez que o vira, duas semanas antes: o topete de cabelos muito brancos, a pele rosada e brilhosa, o riso fácil e contagiante.

– Entendo se você não quiser ver – disse Elaine. – O inspetor Casper me disse que sua mãe estava noiva de Sir Denton. Desde quando?

– Desde o réveillon do ano passado – respondeu Knight. Ele engoliu em seco e deu um passo em direção à porta. – O casamento estava marcado para a véspera do Natal – acrescentou com amargura. – Mais uma tragédia. Era só o que me faltava, não é?

Com a expressão contorcida de dor e raiva, Elaine baixou os olhos para o chão da cozinha enquanto Knight passava por ela e saía para o jardim.

Do lado de fora, o calor aumentava. O ar do jardim estava parado e tinha um cheiro fétido, de morte e vísceras. Sobre as pedras do pátio, litros e litros de sangue – tudo o que havia no corpo de Sir Denton – tinham escorrido e se solidificado em volta de seu cadáver decapitado.

– O legista acha que a arma usada foi uma faca comprida e curva de lâmina serrilhada – disse Elaine.

Knight tornou a reprimir a ânsia de vômito. Tentou absorver toda a cena, gravá-la na mente como se fosse uma série de fotografias, e não a realidade. Manter tudo a uma distância segura era a única forma que ele conhecia de suportar algo assim.

– E, se você olhar mais de perto, vai ver que parte do sangue foi empurrada de volta em direção ao corpo com água da mangueira – disse Elaine. – Imagino que o assassino tenha feito isso para apagar pegadas e vestígios.

Knight assentiu e então, reunindo todas as suas forças, transferiu a atenção para além do corpo, mais para o fundo do jardim, passando pelos peritos que recolhiam indícios dos canteiros de flores e virando-se para um fotógrafo que tirava fotos junto ao muro.

Contornando o corpo, mantendo uma distância de vários metros, pôde ver o que o fotógrafo focava. Era uma objeto da Grécia Antiga e uma das

preciosidades de Sir Denton: uma estátua feita em pedra calcária que representava um senador ateniense sem cabeça, com um rolo de pergaminho no colo e empunhando o cabo de uma espada quebrada.

A cabeça de Sir Denton tinha sido posta no espaço vazio entre os ombros da estátua. O rosto estava inchado, flácido. A boca, retorcida para a esquerda, parecia cuspir. E os olhos, abertos e sem brilho, deram a Knight uma chocante impressão de abandono.

Por alguns segundos o investigador da Private sentiu que iria desabar. Mas, logo em seguida, a indignação brotou dentro dele. Quem seria o bárbaro capaz de fazer uma coisa dessas? E por quê? Que motivo haveria para decapitar Denton Marshall? Ele era um ótimo homem. Ele era...

– Você não está vendo tudo, Peter – disse Elaine atrás dele. – Dê uma olhada na grama em frente à estátua.

Knight cerrou as mãos e foi até o gramado, que roçou os protetores de papel que envolviam seus sapatos, produzindo um som irritante como o de uma unha deslizando por um quadro-negro. Foi então que ele viu. E parou imediatamente.

Cinco anéis entrelaçados, o símbolo dos Jogos Olímpicos, tinham sido pintados na grama com tinta em spray.

Por cima do símbolo alguém tinha desenhado um X com sangue.

Capítulo 3

QUAL É O LUGAR MAIS provável de os monstros botarem seus ovos? Que ninho os choca até a eclosão? Que detritos tóxicos alimentam os filhotes até a idade adulta?

Muitas vezes, durante as dores de cabeça que dilaceram minha mente como os trovões e os raios de uma tempestade, fico pensando em questões como essas.

Ao ler estas linhas, você deve estar formulando suas próprias perguntas, como, por exemplo: “Quem é você?”

Meu verdadeiro nome é irrelevante. Pelo bem desta história, porém, pode me chamar de Cronos. Na mitologia grega, Cronos era o mais poderoso dos titãs, um devorador de universos, deus e senhor do tempo.

Se eu penso que sou deus?

Não seja ridículo! Esse tipo de arrogância é uma provocação à sorte. Orgulho e confiança tão grandes assim são uma afronta aos deuses. E nunca cometi esses pecados traiçoeiros.

No entanto, sou um desses raros seres que surgem na Terra a cada uma ou duas gerações. De que outra forma seria possível explicar que, muito antes de as tormentas na minha cabeça terem início, minha mais antiga lembrança seja o ódio e meu primeiro desejo tenha sido o de matar?

Em algum momento de meu segundo ano de vida tomei consciência do ódio, como se ele e eu fôssemos almas gêmeas trazidas da imensidão vazia para dentro do corpo de uma criança. E, durante algum tempo, foi assim que me enxerguei: como uma ardente singularidade prenhe de ódio, jogada em um canto do chão dentro de uma caixa cheia de trapos.

Então, certo dia, como por instinto, comecei a engatinhar para fora da caixa e, com esse movimento e essa liberdade, logo entendi que era mais do que a raiva, que era uma criatura independente – que passava dias com fome

e com sede, que estava nua e com frio, que ficava horas e horas sozinha, raramente tomava banho, quase nunca era pega no colo pelos monstros à sua volta, como se fosse algum tipo de alienígena infiltrado entre eles. Foi então que tive meu primeiro pensamento objetivo: quero matá-los.

Tive esse impulso selvagem muito antes de entender que meus pais eram viciados em drogas, incapazes de criar um ser superior como eu.

Quando eu tinha 4 anos, pouco depois de cravar uma faca de cozinha na coxa de minha mãe, que estava desacordada, uma mulher apareceu no lugar imundo onde morávamos e me tirou de vez dos meus pais. Fui levado para uma instituição e obrigado a conviver com monstrinhos abandonados, cheios de ódio e desconfiados de qualquer um.

Logo entendi que eu era mais esperto, mais forte e mais visionário do que todos eles. Aos 9 anos ainda não sabia exatamente o que eu era, mas achava que talvez pertencesse a alguma espécie diferente, uma supercriatura capaz de manipular, dominar ou destruir qualquer monstro em meu caminho.

Tive certeza disso quando começaram as tormentas em minha cabeça.

Eu tinha 10 anos. Meu pai adotivo, a quem chamávamos de pastor Bob, estava dando uma surra de cinto em um dos monstrinhos e não suportei ouvir aquilo. A choradeira me deixou fraco e não consegui suportar essa sensação. Saí de casa, pulei a cerca dos fundos e perambulei pelas piores ruas de Londres até encontrar silêncio e conforto na pobreza familiar de um prédio abandonado.

Já havia dois monstros lá dentro. Eram mais velhos que eu, adolescentes, e faziam parte de uma gangue de rua. Percebi de cara que tinham usado drogas. Disseram que eu invadira o território deles.

Tentei usar minha velocidade para escapar, mas um deles atirou uma pedra que me acertou na mandíbula. Fiquei tonto e caí. Eles riram e ficaram ainda mais irritados. Começaram a atirar mais pedras, que quebraram minhas costelas e romperam vasos sanguíneos em minha coxa.

Foi então que senti o forte impacto acima da minha orelha esquerda, seguido por uma explosão de cores que varou meu cérebro como os braços deformados de centenas de raios rasgando um céu de verão.

Capítulo 4

OLHANDO ORA PARA O SÍMBOLO olímpico riscado com sangue, ora para a cabeça decapitada do noivo de sua mãe, Peter Knight se sentia impotente.

A investigadora-chefe se aproximou dele. Em voz baixa, pediu:

– Fale-me sobre Sir Denton.

Engolindo o sofrimento, Knight respondeu:

– Denton era um homem incrível, Elaine. Administrava um grande fundo de investimento, ganhava rios de dinheiro, mas doava quase tudo para caridade. Também era um membro importantíssimo do Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos de Londres. Muitas pessoas acham que, sem o esforço de Sir Denton, nunca teríamos derrotado Paris na disputa para sediar as Olimpíadas. E ele fazia minha mãe muito feliz.

– Não achei que isso fosse possível – observou Elaine.

– Nem eu. Nem ela mesma. Mas é verdade – disse Knight. – Até agora, eu achava que Denton Marshall não tinha um inimigo sequer.

Elaine fez um gesto em direção ao símbolo olímpico coberto de sangue.

– Talvez isso tenha mais a ver com as Olimpíadas do que com quem ele era nas outras áreas da vida.

Knight encarou a cabeça de Sir Denton Marshall e tornou a olhar para o corpo, antes de dizer:

– Pode ser. Ou talvez seja só para nos despistar. Cortar a cabeça de alguém pode ser facilmente interpretado como um ato de fúria, o que quase sempre é pessoal.

– Está dizendo que poderia ser algum tipo de vingança? – indagou Elaine.

Knight deu de ombros.

– Ou um ato político. Ou a obra de uma mente insana. Ou uma combinação dos três. Não sei.

– Você sabe onde Amanda estava ontem, entre onze horas e meia-noite e meia? – perguntou Elaine de repente.

Knight olhou-a como se ela fosse uma imbecil.

– Minha mãe amava Denton.

– A decepção amorosa pode ser uma grande motivação para a raiva – observou a investigadora-chefe.

– Não houve decepção nenhuma – disparou Knight. – Eu teria sabido. Além do mais, você já viu minha mãe. Ela mede 1,65m e pesa 50 quilos. Denton tinha 100 quilos. Minha mãe não teria força física nem emocional para cortar a cabeça dele. Isso sem falar na ausência de motivo.

– Então você sabe onde ela estava? – insistiu Elaine.

– Vou descobrir e lhe direi. Mas antes tenho que contar a ela.

– Se você achar melhor, eu posso contar.

– Não. Eu mesmo faço isso, pode deixar – disse Knight, analisando a cabeça de Sir Denton pela última vez, concentrando o olhar na forma como a boca estava retorcida, como se o morto estivesse tentando cuspir alguma coisa.

Knight pegou no bolso uma lanterna do tamanho de uma caneta, contornou o símbolo olímpico e apontou o fecho de luz para o espaço entre os lábios de Sir Denton. Viu o brilho de algo lá dentro e tornou a levar a mão ao bolso para pegar uma pinça que sempre levava consigo para o caso de querer pegar algum objeto sem tocá-lo.

Recusando-se a fitar os olhos mortos do noivo de sua mãe, começou a manejar a pinça entre os lábios do cadáver.

– Peter, pare com isso – ordenou Elaine. – Você está...

Mas Knight já se virava para ela, mostrando-lhe a moeda de bronze manchada que havia retirado da boca de Sir Denton.

– Nova teoria – disse ele.. – O motivo foi dinheiro.

Capítulo 5

QUANDO RECOBREI A CONSCIÊNCIA, VÁRIOS dias depois de ser apedrejado, estava internado com um traumatismo craniano e a nauseante sensação de que, sem saber como, tinha sido reprogramado para me tornar ainda mais alienígena do que antes.

Lembrava-me de cada detalhe do ataque e dos agressores. No entanto, quando a polícia me perguntou o que havia acontecido, falei que não tinha a menor ideia. Disse que só me lembrava de ter entrado no prédio e eles logo pararam de fazer perguntas.

Recuperei-me aos poucos. Uma cicatriz em forma de caranguejo se formou no meu couro cabeludo. Os cabelos tornaram a crescer e a esconderam. Comecei a acalentar uma fantasia sombria, que se tornou minha primeira obsessão.

Duas semanas depois voltei para a casa do pastor Bob e dos monstros. Até eles perceberam que eu havia mudado. Não era mais um menino malcomportado. Passei a sorrir e a agir como se estivesse feliz. Comecei a estudar e a cuidar do corpo.

O pastor Bob achou que eu tivesse encontrado Deus.

Mas confesso que fiz tudo isso motivado pelo ódio. Acariciava a cicatriz em minha cabeça e concentrava meu ódio, meu mais antigo aliado emocional, em coisas que queria possuir ou desejava que acontecessem. Com o coração duro, ia atrás de todas elas, tentando mostrar ao mundo inteiro quão diferente eu era. E, embora em público eu agisse como se tivesse mudado – o menino solidário, feliz, bem-sucedido –, nunca me esqueci do apedrejamento nem das tormentas que o incidente desencadeara em minha mente.

Aos 14 anos comecei a procurar secretamente os monstros que me agrediram. Acabei encontrando os dois vendendo saquinhos de

metanfetamina por 10 libras em uma esquina a doze quadras de onde eu morava com o pastor Bob e os monstros.

Vigiei-os até que completei 16 anos. Foi quando me senti grande e forte o suficiente para agir.

Antes de encontrar Jesus, o pastor Bob trabalhava como ferreiro. No sexto aniversário do meu apedrejamento, peguei um de seus martelos mais pesados e um de seus antigos macacões de trabalho e saí de fininho à noite, quando todos pensavam que eu estivesse estudando.

Vestido com o macacão e levando o martelo dentro de uma mochila que eu catara no lixo, encontrei os dois monstros. Seis anos fazendo uso de drogas e meu desenvolvimento físico haviam me apagado de sua memória.

Com o intuito de atraí-los até um terreno baldio, prometi que lhes daria dinheiro. Chegando lá, martelei seus cérebros de monstro até transformá-los em uma papa ensanguentada.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DO AUTOR



O dia da caça

Série Alex Cross

Alex Cross perdeu os pais quando tinha 10 anos e então se mudou para Washington, D.C., para viver com a avó, Nana Mama. É com sua ajuda que cria os três filhos desde que a primeira esposa, Maria, morreu baleada num caso nunca solucionado.

Com uma longa e bem-sucedida carreira na polícia, o detetive, que é também ph.D. em psicologia, mantém um consultório particular e presta serviços ao Departamento de Crimes Hediondos da Polícia Metropolitana.

Em *O dia da caça*, Cross se vê diante de um dos piores crimes com que já se deparou: uma família inteira foi morta dentro de casa. O cenário não deixa dúvida quanto à crueldade dos assassinos – corpos esquartejados, móveis revirados, janelas e vidros estilhaçados.

Ao descobrir que uma das vítimas foi sua namorada na faculdade, Cross toma o caso como pessoal e se dispõe a pegar o assassino custe o que custar.

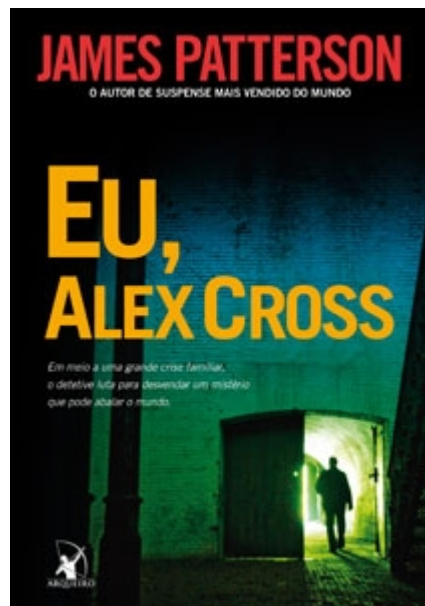
Com a ajuda da atual namorada, a detetive Bree Stone, ele começa as investigações e é levado ao submundo de Washington. O que descobre é pior do que imaginava: os responsáveis por tamanha atrocidade são adolescentes – meninos, na verdade.

Quando outro crime com os mesmos traços de barbárie vitima mais uma família inteira, dando indícios de que o assassino viajou para a África, Cross não hesita nem por um instante. Apesar dos protestos de Bree e de Nana Mama, ele parte para a Nigéria em busca de justiça.

Ao chegar lá, percebe que as coisas não serão nada fáceis. Capturado, espancado e desprotegido, logo descobre que o criminoso – conhecido apenas como Tiger – não está sozinho. Na verdade, ele conta com a ajuda de pessoas muito poderosas e influentes.

Diante de uma conspiração que ultrapassa fronteiras, Alex Cross trava uma batalha pessoal contra a corrupção. No entanto, quando não se sabe mais quem são os mocinhos e quem são os bandidos, ninguém está em segurança.

Com um ritmo eletrizante, *O dia da caça* é uma aventura de tirar o fôlego e deixa claro por que James Patterson é o autor de suspense mais lido do mundo.



Eu, Alex Cross

Série Alex Cross

Alex Cross está comemorando seu aniversário com a família e os amigos quando toca o telefone. Seria apenas mais uma ligação inconveniente de trabalho não fosse a notícia bombástica: Caroline Cross, sua sobrinha, foi brutalmente assassinada.

Com o apoio de sua namorada, a detetive Brianna Stone, Cross se lança às investigações, determinado a encontrar e punir os responsáveis pela morte da sobrinha. A primeira coisa que ele descobre é desconcertante. Caroline trabalhava como garota de programa.

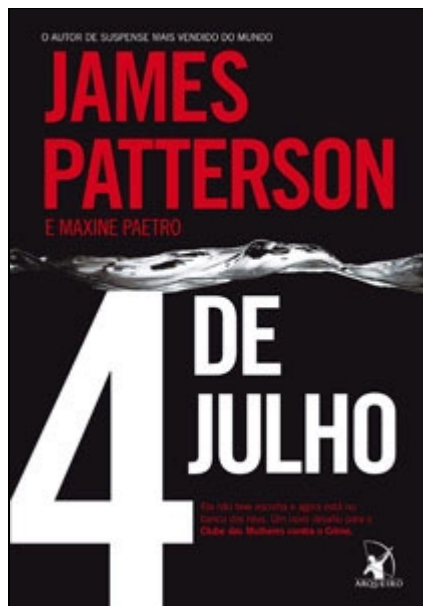
Logo Cross fica sabendo que outras moças e rapazes envolvidos com prostituição também estão desaparecidos. Em meio aos pertences de alguns deles, o detetive encontra sequências de letras anotadas, todas muito parecidas. Ele decifra o código e percebe que as sequências revelam números de telefone de pessoas famosas e poderosas.

É assim que chega ao Blacksmith Farms, um clube privativo de altíssimo luxo na Virgínia. Um dos clientes mais assíduos é um misterioso homem conhecido apenas como Zeus. Ele mantém exclusivamente para si a suíte

VIP do clube, que custa a partir de 20 mil dólares a diária. Quem poderia bancar um luxo daqueles?

Quando é convocado a contar tudo o que sabe a um dos principais agentes do Serviço Secreto, o detetive começa a desconfiar de que está envolvido em algo muito maior do que havia imaginado.

Cross terá que trabalhar sozinho e às escondidas para encontrar os assassinos de sua sobrinha e evitar que um grande caso de acobertamento impeça que seja feita justiça.



4 de julho

Série Clube das Mulheres contra o Crime

Lindsay Boxer é uma policial exemplar. Chefe do Departamento de Homicídios da Polícia de São Francisco, a tenente recebeu várias medalhas e menções honrosas durante seus 10 anos de serviço.

Ao fim de um cansativo dia de trabalho, Lindsay se encontra com Claire Washburn e Cindy Thomas num bar. As três amigas compõem o Clube das Mulheres contra o Crime, grupo que tenta solucionar os casos ocorridos na cidade.

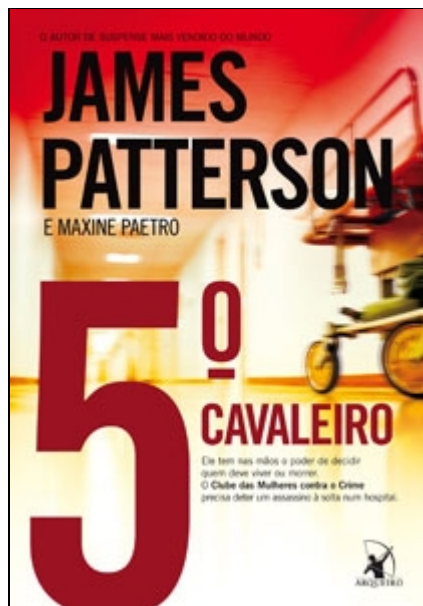
Após terem tomado alguns drinques, a tenente recebe uma ligação do inspetor Warren Jacobi. Ele acabara de localizar um veículo suspeito, visto na cena de um crime. Em poucos minutos Lindsay está no carro de Jacobi, cruzando a cidade na cola de um Mercedes preto.

Depois de uma longa perseguição, a abordagem policial acaba fugindo ao controle. Os dois adolescentes que estavam no carro reagem, descarregando suas armas contra a dupla de policiais. A tenente atira em legítima defesa, mas o resultado é uma menina morta e um garoto tetraplégico.

Lindsay é acusada, entre outras coisas, de má conduta profissional e se vê num lugar que nunca imaginaria ocupar: o banco dos réus. Será o fim do Clube das Mulheres contra o Crime? A jovem advogada Yuki Castellano conseguirá provar a inocência da tenente?

Enquanto aguarda o julgamento, Lindsay decide passar uma temporada em Half Moon Bay. Mas a pacata cidade vem sendo palco de crimes brutais e a polícia parece não fazer nada. Mesmo de licença e fora de sua jurisdição, a tenente resolve investigar os assassinatos, com a ajuda de Claire e Cindy. Para sua surpresa, ela encontra ligações entre aquelas mortes e um caso ocorrido 10 anos antes, que ainda é uma mancha em sua carreira.

O Clube das Mulheres contra o Crime é uma das melhores séries de suspense de todos os tempos. Escrito de maneira ágil e envolvente, *4 de Julho* comprova por que os livros de James Patterson sempre chegam ao topo das listas de mais vendidos nos países onde são publicados.



5º cavaleiro

Série Clube das Mulheres contra o Crime

No meio da madrugada, Jessica Falk acorda em desespero, sentindo uma forte dor no peito. Lembra que está internada e tenta pedir ajuda, mas a campainha de emergência escorrega de seus dedos. Ao olhar para o lado, percebe um vulto se movendo nas sombras. Estica o braço num pedido de socorro, porém sua visão fica turva e o ar se recusa a chegar a seus pulmões.

Com uma das melhores equipes de profissionais do país, o Hospital Municipal de São Francisco não sabe responder à incômoda pergunta levantada na manhã seguinte à morte de Jessica: como aquela jovem paciente pôde ter falecido se seu quadro era estável e ela em breve receberia alta? A situação é ainda mais grave porque, nos últimos tempos, 20 pessoas internadas ali perderam a vida de maneira suspeita.

O caso vai parar na Justiça, tendo a famosa advogada Maureen O'Mara como representante das famílias das vítimas. O processo contra o hospital acaba mobilizando São Francisco e despertando o interesse do Clube das Mulheres contra o Crime, grupo de quatro amigas que se dedicam a desvendar os mais instigantes casos da cidade.

Yuki Castellano – a mais nova integrante do Clube, que reúne a tenente Lindsay Boxer, Claire Washburn e Cindy Thomas – vive um drama pessoal: sua mãe está internada na UTI do centro médico e, ao que tudo indica, corre um sério risco, pois há suspeitas de que um maníaco à solta pelos corredores se acha no direito de decidir quem deve viver ou morrer.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim e A cilada, de Harlan Coben

A cabana, de William P. Young

A farsa, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Bob Nelson

O guia do mochileiro das galáxias, O restaurante no fim do universo, A vida, o universo e tudo mais, Até mais, e obrigado pelos peixes! e Praticamente inofensiva, de Douglas Adams

O nome do vento, de Patrick Rothfuss

A passagem, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
ou siga @editoraarqueiro no Twitter.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá
participar de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site.

Para enviar seus comentários sobre este livro,
escreva para atendimento@editoraarqueiro.com.br
ou mande uma mensagem para @editoraarqueiro no Twitter.

EDITORA ARQUEIRO
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br